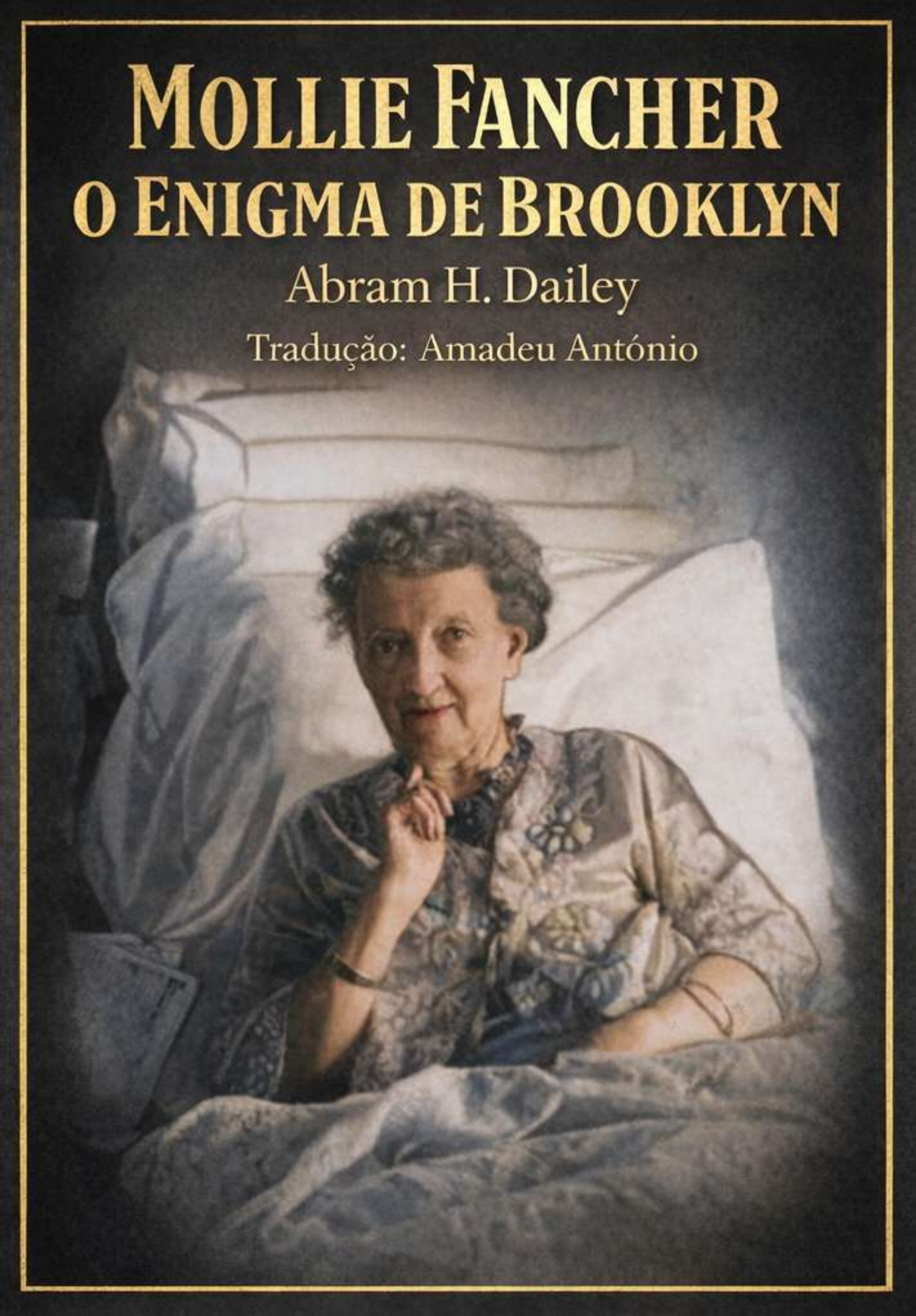
Mollie Fancher
o Enigma de Brooklyn

Abram H. Dailey

Tradução: Amadeu António



MOLLIE FANCHER, O ENIGMA DE BROOKLYN.

Uma Exposição Autêntica de Factos NA Vida de Mary J. Fancher, O Prodígio Psicológico do Século XIX. Testemunho Inatacável de Muitas Testemunhas. Por ABRAM H. DAILEY. BROOKLYN, N. Y. 1894

APÓS a morte de Jesus, os seus apóstolos e discípulos fiéis proclamaram corajosamente a doutrina da Salvação pelo arrependimento e pelas boas obras. Considerando a verdade como divina, e a sua revelação e promulgação para o bem supremo do homem, o autor tem o enorme prazer de dedicar este livro, as suas lições e ensinamentos, à memória dos homens e mulheres nobres que, em todas as épocas, proclamaram corajosamente as suas convicções da verdade, independentemente das consequências para si próprios.

A. H. D.

ÍNDICE. CAPÍTULO I. Introdução, causas que levaram à escrita dos factos do caso da Menina Fancher. Loucura de negar factos estabelecidos. Relações da alma com a mente e o corpo.

CAPÍTULO II. Da infância da Menina Fancher. Os seus pais. Premonições da sua mãe sobre infortúnios para *Mollie*. Menina Susan E. Crosby.

CAPÍTULO III. Deixa a escola. Passeio a cavalo aventureiro. Um cavalo vicioso. Uma fuga. É projetada e ferida. Fica noiva para casar. É projetada de um carro e gravemente ferida.

ÍNDICE

CAPÍTULO IV. Lesão na coluna. Grandes sofrimentos. Visão a falhar. Membros contraem-se. Problemas pulmonares. Supostamente à beira da morte. O seu ministro é convocado. "*Nearer My God to Thee*". O seu primeiro transe. Declarada morta. Médicos intrigados. Perde a visão e a audição. Vê sem o uso dos olhos.

CAPÍTULO V. Registos do diário da Menina Crosby. Perde o uso dos membros. Contorções do seu corpo. Jejuns.

CAPÍTULO VI. Continuação dos Registos da Menina Crosby. Membros numa tripla torção.

CAPÍTULO VII. Extratos dos Registos da Menina Crosby. Descrição espantosa da condição da Menina Fancher. Entra em transe e visita a sua mãe no Céu.

VI ÍNDICE.

CAPÍTULO VIII. A condição de transe. O que é. Escrituras citadas. Eventos de nove anos perdidos da memória.

CAPÍTULO IX. "*Whereas I was blind I now see*". Trabalho realizado durante nove anos do qual a Menina Fancher não tem recordação. Estranho despertar após o longo transe. Não reconhece os seus conhecidos. Consciência sêxtupla. Cinco personalidades diferentes num só eu.

CAPÍTULO X. Factos interessantes dos lábios da Menina Fancher. A experiência de Geo. F. Sargent com a Menina Fancher e as suas diversas personalidades.

CAPÍTULO XI. "*The forms I see are intangible; I cannot touch them. They are here but I cannot press them to my bosom*." A Menina Fancher descreve o que vê.

CAPÍTULO XII. Entrevista pessoal com as diferentes personalidades da Menina Fancher pelo Autor.

CAPÍTULO XIII. Declaração do Sr. Geo. F. Sargent. "*Light amid darkness*".

CAPÍTULO XIV. Clarividência. Relato de Experiências com a Menina Fancher pela Sra. Thos. S. Townsend. Proposta do Sr. P. T. Barnum.

CAPÍTULO XV. Os poderes clarividentes da Menina Fancher. Declarações do Hon. H. D. Sisson e do Sr. E. T. Blodgett. O Sr. J. T. Bishop é visto a 40 milhas de distância. Declarações de amigos.

CAPÍTULO XVI. Testemunho da Imprensa. O *Brooklyn Daily Eagle* torna o seu caso público.

CAPÍTULO XVII. Menina Fancher assaltada pelos Drs. Hammond e Beard. O Sr. Epes Sargent faz uma resposta mordaz aos seus assaltos no *New York Sun*.

ÍNDICE. VII

CAPÍTULO XVIII. Carta do Sr. Epes Sargent e correspondência com a Menina Fancher.

CAPÍTULO XIX. Carta do Prof. Charles E. West, publicada em 1878. O Prof. Henry M. Parkhurst realiza um teste crucial. Leitura de pensamento.

CAPÍTULO XX. "*Dead and yet alive*". "*Clap-trap of Clairvoyance*". A teoria do Rev. Dr. Duryea. O Prof. West relata alguma da sua experiência com a Menina Fancher.

CAPÍTULO XXI. Declarações escritas dos médicos da Menina Fancher, Drs. S. Fleet Speir e Robert Ormiston. O olho.

CAPÍTULO XXII. Trata dos poderes anormais da Menina Fancher.

CAPÍTULO XXIII. Clarividência. Visão da alma. A Menina Fancher descreve como vê e visita locais distantes.

CAPÍTULO XXIV. Um Retrato Escrito pela Menina S. C. Clark.

CAPÍTULO XXV. Mollie Fancher, a mulher. A sua vida doméstica. A *Geo. F. Sargent Co.*

CAPÍTULO XXVI. Como Vizinha, por Will Carleton.

CAPÍTULO XXVII. Eventos ocorridos no intervalo da escrita deste livro. O Caso da Menina Fancher perante o Congresso Psíquico em 1893. Prof. Elliot Coues. Morte do pai da Menina Fancher. Conclusão.

MOLLIE FANCHER

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

A tarefa que assumi é autoimposta, e poderia muito bem ter sido confiada a escritores mais capazes. O receio de que pudesse ficar por fazer até ser tarde demais para ser concluída durante o tempo de vida da Menina Fancher impeliu-me ao trabalho, esperando que a sua mão revisora faça quaisquer correções necessárias. Todos os factos da sua vida que poderiam instruir, e certamente seriam de interesse, não podem ser reunidos ou coligidos.

Nunca foram escritos, e muitos daqueles a quem eram conhecidos partiram para aquele reino para onde a Menina Fancher tem, tão longa e ansiosamente, desejado seguir, para que os seus sofrimentos continuados, que ela tem suportado tão pacientemente, pudessem chegar ao fim.

Mas, felizmente, alguns daqueles que foram testemunhas dos sofrimentos desta senhora ao longo de partes dos longos anos durante os quais eles continuaram, e que observaram algumas das coisas estranhas que aqui são relatadas, consideraram-nas dignas de nota, e de tempos a tempos fizeram registos cuidadosos do que observaram, e é em grande parte com o auxílio desses escritos que consegui reunir o que aqui está registado. Estes esboços cobrem um período de mais de vinte e sete anos da sua vida, alguns dos quais foram feitos pela sua falecida tia, de cujos labores, devoção e sacrifício pessoal no interesse da sua sobrinha aflita, será feita a devida menção.

Aproveito aqui a oportunidade para expressar as minhas obrigações aos muitos amigos da Menina Fancher pelos serviços que tão gentilmente prestaram nesta empreitada, sem o auxílio dos quais muito do que se encontrará de grande interesse provavelmente nunca seria preservado, ou pelo menos não seria colocado de forma adequada em ligação com a sua vida, para tornar a narrativa minimamente completa. O público estará certamente interessado em adquirir uma história fiável do caso

desta senhora notável, sobre quem tanto tem sido escrito e falado, algo com verdade, e algo que é cruelmente falso.

É devido à Menina Fancher que a história da sua vida seja escrita enquanto ela aqui está para auxiliar no trabalho, para corrigir quaisquer erros e suprir quaisquer omissões. Através da história da sua vida, novas lições serão aprendidas sobre as estranhas e místicas relações da mente e da alma com as casas em que vivemos — estes nossos corpos. O que ela pode render na acumulação de conhecimento sobre assuntos imperfeitamente compreendidos, é o desejo dela, através deste livro, colocar ao alcance de todos.

Mil vezes durante os longos anos em que esteve confinada à sua cama, sujeita a torturas de cuja própria contemplação a mente naturalmente recuará, ela disse ser impossível compreender por que deveria ser mantida aqui para suportar tais sofrimentos, não sendo de conforto para os seus amigos, mas um objeto de constante cuidado e solicitude. As suas orações por libertação não foram atendidas, mas, para usar a sua própria expressão, "Fui empurrada de volta quando lutei pela libertação, e disseram-me que devo esperar, para suportar um pouco mais — um pouco mais, e isto tem continuado por mais de vinte e oito anos, e alguma vez terá fim?"

Foi-lhe respondido vezes sem conta que a sua vida foi prolongada para algum propósito sábio, e que no final a razão seria manifestada. Pareceria que, se os factos do seu caso, que são tão fortes e surpreendentes, são para a instrução e esclarecimento da humanidade, e se lições na vida humana devem ser aprendidas a tal custo de dor e angústia — tal sacrifício dos privilégios mais escolhidos concedidos à maioria de nós, e se os seus sofrimentos estão a ser prolongados para o fim de que os factos sejam registados, a humanidade, pelo menos, ditaria que o trabalho fosse feito o mais rapidamente possível.

É meu propósito declarar os factos de forma clara, concisa e sem verbosidade desnecessária; e quaisquer comentários que possam ser feitos, serão de tal forma que deixem o leitor livre para compreender a história da sua doença, e as coisas estranhas que ela fez e está constantemente a fazer, para que ele possa formar as suas próprias conclusões, independentemente da opinião de outrem.

Conheço a Menina Fancher pessoalmente há doze anos, e testemunhei algumas das coisas estranhas aqui registadas. Tenho sido extremamente cuidadoso em obter o testemunho das pessoas mais fiáveis e, no decorrer da obra, serão feitas copiosas referências ao mesmo, para que os curiosos e os que duvidam, os céticos e os diligentes possam saber onde inquirir por informação fiável, tocante às características importantes do seu caso.

Inquestionavelmente, cada era é notável para as pessoas do seu tempo; mas se as histórias acumuladas de homens e nações registam fielmente o passado, então podemos dizer com verdade que estamos a viver na era mais notável da existência

humana. Os homens sábios serão mais sábios ao não mais disputarem aquilo que é afiançado como sendo verdadeiro por outros que possuem razão e julgamento, simplesmente porque pode ser contrário às suas próprias observações e experiências. Há muito pouco, de facto, no grande domínio da natureza, que realmente compreendemos.

Às coisas que são mais comuns — que testemunhamos todos os dias, raramente dedicamos pensamento. Por que pensamos, e como pensamos, envolve operações misteriosas das nossas mentes imperfeitamente compreendidas em qualquer aspeto. Quem foi capaz de nos dizer o que é a alma, onde está, e como mantém as suas relações com o corpo? Ao perguntar isto, pressuponho a questão da existência da alma, e assumo aquilo que muitos disputam, a saber, que existe uma alma, que compreende uma parte do ser do homem. Quem foi capaz de nos dizer o que é a mente, e qual é a sua relação com a alma?

Existem elas conjuntamente, ou são forças e poderes separados, mas tendo relações entre si? É a alma aquilo sobre o qual a mente constrói desde o nascimento ao longo de toda a vida, acumulando conhecimento, para ser cortada e separada dela na hora da morte, ou através de qualquer ocorrência infeliz ou aflição que afete o cérebro? Tem a alma um lugar particular onde reside, até ser libertada ou forçada a sair por algum evento destrutivo, ou desarranjo do mecanismo tão estranhamente colocado e operando no interior? Se sim, quem o descobriu, e quem respondeu a estas perguntas?

A história da vida de *Mollie* Fancher não pode deixar de causar especulações e pensamentos estranhos nas mentes de todas as pessoas pensantes sobre estes assuntos e outros afins. Aqueles que procuraram descobrir a existência de algo que corresponda à alma, e nada encontraram de satisfatório, estarão interessados nesta obra, e se forem razoáveis e justos consigo próprios e com a Menina Fancher, poderão lucrar com a sua leitura. Provavelmente nunca houve um caso tão proeminente perante o público como o da protagonista deste livro; e para muitas das suas características proeminentes o testemunho de milhares de pessoas fiáveis poderia ser obtido. Suficiente será aqui anexado para satisfazer qualquer pessoa razoável.

Que todos acreditem na veracidade de cada declaração, não é de esperar. Pessoas céticas são muito propensas a concluir erroneamente que é muito essencial para o resto do mundo que lhes seja permitido examinar a Menina Fancher por si mesmas, e que o seu testemunho seria aceite pelo resto da humanidade como verdadeiro. O leitor verá de imediato que tal privilégio não pode ser concedido a todos, e se o testemunho acumulado aqui apresentado for considerado insuficiente por alguns para os satisfazer da sua veracidade, é provável que prova adicional não afetaria o resultado.

Não é meu propósito aqui avançar teorias minhas. Os factos devem manter-se por si mesmos para o julgamento imparcial do leitor. Onde for feito comentário, será com o propósito de estabelecer na mente do leitor a veracidade da narrativa, ou explicar o seu carácter, ou para comparar algumas das suas características com fenómenos semelhantes ocorridos em tempos antigos ou modernos.

CAPÍTULO II

Mary J. Fancher, a protagonista deste livro, nasceu no dia 16 de agosto de 1848, em Attleboro, Massachusetts, U. S. A. Ela é a mais velha de cinco filhos nascidos do casamento de James E. Fancher e Elizabeth Crosby. Os seus pais mudaram-se para Brooklyn, Nova Iorque, quando *Mollie*, como sempre foi chamada, tinha apenas dois anos de idade. A sua mãe morreu vários anos depois. O seu pai, um homem altamente respeitável, e o seu irmão James E. Fancher, Jr., ainda estão vivos.*

A sua irmã Elizabeth morreu há dez anos. Ela começou a frequentar uma escola privada dirigida por uma Menina Evans quando era muito jovem. Sendo uma aluna apta, quando tinha entre os onze e os doze anos foi capaz de entrar no Seminário de Brooklyn Heights, então sob a direção do Professor Charles E. West, onde permaneceu até aos dezasseis anos, e foi obrigada a sair, a poucas semanas da graduação, em consequência de problemas de saúde. Alguns meses após o falecimento da sua mãe, a Menina Fancher ficou a cargo da Menina Susan E. Crosby, irmã da sua mãe, que permaneceu com ela quase constantemente até ao momento do seu falecimento.

A mãe de *Mollie* Fancher era uma senhora de muito carácter e refinamento, e durante a doença prolongada, que resultou na sua morte, parecia olhar para o futuro e discernir sombras sobre a vida da sua filha mais velha, que foi sempre a sua filha favorita. O seu filho era um bebé frágil, com poucas probabilidades de viver mais do que alguns meses, no máximo, e, percebendo que a sua vida estava a chegar rapidamente ao fim, chamou para o seu lado a sua irmã, a Menina Crosby, na altura uma jovem e distinta senhora, e confiou-lhe os seus presságios em relação à sua muito amada *Mollie*. Falando de Elizabeth, ela disse: "Elizabeth será capaz de cuidar de si própria. Mas *Mollie*, percebo eu, é uma criança de sofrimento, e precisará dos

teus cuidados, e quero que me faças uma promessa, e esta é: se algo lhe acontecer, que cuides dela como se fosse tua própria filha."

Como foi dito anteriormente, nesta altura, Susan E. Crosby era uma jovem bela, distinta e refinada, e olhava para a vida, como a maioria das jovens, como valendo a pena viver pelas suas brilhantes esperanças de felicidade futura. Se ela partilhava ou não das apreensões da sua irmã quanto ao futuro da criança tão ternamente confiada ao seu cuidado, naquela altura, poderá nunca saber-se.

Mas olhando para o rosto pálido da sua irmã, e deixando que a seriedade do seu apelo chegasse ao seu coração, ela respondeu com aquela nobreza tão característica dela, e tão louvável na sua sinceridade, e deu a garantia desejada de que, quando ela partisse, *Mollie* seria para ela como a sua própria filha; uma promessa que milhares de pessoas sabem que foi fielmente mantida, até que ela foi finalmente forçada a deixar o seu encargo devido à sua própria doença, e eventualmente a morrer, desejando abraçar mais uma vez nos seus braços a forma da sua amada sobrinha, por quem tanto tinha sacrificado.

Algumas palavras sobre a vida desta nobre senhora são não só devidas à sua memória, mas serão de interesse para o leitor.

A MENINA SUSAN E. CROSBY

Aos dezasseis anos, a Menina Crosby travou conhecimento com um jovem e rico plantador residente na cidade de Mobile, Alabama. Ficaram muito ligados um ao outro; o seu conhecimento amadureceu em amor e logo ficaram noivos para casar. O dia foi fixado, o enxoval preparado, o seu amante partiu de navio para vir para o Norte, e ela aguardava ansiosamente a hora em que o navio chegaria, quando o saudaria no desembarque. O navio chegou; ela estava à espera, mas o seu amante tinha sido atingido pela febre amarela no caminho, e tinha morrido antes de o navio atingir o seu destino.

Esta triste aflição foi a primeira grande sombra lançada sobre a sua própria vida; e após recuperar do choque, tendo a sua irmã morrido, veio para Brooklyn, e logo entrou na casa que o Sr. Fancher tinha então construído na esquina da avenida Gates e o que é conhecido agora como rua Downing, onde se tornou a chefe da casa, e onde a Menina Fancher tem residido desde então. O Sr. Fancher, vários anos após o falecimento da sua esposa, casou-se novamente, e consequentemente todo o cuidado de *Mollie* recaiu sobre a Menina Crosby.

O afeto entre tia e sobrinha tornou-se logo marcante, e cresceu mais forte à medida que os anos passavam, carregados de infortúnios e nublados por tristezas. Todo o cuidado e atenção que uma mãe poderia dispensar à sua própria prole foram

sem reserva dedicados pela Menina Crosby à sua sobrinha. Embora fosse uma criança de vontade forte e de grande determinação e firmeza, a Menina *Mollie* rendia uma obediência voluntária à contenção gentil da sua tia, e expressões de carinho e afeto nunca faltaram de uma para com a outra.

Tal abnegação como a praticada por Susan Crosby é tão rara, que merece mais do que uma menção passageira. Muitas vezes aquilo que é considerado um sacrifício é roubado da sua nobreza pela descoberta de uma sombra de egoísmo. Se as promessas orais fossem sagradamente mantidas, as obrigações escritas seriam inúteis. Porque não o são, os advogados prosperam na redação, e engordam na execução daquelas que são quebradas.

Se a Menina Crosby não tivesse dado a sua palavra, o que o seu sentido de dever a teria impelido a fazer não pode ser afirmado positivamente; mas o leitor, tenho a certeza, concordará comigo ao dizer que poucas pessoas teriam feito sacrifícios tão grandes como ela fez, para que pudesse dedicar a sua vida inteira a ministrar ao conforto da sua sobrinha. Teria sido fácil, e talvez perdoável dadas as circunstâncias, ter mantido a letra e violado o espírito da sua promessa, quando descobriu que os presságios da sua irmã estavam prestes a concretizar-se. Ela observou as nuvens acumuladas e a melancolia das trevas a entrarem na vida da sua jovem sobrinha.

Terrível como a aflição era então, a sua natureza pavorosa e longa duração não poderiam ser suspeitadas, a menos que por intuição ela pudesse pressentir a extensão da calamidade. Que ela era intuicional, e sentia as sombras de infortúnios iminentes, é claramente evidenciado por numerosos incidentes que foram anotados na sua própria vida. Por muito que sintamos a aproximação de eventos, antes da sua vinda, argumentamos que não sabemos que virão, e agimos sob a suposição de que não virão; e isto, no geral, é correto, pois felizmente os medos dos tímidos não são usualmente bem fundamentados, e muitas pessoas confundem impressões que são meramente imaginações sem valor, por intuições, que são perceções imediatas de condições exteriores, que pressagiam corretamente o que está para ocorrer.

No dia do primeiro acidente da Menina Fancher, a Menina Crosby pareceu impressionada com algum infortúnio antes da sua ocorrência, e o mesmo foi verdade um ano depois, quando a rapariga foi trazida para casa inconsciente devido aos efeitos de uma lesão, que ultimamente produziu os resultados mais aterradores. Durante algum tempo antes, a Menina Crosby tinha recebido as atenções de um cavalheiro muito digno, por quem ela formou uma afeição merecida, e ela tinha-lhe prometido a sua mão em casamento.

O casamento é uma relação pela qual a maioria das pessoas anseia com antecipações de felicidade culminante, sem a qual a vida seria desprovida de muitos dos seus prazeres naturais. A mulher sente naturalmente que chegará um tempo em que partilhará a sua sorte com outrem, a quem dedicará os seus afetos, e em troca

receberá o amor e o braço protetor de um nobre marido. A relação de casamento não deve ser iniciada de ânimo leve, por causa da sua sacralidade; contudo é natural que seja formada, e algum dia aprenderemos mais sobre a sua natureza duradoura.

Foi infortúnio da Menina Crosby ter feito duas promessas, as quais sentia não poder cumprir ambas, com justiça para com o homem a quem prometera casar, e ao mesmo tempo manter o espírito da sua promessa à sua falecida irmã, cuja filha era agora uma inválida indefesa, irremediavelmente confinada à sua cama.

É deixado ao leitor conjeturar quão profunda foi a desilusão, e quão forte o sentido de honra desta nobre senhora, ao decidir a questão, o que fez por si mesma, sem a influência de nada exceto o seu próprio sentido de dever. Deixar a outrem o cuidado da sua sobrinha, a quem estava devotadamente ligada, e que poderia não ser para com ela sempre terna e amável, era o que ela não faria; e levar para a sua vida de casada tal fardo para ser partilhado pelo seu marido, ela não podia, ainda que ele estivesse disposto.

Havia para ela apenas um caminho, e esse era pedir para ser libertada da sua promessa de casamento, e manter a que fizera à sua irmã. Feito isto, os seus preparativos para o casamento chegaram ao fim; doravante, os seus pensamentos e atenção foram dedicados à sua sobrinha. O que seriam as suas vestes de núpcias foram postas de lado; algumas, nunca tendo sido usadas, estão ainda na posse da Menina Fancher.

A afeição evidente existente entre estas senhoras era profunda e duradoura, e até ao fim da sua vida nenhum murmúrio de queixa escapou dos lábios da Menina Crosby. Expressões de carinho estavam sempre nos lábios de uma para com a outra; e muito do que forma esta narrativa é coligido dos escritos da Menina Crosby, conforme ela, de tempos a tempos, anotava os estranhos desenvolvimentos do caso mais notável da história médica.

** Desde a escrita do acima exposto, ele morreu devido a um acidente ferroviário.*

Resumo: Capítulos II (conclusão) e III

O texto descreve o dilema moral de Susan Crosby, que, movida por um profundo sentido de honra e dever, decide romper o seu próprio noivado para se dedicar exclusivamente aos cuidados da sua sobrinha, Mollie Fancher. Esta decisão é tomada de forma autónoma, recusando-se a transferir o fardo da invalidez da sobrinha para um futuro marido. A narrativa destaca a relação de afeto incondicional entre ambas, servindo os registos escritos de Susan como base fundamental para o relato deste caso médico extraordinário.

Segue-se a descrição de Mollie Fancher na sua juventude: uma jovem graciosa, loira e muito popular em Brooklyn, que se destacava nos estudos no Seminário de Brooklyn Heights. Contudo, a sua saúde começa a declinar devido a uma "indigestão nervosa", o que a leva a abandonar os estudos e a iniciar a prática de equitação por recomendação médica. Mollie revela-se uma cavaleira destemida, chegando a domar um cavalo considerado perigoso que, num episódio insólito, a transportou até à casa do seu antigo dono, onde o animal demonstrou habilidades quase amestradas.

Apesar da coragem de Mollie, o destino revela-se trágico. Em maio de 1864, sofre uma queda grave do cavalo, batendo com a cabeça no lancil e partindo duas costelas, o que a deixa inconsciente por um período prolongado. Embora tenha recuperado parcialmente desta queda, um segundo acidente em junho de 1865 revela-se definitivo: ao tentar sair de um elétrico, o veículo arranca prematuramente, prendendo a sua saia de crina e arrastando-a violentamente pelo pavimento de pedra ao longo de quase um quarteirão. Mollie é recolhida inconsciente e com ferimentos gravíssimos, marcando o início de um período de sofrimento indescritível.

Resumo: Capítulo IV

Este capítulo detalha o declínio físico e as manifestações patológicas que se seguiram aos acidentes. Três meses após o desastre do elétrico, surgem problemas graves na coluna vertebral, acompanhados pela contração permanente dos membros e pela perda progressiva da visão. O estado de saúde de Mollie agrava-se ao ponto de especialistas em doenças pulmonares preverem a sua morte iminente em fevereiro de 1866, devido a uma falência do pulmão direito.

A narrativa atinge um ponto crítico quando, durante uma crise em que todos — incluindo o seu médico e o seu ministro religioso — acreditavam que ela estava a falecer, Mollie experiencia o seu primeiro "transe". Apesar de ter sido declarada morta pelo médico, a sua tia recusa-se a aceitar o óbito, administrando-lhe brandy à força. Ao despertar três horas depois, Mollie não guarda qualquer recordação do evento, descrevendo o estado de transe como um vazio absoluto em termos de memória consciente, embora o seu corpo apresentasse todos os sinais exteriores de morte clínica.

O leitor é deixado a conjeturar quão profunda foi a desilusão, e quão forte o sentido de honra desta nobre senhora, ao decidir a questão, o que fez por si mesma, sem a influência de nada exceto o seu próprio sentido de dever. Deixar a outrem o cuidado da sua sobrinha, a quem estava devotadamente ligada, e que poderia não ser para com ela sempre terna e amável, era o que ela não faria; e levar para a sua vida de casada tal fardo para ser partilhado pelo seu marido, ela não podia, ainda que ele estivesse disposto. Havia para ela apenas um caminho, e esse era pedir para ser libertada da sua promessa de casamento, e manter a que fizera à sua irmã.

Feito isto, os seus preparativos para o casamento chegaram ao fim; doravante, os seus pensamentos e atenção foram dedicados à sua sobrinha. O que seriam as suas vestes de núpcias foram postas de lado; algumas, nunca tendo sido usadas, estão ainda na posse da Menina Fancher. A afeição evidente existente entre estas senhoras era profunda e duradoura, e até ao fim da sua vida nenhum murmúrio de queixa escapou dos lábios da Menina Crosby. Expressões de carinho estavam sempre nos lábios de uma para com a outra; e muito do que forma esta narrativa é coligido dos escritos da Menina Crosby, conforme ela, de tempos a tempos, anotava os estranhos desenvolvimentos do caso mais notável da história médica.

CAPÍTULO III.

Os Aventureiros Passeios a Cavalo da Menina Fancher.

Na altura em que a Menina Fancher estava prestes a concluir os seus estudos no Seminário de Brooklyn Heights, era uma jovem alta, esbelta e graciosa, uma loira decidida, e uma favorita universal entre as suas colegas de escola, professores e amigos. O seu farto cabelo loiro ondulado que lhe caía sobre os ombros, a sua tez extremamente clara, feições regulares, rosto oval, boca pequena e finamente cinzelada, tornavam-na conspícua onde quer que fosse, e provavelmente nenhuma jovem do seu tempo era mais amplamente conhecida na cidade do que *Mollie* Fancher.

Ela era ambiciosa e possuía um grau de orgulho louvável para se exceder nos seus estudos. Estava bem classificada na sua turma e esperava graduar-se em breve, quando o seu professor observou, tal como muitos outros amigos, que ela estava com a saúde debilitada, e que uma mudança imediata no seu curso de vida era essencial para efetuar a sua recuperação. O seu problema foi diagnosticado como indigestão nervosa, rejeitando o seu estômago a maioria dos tipos de comida; ela definhara e tornara-se fraca, sendo alvo de frequentes desmaios, o que despertou alarme na mente do seu bondoso preceptor.

A Menina Fancher abandonou o Seminário de Brooklyn Heights, com a intenção de fazer o que fosse considerado mais sensato para efetuar mais rapidamente a sua restauração à saúde. O seu médico diagnosticou o seu problema como indigestão; e a equitação foi aconselhada como sendo precisamente o tipo de exercício que provavelmente produziria resultados benéficos. Ela foi primeiro para uma escola de equitação, então situada atrás da *Mansion House* em Brooklyn Heights, e tornou-se logo uma amazona graciosa e destemida.

Como já foi dito, poucas jovens em Brooklyn eram mais amplamente conhecidas do que ela, e centenas conheciam *Mollie* Fancher de vista, sem terem o

prazer de um conhecimento pessoal. A sua perícia a manejar o cavalo e a manter-se no selo, enquanto ele trotava ou galopava sobre estradas irregulares e ruas rudemente pavimentadas, impunha admiração, e ela tornou-se bastante notada como uma cavaleira graciosa e destemida.

O Sr. J. J. Field, um amigo da Menina Fancher, que residia por perto, acabara de comprar um belo pónei a um Sr. Kerrigan, para a sua filha, o qual mantinha na cavalariça de um Sr. Lewis na rua Aldelphi, esquina com a rua Fulton. Ele comprara o animal como sendo um cavalo seguro para a sua filha, que era inexperiente como cavaleira; e, a pedido do Sr. Field, a Menina Fancher tirou-o da cavalariça e montou-o pela cidade para exercício, sem qualquer indicação de que ele não fosse seguro para uma senhora montar; supondo que ele estaria habituado à equitação feminina.

Ela percorrera apenas alguns quarteirões antes de o animal, que na verdade nunca antes fora montado por uma senhora, subitamente desatar a correr, virando viciosamente a cabeça e mordendo o seu vestido, que flutuava ao vento, enquanto ele se lançava pelas ruas, entre veículos de todos os tipos, ignorando todos os esforços para o segurar. Fraca como a Menina Fancher estava devido à sua doença, percebeu que quaisquer esforços da sua parte para o controlar seriam inúteis, e resignou-se calmamente ao destino que lhe estivesse reservado, determinada a manter-se no selo, contudo, a todo o custo.

Os estranhos não conhecerão as ruas e estradas pelas quais ela foi levada, nem a distância; os seus nomes são dados para informação de muitas pessoas que residem na vizinhança, que estão familiarizadas com a localização. Pode afirmar-se que, entre outras, ele correu pela avenida Classon até à avenida Flushing, e pela avenida Flushing, ao longo do *Navy Yard*, até chegar à avenida Clinton, quando virou novamente na direção da rua Fulton.

Ele continuou a uma velocidade vertiginosa, até parecer descobrir que estava numa localização familiar, quando parou em frente a uma bonita casa de madeira e, subindo o passeio, abriu o portão com uma das patas dianteiras, dando-lhe um empurrão para trás com uma das patas traseiras, para evitar que este se fechasse sobre ele, e procedeu deliberadamente pelo caminho até aos degraus do terraço, subiu-o, e bateu fortemente no chão com a pata três vezes, esperando como se contasse ser convidado a entrar.

Todos os esforços da Menina Fancher para o atrair ou afastar dali foram infrutíferos, e ela permaneceu sentada, aguardando desenvolvimentos, perguntando-se o que viria a seguir. Logo a porta se abriu e um jovem apareceu, a quem o cavalo instantaneamente reconheceu com um relincho de alegria, como se tivesse encontrado um velho amigo. A Menina Fancher procedeu à explicação de como viera a ser uma intrusa, e solicitou a assistência do cavalheiro para conduzir o animal para a rua.

O cavalheiro era o Sr. Kerrigan, que ficou atónito, como seria de supor, com uma visita tão inesperada de uma jovem estranha, e prontamente informou a Menina Fancher de que anteriormente fora o dono do animal, ao qual tinham sido ensinados truques e a abrir portões, e a fazer muitas coisas invulgares para um cavalo; e que ele nunca fora montado por uma senhora e era, na sua opinião, um animal bastante inseguro para o uso dela. Ele conduziu-o para a rua, e para longe da casa, e ela conseguiu devolvê-lo à cavalariça sem mais incidentes ou acidentes.

Muitos dos leitores destas páginas admirar-se-ão de que a Menina Fancher desejasse — ou sequer ousasse — aventurar-se noutra experiência com este cavalo. Aqueles que melhor a conhecem admirar-se-ão menos. Poucas mulheres têm maior coragem do que ela; poucas são mais frias e controladas em tempos de perigo. O amor pela aventura eleva-se frequentemente ao grau de paixão, e há poucas pessoas que, quando perigos e riscos são passados com sucesso, não desfrutam da recordação do que, na altura, causou sentimentos de terror ou alarme.

Estamos invariavelmente a correr riscos na vida que não deveríamos; frequentemente censuramos nos outros o que nós próprios praticamos. Na verdade, o que seriam as nossas vidas sem excitação? O selvagem arriscará todas as suas posses mundanas numa corrida de cavalos, e pessoas que pensam ser civilizadas estão a fazer a mesma coisa. O hábito de ler histórias de ficção é quase universal, e provém de um amor inato, que depressa se desenvolve numa paixão, por relatos emocionantes e excitantes de aventuras e ocorrências anómalas, que o leitor sabe, mas esquece, não terem fundamento — de facto, são apenas produções do cérebro do romancista.

Não era antinatural que, tendo montado o cavalo até tão longe, e a tal velocidade, ela pensasse que era a senhora da situação, uma vez sentada no seu selo nas costas dele, com as rédeas na mão, no que dizia respeito à segurança. As suas recordações do passeio excitante eram agradáveis, e ela pensou que provavelmente se tornaria familiar para ele, e ele, talvez, tão ligado a ela como ao seu antigo dono. Infelizmente o bruto não foi suficientemente galante para apreciar a sua bela cavaleira, e aguardou a descoberta de um momento oportuno, quando ela estivesse desprevenida, para a desapear.

Ela continuara a montá-lo sem perigo sério durante alguns dias. Numa ocasião, quando ele achou o exercício demasiado longo, voltou-se, lançou-se pelas ruas em direção a casa, e não parou até a ter levado pelo caminho inclinado, através da porta baixa, até à sua baia. A Menina Fancher não conseguiu detê-lo e, vendo que provavelmente seria varrida do seu selo pela padieira da porta, prostrou-se sobre as costas dele e escapou de ferimentos.

Mas o dia 10 de maio de 1864 era agourento com o destino. Se ela pressentiu os seus infortúnios, não deu ouvidos aos presságios, nem aos da sua tia, que estava impressionada com a calamidade iminente e implorou à sua sobrinha que não

montasse *aquele* cavalo naquele dia, pois sentia que algo terrível estava prestes a acontecer. *Mollie* não partilhou os receios da Menina Crosby e riu-se deles, por um momento, afastando-os, apenas para que regressassem quando ela partiu.

A Menina Fancher fizera com segurança o seu passeio habitual e passava pela avenida Gates em direção à sua casa, então a apenas cinco quarteirões de distância, quando deixou cair acidentalmente a rédea do freio sobre o pescoço do cavalo. Ela tentou alcançá-la, mas estando a sua mão enluvada, falhou o agarrar. Inclinou-se ligeiramente para a frente para se certificar de que a recuperaria.

O momento de descuido chegara. Subitamente o seu cavalo, que até então caminhava calmamente, lançou-se para a frente, deu um coice alto no ar, e ela foi precipitada para o pavimento da rua, batendo com o topo da cabeça com grande força contra o lancil, e com o lado no pavimento de pedra áspera. Duas das suas costelas foram partidas, tendo apenas o seu chapéu pesado salvo o crânio de ser esmagado. Ela ficou imediatamente inconsciente e, com o pé preso no estribo, permaneceu imóvel onde caíra. Como que satisfeito com o que conseguira fazer, o seu cavalo ficou parado até que alguém libertasse o seu pé, momento em que galopou para a cavalariça. Inconsciente e a sangrar, a Menina Fancher foi levada para uma casa em *St. James' Place*, enquanto a sua tia em casa esperava, ansiosa por saber se os seus receios e presságios se tinham concretizado. O seu médico foi imediatamente convocado.

É provável que a Menina Fancher tivesse recuperado dos efeitos desta queda não tivesse um segundo infortúnio ocorrido um ano depois. Passaram-se quase dois meses até que ela pudesse andar; e assim que recuperou o suficiente, visitou amigos em Cornwall, no Hudson, onde permaneceu por dois meses, tendo o Dr. Beattie, já falecido, dado a assistência médica necessária. Enquanto em Cornwall, o seu médico ficou alarmado com um inchaço no seu lado esquerdo, indicando a formação de um abcesso.

A este respeito os seus receios não se concretizaram; o inchaço, sendo ocasionado pela irritação da carne devido às costelas partidas, desapareceu gradualmente, e a Menina Fancher regressou a casa. Durante toda a sua vida ela foi sujeita a fortes dores de cabeça, que sofre como herança do seu pai. Antes de deixar a escola, era sujeita a acessos de tosse, os quais, juntamente com a fraqueza e os desmaios, davam apreensões justificadas de tísica. O choque ocasionado pela sua queda, e a lesão no seu lado, foram certamente calculados para diminuir as suas hipóteses de recuperação e, durante o outono seguinte, hemorragias ocasionais do seu pulmão direito aumentaram a ansiedade dos seus amigos.

Outra característica do seu caso atraiu menos atenção, mas é essencial mencioná-la para tornar a sua história tão completa quanto possível. A sua visão estava a tornar-se defeituosa; a sua visão era dupla. Ela via dois objetos onde havia apenas um. Quando tentava enfiar uma agulha, via duas linhas, duas agulhas e dois

buracos. Com o regresso da primavera, em 1865, ela tinha esperança de recuperar a sua saúde. Durante algum tempo, tinha estado a receber as atenções do Sr. John H. Taylor, um jovem cavalheiro respeitável e de boa posição social. Neste período, estavam noivos para casar, e, embora não tivesse sido fixada data para as núpcias, entendia-se que seriam celebradas em breve. Ela esperava fazer uma visita a Boston — e os seus preparativos estavam quase concluídos. Desejou fazer uma visita ao seu médico antes de partir e, tendo-o feito, parou no caminho para casa para fazer algumas compras. Isto foi a 8 de junho de 1865.

Com as mãos cheias de embrulhos, apanhou um carro da rua Fulton e, quando estava tão perto de casa quanto o carro a podia levar, fez sinal ao condutor para parar. Ele tocou a campainha, o carro parou, e a Menina Fancher, com embrulhos na mão, estava prestes a descer da plataforma traseira para a rua, quando o condutor tocou novamente a campainha para o carro avançar, virou o rosto e entrou no carro, evidentemente supondo que ela tinha desembarcado em segurança. Infelizmente, não foi esse o caso, pois, no momento em que ela estava a descer, foi projetada violentamente para o chão.

Infelizmente, a sua saia, que era de crinolina forte, tal como era universalmente usada pelas senhoras naquela época, prendeu-se no gancho de ferro na traseira do carro, pelo qual foi rapidamente arrastada sobre os pavimentos de pedra áspera, até à distância de poucos pés de um quarteirão inteiro, antes de o carro parar, e então foi apenas pela atenção do fogueiro ser atraída para algo errado, pelos gritos e clamores das pessoas que testemunharam o espetáculo chocante. Ela foi recolhida inconsciente; as suas costelas estavam partidas, o seu corpo tinha estado a girar e a girar, torcendo a sua crinolina como uma corda enquanto era arrastada pela rua. Esta corda ela preservou, mas não como uma recordação agradável do seu infortúnio.

Ela foi levada para o talho de um vizinho, mas passou muito tempo até poder ser levada para sua casa. Foi levantada do chão e imediatamente reconhecida por amigos, que lhe deram a assistência que estava ao seu alcance. A sua tia já estava alarmada com a sua longa ausência, e tanto mais devido a presságios de outros infortúnios prestes a vir, que comunicara à sua sobrinha antes de esta sair de casa naquela manhã.

CAPÍTULO IV

Os Sofrimentos Indescritíveis da Menina Fancher

Até ao acidente descrito no capítulo anterior, a Menina Fancher declara que não tinha conhecimento de qualquer problema na coluna. Não tinha sentido qualquer dormência nos seus membros, nem sensibilidade peculiar ao longo da coluna

vertebral. Três meses após o acidente do carro, sofreu de dor e sensibilidade na coluna. "Durante seis semanas", diz ela, "fiquei confinada à minha cama. No final desse período, conseguia andar pelo quarto com a ajuda de uma cadeira, ou algo em que me apoiasse. Durante o tempo em que estive na cama, os tendões da minha perna esquerda contraíram-se de tal forma que eu não conseguia fazer mais do que encostar os dedos do pé ao chão.

A partir desse momento, continuou a piorar até ficar inútil. A minha visão continuou a falhar. Conseguia mover-me pelo quarto, ansiosa por ocupar a minha mente com algum emprego, e fazia o trabalho que era capaz. Cada esforço para levar o meu calcanhar ao chão causava-me dor nas costas. Por volta de 1 de setembro, os problemas na coluna manifestaram-se mais severamente. Numa ocasião, estava a ajudar a minha tia a conservar pêssegos, quando o meu braço esquerdo caiu impotente ao meu lado, e durante as duas semanas seguintes fui incapaz de o usar."

Para além dos serviços do seu médico, quando as hemorragias dos seus pulmões se tornaram mais alarmantes, foi convocado um conselho de especialistas, compreendendo o melhor talento disponível. Naqueles dias, os nomes dos médicos eram familiares em todo o país. Eram o Dr. Willard Parker, o Dr. Baker, o Dr. Ball e o Dr. Belden. Eram todos especialistas em doenças pulmonares e, em dezembro de 1865, reuniram-se na residência da Menina Fancher e fizeram um exame crítico, e a sua conclusão foi que ela não sobreviveria ao mês de fevereiro seguinte, em consequência da doença no pulmão direito.

A Menina Fancher continuou a sofrer do seu pulmão direito até maio de 1866, altura em que este deixou de a incomodar. Ao que tudo indica, está morto. O lado direito do seu peito está descaído; os alvéolos estão evidentemente fechados e, desde então, ela respira apenas com o seu pulmão esquerdo. Usaremos agora a linguagem da própria Menina Fancher para descrever o seu caso.

"A 3 de fevereiro de 1866, fui acometida de uma inflamação nos pulmões. Nessa noite fui assistida pelo meu médico habitual e pelo seu filho; este último permaneceu comigo toda a noite. Durante a noite supôs-se que eu estivesse a morrer. Os meus amigos foram convocados para a cabeceira da cama, e o Rev. David Moore veio e proferiu uma oração. Os meus médicos disseram que eu estava a morrer; eu senti e acreditei que estava, e despedi-me dos meus amigos. Bem, infelizmente, não morri, como os médicos previram.

Os primeiros espasmos que tive foram a 7 de fevereiro de 1866. Novamente os meus amigos pensaram que eu estava a morrer. O Rev. Sr. Moore foi novamente convocado. Nos intervalos, ele fazia-me perguntas, e os meus amigos cantavam um hino favorito com vozes baixas e tristes, '*Nearer My God to Thee*'. Novamente o doutor anunciou que eu estava a morrer, mas eu coloquei o meu dedo sobre o meu pulso e senti o bater da minha pulsação e, sempre que o doutor me declarava a morrer, eu dizia: 'ainda bate'.

Novamente ele passou a noite à minha cabeceira, sentindo o meu pulso e a ação do coração, evidentemente muito intrigado. Estes espasmos foram seguidos pelo meu primeiro transe, que durou três horas. Naturalmente, ignoro o que transpirou ao meu redor enquanto estava em transe, embora por vezes esteja consciente do que os outros não estão, e apenas posso relatar o que me contaram que transpirou. Disseram-me que apresentava a aparência de estar morta, e o meu médico declarou-me como tal.

Isto, deve ser lembrado em justiça para com ele, foi a sua primeira experiência em algo deste género. Ele lera sobre transes, mas evidentemente não com sintomas como os meus. A minha tia não aceitava que eu estivesse morta. As minhas mandíbulas estavam cerradas, mas ela forçou algum brandy e água entre os meus dentes, insistindo que eu não estava morta. Os espasmos continuaram durante a noite de 7 de fevereiro, e entrei em transe na manhã do dia 8, por volta das seis horas. O meu transe durou cerca de três horas; depois saí dele, mas o que entretanto transpirara era, para mim, um vazio absoluto."

"Quando saí do transe estive consciente durante algum tempo, depois os espasmos surgiram e duraram várias horas, e dos espasmos passei novamente para um transe. Estes transes continuaram por três dias e noites consecutivos. A vigília à minha cabeceira foi necessariamente contínua durante este tempo. Eu estava inconsciente; a minha morte era esperada a qualquer momento. Não ingeri qualquer alimento. No final desses três dias os espasmos voltaram. Depois tive-os dia e noite, durante nove anos, alternando com transes.

Geralmente os espasmos duravam três horas, e os transes de cerca de cinco a catorze horas, e por vezes dois ou três dias de cada vez. Entre estas condições eu tinha períodos de consciência. Não tenho conhecimento de ter estado alguma vez no que é habitualmente entendido como condições de insanidade ou delírio desde que os meus transes se abateram sobre mim. Nunca ouvi os meus médicos dizerem tal coisa, com uma ou duas exceções, que serão explicadas mais adiante.

"Durante dois meses após o início dos meus transes, catorze pessoas estiveram em assistência constante junto de mim, sendo necessário um turno de sete para me segurarem na cama durante os espasmos. O meu corpo e membros eram contraídos até eu ser quase uma bola; depois eu saltava para a frente como uma seta, e teria morrido não fosse a proteção de amigos e as obstruções almofadadas colocadas no caminho. Estas condições continuaram até à primeira semana de maio de 1866, quando entrei num longo transe."

Até este momento, a Menina Fancher tivera períodos de consciência, durando por vezes algumas horas, noutras muito menos tempo. Parece bastante natural que o seu médico dirigisse os seus esforços para interromper a vinda destes espasmos, que eram tão violentos e, aparentemente, angustiantes. Casos anómalos surgem constantemente, nos quais a perícia e o julgamento do médico são impotentes para

aliviar o paciente, e espero ser perdoado pelos meus muitos amigos médicos por dizer que, por vezes, a recuperação ou a morte podem ser o acidente da experimentação.

E nem sempre é culpa do médico que assim seja. Surgem frequentemente emergências na vida onde outros que não médicos são forçados a medidas extremas para enfrentar um grande risco, onde um perigo maior acompanha a inação. A deles é uma profissão que lida com os nossos corpos para a sua preservação, como casas para as almas que os possuem. Ficamos frequentemente atónitos com a facilidade com que o ocupante é despejado; e depois ficamos maravilhados quando a casa está em ruínas ao encontrar o inquilino a disputar com a morte a posse dos fragmentos.

Deixarei a Menina Fancher contar pelas suas próprias palavras, tão proximamente quanto possível, o tratamento a que foi submetida com o propósito de interromper estes espasmos, durante o inverno e a primavera de 1866. Ela não censura o seu médico, que considerou o seu caso sem paralelo em muitos aspetos e que, dadas as circunstâncias, se justificava em fazer todos os esforços razoáveis para salvar a sua vida e aliviar os seus sofrimentos.

Ele estava profundamente perplexo. Como poderia ela viver sem comida, e como recuperar, ou mesmo melhorar, sem medicamentos? eram perguntas que ele naturalmente fazia a si próprio e, se qualquer um deles fosse forçado para o seu estômago em quantidades para alcançar resultados benéficos, era imediatamente rejeitado. Não havia medicamento, na mais pequena quantidade, que não lhe causasse a maior angústia. Ela cedo se convenceu de que todos os remédios tentados lhe eram prejudiciais e, nos seus momentos de consciência, rebelava-se contra tomar qualquer um.

"Era", diz ela, "forçado para a minha boca, e eu mantinha-o lá até ter oportunidade, e então rejeitava-o. O meu médico pensava que eu estava insana, mas, na verdade, nunca estive mais racional na minha vida. Descobri que cada remédio aumentava os meus sofrimentos, e implorei que me deixassem em paz. De facto, os meus espasmos e transes eram essenciais para a minha sobrevivência; mas isto os meus médicos não sabiam, nem é de admirar que não soubessem. Foi nestas condições, por estranho que pareça, que obtive algum descanso, e assim tem sido desde então.

Quando pararem, morrerei certamente. O primeiro remédio aplicado externamente foi a fricção vigorosa do meu corpo com álcool, desde o momento em que entrava num transe até sair dele, para interromper o transe, acreditando o meu médico que era absolutamente essencial que eu fosse despertada destes transes para salvar a minha vida. Os espasmos que precediam estes transes exauriam-me grandemente. Conforme entrava num transe, o meu corpo e membros tornavam-se rígidos e imóveis, as minhas mãos estavam habitualmente cruzadas sobre o peito e os meus olhos estavam abertos e voltados para cima.

Contam-me que os meus médicos frequentemente me erguiam até uma posição vertical colocando as mãos atrás da minha cabeça, sem a mínima flexibilidade do meu corpo ou membros, estando o meu corpo aparentemente tão rígido como uma peça de estatuária. Durante estes períodos, os meus olhos não eram afetados pela luz, nem eram sensíveis ao toque, e fui sujeita a muitas experiências para determinar se o meu corpo era em algum grau sensível à dor; sendo a conclusão dos meus médicos a de que não era.

"Falhando a fricção com álcool em ter qualquer utilidade, a minha cabeça foi em seguida rapada e cauterizada com substâncias vesicantes, e disto o meu sofrimento foi muito grande; mas submeti-me, esperando que algum bem resultasse, mas fiquei desapontada. Depois fui tratada com eletricidade durante algum tempo; uma bateria foi aplicada durante alguns dias, sem benefício.

Depois o meu médico achou aconselhável mudar a posição da minha cama, para que eu ficasse alinhada com as correntes magnéticas da terra; a minha cabeça deveria apontar diretamente para norte, e o meu corpo e membros para sul; assim, a cama foi rodada para a posição requerida, e fui despojada de todas as joias e substâncias metálicas, e um grande íman em forma de ferradura foi colocado aos meus pés.

Isto não me causou sofrimento, e fiquei satisfeita com isso, mas não produziu qualquer mudança aparente de condição; por isso, fui em seguida colocada num banho de assento três vezes em vinte e quatro horas, e isto foi mantido durante seis semanas. A água era aquecida e por vezes era medicada com ervas. O doutor pensava que me estava a fazer bem, mas estava apenas a acrescentar tortura à tortura.

"Do banho de assento ele recorreu a um banho de vapor de álcool seco. Fui colocada na banheira, e a banheira coberta com cobertores, e a minha pessoa até ao queixo, e lâmpadas a queimar álcool colocadas na banheira. O calor não foi devidamente regulado e o meu corpo foi terrivelmente queimado, com a pele a descascar em certos sítios.

Continuando os meus espasmos com violência, acreditando o meu médico que se conseguisse interrompê-los uma vez eles não voltariam e eu melhoraria, e descobrindo que banhos quentes não tinham feito bem, ele inverteu os seus remédios e começou a tratar-me com água fria. Primeiro fui colocada num banho de água muito quente e, enquanto lá estava, baldes de água gelada eram despejados sobre a minha cabeça até eu desmaiar de sofrimento e exaustão. Depois era retirada da banheira e colocada na cama e o meu corpo e membros vigorosamente friccionados. Não me era permitido descansar nem mesmo nos meus transes, que me deixavam inconsciente, mas era constantemente perturbada por algum método de tratamento.

"Fui a seguir enrolada em lençóis húmidos torcidos em água fria, e obrigada a jazer nestes até não poder nem querer aguentar mais; então projetei os meus cotovelos com toda a minha força e rompi os lençóis, e fui imediatamente declarada como estando noutro acesso de insanidade.

"O tratamento seguinte que causou a minha total rebelião foi a aplicação de gelo. Primeiro, foi feito um colete na forma requerida, com grandes bolsos abertos estendendo-se desde o topo da minha cabeça, descendo pela minha coluna e em volta do meu corpo. Depois, cinco bexigas foram enchidas com gelo; uma foi colocada sobre o meu estômago, três na minha coluna e uma no topo da minha cabeça. Em breve a minha agonia estava além da compreensão.

Convenci-me de que o meu tratamento não passava de uma série de experiências, intensificando o meu sofrimento e impedindo qualquer hipótese de recuperação. Eu tenho génio, e ele foi então despertado. Agarrei na bexiga de gelo em cima da minha cabeça e arremessei-a através do quarto. A esta seguiram-se as outras quatro enviadas na mesma direção. Entretanto, o doutor acreditava que eu tinha enlouquecido e fui declarada uma maníaca furiosa. Bem, eu estava furiosa. O meu vocabulário era insuficiente para expressar os meus sentimentos, e recusei-me positivamente a submeter-me a qualquer tratamento adicional.

Lamento tornar todos estes assuntos públicos, e apenas o faço a pedido dos meus amigos, que desejam que eu nada oculte ao dar um histórico do meu caso. Este médico está morto, e não tenho desejo agora de o censurar. O meu caso era anómalo, e ele fez o melhor que pôde por mim. O seu filho, um médico excelente, estimo-o como estando entre os meus amigos. Ele era encarregado por vezes pelo seu pai de aplicar alguns destes tratamentos, e frequentemente deixava-me escapar, após exigir a promessa de que o seu pai não seria informado.

"A minha tia acreditava que tudo o que o meu médico ordenava estava certo. Ela continuou a permitir que ele visitasse a casa e soubesse por ela a minha condição. Isto continuou por três semanas, quando desejei outro médico. O Dr. McFail, que era então bastante eminente na sua profissão em Brooklyn, foi recomendado por um amigo. Ele foi chamado mas, vendo que era um caso que exigia grande atenção, concluiu que não poderia fazer-me justiça e recomendou o seu sobrinho, que acabara de regressar de Paris e estava a começar a praticar aqui.

Este cavalheiro é o Dr. S. Fleet Spier, que me viu pela primeira vez a 6 de abril de 1866, e tem sido um dos meus fiéis e habilidosos assistentes desde essa altura. Alguns dos médicos que me assistiram foram mais do que doutores; foram amigos fiéis, a quem devo uma dívida de gratidão que não posso liquidar; e apenas posso rogar que recebam a recompensa abundante, devida a uma multidão de boas ações.

"Entre os banhos de chuveiro e as aplicações de gelo, o meu doutor tinha, por momentos, interrompido os meus espasmos, e por vários dias eles cessaram

inteiramente; mas durante esse tempo declinei rapidamente, estando a maior parte do tempo inconsciente. Então os meus médicos começaram a reconhecer o facto de que estes espasmos e transes serviam uma parte essencial na manutenção da vida e, se fossem interrompidos, eu morreria inquestionavelmente. Consequentemente, um novo modo de tratamento impôs-se à atenção deles. Eu ingeria tão pouco alimento que eles concluíram que eu morreria de inanição. Fui colocada num banho de assento que estava carregado com caldo de carne, para que o meu corpo pudesse receber nutrição ao absorvê-lo.

"Por volta de meados de março de 1866, quando saí de um espasmo, descobri que a minha garganta estava paralisada, e quase todas as vezes surgia uma nova complicação. Por exemplo, por vezes o meu sentido de audição estava tão prejudicado que eu ficava inteiramente surda, e a única maneira de eu conseguir compreender ou ouvir era fazer com que aqueles que falavam comigo se aproximassem tanto do meu rosto que o som da voz pudesse penetrar as minhas narinas e, dessa forma, comunicar com o meu cérebro ou órgãos de audição.

Exatamente como isso era realizado, não consigo compreender; e até ao dia de hoje o meu ouvido esquerdo nunca recuperou o seu poder de audição; esse lado da minha cabeça é inteiramente surdo. Esta perda de audição ocorreu por volta do fim de fevereiro de 1866. No dia 22 de fevereiro tive um espasmo terrível, e a minha visão falhou-me inteiramente, e nunca a recuperei. Consigo ver, mas não pelo uso dos meus olhos. Quando me tornei consciente pela primeira vez da minha visão a falhar, fiquei grandemente alarmada, mas esperava recuperá-la novamente. Quando tive este espasmo terrível de que acabei de falar, e saí do meu transe, descobri que estava a escurecer subitamente, e supus que fosse a aproximação da noite, e pedi à minha tia para acender o gás no meu quarto para que eu pudesse ver.

Ela respondeu: 'Está aceso, querida; não consegues vê-lo?'. Eu disse: 'Não, está tudo escuro'. Então ela acendeu outro bico para me satisfazer, e depois outro, mas continuava tudo escuro. Então a consciência despertou em mim de que estava cega e uma sensação de horror apoderou-se de mim, e exclamei: 'Oh, meu Deus, estou cega; com todas as minhas outras aflições, estou cega'."

"Ora, tenham em mente que, nesta altura, o meu sentido comum de audição estava tão prejudicado que eu apenas conseguia distinguir vozes da maneira que descrevi, e com a minha visão perdida, restava-me o meu sentido do *tato* para reconhecer aqueles que me rodeavam. É um pouco difícil para mim agora obter as datas exatas do aparecimento destes diferentes sintomas, mas dou-as tão aproximadamente quanto me consigo lembrar, confiando nos memorandos feitos pela minha tia, e também naqueles feitos pelos meus médicos para corrigir quaisquer erros.

Perdi a minha visão antes de perder a minha audição. Estes sintomas e condições que estou agora a descrever foram comprimidos nos meses de fevereiro,

março, abril e maio de 1866, e dá-los-ei pela sua ordem conforme os recordo. Recordo que conseguia reconhecer o Dr. Spier por uma peculiaridade de um dos seus polegares, que tinha uma pequena rugosidade na unha. Reconhecia a minha tia por um alfinete que ela usava. Outros amigos colocavam nas minhas mãos algo com que eu estivesse familiarizada, e então eu sabia da sua presença.

Foi em fevereiro que os espasmos fecharam a minha garganta de tal forma que era quase impossível receber qualquer tipo de alimento. Os órgãos da garganta tornaram-se tão rígidos, e tão duros, que quando batidos, o som assemelhava-se ao da madeira ou da pedra, e esta rigidez da minha garganta continuou por nove anos, com exceção de um caso, em que relaxou apenas por um curto período. Depois de a minha garganta ficar paralisada, deram-me enemas de caldo de carne, brandy e ponches de leite. Fizeram sacos de casca de quina, mergulharam-nos em brandy e colocaram-nos sobre o meu peito. Reclamei contra isto, e implorei que me deixassem em paz, sentindo a certeza de que passaria melhor sem eles.

Depois de o Dr. Spier chegar, continuou a dar-me medicamentos por algum tempo, mas verificando que não me faziam bem, que eu não os conseguia reter, foram descontinuados. À perda do meu poder de audição seguiu-se a perda do sentido do *tato*. Perdi o sentido do tato, depois o sentido do olfato, depois o sentido do paladar, e depois o poder da fala.

Durante este tempo os meus amigos foram incapazes de me dar a conhecer a sua presença por um período considerável. O meu poder de comunicar com eles estava totalmente perdido e, por um tempo, para mim, eles pareciam mortos. O doutor estava a investigar para ver se conseguia descobrir qualquer parte que estivesse viva para o sentido do tato e, finalmente, descobriu que ao colocar o dedo atrás da minha orelha esquerda eu o reconhecia. Reconhecia-o pela peculiaridade do seu polegar, que já mencionei.

Por vezes, entre estes transes e espasmos, eu estava na posse perfeita das minhas faculdades mentais, e nunca, que eu saiba, as perdi uma única vez. Se as possuía todas ou não, deve ser determinado a partir do que vi e fiz. De qualquer modo, eu supunha que possuía todas as minhas faculdades e poderes mentais.

Seguindo-se à perda destes outros poderes, os meus dedos ficaram curvados para dentro das palmas das minhas mãos, condição em que permaneceram por muito tempo, estando os meus polegares perfeitamente livres. Isto, se bem me recordo, foi em maio de 1866.

Por volta do mês de maio de 1866, a minha segunda visão, um poder ou sentido de ver sem o uso dos órgãos naturais da visão — os meus olhos, e que causou tanto comentário, começou a desenvolver-se, e surgiu desta forma. Primeiro, parecia ter uma consciência da posição das coisas ao meu redor, e dos movimentos das pessoas, sem realmente as ver com os meus olhos. O meu relógio, um pequeno

de ouro, estava pendurado sobre a lareira no lado oposto do quarto, a uma distância considerável de mim, e colocado de tal forma que ninguém, com a sua visão comum, poderia vê-lo, de modo a determinar a hora, a partir da posição onde eu estava deitada.

Bem, eu via, de alguma forma que não consigo explicar, o mostrador desse relógio, a posição dos seus ponteiros, e conseguia indicar a hora corretamente. A minha tia tinha adquirido o hábito de abrir e ler as minhas cartas, e de me comunicar o seu conteúdo, e numa ocasião, após eu ter recuperado o uso das minhas mãos, o poder da fala e o sentido da audição num dos meus ouvidos, chegou uma carta, e ela procedeu a abri-la e a lê-la, quando eu insisti para que ela ma desse. Ela respondeu: 'Ora, querida, sabes que não podes lê-la', mas eu persisti e ela deu-ma. Peguei nela imediatamente e li-a para ela.

Ela ficou atónita; porque viu de imediato que eu o fizera sem o uso dos meus olhos. Então os meus amigos começaram a fazer vários testes, fazendo-me todo o tipo de perguntas sobre o que tinham nos seus bolsos e nas suas mãos, e descobriu-se que eu lhes conseguia dizer corretamente. O meu sentido do tato não esteve perdido provavelmente mais do que uma semana ou dez dias, e quando voltou eu possuía-o mais aguçadamente do que nunca."

Antes de prosseguir com as declarações da Menina Fancher, será inserido um capítulo dos registos guardados pela sua tia.

CAPÍTULO V

Os Registos da Menina Crosby

Na parte anterior deste livro, afirmei que tive acesso a minutas bastante extensas do caso da Menina Fancher, as quais foram guardadas pela sua tia, a Menina Susan E. Crosby, durante a sua vida. Tenho essas agora na minha posse, a fim de confirmar muitas das características do caso da Menina Fancher; e para me permitir falar detalhadamente de algumas outras, conforme estão contidas nesses escritos, pegarei neles e percorrê-los-ei, extraindo o que considero ser de interesse e importância. Muito seria matéria sem interesse, por ser um relato diário dos sintomas e da condição em que a Menina Fancher se encontrava na altura em que os registos eram feitos e, em muitos casos, são tão semelhantes que repeti-los seria uma tarefa inútil.

O que se segue é substancialmente *ipsis verbis*, no início do diário da Menina Crosby.

"*Mollie* Fancher, quando criança, e até à idade de quinze anos, era saudável. Durante um ano depois disso, foi atormentada com fraqueza no peito e uma tosse ligeira; depois instalou-se a dispepsia, e ela sofreu de mal-estar no estômago,

sensações de esmorecimento e desmaio, e isto continuou até março de 1864, quando os seus sintomas se tornaram mais graves. Vomitava a comida e mal conseguia reter algo no estômago. Deixou a escola em abril, estando a dois meses da graduação, e a desilusão foi tão profunda que ela parecia grandemente desanimada. Foi então aconselhada a iniciar a equitação como cura para a dispepsia. Estava então sob tratamento médico.

A 10 de maio foi projetada do seu cavalo; o choque foi muito severo; a cabeça e o lado incomodavam-na muito. Sob a direção do Doutor, foi para Cornwall em julho, onde recebeu tratamento médico, queixando-se constantemente da cabeça e do lado e, ao sair para cavalgar um dia, adoeceu; a parte inferior do seu corpo ficou paralisada e, durante a noite, esteve por um curto período inconsciente. Permaneceu num estado débil durante várias semanas, sofrendo na cabeça e no lado. O Doutor pensou que se estaria a formar um abcesso sob o seu pulmão esquerdo. Ao examinar, contudo, descobriu que uma costela estava fraturada, o que causava o inchaço.

Durante nove dias e noites não descansou, e permaneceu débil até setembro, quando regressou a casa, e pareceu recuperar, estando bastante ativa durante o outono e o inverno, e até junho de 1865. No dia 8 desse mês, quando saía de um carro na avenida Fulton, foi projetada ao chão e arrastada por quase o comprimento de um quarteirão. Durante uma hora ou mais após o acidente, esteve em ataques de desmaio, e depois recuperou. Após exame, o Doutor descobriu que mais duas costelas no lado esquerdo estavam fraturadas e também que a sua cabeça fora ferida. Permaneceu muito fraca e débil durante o verão, parecendo o seu sistema nervoso severamente abalado; não parecia ganhar forças e, por vezes, perdia o poder do braço esquerdo; permanecendo depois, por vezes, em ataques de desmaio, sofrendo mais quando deitada. Também tinha tosse.

No final de agosto teve um ataque grave de doença, ficando o lado esquerdo e a parte inferior do seu corpo paralisados. Passaram-se vários dias até recuperar o uso total do seu poder corporal. Recuperou depois por algum tempo, surgindo então outros sintomas, como de doença espinal, e a sua cabeça, o seu lado e a tosse pareciam piores conforme a estação avançava. Queixava-se de fraqueza e dor no peito; também de dor através do ombro direito, e não conseguia deitar-se, estando aparentemente a declinar muito depressa. Isto continuou até fevereiro, altura até à qual, durante dezoito meses, não tivera uma boa noite de descanso. No dia 3 de fevereiro foi acometida de espasmos, que continuaram por um curto período, deixando-a muito fraca, até quinta-feira, dia 8.

Os seus sintomas eram grande fraqueza, tosse severa, dor na cabeça, lado, coluna e peito, e através do ombro direito. Sofria intensamente com dificuldade em respirar e era incapaz de se deitar. Às quatro e meia da tarde desse dia começou a ter espasmos severos, que duraram até à uma hora. Logo após os espasmos, ela parecia

sem vida; depois recuperou um pouco, mas pensou-se que estaria a morrer; a sua tosse deixou-a e ela permaneceu muito fraca, sem dor, até domingo, dia 11, quando pareceu estar novamente a esmorecer muito depressa. Na segunda-feira, dia 12, recuperou e pareceu mostrar sinais de vida.

Sofria intensamente na cabeça, coluna e lado, e aparentemente no coração. Na terça-feira, dia 13, parecia estar inconsciente a maior parte do tempo, sofrendo ainda na coluna. No dia 14 continuou a ter espasmos uma vez por dia, surgindo por volta da uma hora e continuando por uma hora ou uma hora e vinte minutos; sofrendo também dores severas na cabeça e na coluna. Na quinta-feira, dia 15, os espasmos surgiram duas vezes por dia, à uma e às dez horas, seguidos de um transe de uma a duas horas de duração. Sexta-feira, dia 16, ela permanecia ainda no mesmo estado, os espasmos alternando com transes, como acima declarado. O sofrimento da cabeça e do coração continuou. Sábado, dia 17, os espasmos e transes foram seguidos por uma perda de visão.

Domingo, dia 18, espasmos muito fortes, e ela continuou da mesma forma, seguindo-se os transes duas vezes durante o dia, e requerendo cinco e seis pessoas para a segurarem. Na segunda-feira, dia 19, perdeu a audição, tendo espasmos e transe, e sofrendo intensamente da cabeça e da coluna. Terça-feira, dia 20, estava inconsciente, tendo espasmos e transe. Quarta-feira, dia 21, parecia por vezes mais consciente, mas os espasmos e transes continuaram. Quinta-feira, dia 22, teve espasmos muito fortes de uma a duas horas, ao sair dos quais o seu corpo parecia estar paralisado, e ela tinha os seus sentidos, mas nenhum poder para se mover.

Depois de ter sido friccionada durante uma hora com álcool, recuperou e viu, ouviu e falou durante meia hora. Na sexta-feira, dia 23, perdeu o sentido do olfato. No sábado, dia 24, as suas mãos fecharam-se. No domingo, dia 25, as suas mandíbulas ficaram trancadas. Na segunda-feira, dia 26, os seus membros contraíram-se, continuando ela a ter espasmos duas vezes por dia, seguidos de um transe. Durante os intervalos sofria muito na cabeça e na coluna. Terça-feira, dia 27, parecia estar num estado muito débil, sofrendo severamente com espasmos aparentemente em volta do coração.

Permaneceu muito débil por dois dias até 2 de março. Tinha espasmos e transes da mesma forma. De 3 a 7 de março suportou grande sofrimento. No dia 7 teve espasmos muito severos, após os quais ficou paralisada até ao dia 9, quando os seus músculos relaxaram, e ela viu, ouviu e falou; as suas mãos também abriram, e ela permaneceu assim por várias horas, possuindo todos os seus poderes naturais. Depois estes deixaram-na novamente. De 9 a 13 de março esteve muito fraca, desmaiando constantemente, parte do tempo inconsciente, mas não teve espasmos ou transes. Na terça-feira, dia 13, os seus espasmos voltaram uma vez por dia, continuando por cerca de vinte minutos, seguidos por um transe de três a cinco horas.

Estava inconsciente a maior parte do tempo e sofria intensamente com a cabeça. Quarta-feira, dia 14, teve espasmos na cabeça; estava muito débil e não se esperava que vivesse durante o dia. Às oito horas da noite recuperou um pouco, permanecendo ainda num estado débil até quinta-feira à noite, dia 15, e então recuperou e falou e cantou, e pareceu estar muito feliz. Depois a sua fala deixou-a e as suas mandíbulas fecharam-se. O seu sentido do tato deixou-a; não tinha poder para se expressar, mas parecia ainda estar consciente, e permaneceu nessa condição até quinta-feira de manhã, dia 16, quando o poder de perceber e comunicar pelo sentido do tato regressou e continuou até às duas horas.

Depois, novamente, teve espasmos severos e transe, seguidos por paralisia, até domingo, quando recuperou e estava consciente, mas estava muito débil até ao dia 19. Durante o dia parecia bastante ativa, com muita força antinatural; era capaz de escrever e trabalhar, mas à noite estava delirante. Terça-feira, dia 21, parecia novamente bastante ativa; as suas mãos abriram por um curto período. A maior parte da semana esteve distraída e tinha muita força antinatural. Quarta-feira, dia 28, teve novamente espasmos em volta do coração e permaneceu muito débil por três dias. Após espasmos ou transes, tendo ataques de desmaio a maior parte do tempo e estando oprimida pela falta de fôlego, e aparentemente numa condição de esmorecimento.

Terça-feira, dia 27, pareceu ter mais vida, e os espasmos e transes voltaram. Quinta-feira, dia 30, estava mais alegre e foi capaz de escrever durante o dia, mas à noite estava distraída e tinha muita força antinatural; teve espasmos e transes até 1 de abril, quando voltou a melhorar bastante a maior parte do dia. Teve espasmos leves e um transe que durou de duas a três horas. A 2 de abril parecia estar a maior parte do tempo distraída e muito fraca, o que continuou até ao dia 4, depois, após ter espasmos muito severos e um transe, a sua garganta fechou; permaneceu muito fraca e débil até ao dia 6, e esteve inconsciente a maior parte do tempo. Sexta-feira de manhã, 6 de abril, estava muito fraca, distraída por vezes; espasmos alternando com transes.

Sábado, dia 7, esteve numa condição de fraqueza e desmaio a maior parte do tempo, espasmos com transes muito leves da forma habitual. Domingo, dia 8, continuou na mesma condição. Na segunda-feira, dia 9, estava distraída por vezes, e teve espasmos alternando com transes que duravam três ou quatro horas. Terça-feira, dia 10, parecia bastante melhorada; teve espasmos e transes e, às seis horas da tarde, a sua garganta e mandíbulas relaxaram e ela falou de forma bastante clara, e depois ficou distraída e permaneceu nessa condição por três dias, sofrendo grandemente de náuseas; foi incapaz de ingerir qualquer alimento; os espasmos e transes continuaram. No sábado, dia 14, esteve bastante melhorada até às três horas, tendo espasmos severos seguidos por um transe que durou de três a quatro horas, e permanecendo num estado inconsciente toda a noite.

No domingo, dia 15, estava muito débil, a sua garganta fechou novamente, e teve os espasmos e o transe como habitual. Na segunda-feira, dia 16, permaneceu sensivelmente na mesma, muito débil, espasmos seguidos por transes; ataques de desmaio, deixando-a numa condição distraída; a sua garganta permaneceu fechada até segunda-feira, dia 23, depois abriu por um dia. Terça-feira, dia 24, a sua garganta fechou novamente, e os seus espasmos e transes continuaram.

Parecia um pouco mais forte e alegre, e permaneceu sensivelmente na mesma condição, continuando os espasmos e transes, até ao dia 28. Nesse dia, a sua garganta abriu por um curto período. Tornou-se então distraída durante os espasmos; depois as suas pálpebras fecharam-se; perdeu o uso das mãos e braços e, por vezes, a fala, e permaneceu nessa condição até 4 de maio."

Durante este tempo ela teve espasmos e transes; a sua garganta estava fechada e, no entanto, por vezes, parecia bastante esperta e cheia de vida até ao dia 10 de maio, quando a sua garganta se abriu, mas logo se fechou novamente durante os espasmos, que foram seguidos, como de costume, por um transe. Permaneceu inconsciente até domingo à noite, sofrendo intensamente da cabeça e do coração. A 11 de maio esteve mais confortável durante o dia, esteve distraída à noite; os espasmos e transes continuaram. Esteve muito inquieta à noite. A 13 de maio estava muito fraca e perdeu a fala; teve os seus espasmos habituais seguidos de um transe, condição na qual permaneceu por muito tempo, até que recuperou, mas esteve inconsciente durante a noite.

A 14 de maio a sua garganta continuava fechada; a sua condição débil persistia. Estava sem fala, e o transe seguiu-se aos seus espasmos até ao dia 16 de maio; esteve inconsciente a maior parte desse dia, durante o qual teve os seus espasmos e transe. A 17 de maio pareceu mais confortável e conseguiu escrever duas cartas. Teve um espasmo e transe, e esteve bastante inquieta durante a noite. Na sexta-feira pareceu muito melhor; a condição de espasmo e transe continuou e, à noite, ela falou.

No sábado, dia 19, pareceu muito esperta até às duas horas, altura em que a sua mandíbula relaxou e forçámos algum alimento para o seu estômago. Isto foi imediatamente seguido por espasmos graves, que duraram de três a quatro horas, após os quais entrou num transe, condição na qual permaneceu por uma hora, e depois recuperou, mas estava inconsciente, sofrendo aparentemente de forma intensa da cabeça e do coração até domingo à noite, às cinco horas. Nessa noite ela falou e pediu comida; parecia estar quase faminta.

Comeu um pequeno pedaço de bolacha e uma colher de chá de ponche, que foi o primeiro alimento em sete semanas que conseguiu manter no estômago. Na segunda-feira, dia 21, estava muito débil, os seus espasmos foram ligeiros e teve o seu transe habitual. Esta condição continuou durante o dia 22, mas sofreu severamente da cabeça, e a sua garganta fechou-se novamente durante o dia, sendo

que o único alimento que conseguiu tomar foram duas colheres de chá de ponche de leite por dia. Na quarta-feira, dia 23, teve espasmos e um transe, condição que continuou durante a sexta-feira e o sábado seguintes.

No sábado, dia 27, pareceu bastante animada pela manhã. À tarde sofreu severamente da cabeça e do coração e, à noite, ficou gravemente chocada com um estrondo de trovão e perdeu a fala. Na segunda-feira, dia 28, sofreu severamente da cabeça, teve espasmos muito graves e, às duas horas, entrou num transe rígido, condição na qual permaneceu até às onze horas e meia do dia seguinte, quando caiu num transe relaxado, permanecendo assim até sexta-feira à noite, às oito horas, dia 1 de junho, quando recuperou com um grande esforço. Respirava com grande dificuldade e parecia que as suas faculdades naturais estavam quase exaustas.

Permaneceu nesta condição até à segunda-feira seguinte. A 2 de junho as suas mandíbulas relaxaram, altura em que se aproveitou a oportunidade para forçar algum alimento para o seu estômago, o qual foi imediatamente rejeitado. Logo entrou em espasmos, que duraram cerca de uma hora, e permaneceu inconsciente por um curto período. Começou a ficar muito enjoada do estômago e sofreu intensamente até sábado à noite, 3 de junho, quando a sua garganta se fechou e ela não foi capaz de tomar qualquer alimento ou de proferir um som.

Na segunda-feira, 4 de junho, estava muito exausta e permaneceu fraca e débil até ao dia 6, quando entrou num transe por um curto período, o primeiro que tinha tido em seis dias, sofrendo intensamente da cabeça e com dificuldade respiratória. Quinta-feira, 7 de junho, esteve muito débil durante o dia, não sendo capaz de falar, entrando e saindo de transes durante toda a noite, sofrendo grandemente da cabeça e do coração. Na sexta-feira, dia 8, pela manhã estava inconsciente, mas muito inquieta durante o dia. Entrou num transe durante a noite, sofrendo intensamente da cabeça e do coração; a sua garganta continuava fechada; era incapaz de falar.

No sábado, dia 9, permaneceu fraca durante o dia e, à noite, às dez horas, foi acometida por espasmos pela primeira vez desde 1 de junho. Isto foi seguido por um transe e sofrimento severo na cabeça e no peito. Domingo, 10 de junho, o seu sofrimento continuou, e teve espasmos e transes até quarta-feira, dia 13. No dia 13, durante o dia e a noite, teve espasmos alternados com transes, entrando e saindo de transes durante toda a noite, e estava aparentemente a sofrer grandemente com dores na cabeça e no peito, e respiração muito difícil.

No sábado, dia 16, pela manhã estava muito fraca; à uma hora ficou distraída e permaneceu assim durante o resto do dia e da noite, tendo espasmos seguidos de um transe, o que continuou até domingo, dia 17. Sendo o sofrimento com a cabeça muito intenso, não era capaz de falar, estando a sua garganta ainda fechada.

"De 24 de maio a 28 de junho ela não foi capaz de tomar qualquer alimento. Uma pinta de óleo de amêndoas doces foi utilizada para banhar o seu peito e

intestinos, e esse foi todo o sustento que recebeu. Continua débil, tendo espasmos e transes durante a noite, mas permanece consciente. Os seus membros estão contraídos, as suas pálpebras estão fechadas, perdeu o uso do braço direito, e também as suas mãos estão fechadas. Sexta-feira, 28 de junho, esteve inconsciente durante o dia, estava muito débil e a sofrer com espasmos, seguidos de um transe durante a noite; ao sair do transe na sexta-feira à noite, perdeu todo o poder de comunicação; o seu estômago e pescoço estavam contraídos, o seu braço direito estava puxado sobre a sua cabeça; ambos os braços estavam paralisados.

Os seus membros inferiores estavam contraídos, os seus olhos e garganta estavam fechados, as suas mandíbulas estavam trancadas, e permaneceu neste estado, inconsciente, até às nove horas da noite. Sofreu dores de cabeça muito severas até domingo de manhã, 1 de julho. Permaneceu inconsciente até segunda-feira às duas horas, depois entrou num espasmo, que foi seguido por um curto transe durante a noite. Na quinta-feira, dia 12, recebeu um forte choque de um alarme de incêndio; sofreu severamente da cabeça, coração, estômago e dentes até às doze horas, quando entrou num estado de inconsciência, no qual permaneceu até domingo de manhã às nove horas, quando recuperou e ficou consciente.

De quinta-feira a domingo não teve nem espasmos nem transe. No domingo, dia 15, esteve muito débil durante o dia e, à noite, pareceu estar num estado de prostração. Às nove horas parecia estar em grande aflição cardíaca. Ficou num estado de desmaio até às nove horas da manhã seguinte, quando recuperou, mas ainda numa condição débil. Teve noites muito inquietas, sofrendo ainda da cabeça, dentes, coração e peito, e permaneceu aproximadamente na mesma até quarta-feira, dia 18.

Nesse dia teve um forte choque de um forte estrondo de trovão; sofreu intensamente na cabeça e no coração. Também teve espasmos muito fortes, com o corpo contraído na forma de um arco, às vezes curvado para trás e depois para a frente. Estas condições duraram uma hora e meia, após o que entrou num transe por uma hora, depois recuperou, mas estava muito débil. Permaneceu neste estado até sexta-feira, dia 20, quando ficou mais confortável.

CAPÍTULO VI

Continuação dos Registos da Miss Crosby

"No sábado, dia 21, a sua garganta abriu-se e ela tomou uma colher de chá de vinho, mas não conseguiu mantê-lo no estômago. No domingo, dia 22, esteve mais confortável. Na segunda-feira permaneceu aproximadamente na mesma, e novamente tomou uma colher de chá de vinho, mas o seu estômago não foi capaz de o reter. Às nove horas da noite começou a sofrer intensamente com a cabeça e entrou num estado de distração, que continuou até às doze horas, quando durante

uma hora e meia teve espasmos muito severos, ficando curvada em várias formas, e depois entrou num transe por uma hora.

Ao sair do transe, os seus lábios estavam contraídos e permaneceram assim por dois dias, de modo que não foi capaz de tomar nem uma gota de água. Na quarta-feira, dia 25, foi novamente capaz de abrir os lábios, engoliu meia colher de chá de vinho, que permaneceu no seu estômago. Na quinta-feira, dia 26, a sua garganta fechou-se, e teve espasmos e transes durante a noite, condição que continuou até sábado, dia 28. Esteve muito inquieta à noite, teve espasmos e transes curtos; foi incapaz de engolir qualquer coisa; a sua garganta ainda estava contraída; não tinha poder para mover os membros, exceto os pés; os seus olhos estavam fechados e era incapaz de falar.

No domingo, dia 29, pareceu estar mais confortável durante o dia. Teve espasmos e transes durante a noite. Na segunda-feira, dia 31, esteve bastante confortável durante o dia e, às oito horas, começou a ter espasmos muito severos, que continuaram por uma hora; sofreu severamente da cabeça e do estômago durante a noite. A 1 de agosto teve espasmos muito fortes, que continuaram por uma hora e meia.

Depois entrou num estado de distração e assim permaneceu até às nove horas da manhã de 2 de agosto. Pareceu mais confortável durante esse dia, mas teve espasmos muito severos, seguidos por um transe durante a noite, e permaneceu sensivelmente na mesma condição até cerca de 4 de agosto. Às nove horas da noite caiu num estado de desmaio e assim permaneceu por três horas; esteve inconsciente durante uma parte da noite. A 5 de agosto foi administrado clorofórmio para relaxar as mandíbulas, para que alguns dentes problemáticos pudessem ser extraídos. Entrou imediatamente em espasmo, e assim continuou por duas horas e meia.

Esteve inconsciente até às sete horas. Isto foi seguido por um curto transe de vinte minutos. Saiu do transe inconsciente e assim permaneceu até quinta-feira, dia 9; depois recuperou por um curto período. Caiu então num estado de distração e assim permaneceu até sexta-feira de manhã às dez horas, quando recuperou, mas estava muito fraca. Esteve consciente até sábado à noite, quando entrou em espasmos, que continuaram a maior parte da noite sem um transe. Domingo de manhã, 12 de agosto, estava bastante animada, continuando assim durante o dia; tendo espasmos e um transe durante a noite.

Na terça-feira, 14 de agosto, estava sensivelmente na mesma que no dia anterior, até às oito horas, quando entrou num estado de distração, permanecendo assim toda a noite, e estava muito débil. Na quarta-feira, dia 15, apareceu em condição muito semelhante à do dia anterior, com os habituais episódios de espasmos e transes durante a noite. Na quinta-feira, dia 16, esteve muito mais confortável e tinha o uso do braço esquerdo, sendo capaz de conversar consideravelmente por escrito, mas às oito horas entrou num estado de distração,

estado no qual continuou até à meia-noite; depois entrou em espasmos e transes curtos, que continuaram até de manhã.

Na sexta-feira, dia 18, estava muito fraca; os espasmos e transes continuaram durante a noite, e ela permaneceu substancialmente na mesma condição até e durante a segunda-feira, dia 20. Na terça-feira, dia 21, permaneceu sensivelmente na mesma condição, tendo o uso do braço esquerdo e sendo capaz de comunicar por escrito, mas não era capaz de tomar qualquer alimento. Teve espasmos e transes durante a noite. Na quinta-feira, dia 23, queixou-se de sofrimento intenso na cabeça e teve espasmos e transes muito severos durante a noite. Na sexta-feira, dia 24, tinha ficado mais confortável e permaneceu assim durante o dia, com espasmos e transes curtos à noite. Permaneceu sensivelmente na mesma condição até domingo, dia 27, e nesse dia engoliu meia colher de chá de vinho e estava bastante animada, mas teve espasmos severos e transes curtos durante a noite.

A 28 de novembro apareceu em condição muito semelhante durante o dia, tendo espasmos e transes durante a noite, condição na qual permaneceu até quarta-feira, dia 30, quando sofreu severamente com a cabeça, tendo espasmos severos e transes curtos à noite. Na sexta-feira, dia 31, esteve muito débil durante o dia; à noite pareceu estar num estado de prostração, não tendo nem espasmos nem transes. Estava em grande aflição devido a dores em redor da cabeça. Continuou nesta condição, sofrendo grandemente durante o sábado. A 1 de setembro estava extremamente débil e não teve nem espasmos nem transes durante a noite.

Parecia extremamente fraca até domingo de manhã, depois recuperou. Permaneceu bastante confortável durante o domingo, mas estava muito fraca à noite; os espasmos e transes regressaram, e teve episódios de desmaio e grandes problemas com a ação cardíaca. A 3 de novembro continuava muito débil durante o dia, jazendo num estado de desmaio até à noite. Na terça-feira, dia 4, recuperou novamente e permaneceu bastante débil durante o dia; depois teve espasmos severos que duraram de trinta a quarenta minutos, e foram seguidos por um transe.

Na quarta-feira, dia 5, esteve bastante animada durante o dia, tendo espasmos e transes durante a noite, permanecendo sensivelmente na mesma condição até sábado, dia 8, quando pareceu novamente muito débil e queixou-se de dores terríveis em redor da cabeça, permanecendo sensivelmente na mesma condição até domingo de manhã, tendo espasmos e transes curtos durante a noite. Segunda-feira, 10 de setembro, estava novamente bastante confortável e continuou assim durante o dia; à noite teve espasmos muito fortes que duraram cerca de uma hora e foram seguidos por um curto transe.

Terça-feira, dia 11, estava a sofrer grandemente com a cabeça e os dentes, e esteve muito distraída à noite; teve espasmos que duraram uma hora e esteve muito inquieta durante a noite. Na quarta-feira, dia 12, esteve aparentemente mais confortável, contudo entrou num estado de distração que durou até às quatro horas

da tarde; depois queixou-se de sofrimento severo na cabeça e teve espasmos e transes à noite. Na quinta-feira esteve muito débil, queixou-se da cabeça e dos dentes, e teve espasmos severos seguidos de transes à noite. Na sexta-feira à noite, 14 de setembro, teve espasmos severos, estando o seu corpo contraído em várias formas, apresentando uma visão horrível.

Os seus membros inferiores estavam retorcidos (numa tripla torção) e os seus pés cruzados; permaneceu nesta condição até domingo, dia 16; nesse dia sofreu intensamente com os dentes e a cabeça, tendo espasmos fortes e transes durante a noite; estando a sua garganta fechada. Na segunda-feira, dia 17, esteve mais confortável durante o dia, mas teve espasmos severos seguidos de transes à noite, e permaneceu sensivelmente na mesma condição até quarta-feira, dia 19, dia no qual teve espasmos severos e transes curtos, sofrendo severamente com a cabeça e os dentes. Na quinta-feira, dia 20, tomou clorofórmio para relaxar as mandíbulas a fim de que alguns dos seus dentes pudessem ser extraídos. Entrou então em espasmos fortes, estando o seu corpo horrivelmente contraído, tomando várias formas, o que continuou por duas a três horas.

Ela caiu então num estado relaxado, aparentemente tendo a faculdade de sentir e sendo capaz de reconhecer através do sentido do tato; permaneceu nesse estado até à noite do dia 23; o seu poder de fala regressou nesse dia e continuou desde quinta-feira à noite, às sete e meia, até às quatro horas da tarde de domingo, quando a fala falhou novamente. Por vezes parecia consciente, mas não conseguia ver, ouvir nem reconhecer de forma alguma. Na segunda-feira, 24, esteve comparativamente na mesma condição durante o dia, mas à noite a sua respiração tornou-se muito difícil.

Na terça-feira, 25, continuava inconsciente, condição na qual permaneceu até quarta-feira, 26; na noite desse dia, pareceu estar num estado de desmaio, que durou das nove horas da noite até à manhã seguinte, quando recuperou e ficou num estado de semiconsciência, mas ainda incapaz de reconhecer quem quer que fosse.

"Na quinta-feira, 27, apareceu quase num estado sem vida; o seu corpo estava frio, teve calafrios durante o dia e a sua respiração era mal percetível. Na sexta-feira de manhã mostrou mais sintomas de vida, mas o seu corpo estava frio; sofria de calafrios e assim permaneceu até ao meio-dia, quando a sua circulação pareceu melhorar e a parte inferior do seu corpo ficou quente. No sábado, 29, recuperou um pouco, mas ainda era incapaz de reconhecer alguém de qualquer maneira que fosse. À noite a sua respiração tornou-se muito pesada; estava em grande aflição e sofreu de espasmos na garganta, que duraram cerca de três horas, entrando depois num estado de prostração, como se as suas faculdades naturais estivessem exaustas.

Permaneceu assim até às nove horas da manhã seguinte, altura em que recuperou e mostrou mais sinais de vida, continuando, contudo, muito débil. Na segunda-feira de manhã, 1 de outubro, recuperou, mas continuava muito fraca; era capaz de reconhecer; o poder de ver, ouvir e sentir regressou; permaneceu muito

débil durante a noite. (A Miss Crosby fala de o seu poder de ver ter regressado, mas o leitor não deve entender que, ao usar a palavra "ver", a Miss Crosby pretenda transmitir a ideia de que a Miss Fancher fosse capaz de ver através do uso dos órgãos naturais da visão; pois a Miss Crosby informou-me frequentemente de que, desde o momento em que a Miss Fancher perdeu a sua visão natural, esta nunca mais lhe regressou, mas ela via clarividentemente, possuindo o poder da sua visão espiritual.)'

"Na terça-feira, 2 de outubro, esteve novamente confortável, o que continuou durante quarta-feira, 3. Na quinta-feira, 4, sofreu severamente com a cabeça e o coração. Não teve nem espasmos nem transes. Na sexta-feira, 5, esteve muito débil e esteve num estado de distração por um longo tempo; entrou depois num curto transe; durante toda a noite sofreu severamente com a cabeça e esteve muito inquieta. No sábado, 6, continuou extremamente débil, grande parte do tempo num estado de distração; teve três transes à noite.

No domingo, 7, esteve mais confortável durante o dia, mas muito inquieta à noite; não teve espasmos à noite. Na segunda-feira, 8, esteve bastante confortável até à noite; sofreu então severamente com a cabeça. Na terça-feira, 9, sofreu com a cabeça e o coração; teve transes curtos durante a noite; entrou depois num estado de distração e permaneceu na mesma condição até domingo, 14, quando esteve mais confortável; não teve espasmos, mas teve transes curtos de dia e de noite, e sofreu com a cabeça e o coração, o que continuou de segunda-feira até terça-feira de manhã, dia 16; continuou sensivelmente na mesma condição, vivendo ainda sem qualquer alimento, e permaneceu nesta condição dia após dia, sofrendo com dores na cabeça e no coração.

Pela primeira vez desde 20 de setembro, o seu braço e mão esquerdos, o estômago e o pescoço contraíram-se, tornando-se distorcidos, e ela permaneceu aparentemente muito débil até quarta-feira, 24, dia no qual teve espasmos na garganta e na mão. Na quinta-feira, 25, teve espasmos na garganta pela manhã, e também no braço, durando uma hora; sofreu depois severamente com a cabeça e entrou numa condição de inconsciência, na qual permaneceu a maior parte do dia.

Na sexta-feira, 26, esteve mais confortável durante o dia; à noite teve espasmos na garganta, estômago e peito, e sofreu severamente com dores na cabeça. Teve espasmos e transes curtos durante a noite. No sábado, 27, continuou sensivelmente na mesma até segunda-feira, 29, dia no qual teve espasmos como no dia 26, e continua ainda a viver sem alimento."

Aqui termina o diário mantido pela Miss Crosby, tanto quanto me foi possível colocá-lo por ordem cronológica. Devo declarar, contudo, antes de inserir os factos adicionais, que ela me informou que manteve este registo a pedido do médico da Miss Fancher, a fim de que pudesse ser preservado um relato correto da sua condição, à medida que o seu caso se desenvolvia dia após dia. Abstive-me de usar,

em alguns casos, a sua linguagem exata, que era essencial para a informação do seu médico, mas que pode muito apropriadamente ser omitida deste relato.

CAPÍTULO VII

Continuação dos Registos

"No dia 4 de abril de 1866, a sua garganta fechou-se e, no dia 6, começou a ser alimentada por meio de clister, o que continuou por seis semanas. Depois de 31 de maio, ela foi incapaz de os reter, e foram descontinuados. Durante este tempo, as funções naturais de alívio eram raramente exercidas.

"28 de maio. Muito débil, sofrendo intensamente com a cabeça e o coração; às duas horas da tarde entrou num estado rígido, que durou de uma a duas horas; depois num transe, estando bastante rígida, e assim permaneceu até às onze e meia da manhã do dia seguinte, quando caiu em transes relaxados, permanecendo assim até sexta-feira à noite, 1 de junho; nessa noite, às oito horas, recuperou com esforço; respiração quase ausente; aparentemente exausta. Permaneceu neste estado até à manhã seguinte. Durante os dias em que esteve neste transe, foi alimentada com clister quatro vezes.

"A 2 de junho deu-se-lhe clorofórmio para relaxar as mandíbulas, a fim de lhe dar algum alimento. Pouco depois, entrou em espasmos muito severos que duraram duas horas; entrou depois num estado de inconsciência por um curto período, quando ficou enjoada e foi incapaz de reter qualquer alimento; sofreu intensamente até sábado, 9 de junho, quando a sua garganta se fechou e ela foi incapaz de tomar qualquer alimento. De 31 de maio a 28 de junho, foi incapaz de tomar qualquer alimento por qualquer via. Uma pinta de óleo de amêndoas doces foi usada para banhar o seu peito e intestinos entre 2 de junho e 24 de junho.

De 25 de maio a 28 de junho, as funções naturais da natureza para alívio foram muito raramente exercidas. A 5 de agosto deu-se-lhe clorofórmio para relaxar as mandíbulas a fim de lhe extrair os dentes, altura em que os seus músculos relaxaram e as funções naturais da natureza foram exercidas. Desde o dia 6 de agosto que as funções naturais do corpo para alívio não são exercidas (um período de três meses). Ela permanece agora nesta condição; os seus olhos, mandíbulas e mãos estão fechados, o seu braço direito puxado para trás da cabeça, os seus membros inferiores estão retorcidos numa tripla torção, tendo o uso de uma parte do braço e mão esquerdos, estando também os dedos da mão fechados; o único alimento que reteve no estômago de 4 de abril de 1876 até 27 de outubro foram quatro colheres de chá

de ponche de leite, duas de vinho, um pequeno pedaço de banana e um pequeno pedaço de bolacha."

Numa folha de papel separada, que acompanha o registo precedente da Miss Crosby, encontra-se o seguinte:

"Algumas das coisas notáveis que ela, a Miss Fancher, fez durante a sua doença são as seguintes: conseguia dizer a hora exata simplesmente passando a mão sobre o vidro do relógio; também dizia a hora exata do outro lado da sala; conseguia prever a aproximação de uma trovoada algumas horas antes de ela chegar; também conseguia dizer que os sinos de incêndio iam tocar, por vezes até cinco minutos antes de eles realmente tocarem.

Muitas vezes disse o que certas pessoas estavam a fazer em Nova Iorque, e até mais longe, e esteve sempre correta nas suas afirmações. Pessoas a tocar à campainha da porta de casa, ela conseguia reconhecê-las antes de entrarem em casa. Frequentemente, no seu estado de distração, imitava diferentes coisas e todo o tipo de personagens, às vezes cantando. Certa vez 'imitou' uma festa de casamento, incluindo a dança, a conversa, as vénias, os apertos de mão, o comer e o beber, o que foi feito de forma muito natural, na verdade.

"Certa vez esteve a caçar e a chamar o seu cão, e a carregar a sua arma, e a dar o seu gole de uísque, tudo isto feito com perfeição. Também executou muitas peças bonitas de bordado e outros trabalhos."

É de lamentar profundamente que a Miss Crosby tenha omitido dos seus registos relatos detalhados dos poderes maravilhosos que a Miss Fancher possui, e das coisas notáveis que ela faz através do seu uso. Detalhou apenas de uma forma geral, pelo seu próprio punho, alguns dos factos interessantes ligados ao caso, mostrando os poderes que a Miss Fancher possuía, os quais ocorreram de tempos a tempos durante os longos anos da sua doença. Afirmou, no entanto, a um grande número de pessoas, e entre outras a mim, em linguagem mais explícita, algumas das coisas notáveis que a Miss Fancher fez, e essas, dizem-nos, são apenas como duas em mil. Referir-nos-emos talvez, mais adiante, ao que poderá ter sido a causa que impediu um relato detalhado dos factos ligados a estas características interessantes do seu caso.

Notar-se-á que a Miss Crosby fala da Miss Fancher estar "num estado de distração", com bastante frequência, durante o período abrangido pelos seus registos. Ela disse que, neste estado de distração, a Miss Fancher parecia estar consciente da presença daqueles que não eram visíveis aos olhos de outros neste plano de vida, e também de cenas mais brilhantes, que tanto impressionavam a pobre rapariga atormentada pela dor, que ela chorava de desilusão quando era trazida de volta à

perceção de que não podia permanecer na esfera na qual lhe era espiritualmente permitido entrar e, por um breve período, partilhar com a sua mãe e amigos as alegrias e prazeres que eram deles.

Por vezes ela falava com eles e parecia plenamente consciente da sua presença; e que eles eram realmente visíveis para ela, e mantinham comunicação com ela, não pode ser negado sem prejudicar a nossa fé nos casos registados de tipo semelhante naquele Livro que é considerado como o mais sagrado de todos em todo o mundo cristão.

Dito isto em relação a algumas das fases do seu caso, que disposição se fará de, ou que inferências se tirarão da personificação de caracteres? Pois isto tem ocorrido com frequência, conforme sou informado pela Miss Fancher e pelos seus amigos, há muito tempo, alguns casos dos quais a Miss Crosby mencionou acima. Quando consideramos a terrível condição física em que esta pobre rapariga se encontrava; quando recordamos estes terríveis espasmos, pelos quais várias partes do seu corpo eram movidas com uma força incrível, o seu pescoço e garganta numa condição rígida e, com isto, o seu braço direito puxado sobre a cabeça, as mãos rigidamente fechadas, os membros inferiores retorcidos numa tripla torção, o que, como qualquer pessoa deve saber, é impossível sem separar as próprias articulações; que ela esteve curvada como um arco durante horas, encontrando-se a cabeça com os calcanhares, e depois os dedos dos pés puxados até à cabeça; que ela era arremessada, mergulhando como uma seta, para fora da cama — que pessoa, perante este estado de factos, pode conceber por um momento que ela recorresse a qualquer truque ou artifício, ou simulação, para produzir estas condições?

Se eu continuasse os registos mantidos pela Miss Crosby da condição da Miss Fancher de mês para mês, e de ano para ano, conforme ela os anotou, seria desinteressante para o leitor e de pouco benefício até para homens da medicina. Há tanta repetição resultante de uma descrição de sintomas contínuos por um período de tempo muito longo, que apenas serão mencionados assuntos de interesse especial.

Em vários locais, a Miss Crosby nota grande sofrimento para a Miss Fancher devido ao choque de trovoadas, que a lançavam em espasmos severos. Nota um caso em julho, quando foi feito um esforço para aliviar o seu sofrimento colocando-a numa cama de água. A mudança causou-lhe imediatamente um choque severo, lançando-a em espasmos que duraram um tempo considerável. Isto foi no dia 1 de julho. No dia 4 de julho, recebeu choques muito severos devido ao disparo de um canhão e da explosão de armas de fogo perto de sua casa. Uma pistola foi disparada na rua, por baixo da sua janela; ela foi lançada numa condição rígida e curvada na forma de um arco para trás, estando os seus membros ainda retorcidos, condição na qual permaneceu de cinco a dez minutos.

A 20 de setembro, a Miss Crosby faz a seguinte nota:

"Durante o dia esteve bastante confortável, mas à noite teve maus espasmos na cabeça, garganta, pálpebras e também na mandíbula, e a sua mão direita estava constantemente a contrair-se, o que continuou por três dias. No dia 21 de setembro foi capaz de articular sons e tomar um pouco de alimento. Entrou então em espasmos severos, afetando todas as partes do seu corpo, que era lançado em várias formas. Ela nota que no dia 28 de fevereiro, provavelmente de 1868, não sendo indicado o ano, foi dado algum clorofórmio à Miss Fancher e, em vez de entrar em convulsões, entrou num transe e ficou num estado perfeito de êxtase, tempo durante o qual esteve a conversar com a sua mãe no céu; as suas pálpebras relaxaram, o seu poder de fala regressou e ela afirmou que estava a ter uma visita encantadora com a sua mãe no céu, condição na qual permaneceu por duas horas."

Estes registos mostram que a Miss Fancher esteve naquilo que a Miss Crosby denomina um estado de distração, por um período de uma hora ou mais, com muita frequência. Num caso, ela menciona o facto de a Miss Fancher parecer muito perturbada com a presença da sua mãe, ou de estar de alguma forma a conversar com a sua mãe.

A Miss Crosby faz menção frequente de a Miss Fancher possuir uma força não natural. Que ela recebia um suprimento de força de alguma fonte desconhecida para os que a assistiam, parece muito certo; pois de que outra forma poderia a vida ter sido mantida por um período tão longo?

Ocasionalmente expetorava sangue, aparentemente dos pulmões, o que certamente a enfraqueceria grandemente. Como foi possível manter a vida por vários anos durante o tempo em que os seus sofrimentos eram tão grandes e o alimento que recebia era tão reduzido, é muito misterioso. Em uma ou duas ocasiões, quando tentavam forçar-lhe alimento, que o seu estômago rejeitava e que lhe causava grande angústia, em resposta à observação da Miss Crosby de que era necessário que ela o recebesse para manter a vida, diz-se que ela respondeu que recebia sustento de uma fonte que a Miss Crosby desconhecia.

Algumas pessoas sem dúvida desacreditarão a possibilidade de ela ter recebido qualquer sustento de mãos ou fontes invisíveis, enquanto outras acreditarão que a Miss Fancher declarou o que era a verdade. Aqueles que estudaram tais casos de um ponto de vista espiritual elevado, acreditarão prontamente que muitas pessoas que estão a sofrer, e em grande angústia, são frequentemente aliviadas e socorridas por ajuda do alto. Isto leva-nos a uma consideração mais completa de algumas das

coisas notáveis que a Miss Fancher fez, e faz de tempos a tempos agora, durante a sua longa doença, das quais é feita uma breve menção pela Miss Crosby.

Foi transmitida ao público uma impressão errónea, através de afirmações incorretas relativas ao exercício dos poderes da Miss Fancher, supondo muitas pessoas que ela é capaz, em todo e qualquer momento, de ver para além do seu quarto e das redondezas imediatas, e que é capaz de descrever o que está a ocorrer em locais remotos. Não é este o caso. Ela encontra-se num estado peculiar quando é capaz de ver para além das paredes do quarto em que jaz; e, no entanto, ela está muito frequentemente nessa condição.

Quando nessa condição, habitualmente não mantém conversa com amigos presentes na sala, mas parece estar numa espécie de condição de transe, na qual, se o seu espírito não abandona o corpo, certamente olha para além do meio material, que bloqueia a visão de outros, e ela vai ter com os seus amigos em diferentes lugares e nota o que eles estão a fazer. Ela olha em redor da cidade e vê o que está a acontecer, e ainda assim regressa a si mesma e repete onde esteve e o que viu.

Como ilustração, e em prova disto, darei aqui um incidente do meu próprio conhecimento, que é digno de registo.

Há cerca de quatro anos, visitei-a e, durante a minha visita, ela informou-me que, numa certa noite que mencionou, tinha estado em minha casa e me tinha visto, e notado o que eu estava a fazer; e descreveu a minha presença, por volta das onze horas da noite, com um cavalheiro alto, de figura magra e esguia, e de tez morena; e pediu-me para retroceder e situar-me nesse momento. Após considerável dificuldade, consegui fazê-lo e informei-a de que tinha recebido a visita de um amigo do campo e, nessa altura, estava no quarto dele, tendo alguns momentos de conversa com ele antes de ele se retirar.

Aconteceu que a Miss Fancher tinha relatado o que vira ao Sr. Sargent, que por acaso estava presente na altura em que a visitei, e que corroborou a afirmação dela. A Miss Fancher certamente não tinha meios de saber, que eu consiga conceber, onde eu estava naquela altura, nem da presença do amigo em minha casa. Agora, segue-se um aspeto notável deste caso.

Durante o inverno de 1882 este cavalheiro, que é o Hon. H. D. Sisson, de New Marlboro, Mass., com o seu cunhado, o Sr. Blodgett, visitaram-me uma noite e convidei-os a acompanharem-me à casa da Miss Fancher, o que eles fizeram. Ao entrar no quarto, perguntei à Miss Fancher se alguma vez tinha visto algum dos cavalheiros antes. "Ora, não", disse ela; "eles nunca estiveram aqui antes"; depois

exclamou: "Oh, sim, este é o homem que vi em sua casa" (apontando para o Sr. Sisson) "naquela noite. Ele mudou um pouco, mas é o homem."

O Sr. Thomas Townsend, da cidade de Nova Iorque, que, tal como a sua esposa, é um amigo próximo e querido da Miss Fancher, e que testemunhou inúmeros casos do exercício dos seus poderes notáveis, faz-me menção do seguinte incidente divertido, que interessará ao leitor:

Não é invulgar que os amigos da Miss Fancher brinquem e se riam com ela sobre os seus numerosos admiradores, e perguntem por todos os seus pretendentes, e digam muitas coisas ridículas, a título de diversão, e recebam réplicas em troca, pois a Miss Fancher é uma senhora extremamente espirituosa e de fala perspicaz.

A Sra. Townsend, esposa do cavalheiro em questão, estava na altura de visita a Miss Fancher, e o Sr. Townsend vinha do seu escritório em Nova Iorque, atravessando a balsa de Wall Street, para se encontrar lá com a sua esposa. A Miss Fancher caiu num transe e, enquanto estava nesse estado, a Sra. Townsend observou um sorriso passar pelo seu rosto, como se ela estivesse a observar algo que a divertia. Ao sair dessa condição, perguntou à Miss Fancher onde tinha estado e o que tinha visto. A Miss Fancher desatou a rir, mas não quis contar.

Em pouco tempo, o Sr. Townsend apareceu e logo depois começou a meter-se com a Miss Fancher, fazendo-lhe inúmeras perguntas, quando subitamente, para surpresa dele, ela virou-se e disse: "Olhe aqui, meu caro, tenha muito cuidado; era uma jovem muito bonita aquela que o senhor estava a escoltar na balsa, e parecia estar muito interessado nela." Foi então a vez de o Sr. Townsend corar, e ele confessou que atravessara a balsa com uma jovem sua conhecida e estivera a ter uma conversa muito interessante com ela, quando, obviamente sem que ele soubesse, a Miss Fancher se aproximara; mas de que modo ou por que via, o leitor deverá determinar por si próprio.

Ela viu o Sr. Townsend e foi capaz de descrever a jovem, para grande surpresa e espanto dele. Desta forma, ela tem visitado as casas de amigos e, conforme será relatado pelo Sr. Sargent, ela esteve com ele quando este se encontrava a quase mil milhas de distância, e descreveu as suas redondezas e as pessoas presentes tão minuciosamente, antes de qualquer declaração da parte dele, que duvidar dos seus poderes seria absurdo. Muitos e rigorosos testes foram feitos para determinar o facto da sua clarividência, e não tenho conhecimento de que qualquer pessoa que tenha feito o teste tenha qualquer dúvida de que ela possui esse dom tão interessante e notável.

Os olhos da Miss Fancher estão habitualmente fechados, mas, ao mesmo tempo, é a convicção de alguns amigos, bem como a minha, que o nervo ótico não está totalmente destruído, mas sim paralisado, porque ela é sensível à luz; uma luz forte é-lhe extremamente dolorosa. Ela vê melhor num quarto escurecido, e a luz de um bico de gás remoto é sempre resguardada, bem como reduzida, para que não seja projetada sobre o seu rosto.

Não há muito tempo, enquanto discutia a condição dos seus olhos com o Sr. Sargent na presença da Miss Fancher, este expressou a opinião de que ela, de alguma forma, embora não soubesse exatamente como, conseguia ver através dos seus órgãos de visão. Fiquei muito espantado e perguntei-lhe se não tinha feito nenhum teste para determinar essa questão, e fiquei ainda mais surpreso quando ele me disse que não. Levantei-me imediatamente e cobri-lhe os olhos de forma segura, colocando um lenço duplo sobre eles e cobrindo a parte inferior do seu rosto, enquanto ela jazia na cama. Não houve um movimento que qualquer um de nós pudesse fazer, ou uma coisa que pudéssemos realizar, que ela não conseguisse descrever-nos distintamente, com tanta prontidão como qualquer um de nós o teria feito se o mesmo tivesse sido feito diante dos nossos olhos. Tantos testes rígidos foram feitos aos poderes da Miss Fancher nesta direção, que o testemunho humano falha o seu propósito se não se acreditar que a Miss Fancher é, por vezes, mais ou menos clarividente. Ela é muito mais clarividente nuns momentos do que noutros.

Quando o dia está sombrio e escuro, ou grandes tempestades se aproximam, as condições atmosféricas parecem afetá-la muito sensivelmente, e então a sua visão clarividente fica muito prejudicada. Ela vê melhor e lê com mais facilidade quando o quarto está tão escuro que os outros mal conseguem ver a letra impressa. Os céticos mais endurecidos nestas matérias foram compelidos a sucumbir quando na presença da Miss Fancher.

Surgiu a questão, e será naturalmente sugerida: como é que a Miss Fancher vê para além das paredes do seu quarto, pelo qual está cercada? Como pode ela ver e descrever pessoas que estão na rua e estão a tocar à campainha da sua porta? Certamente nenhuma visão humana, tal como é ordinariamente exercida, pode penetrar através das paredes da sua habitação e ver através dos pisos compostos por madeira, tijolo e argamassa? Será por visão espiritual?

Será que o seu espírito, mantendo ainda relação suficiente com o corpo para manter o seu lugar e posse sobre as formas materiais, sai através desta para outras substâncias materiais e, pelo uso da sua visão espiritual, discerne o que está a ocorrer? A afirmativa pareceria certamente a única resposta que se pode dar, a menos que recorramos à teoria, que passou a ser um passatempo para uma certa classe de pessoas, de que tal é feito por meio da leitura de pensamento. Mas a

questão surgirá naturalmente: que leitura de pensamento poderia haver em ela ver e descrever pessoas que lhe são inteiramente estranhas, e que não a têm em mente, e de quem ela nunca ouviu falar?

O Sr. Sherk mencionou um incidente interessante que aqui fica registado, ao qual se pode agora fazer referência apropriada ao considerar esta sugestão. Ele enviou um homem ao seu serviço à casa da Miss Fancher, descrevendo-a e dizendo-lhe para subir um lanço de escadas, ir para a sala da frente e ali pendurar um certo quadro, que ele levou consigo. Ele dirigiu-se ao local, entrou na sala e começou a sondar a parede à procura de uma viga onde um prego pudesse ser cravado com segurança. Enquanto estava ocupado nessa tarefa, ouviu uma voz a criticar a maneira como estava a fazer o trabalho.

Olhou em redor e não viu ninguém na sala, e supôs estar completamente sozinho. Estava algo nervoso e prosseguiu com o seu trabalho, quando foi novamente criticado por uma voz desconhecida, de onde ele não conseguia ver, dizendo-lhe que não tinha colocado o quadro no centro, e novamente que não estava pendurado direito. Ele ficou assustado, terminou o seu trabalho apressadamente e saiu de casa, e informou o Sr. Sherk de que não gostava de ser enviado para locais onde pudesse ouvir vozes sem ver a pessoa que falava.

Na realidade, a Miss Fancher estava na sua cama no quarto de trás, que estava fechado por portas de correr da sala da frente, e pela sua visão clarividente foi capaz de discernir o que o cavalheiro estava a fazer e de falar suficientemente alto para ser ouvida através das paredes, ao criticar o trabalho do pobre rapaz, que ficou apavorado.

CAPÍTULO VIII
Da Condição da Miss Fancher e do Transe

Alcançámos agora um ponto no relato dos eventos da vida da Miss Fancher em que o leitor deve ser informado de algumas características da sua atual condição física, e de algumas das fases peculiares do seu caso, para compreender adequadamente o que já foi relatado e o que resta escrever. Já demos o seu relato dos factos que levaram ao longo transe, como ela o denomina, quando perdeu da sua vida toda a recordação do que transcorreu durante um período de nove anos; e como, quando acordou para a consciência, para ela foi como que do sono de uma única noite, e na memória recomeçou a sua vida onde a deixara nove anos antes.

Foi feita menção à condição rígida do seu braço direito durante esses nove anos, sendo mantido para cima e sob a nuca; e das suas mãos rigidamente fechadas, excetuando os polegares e uma parte dos dedos indicadores. A posição e a condição

dos seus membros inferiores devem ser descritas mais minuciosamente. Diz-se que estiveram retorcidos um no outro, como os cordões de uma corda, e que permaneceram assim por nove anos. Isto certamente parecerá à maioria das pessoas como absolutamente incrível e impossível, a menos que fosse feito pela aplicação de algum instrumento de tortura.

Não posso atestar a veracidade desta afirmação por conhecimento pessoal, mas que é literalmente verdade acredito firmemente, e darei as minhas razões e autoridade. Para além do testemunho de outros, posso dizer pelo meu próprio conhecimento que as articulações dos seus membros estão aparentemente separadas, deixando espaços nas articulações onde um dedo pode ser facilmente pressionado, mostrando que os ossos estão afastados. A articulação do tornozelo está afastada e os pequenos ossos do pé parecem estar separados; como se vê claramente ao examinar o peito do pé. A sola do pé está voltada para cima de tal modo que mostra um deslocamento do tornozelo; e asseguram-me que as cabeças dos fémures estão aparentemente fora das suas cavidades e incrustadas nas suas virilhas.

Os seus membros inferiores estão puxados um pouco para cima, e os tendões sob os seus joelhos são duros e aparentemente tão inflexíveis como o aço. Todas estas condições foram produzidas por ação espasmódica. Atualmente, quando se encontra nas suas condições espasmódicas, é necessária uma proteção em redor da sua cama para evitar que ela seja projetada para o chão, o que, infelizmente, ocorreu em diversas ocasiões, apesar destas e de outras precauções; e tais salvaguardas têm sido necessárias desde que ela foi acometida pela primeira vez pela ação espasmódica, há quase vinte e oito anos.

O caráter destas ações espasmódicas está para além da simulação ou imitação. Por vezes é mais marcado nalguma parte do seu corpo onde a ação muscular natural é impossível. É rápido, violento e frequentemente continua por um tempo considerável. Agita a sua cama e, por vezes, o chão do seu quarto. Os seus espasmos cardíacos são de um caráter que horroriza aqueles que não estão familiarizados com o seu caso. Que a morte não ocorra imediatamente é assombroso. Atualmente, o seu corpo é pesado e a carne macia. Há cerca de sete anos, foi projetada nos seus espasmos da cama e bateu com a nuca, quase deslocando o pescoço. Este infortúnio aumentou grandemente os seus sofrimentos.

Após este último acidente, existe na nuca algo como um aumento de volume semelhante a um inchaço, que parece ser de caráter permanente. Ela sofre dores severas no coração e em redor dele, e também tem dores na cabeça. Quando as ações cardíacas espasmódicas são mais severas, surgem em redor dos seus olhos grandes anéis escuros, apresentando a aparência de sangue pisado após um golpe severo. Estas marcas desaparecem quando ela recupera de um dos seus ataques graves.

Pode, penso eu, dizer-se com verdade que Mollie Fancher nunca dorme, no sentido em que os outros o fazem. O sono é uma exigência natural. É afirmado por muitos e, creio eu, bastante comummente acreditado, que a mente nunca está em repouso perfeito. Cada parte dos nossos corpos requer repouso, exceto talvez o coração e os órgãos respiratórios, que mantêm ação suficiente para sustentar a vida. O sono traz muitas mudanças necessárias, e é impossível que a Miss Fancher tivesse vivido todos estes anos sem ele, a menos que de algum outro modo o descanso necessário lhe tenha chegado.

Nos seus próprios relatos sobre os esforços do seu médico para quebrar os seus transes e espasmos, ela afirmou que ele era perdoavelmente ignorante sobre o papel que eles desempenhavam na sua condição de vida alterada; que sem eles ela teria morrido. Eles proporcionavam-lhe um descanso necessário; e, contudo, são muito diferentes de um sono natural. Ninguém suporia naturalmente que qualquer descanso pudesse vir para a mente ou para o corpo durante o período causado por tais espasmos como os descritos. Mas ordinariamente ela está inconsciente quando nessa condição. Quando essa condição é precedida ou seguida por um transe, e quando no estado de transe, para a maioria das pessoas ela pareceria estar numa condição semelhante a um sono profundo. É muito provável que esta seja, até certo ponto, uma conclusão correta. Como se distingue do sono será agora explicado.

O Transe.

Já foi feita menção considerável, e mais será necessariamente exigida, sobre a suposta ou real condição de Transe da Miss Fancher. O leitor deve formar as suas próprias conclusões quanto ao que as suas condições realmente são. Antes de descrever mais plenamente os seus sintomas e experiências enquanto na condição de transe, pode ser útil definir o que habitualmente se supõe que um transe seja.

Webster dá, entre outras, as seguintes definições da palavra transe:

Um estado em que a alma parece ter passado para fora do corpo para um outro estado de ser, ou estar arrebatada em visões; um êxtase.

(Em Medicina.) A suspensão total do poder mental e do movimento voluntário, continuando a pulsação e a respiração, sendo os músculos flexíveis e o corpo cedendo a e mantendo qualquer posição dada que não seja incompatível com as leis da gravidade; catalepsia.

Tanto o Antigo como o Novo Testamento contêm relatos do que diferentes pessoas dizem ter visto e ouvido enquanto em transe. Nos capítulos 10 e 11 dos Atos são narradas as visões de Pedro quando ele caiu num transe. Na conversão de Paulo,

este viu uma grande luz e caiu por terra e ouviu uma voz a falar-lhe. Ele diz que os que estavam com ele ouviram a voz, mas não viram homem algum (Atos, capítulo 9). Em II Coríntios, capítulo 11, Paulo relata — se de si próprio ou de outro deixa-nos inferir, mas evidentemente as suas próprias experiências — e diz:

"Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu.

"E sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe).

"Como foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito pronunciar."

No versículo seguinte ele explica que as suas razões para não dizer que fora ele quem vira a visão e fora assim arrebatado em transe, são para que outros não pensem que ele estava acima do que parecia ser.

Precedendo o relato da sua maravilhosa visão em Patmos, João descreve-se como estando no espírito no dia do Senhor, e ouviu atrás de si uma grande voz, como de trombeta, e que, quando virou a cabeça, o que viu fez com que caísse como morto. (Apoc., cap. 1.) Depois de ter relatado a sua visão, encerra no capítulo 22, v. 8-9, dizendo:

"Eu, João, sou o que ouvi e vi estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me para adorar aos pés do anjo que mas mostrava.

"Mas ele disse-me: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus."

O profeta Joel, capítulo 2, versículos 28 e 29, diz:

"E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.

"E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito."

Ver também Atos, capítulo 2, versículos 14 a 22.

As condições de transe são de ocorrência rara e maioritariamente limitadas a pessoas em condições delicadas de saúde, a menos que induzidas por esforço no

indivíduo. Condições de transe têm ocorrido, se se puder confiar na história, em todas as eras de que temos conhecimento atual através de dados históricos. Emanuel Swedenborg afirmou ter tido visões e ter ouvido as vozes de anjos e espíritos que o dirigiam nos seus escritos. O mesmo se pode dizer de Maomé. Que os profetas mencionados nas Escrituras estavam habituados a preparar o caminho para o arrebatamento e visões é certo. Daniel diz: "E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e rogos, com jejum, e saco, e cinza." Daniel, capítulo 9, versículo 3.

"E, estando ele falando comigo, caí com o meu rosto em terra, num profundo sono; ele, porém, me tocou e me fez estar em pé." Daniel, capítulo 8, versículo 18.

"Naqueles dias, eu, Daniel, estive pranteando três semanas inteiras. Manjar desejável não comi, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo, até que se cumpriram as três semanas inteiras." Daniel, capítulo 10, versículos 2, 3 e 4. Segue-se então a descrição de Daniel sobre a grande visão que lhe foi apresentada. No versículo 7 ele diz:

"E só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram; contudo, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se." No versículo 9 ele diz: "Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo a voz das suas palavras, eu caí com o meu rosto em terra, num profundo sono."

Será provavelmente possível para alguns dos que lerem este livro recordarem o efeito produzido em certas pessoas religiosas, com temperamentos nervosos, pelos reavivamentos entre os Metodistas, há muitos anos. Não era invulgar ver, por entre as orações fervorosas e gritos, uma ou mais pessoas erguerem os braços e caírem para trás em condições aparentemente inconscientes, e assim permanecerem por bastante tempo. Eram descritas como estando num transe. O que afirmavam ter experimentado enquanto nessas condições, nunca compreendi totalmente. Que estavam num estado de grande êxtase é bastante certo, e a sua condição pareceria ter sido produzida pela excitação, mais do que pelas condições que precederam o arrebatamento das diferentes pessoas mencionadas nas Escrituras.

Alguns dos leitores destas páginas podem sentir que as citações bíblicas poderiam ter sido omitidas. Os sentimentos de todas as pessoas em matérias religiosas são dignos de respeito, e as citações não são feitas com vista a exaltar indevidamente a condição da Miss Fancher ou as suas visões na mente do leitor. Foram feitas com o propósito de explicar mais plenamente a que pode a palavra "Transe" ser corretamente aplicada.

É bastante comum agora, entre uma certa classe de pessoas religiosas, falar de uma pessoa estar em transe por um espírito, o que se entende representar a pessoa como tendo os seus poderes mentais e talvez físicos subordinados à vontade e controlo de um espírito ou de um anjo. O exercício de funções ou a enunciação de pensamentos para além do poder normal do indivíduo é, no Novo Testamento, mencionado como a posse ou exercício de dons espirituais. Ver os capítulos 12, 13 e 14 de 1 Coríntios e 1 João (Epístola), capítulo IV.

Nos tempos antigos, os profetas eram chamados videntes. Nestes dias, um vidente é chamado uma pessoa que possui o poder ou dom da segunda vista; mais comummente agora chamada clarividência. Uma pessoa que possui o dom de ouvir o que outros, na sua condição normal, não ouvem, diz-se ser clariaudiente. Faz-se menção ao significado destes termos para benefício dos poucos que possivelmente não estejam familiarizados com eles. Mantendo estas coisas em mente, os leitores serão capazes de tirar as suas próprias conclusões quanto à natureza e caráter de alguns dos notáveis poderes exercidos por Mollie Fancher.

CAPÍTULO IX

"Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo." — João 9:25
Quem Sou Eu?

Antes de avançar nos detalhes de algumas das características notáveis do caso da Miss Fancher, será necessário declarar, e manter em mente, que cerca de uma semana antes do primeiro dia de junho de 1866, a Miss Fancher entrou num transe e que não tem qualquer recordação do que transcorreu durante essa semana. Que, ao sair do transe no primeiro domingo de junho, encontrou algumas pessoas no seu quarto — o Dr. Robert Spier e outros amigos e familiares que estavam interessados no seu caso e preocupados com a sua condição.

O Dr. Robert Spier comentou com ela, tirando o seu relógio: "Quando venho aqui, fico sempre mais tempo do que pretendo. Devia estar em casa hoje à uma hora para o jantar; íamos comer uma empada de frango (chicken pot-pie), e sabe que isso nunca é bom quando está frio." No dia seguinte, a Miss Fancher entrou noutro transe e, desse dia em diante, durante os nove anos subsequentes, ela não tem qualquer recordação de nada do que ocorreu, ou de qualquer coisa que tenha dito ou feito.

Durante esse período, o seu braço direito esteve levantado numa condição rígida por trás da cabeça, e os dedos de ambas as mãos, direita e esquerda, estiveram rigidamente fechados. Ela tinha o uso do braço esquerdo. Durante esses nove anos,

teve espasmos e transes; por vezes os olhos voltavam-se para cima e para trás na cabeça, mas permaneciam sempre sem visão. Durante esses nove anos, conforme sou informado por autoridade inquestionável, ela escreveu mais de seis mil e quinhentas cartas, trabalhou cem mil onças de lã, fez uma vasta quantidade de bordados finos e uma grande quantidade de belíssimos trabalhos em cera, cortando e colorindo as flores e folhas da maneira mais engenhosa e perfeita.

Quando o uso das duas mãos era necessário, o trabalho era feito acima da cabeça, sendo a mão esquerda levada para cima para encontrar a posição da mão direita conforme descrito. A sua escrita era feita inserindo um lápis ou caneta entre os dedos fechados da mão esquerda, na palma, de modo que o instrumento ficasse preso no punho. A sua caligrafia era muito regular e bonita, e os seus poderes de composição muito superiores.

Fez inúmeras amizades durante esse tempo, pois o seu quarto era constantemente visitado por estranhos de todas as partes do país, ansiosos por vê-la e conversar com ela. Entretanto, os jornais tinham publicado extensos relatos sobre as características notáveis do seu caso, vários dos mais completos e fiáveis dos quais serão incorporados neste volume e são garantidos como corretos por pessoas familiarizadas com os factos.

Ao fim de nove anos, ela entrou num transe que durou um mês, ao fim do qual o seu braço direito relaxou da sua condição rígida, as mãos abriram-se, os membros destorceram-se e, ao recuperar a consciência, ela olhou em redor do quarto. Observando o Dr. S. Fleet Spier, irmão do Dr. Robert Spier, presente no quarto, exclamou: "Então, Doutor, o seu irmão chegou a casa a tempo da empada de frango?" Olhou depois em redor do quarto e achou-o com uma aparência algo mudada. Olhou para a sua tia, a Miss Crosby, e exclamou: "Ora, tia! O que aconteceu às tuas bochechas vermelhas? Estás tão velha e mudada."

O seu irmão, que era um rapaz de treze anos na altura em que ela perdera a consciência nove anos antes, aproximou-se da cama. Foi imediatamente repelido como sendo demasiado familiar para um estranho; e quando lhe disseram que era o seu irmão, ela não conseguia acreditar que um rapaz pudesse mudar tanto no que lhe parecia ser apenas um momento de tempo — para um homem de bigode. Centenas de pessoas que tinham feito amizade com ela durante esses nove anos, ela não conseguiu reconhecer, e tiveram de lhe ser apresentadas e travar conhecimento de forma formal.

Ela desatou a chorar ao perceber que estivera nove anos num sono, para acordar em condições tão mudadas. Quando lhe contaram o que tinha feito e lhe mostraram o trabalho das suas próprias mãos, não conseguia acreditar no que era

dito, nem reconhecer o trabalho. Foi-lhe mostrado um diário que tinha mantido durante esse tempo e, por este diário, foi forçada a acreditar no que estava escrito pela sua própria mão, embora fosse muito diferente da sua caligrafia anterior. Descobriu que, pegando na caneta com a mão esquerda, conseguia escrever pronta e rapidamente no estilo idêntico ao contido no diário, o que, para ela, foi muito conclusivo de que o diário tinha de ter sido mantido por si mesma.

Ela diz: "Pensamentos estranhos vieram-me à mente e sensações estranhas percorreram-me. Quando olhei para as flores de cera, o trabalho das minhas mãos, não conseguia perceber que tinham sido feitas por mim. Eram-me repugnantes. A sensação que experimentei foi a de que eram o trabalho de alguém que estava morto. Descobri que não conseguia fazer alguns tipos de trabalho que tinha feito sem aprender novamente como.

Não conseguia conceber que um período tão longo tivesse passado na minha vida, e que eu fosse parte do mesmo ser que tinha feito o trabalho, travado os conhecimentos e tido as experiências que cobriam esses nove anos. Eu era, e ainda sou, um enigma para mim própria. Se alguém puder dizer quem sou e o que sou, depois de ter ouvido as restantes experiências e características da minha vida, eu ficaria feliz que o fizessem.

Dizem-me que existem outras cinco Mollie Fanchers que, juntas, perfazem a totalidade da Mollie Fancher conhecida pelo mundo; quem são e o que são, não posso dizer nem explicar, apenas posso conjeturar. Entro em transes e condições espasmódicas, por vezes durante o dia, mas mais usualmente por volta das dez ou onze horas da noite, e saio deles novamente, estando geralmente inconsciente do que passou, mas às vezes percebo e recordo-me distintamente de onde estive, de quem e do que vi e observei.

Parece-me, por vezes, que vou a várias partes do país ou da cidade, e vejo pessoas e lugares, e sei o que está a transcorrer; e sempre que o faço, e me dou ao trabalho de averiguar com as pessoas que visito nestas ocasiões se elas estavam nos locais onde as vi e se estavam a fazer as coisas que as vi fazer, se elas são capazes de recordar as circunstâncias de todo, invariavelmente satisfazem-me de que, de alguma maneira inexplicável para mim, ou eu estive ausente do corpo e estive com elas, ou fui capaz de fazer as minhas observações sem a obstrução de objetos materiais, sem ser afetada pela distância.

Estive muitas vezes a centenas de milhas de distância, na verdade até ao Michigan, para observar o paradeiro do Sr. Sargent, meu sócio e amigo, e vi e observei o que ele estava a fazer; e quando questionado por mim no seu regresso sobre o mesmo, informou-me de que eu declarei corretamente onde ele estivera e o que estava a fazer. Por mais incríveis que estas coisas possam parecer a outros, visto

que até agora me abstive de fazer declarações para a satisfação do público, sou instada pelos meus amigos e estou convencida de que é meu dever fazer um relato imparcial das minhas próprias experiências, não expressando qualquer opinião sobre como são causadas, deixando que isso seja resolvido por outros.

Foi acusado e afirmado que esta publicação está a ser preparada no interesse daquilo que é comummente conhecido como Espiritismo. Nada poderia estar mais longe da verdade, no que me diz respeito; e acredito que o mesmo seja verdade em relação a outros interessados nesta publicação. O trabalho está a ser feito no interesse do mundo médico e científico e a pedido fervoroso de amigos.

Tenho sido repetidamente solicitada a tentar desempenhar o papel de médium para comunicações espirituais, e tenho invariavelmente recusado tentar algo do género, porque não me considero, nem me considero capaz de responder a tal exigência; mas deverei recusar dar respostas verdadeiras às perguntas que me são colocadas pelo meu biógrafo sobre se estou consciente, em qualquer momento, da presença daqueles meus amigos e outros que se diz estarem mortos? Seria justo e correto eu recusar responder a essas perguntas? Já foi afirmado por muitos dos meus amigos, e foi publicado há muitos anos, espalhado pelo mundo, que quando saio dos meus transes, às vezes fico triste por ter sido tirada de condições mais brilhantes e melhores noutro mundo do que as que encontro neste. Foi dito, como o público geralmente sabe, que falo frequentemente de ter visto a minha mãe e outros amigos ao meu redor que estão mortos. Então, em resposta a estas perguntas, digo franca e verdadeiramente que por vezes, pelo menos em espírito, longe das cenas deste mundo, estou com amigos em lugares mais celestiais. A minha consciência destas coisas é para mim tão real como as experiências da minha vida sobre esta terra.

Vejo frequentemente a minha mãe e outros amigos ao meu redor e, nos meus dias sombrios de doença, dor e sofrimento, e quando o meu espírito está abatido, consigo ouvir a sua voz terna a dizer-me palavras de ânimo, pedindo-me para 'aguentar, ser brava e suportar'. Quem sobre esta terra, com o corpo e os membros atormentados e desconjuntados pela doença, e horrivelmente contraídos, e acamado por mais de vinte e sete anos, não ansiará por ser libertado da dor e do sofrimento, mesmo que esse alívio só se encontre na aniquilação total?

Dez mil vezes eu teria aceitado essa alternativa, para ser libertada dos meus sofrimentos. Por vezes vi ao meu redor, e ao redor dos meus amigos que me vêm visitar, as formas angélicas daquelas pessoas que se supõe estarem mortas. Se vejo o que me parece ver, e ouço o que me parece ouvir, deixo que outros formem as suas próprias conclusões. Sei o que vejo tão bem como eles sabem o que veem.

Um por um, os meus amigos partiram, e que incursões foram feitas no seu número durante estes vinte e sete anos, outros podem imaginar. Aqueles a quem mais amei, que estiveram próximos, foram gentis e ternos comigo, foram na sua maioria levados; e quando me dizem que eu deveria ficar satisfeita por estar consciente, por vezes, da sua presença espiritual, tenho dito repetidamente que não é tudo o que quero neste mundo; quero sentir o toque material das suas mãos, ouvir as suas vozes e experimentar a impressão do seu beijo nos meus lábios como outrora.

O que quer que outros possam pensar e sentir em relação a estas experiências, até que eu seja libertada dos laços que me prendem na carne, será sempre uma fonte de mágoa e tristeza perder da minha vida natural aqueles que me são verdadeiros e queridos.

Já falei de outras Mollie Fanchers, que se diz serem partes da única Mollie Fancher conhecida pelo mundo. Diz-se que elas vêm uma após outra, maioritariamente durante o tempo da noite, quando estou inconsciente. A minha biografia cobre a minha recordação e experiências desde a infância até ao tempo presente, deixando de fora os nove anos de que já foi feita menção. Diz-se que durante a noite, ao passar do transe e das condições espasmódicas, recupero a consciência e falo e ajo de forma diferente do que faço habitualmente.

Diz-se então que me recordo apenas de certos eventos da minha vida, e que durante esses tempos vejo e falo apenas com aqueles que possam estar presentes e com quem esteja bem familiarizada. Depois diz-se que passo para outro transe e condição espasmódica, e então recupero a consciência novamente, e então apareço e ajo como outra pessoa, mas ainda assim apenas estou consciente de certos eventos da minha infância; e assim por diante, até ocorrerem quatro mudanças diferentes, e em cada caso, a Mollie Fancher que aparece recorda-se e está apenas consciente dos eventos da vida daquela única Mollie Fancher. Todas estas coisas me são contadas. Nada sei delas por mim própria.

Quando recupero a consciência, não tenho qualquer recordação de nenhuma destas mudanças ou personificações, sejam elas o que forem, de que estive a falar. Diz-se-me que em nenhuma destas mudanças qualquer uma das chamadas Mollie Fanchers se recorda de qualquer um dos eventos dos nove anos de que falei. O meu médico disse, perante estas mudanças e experiências notáveis, que não ficaria surpreendido se eu, ou uma chamada Mollie Fancher, acordasse para a consciência dos eventos desses nove anos.

Ao fim desses nove anos, eu conseguia usar a minha mão esquerda com bastante prontidão e talvez mais do que a direita, e uso habitualmente a minha mão esquerda para escrever, uma amostra da qual acompanhará a minha biografia. Aquelas experiências que se referem ao aparecimento das outras chamadas Mollie

Fanchers não foram contínuas durante toda a minha doença. Apareceram pela primeira vez logo após eu ter saído do que denomino o meu longo transe, tendo sofrido um choque. Passado algum tempo, diz-se que descontinuaram os seus aparecimentos, mas tendo sofrido ferimentos subsequentes por quedas da minha cama, diz-se que reapareceram; e que em quase todas as noites da minha vida, no tempo presente, estou sujeita às mudanças que serão mais plenamente descritas pelo meu biógrafo e por outros.

Se algo ocorre quando estou inconsciente, e uma das outras Mollie Fanchers, por assim dizer, está consciente, o que lhe cause um choque ou crie tristeza, quando recupero a consciência sinto os efeitos disso. Sou estranhamente afetada pelo meu luto ou causa de mágoa. Parece-me que o meu coração se torna subitamente aumentado, e o meu peito sobre o lado esquerdo é pressionado para cima de modo a apresentar uma mudança visível na aparência. Sou por vezes afetada pelas cores. Algumas não me são tão agradáveis como outras; consigo distingui-las facilmente passando a mão sobre elas."

Para o propósito de distinguir estas diferentes personalidades, ou "eus" da Miss Fancher, elas foram individualmente nomeadas "Sunbeam", "Idol", "Rosebud", "Pearl" e "Ruby", e aparecem habitualmente na ordem indicada. "Sunbeam" é aquela que ordinariamente reconhecemos quando visitamos a Miss Fancher.

CAPÍTULO X
Factos Interessantes dos Relatos de Amigos da Miss Fancher

Desde o início da minha tarefa de escrever a vida da Miss Fancher, procurei um conhecimento mais profundo de cada característica peculiar do seu caso, e encontrei muitas dificuldades, devido ao grande lapso de tempo coberto pelas suas estranhas experiências. Vi a importância de um registo minucioso da sua vida há um certo número de anos, e sugeri então que um fosse mantido, e entendi que o mesmo estava a ser feito. Descubro, no entanto, que alguns que possuem notas bastante extensas do que aconteceu nos seus muitos anos de doença estão relutantes em fornecê-las para a publicação em benefício da Miss Fancher, e que a testemunha mais importante, a Miss Crosby, faleceu entretanto; e resta-me os registos do seu caso feitos pela Miss Crosby e as recordações de amigos íntimos para factos fiáveis.

Entre aqueles que possuem o conhecimento mais profundo das características do seu caso durante os últimos sete anos está o Sr. George F. Sargent, da Geo. F. Sargent Company, que está ativamente envolvido no fabrico de camas, cadeiras e todos os outros artigos concebíveis para o conforto e conveniência de inválidos, estropiados e deformados. Ele conta-me que fez a sua primeira visita a 21 de

novembro de 1866, sendo o objetivo expresso da sua visita ter uma conversa sobre o fabrico de mobiliário para inválidos. Tomei nota quase verbatim do seu relato, que é substancialmente o seguinte:

"Falei muito pouco na minha primeira visita; era cético e sem conhecimento da existência de qualquer poder como o que se dizia que a Miss Fancher possuía; na verdade, o meu motivo era algo egoísta, pois o meu propósito real era promover o interesse da empresa com a qual estava ligado. Fiquei muito interessado no seu caso e fiquei grandemente surpreendido ao considerá-la de intelecto superior e de excelente capacidade para negócios. Ela estava profundamente interessada no trabalho da minha empresa e, no Natal seguinte, enviei-lhe um pequeno presente da nossa fábrica.

Fizemos-lhe uma cama, adaptando-a aos seus requisitos, e foi nesta altura que ela sofreu a última queda, que feriu tão gravemente a nuca e lhe deu um choque tão severo. Estava numa condição tão terrível que acedi ao desejo da sua tia e passei um tempo considerável a vigiar à beira da sua cama. Foi nesta altura que as características notáveis do seu caso, no que respeita a inteligências separadas ou partes distintas de uma vida inteira manifestando-se como indivíduos separados, foram chamadas à minha atenção."

O Sr. Sargent relata que, desde essa altura até ao presente, é uma ocorrência bastante comum, durante a noite, ocorrerem cinco mudanças distintas nas expressões faciais, entonações da voz, linguagem e qualidade intelectual de Mollie Fancher, e isto é corroborado por outros. A duração destas mudanças é muitas vezes extremamente breve. O Sr. Sargent, com o propósito de as distinguir, deu a cada uma um nome, a pedido delas, o qual, na sua mente, de algum modo indica ou corresponde à individualidade daquela a quem é aplicado. Os seus nomes são os seguintes:

"Sunbeam", "Idol", "Rosebud", "Pearl" e "Ruby".

Será melhor utilizar a linguagem do Sr. Sargent, tanto quanto possível, para descrever estas fases notáveis do caso da Miss Fancher. Diz ele: "A Miss Fancher sofreu a queda da cama no dia 6 de abril de 1887. No dia 8 de abril, enquanto eu estava sentado ao lado dela, ela saiu de um transe com os olhos muito abertos. Houve uma mudança decidida na sua expressão facial e ela pareceu espantada com a minha presença. Pareceu-me que era outra pessoa e perguntei: 'Quem é você?' 'Quem é você?' foi a resposta. Então a Miss Crosby, que estava presente, apresentou-me à Mollie número 2, a quem desde então designei como 'Idol'. Ela lembrava-se dela, embora não a visse há oito anos. Falou então de coisas e eventos de oito anos antes, como se tivessem acontecido ontem, ou mesmo há quinze minutos.

Tivemos então de travar conhecimento um com o outro, precisamente como quaisquer outros dois estranhos. Comecei a questioná-la sobre os eventos da sua vida; para verificar, para minha própria satisfação, se possível, quem e o que ela era. Desde então, ela tem vindo muito frequentemente quando eu estava presente, compreendendo e afirmando que era Mollie Fancher, e compreendendo que havia outro caráter ou indivíduo que afirmava também ser Mollie Fancher; pediu-me que lhe desse um nome. Após muita reflexão e discussão, concedi-lhe o nome de 'Idol'. O nosso conhecimento amadureceu numa amizade calorosa, da mesma forma que a amizade entre quaisquer outras pessoas.

'Sunbeam' é a Mollie Fancher habitualmente vista durante o dia, que gere e dá instruções sobre os seus assuntos, e faz os belos bordados, crochet e outros trabalhos finos, guardados e altamente prezados por tantos amigos da Miss Fancher. Ela fica cansada e precisa de descanso habitualmente por volta das 11 horas da noite; começam os seus espasmos e transes, que são agora seguidos pelos aparecimentos que mencionei.

Cedo descobri que, quando falávamos a 'Idol' dos numerosos amigos de 'Sunbeam', do seu belo trabalho que lhe mostrámos, ela parecia ficar extremamente ciumenta e ficava triste por não ter amigos e por não conseguir fazer o trabalho que a outra Mollie, 'Sunbeam', conseguia fazer. Ela apoderava-se do trabalho de 'Sunbeam' e escondia-o na cama, ou noutros locais ao seu alcance e, para evitar isto, 'Sunbeam' esconde-o ou pede a outros que guardem o trabalho. 'Idol' por vezes desmancha o trabalho de crochet dela.

Escreveram várias cartas uma à outra. 'Idol' escreve com uma letra direita, como a Mollie fazia antes de se magoar, mas, por mais notável que pareça, ela não tem recordação de ter sido ferida. Não se recorda de nenhum dos grandes acidentes que sobrevieram à Miss Fancher, produzindo a sua doença. 'Pearl' escreve com a mesma letra que 'Idol'. 'Rosebud' escreve as suas letras em letra de imprensa como uma criança pequena, utiliza o 'i' minúsculo em vez do 'I' maiúsculo para o pronome pessoal da primeira pessoa [em inglês], e fala como uma criança pequena. Precedendo a sua vinda, a Miss Fancher entra habitualmente primeiro num transe, depois em espasmos, e então estas pessoas, se posso usar essa expressão, vêm depois.

Enquanto falávamos, estando a Miss Fancher com o cérebro cansado, tinha pegado no seu trabalho de crochet e estava a tricotar afincadamente, quando caiu subitamente num transe. Os seus braços ficaram erguidos e as suas mãos continuaram a segurar as agulhas e o trabalho na mesma posição em que estavam quando trabalhava. As suas articulações ficaram rígidas e as mãos imóveis.

Continuou neste estado alguns momentos e depois voltou à consciência, aparentemente revigorada, retomou o trabalho e começou a falar, pegando no fio da conversa no ponto preciso em que estava quando caiu no transe. A primeira mudança de condição pareceu instantânea. Quando lhe perguntei onde tinha estado, disse que não sabia." O Sr. Sargent continua: "Vi-a muitas vezes entrar num transe e as suas mãos permanecerem como acabámos de ver durante meia hora.

Ela entra habitualmente primeiro num transe rígido, perfeitamente morta para toda a consciência. O primeiro sintoma de que está a voltar é um transe relaxado. Para mim, parece o despontar da consciência; e começa por reviver um ou mais dos eventos importantes do dia, e exprime-se por ela falar com alguma pessoa que é visível para ela, mas não para os outros. Ela consegue evidentemente ouvir as respostas, mas nós não.

Ela certamente está, por vezes, a manter uma conversa com alguém. Pode estar a fazer e a responder a perguntas; por vezes está a rir e por vezes a ralhar [Aqui a Miss Fancher protestou a rir contra o facto de estar a ser assim 'denunciada']. Por vezes estará a repetir o que tinha dito durante o dia; revivendo tudo novamente. Quando ela sai desta condição, consigo facilmente verificar o que transcorreu de várias formas, sem ser descoberto no meu propósito.

Para mim, ela parece um fonógrafo que está a repetir o que nele foi falado. Dessa forma, tornei-me familiarizado com todos os assuntos da família. A Miss Crosby estava exausta e solicitou a minha assistência, e eu aliviei-a tanto quanto possível, e muitas vezes eram duas ou três horas da manhã antes de eu chegar a casa. Depois de passar pelas mudanças que acabei de descrever, ela voltava à consciência, mas estaria tão fraca que ficava absolutamente sem forças.

Então adotamos um sinal pelo qual ela podia dar a conhecer o que fazer; um toque suave do dedo indicava que era 'Sunbeam'; dois, que era 'Idol' quem estava consciente; um certo sinal significava água, outro ar, etc. A isto designámos 'trazê-la pela ponte'. Por vezes ela sai parcialmente e depois recai novamente. Por vezes sacudimo-la e recorremos a vários métodos para a trazer de volta à consciência total.

Depois, por outro lado, o que transcorria nesses transes era muito diferente do que acabei de relatar. Nunca fui um investigador de quaisquer fenómenos espirituais, nem tinha conhecimento de poder em qualquer pessoa para ver, ouvir ou falar com seres não visíveis para o resto de nós. Mas havia evidentemente alturas em que a Miss Fancher estava nesses transes em que falava com pessoas que não estão neste mundo. Esta foi a primeira e mais convincente evidência que alguma vez tive da presença de espíritos ao nosso redor.

A Miss Fancher era, e tanto quanto sei sempre foi, muito reservada ao falar da sua própria consciência interior. O que ela vê e experimenta nestes transes, não está inclinada por sua própria vontade a declarar. As muitas coisas cruéis que foram escritas e ditas sobre ela, a propensão para ridicularizar relatos de tais experiências como as dela, sobre uma natureza tão sensível, creio que tiveram o efeito de lhe fechar os lábios para muito do que seria um testemunho valioso sobre assuntos que agora agitam grandemente a mente popular em todos os países civilizados.

O que observei no caso da Miss Fancher relatarei verdadeira e explicitamente, independentemente das consequências. Vi-a em alturas em que estava estranhamente transfigurada; as suas feições iluminavam-se. Parecia estar na própria fronteira entre o universo visível e o invisível. Quando a questionei sobre o assunto, disse-me que estava consciente da presença de amigos e parentes que morreram, e particularmente da sua mãe e tia, que ela vê clarividentemente. Quando voltava à consciência após esses episódios de transfiguração, era através de espasmos terríveis, e toda a minha força era necessária para a segurar na cama.

Por vezes, quando nestes estados intermédios que descrevi, ela canta lindamente e parece muito feliz. Por vezes, quando a Miss Fancher está numa condição muito fraca, parece diferente de qualquer pessoa que eu tenha conhecido. Começa a fazer pregas, dizendo que é para o seu caixão. Quando 'Idol' fica cansada, diz aos presentes: 'Tenho de ir agora, beijem-me os olhos para os fechar e segurem-me bem', e o rosto expressivo muda imediatamente. Um ano depois de 'Idol' vir, vi pela primeira vez 'Rosebud'. Era o rosto de criança mais doce, a voz e o sotaque de uma criança pequena. Estava aparentemente assustada e pedia pela mãe. Perguntei: 'Quem é esta?'. Sem responder, perguntou-me quem era eu. Perguntei-lhe quem conhecia; disse que conhecia o Spencer, que vim a saber mais tarde ser um amigo e conhecido de infância da Miss Fancher. Soube pela Miss Crosby que ela viera pela primeira vez oito anos antes, mas apenas em intervalos.

Comecei a travar conhecimento com ela. Perguntou-me se eu a amava. Perguntei-lhe que idade tinha e ela disse 'seis anos'. Perguntei se ia à escola e ela disse 'sim, senhor'. Perguntei quem era a professora dela; respondeu 'Miss Evans'. [Recordar-se-ão que a Miss Evans foi a primeira professora da Miss Fancher]. Disse-me os nomes dos seus companheiros de brincadeira. Perguntei-lhe onde morava quando veio pela primeira vez para Brooklyn e ela disse na rua Washington; que morou lá um ano e depois mudaram-se para a rua Hunter, agora conhecida como Irving Place, e depois 'mudaram-se para a Avenida'.

Perguntei-lhe quando saiu de lá; disse: 'Eu moro lá agora'. Disse-me que o pai tinha um cavalo, vacas e galinhas. É uma grande imitadora e consegue imitar animais e aves muito bem. Pedi-lhe que cantasse para mim e ela cantou 'I want to be

an angel', 'Little drops of water' e 'There is a happy land'. Depois tentou levantar-se e ficou espantada ao descobrir que não conseguia, e quis saber o que se passava com ela e o que a tornava tão 'grande'. Pediu pelo pai e pela mãe; não tinha consciência de que esta última morrera e não considerámos prudente dizer-lho.

"A seguir a 'Rosebud' vem 'Pearl'. É impossível imaginar sobre esta terra um ser mais espiritual do que 'Pearl'. É como uma jovem de dezassete ou dezoito anos, de expressão muito doce. O rosto da Miss Fancher, quando 'Pearl' vem, assume nas feições a expressão de uma jovem de dezassete anos. Cada palavra e ação é suave, culta e agradável. Ela parece abranger e guardar na memória o que transcorreu na vida de Mollie Fancher até por volta do seu décimo sexto ano. Aquilo em que ela parece deter-se mais são os eventos que transcorreram na vida da Miss Fancher por volta da altura em que ela provavelmente partiu. Lembra-se do Professor West, e dos seus tempos de escola e amigos até cerca do 16º ano de vida da Miss Fancher.

Pronuncia as palavras com um sotaque peculiar às jovens de cerca de 1865. Lembra-se da Miss Evans, de quem 'Rosebud' também se lembra; mas é inteiramente diferente de 'Rosebud'. As suas visitas são muito breves, por vezes cinco, outras dez ou quinze minutos, e por vezes apenas um minuto, então faz notar a sua presença pela pressão dos dedos e não mantém conversa alguma. A mais longa das suas visitas não passa de meia hora. Parece quase um espírito. A sua vida está provavelmente delimitada por um daqueles acidentes; não consigo explicar de outra forma.

A seguir vem 'Ruby', e ela pode ser contrastada com 'Pearl' como os rubis o podem ser com as pérolas. Por vezes vem com um salto e um grito, cheia de vivacidade e bom humor, e parte quase da mesma maneira. É apenas em ocasiões muito raras que está triste. Faz pouco da dor e de quase tudo o resto. Deleita-se em ridicularizar-me. É brilhante, esperta e espirituosa, e é um grande prazer conversar com ela. É inteiramente diferente de 'Pearl'. Chama-me tirano porque eu raciocino com ela e tento pô-la a dormir. Faz tudo com impetuosidade. O que me mistifica sobre 'Ruby', e a distingue das outras, é que ela não entra muito, nas suas conversas comigo, na vida da Miss Fancher. Tem o ar de saber muito mais do que conta. Todas parecem tímidas com estranhos."

CAPÍTULO XI

"As formas que vejo são intangíveis; não lhes posso tocar"

Às oito horas do dia 16 de fevereiro de 1893, visitei a Miss Fancher para obter factos adicionais do seu próprio conhecimento e para estudar mais as fases peculiares do seu caso. Esperava encontrar o Sr. Sargent lá e obter dele mais informações relativas às diferentes personagens mencionadas no capítulo anterior. Encontrei a Miss Fancher sozinha, excetuando, contudo, a presença de um papagaio falante e do seu canário. "Joe", o papagaio, deu-me o "boa noite" antes de eu conseguir dizer o mesmo à Miss Fancher.

Os anéis pesados, escuros e de cor de chumbo em redor dos seus olhos falavam-me demasiado claramente dos terríveis espasmos cardíacos que sofrera. Disse-me que estava a sofrer muito e que uma forte tempestade se aproximava, embora a noite estivesse brilhante e fria. Dentro de vinte e quatro horas, contudo, começou uma severa tempestade de neve, como ela previra. Informou-me que nestas condições os seus sofrimentos eram muito grandes e a sua visão clarividente ficava muito prejudicada.

Aos meus inquéritos sobre a data exata do primeiro aparecimento destas outras "Mollies" já em algum grau descritas, respondeu que todo o conhecimento que tinha delas era através da sua tia Susan, e que "Idol" fez o seu primeiro aparecimento cerca de três anos após o longo transe, o que seria por volta de 1878. Tinha recebido um severo choque nervoso e, pouco depois, "Idol" apareceu, na presença da Miss Crosby.

O facto destas mudanças notáveis na inteligência que controla a pessoa da Miss Fancher, disse ela, era conhecido apenas por muito poucas pessoas, pela razão de que ocorrem habitualmente tarde da noite e, quem quer que sejam e o que quer que sejam, são tímidas com estranhos e raramente farão notar a sua presença a qualquer pessoa que não seja conhecida. E quando refletimos que elas remontam à vida precoce da Miss Fancher e não se lembram de nada do que transcorreu durante os últimos vinte e sete anos, excetuando aquilo que chegou ao seu conhecimento durante os breves intervalos em que estiveram conscientes no período noturno, ver-se-á que há muito pouca oportunidade para encontrarem alguém que não sejam estranhos quando recuperam a consciência. Como a Miss Crosby morreu, e elas travaram conhecimento com o Sr. Sargent enquanto ela era viva, acordam para a consciência durante a noite e mantêm silêncio a menos que vejam algum rosto familiar presente.

Enquanto esperava que o Sr. Sargent chegasse, perguntei à Miss Fancher se tinha visto o seu irmão desde a sua morte? (Exceto por uma nota marginal, omiti mencionar o facto da morte do seu irmão desde o início desta escrita, por um

acidente ferroviário em Nova Jérsia.) Respondeu que estava consciente da sua presença uma grande parte do tempo, e as circunstâncias que rodearam a sua terrível morte estavam sempre diante dos seus olhos e, naturalmente, deprimiam-na muito. Recordei-lhe uma vantagem que ela tinha sobre a maioria das pessoas enlutadas, a de poder ver no reino espiritual e saber que eles não estavam totalmente perdidos para ela, que estavam à espera da sua chegada na margem resplandecente do Paraíso.

Ela desatou a chorar e, torcendo as mãos, disse: "Sim, foi o que um pastor me disse no outro dia; mas supõe que isso é satisfatório para mim? Aqui estive deitada nesta cama, neste quarto, todos estes anos; e vejo um após outro daqueles que mais amei serem levados para aquele céu pelo qual tanto anseio mas para onde não posso ir. Quando estou na carne, quero os meus amigos também na carne, e não ser deixada à mercê de estranhos. Não desprezo este dom de visão espiritual, mas para mim as formas que vejo são intangíveis. Estão aqui, mas não lhes posso tocar; não as posso apertar contra o meu peito, como tanto desejo fazer."

Apenas pude responder que ela tinha a simpatia de todos os que conheciam os factos da sua condição, e que por algum propósito sábio a sua vida era prolongada, e as suas lições estavam cheias de instrução para aqueles que as aprendiam. Que os poderes notáveis que ela por vezes possuía estavam a ensinar à humanidade o que deveria ser melhor compreendido.

Nenhuma pessoa passou por tanto sofrimento com maior paciência e resignação do que a Miss Fancher. Não é de admirar que por vezes esteja deprimida. O período coberto pelos poucos meses desde que iniciei estes escritos tem sido cheio de grande sofrimento para ela. Nem uma única vez as evidências das suas dores desapareceram do seu rosto. Do choque da notícia da morte do seu irmão, ela ainda não recuperou. Foi anunciado primeiro à sua fiel empregada, na sua pequena loja por baixo do quarto onde a Miss Fancher jaz.

Ela não precisou de contar à Miss Fancher sobre o acidente ou sobre os seus resultados; apenas lhe perguntou se tinha tido notícias do irmão; ao que a Miss Fancher gritou: "Meu Deus, ele morreu!" e entrou em espasmos. Agora, após o lapso de dois meses, o efeito está constantemente presente. Colocando a mão sobre a roupa de cama sobre os seus membros, ou segurando a sua mão, um tremor incessante é manifesto.

Nesta visita soube que nenhuma das Mollie Fanchers, como lhes chamaremos, abrange na sua memória os eventos dos nove anos seguintes a 1 de maio de 1866. Aquela designada como "Sunbeam" — designação que continuará a ser usada — ao expirar dos nove anos, assumiu a tarefa de aprender a fazer o mesmo trabalho que a Mollie Fancher, de outra forma não nomeada, tinha feito durante os nove anos

mencionados. Desde essa altura, aprendeu a fazer trabalhos mais belos. Tentou descrever-me os seus sentimentos quando lhe foi mostrada uma caixa contendo algumas flores de cera feitas por ela durante esses nove anos de que se esqueceu totalmente.

Disse que um estremecimento involuntário a percorreu quando as viu pela primeira vez. Pareceu-lhe que era o trabalho inacabado de uma pessoa então morta, e passaram muitos meses até que conseguisse obrigar-se a tocar-lhes. Havia bordados inacabados e trabalhos de crochet incompletos, que tinham sido feitos com as suas mãos, dos quais não tinha recordação; e cujo cérebro os planeara ou dirigira era para ela um mistério. Relatou que, quando voltou à consciência após o lapso dos nove anos e entrava em transes, ao recuperar a consciência, não era invulgar descobrir que tinha estado a chorar e a fazer pregas no forro para o seu caixão. Nesta condição, fez para si própria um corpete de cetim branco, como parte do seu traje para a sepultura, que agora está amarelado com a idade, mas que ela ainda guarda.

O Sr. Sargent informou-me que, por vezes, enquanto aparentemente inconsciente da presença de outros, ela faz o gesto de plissar com os dedos e utiliza um pedaço de fita ou tira de pano, se estiver ao seu alcance, e forma pregas. Estas ocasiões, contudo, não são comuns e seguem a condição de transe. A sua tia relatou a conduta da Miss Fancher — isto é, "Sunbeam" — logo após ela ter saído do seu longo transe de um mês, no fecho dos nove anos, em 1875. Manifestou a maior mágoa por estar "de volta ao mundo frio", e chorou e torceu as mãos na sua tristeza.

A própria Miss Fancher confessa recordar-se da sua mágoa. Estivera durante um mês como num sono de morte. Que ela acordasse para a consciência neste mundo não era esperado pelos seus amigos. Não tinha tomado alimento e havia tal ausência de qualquer aparência de vida que ninguém a não ser o seu médico conseguia detetar que ela ainda vivia. Quando voltou à consciência, toda a recordação dos eventos dos últimos nove anos precedentes tinha desaparecido e nunca mais regressou.

As folhas da memória contendo o registo daquilo de que estivera consciente durante esse longo período da sua vida estavam para ela fechadas e firmemente seladas. Aquele longo transe relaxara a rigidez dos seus membros; o braço direito, que durante nove anos mantivera estreitamente a sua posição sob a cabeça, voltou à flexibilidade. Com ele, evidentemente, uma parte das suas funções cerebrais, que tinham sido mantidas de forma semelhante em suspensão rígida, e no entanto, não prejudicadas, foi libertada da contenção, e a sede das operações da sua mente mudou-se para o outro hemisfério do cérebro e apenas retomou a consciência onde esta fora interrompida tanto tempo antes.

Isto, contudo, é apenas uma teoria minha e, não sendo eu um homem da medicina, merece pouca consideração. Após considerável inquérito, não encontrei nenhum médico disposto a dar qualquer declaração para publicação sobre como são causados os estranhos funcionamentos do cérebro da Miss Fancher.

CAPÍTULO XII
Uma Entrevista Pessoal com as Várias Mollies Fanchers

Eu tinha solicitado e me fora prometido o privilégio de passar uma parte de uma noite à beira da cama da Miss Fancher para que me fosse possível ver e conversar com as diferentes Mollies Fanchers, conforme elas aparecessem. Foi durante a noite de 16 de fevereiro de 1893 que o meu desejo foi inesperadamente satisfeito. O Sr. Sargent tardou a chegar e eu já tinha esgotado consideravelmente os esforços mentais dela para recordar eventos que eu estava ansioso por localizar.

Pouco depois de ele chegar, a Miss Fancher caiu num transe e assim permaneceu por bastante tempo, enquanto eu o assediava com perguntas sobre incidentes da sua própria experiência com ela. A primeira evidência do regresso da consciência foi o relaxamento dos braços da sua condição rígida; depois vieram espasmos violentos e contrações dos membros; seguiu-se o rápido balançar da cabeça de um lado para o outro, acompanhado por gemidos como que de angústia; depois ela bateu violentamente no peito, sobre a região do coração, com um punho, e com a outra mão tentou arrancar o cabelo e bater na própria cabeça. Estes atos foram contidos o mais possível, mas a violência dos seus espasmos sacudia percetivelmente o chão.

Finalmente, uma palavra dita debilmente anunciou ao Sr. Sargent a presença de "Idol". Com os olhos abertos, ela saudou o Sr. Sargent e, estendendo as mãos, perguntou-lhe onde estivera tanto tempo. Ele respondeu: "Fora em negócios." Ela perguntou que negócios e em que locais ele estivera. Ele explicou-lhe quão necessário era para ele tratar dos seus negócios e perguntou se ela sentira a sua falta. "Sim", disse ela, "estiveste fora cinco noites. Estive aqui e não houve ninguém com quem pudesse falar, e estive completamente sozinha." Nesse momento, o papagaio, Joe, disse "Olá!". Ela sobressaltou-se, virou a cabeça perguntando "O que é aquilo?" e ficou muito interessada em ouvir a ave. Durante este tempo, eu estava de pé, plenamente à vista dela, logo ao lado do Sr. Sargent, que estava sentado numa cadeira baixa inclinado sobre ela. Ela, evidentemente, não me tinha observado. Se tivesse sido capaz de ver claramente, teria de ter reparado em mim, mas não reparou. Quando o Sr. Sargent anunciou que tinha um amigo presente a quem desejava apresentá-la, ela pareceu alarmada e perguntou: "Quem é ele?". Então ele apontou para mim e perguntou-lhe se ela me conhecia. Não foi senão depois de eu ter falado,

e de ela ter ouvido a minha voz, que ela virou os olhos na minha direção e depois, timidamente, estendeu a mão esquerda e saudou-me.

Interroguei-a então de perto sobre se alguma vez me vira antes. Primeiro disse que não. Depois, após um momento de reflexão, disse: "Lembro-me de si e de esticar a minha mão e segurar a sua barba." Disse: "O senhor é o homem da barba comprida, que veio ver a outra Mollie e pagar-lhe pelo bordado de um vestido para a sua esposa, e eu estava no colchão, e foi depois de a Mollie ter sofrido a queda da cama. O senhor não pôde pagar, porque a minha tia não sabia de quanto era a conta, e o senhor disse que teria de voltar." "Idol" lembrava-se dos incidentes que acompanharam a minha visita de há tantos anos com mais clareza do que eu, e ao repeti-los trouxe-os vividamente de volta à memória. Ela parecia gentil e calma e, com tudo, algo triste.

Expressou a opinião de que poderia aprender a trabalhar como a Mollie fazia e, passado algum tempo, fazer o trabalho tão bem como ela. Quando recordada de que as suas visitas eram curtas, respondeu que poderia fazer um pouco, e que isso acabaria por somar muito passado algum tempo. Ela lembrava-se até à infância precoce, dos incidentes da vida da Miss Fancher até por volta da altura do acidente, mas estava totalmente inconsciente de qualquer coisa que tivesse transcorrido desde então, mesmo dos eventos da vida de "Sunbeam", excetuando apenas aquelas coisas que ocorreram na sua presença, nas suas breves visitas ou regressos à consciência; dessas coisas recordava-se com bastante nitidez.

Não se lembrava, contudo, do primeiro acidente nem de nada aparentemente ligado a ele. Após alguns momentos de conversa, virou o rosto para o lado do Sr. Sargent e, com um olhar cansado, a expressão animada do seu rosto desapareceu, e a Miss Fancher estava novamente num transe rígido.

Durante o tempo da nossa conversa, ela fez vários esforços para mover os membros na cama, como se desejasse levantar-se, e pareceu incomodada por não ser capaz de o fazer. Este transe rígido foi seguido por um transe relaxado; depois pelos espasmos violentos do seu corpo e pelo abalo da cama e do chão; e então veio o balançar dos braços, o bater no peito e no topo da cabeça com os punhos, e os esforços para contê-la, e finalmente um despertar para a consciência. O Sr. Sargent foi reconhecido e saudado, e a presença de "Rosebud" foi anunciada. Ela também estava curiosa por saber do Sr. Sargent onde estivera tanto tempo, o que o mantivera afastado e se não poderia ter voltado mais cedo.

Não há dúvida na minha mente de que "Rosebud" está limitada inteiramente às experiências da vida da Miss Fancher até cerca do seu sexto ou sétimo ano. Das pequenas canções comuns entre as crianças de há quarenta anos, ela lembra-se

distintamente, e trouxe à minha memória algumas que eu tinha esquecido por completo. Quando lhe pedi para repetir tudo o que conseguia lembrar, ela passou a detalhar uma grande quantidade de eventos da vida da Miss Fancher, com muito maior nitidez do que a maioria das pessoas conseguiria relatar eventos das suas vidas precoces.

Após repetir várias canções familiares, começou a repetir, movendo as mãos como uma criança pequena, a velha canção: "There was a Frog lived in a Well, Kimo, Karo, Kimo"; e ela certamente parecia, tanto quanto era possível com as feições da Miss Fancher, e agia, como faria uma criança de seis ou sete anos quando questionada sobre tais assuntos. Questionei-a sobre onde morara primeiro quando viera para Brooklyn, e ela informou-me que na rua Washington, e a partir daí continuou e detalhou os diferentes locais conforme mencionado pelo Sr. Sargent, até chegar à Avenida Fulton, e então parou.

"Bem," disse eu, "Para onde foste a partir da Avenida Fulton?". A resposta dela foi: "Nunca nos mudámos de lá; moramos lá agora." Quando questionada sobre onde estava a mãe, disse que ela tinha ido para fora, e estava doente, e ela não sabia quando voltaria. A vinda dela foi precedida por um transe rígido que durou alguns momentos, depois pelo transe relaxado e depois pelas convulsões já descritas.

Foi certamente uma cena estranha testemunhar a vinda da Miss Fancher à consciência, como uma criança pequena, a partir destas condições angustiantes que indicavam um sofrimento físico considerável. O seu despertar para a consciência parecia ser acompanhado por uma luta, como se se esforçasse por despertar de um sono ou sonho perturbado.

A experiência do Sr. Sargent nestas matérias permitiu-lhe, através dos sinais já mencionados, saber quem era que estava a voltar à consciência. A ação dela indicava que o reconhecia como um amigo, cuja ausência nas várias noites precedentes ela deplorara, e perguntou, como faria uma criança pequena, o que o fizera ficar fora tanto tempo e o que estivera a fazer. Tal como as outras, o rosto dela estava virado de modo que, tivesse ela uma visão comum, teria detetado a minha presença, mas aparentemente não sabia da presença de ninguém exceto do Sr. Sargent, até que ele chamou a atenção dela para mim, como fizera nos outros casos.

Houve um movimento dos seus olhos que indicava dúvida sobre em que parte do quarto eu estava, e não foi senão até eu me aproximar muito dela que ela aparentemente me reconheceu, e então retirou-se timidamente até ser reassegurada pelo Sr. Sargent de que eu era um bom amigo e viera vê-la, altura em que estendeu a mão e saudou-me com um beijo. O Sr. Sargent é um cantor muito bom e cantou uma pequena peça que pareceu agradar-lhe muito. Ela pareceu ter bastante curiosidade

quanto ao papagaio, que se recusou obstinadamente a falar no momento preciso desejado. Informei-a também de que ia escrever tudo sobre ela, e ela torceu as mãos e disse: "Ninguém quer saber de mim." Logo se queixou de estar cansada e saiu da consciência como nos outros casos, passando para um transe rígido.

Provavelmente decorreram de dez a quinze minutos após a Miss Fancher entrar nesta condição rígida antes de voltar à consciência novamente, e a sua vinda foi precedida por todos os sintomas e ações que experimentara antes da vinda das outras. Finalmente, ouviu-se um nome dito debilmente, que foi reconhecido como sendo o de "Pearl". Ela saudou calorosamente o Sr. Sargent. Queixou-se de solidão quando acordava durante a noite; de que ninguém estava lá para a saudar e que voltava a dormir sem falar com ninguém. Quando lhe disseram que eu estava presente, perguntou onde e, quando me aproximei e falei, virou o rosto para mim e pareceu reconhecer a minha presença. Estava mais animada do que "Idol" e, quando fui apresentado, saudou-me agradavelmente e eu envolvi-a imediatamente em conversa.

Ela não tinha recordação de alguma vez me ter visto. Eu era um estranho para ela. Esqueceu inteiramente ter falado comigo escassos momentos antes, e ficou claro para a minha mente que estava totalmente inconsciente de qualquer um dos factos ou eventos que transcorreram na presença da Miss Fancher durante a noite antes da sua vinda. Ela também se lembrava dos incidentes da vida precoce da Miss Fancher e do que transcorrera até cerca da altura do primeiro acidente. Conseguiu dar-me os nomes dos seus amigos e conhecidos durante o tempo em que frequentava a escola do Professor West.

Falou dessas experiências como sendo as da vida e, quando lhe chamei Mollie Fancher, disse que não era Mollie Fancher; era Pearl; Mollie Fancher estava morta. Perguntei como podia ser isso, se o pai e a mãe dela eram o pai e a mãe de Mollie Fancher, e que havia apenas uma Mollie Fancher, e que ela devia ser uma parte da vida e do ser de Mollie Fancher. Ela refletiu por um momento, depois sorriu e virou o rosto e disse que não sabia como era. Logo ficou cansada, disse que tinha sono e imediatamente saiu, por assim dizer, da nossa presença, e a pessoa da Mollie Fancher estava novamente num transe rígido.

Uma característica que notei, e que é comum à saída de cada uma das personagens de que falo, é que, no meio da conversa, cada uma por sua vez se queixava de estar cansada e instantaneamente parecia desaparecer, e a Miss Fancher passava para um transe rígido. Aproveitei todas as oportunidades possíveis durante a sua breve presença para as questionar sobre as suas experiências individuais nos assuntos desta vida, para que pudesse ser capaz de declarar o mais definitivamente

possível que porções da vida da Miss Fancher cada uma abrangia; o que é comum a todas e o que cada indivíduo recorda.

A seguir veio "Ruby", precedida pelos mesmos sintomas; mas no momento em que recuperou a consciência tentou mover os membros, colocando os braços para trás e firmando o corpo numa posição sentada, e pediu ao Sr. Sargent para lhe amparar as costas; o que ele fez com almofadas, e ela entrou imediatamente numa conversa animada, expressando grande prazer por ele estar em casa e, tal como as outras, quis saber onde ele estivera, o que o detivera, e queixou-se da solidão extrema da sua condição quando acordava durante a noite e não encontrava ninguém com quem pudesse falar.

Cada uma, logo antes da consciência, indicava sofrimento intenso na região do coração e no topo da cabeça e em redor; a Miss Fancher batia em ambos os locais violentamente com os punhos, o que exigia uma grande força da parte do Sr. Sargent para a conter. Sentada direita na cama, comigo de pé logo ao lado e algo à frente dela, ela não reconheceu de início a minha presença, mas após ser apresentada conversou comigo bastante livremente, e descreveu-me com precisão como um homem com a cabeça calva e uma longa barba clara e, quando lhe perguntei como sabia, estendeu a mão e segurou a minha barba, e disse: "Consigo vê-la e senti-la também."

Fiquei muito interessado em "Ruby", pois era bastante vivaz e gesticulava consideravelmente com os braços ao dar expressão às suas palavras. É evidente que o Sr. Sargent não a tinha questionado tão criticamente com referência à sua identidade com a vida da Miss Fancher como eu fiz, pois consegui apurar através dela que se lembrava de ser projetada do cavalo na Avenida Gates e ferida no topo da cabeça, e também se lembrava de incidentes na vida de Mollie Fancher, desde a recordação mais precoce da Miss Fancher até depois do seu primeiro ferimento grave. Lembrava-se de ir à escola da Miss Evans; lembrava-se do Professor West e também do Sr. Taylor, que fora seu pretendente, com quem estivera noiva para casar, mas por quem deixara de nutrir afeto.

Em suma, da breve entrevista que tive com ela, fiquei convencido de que carregava na memória mais da vida da Miss Fancher do que qualquer uma das outras, excetuando "Sunbeam", e evidentemente apreende os mesmos eventos lembrados por "Idol", "Pearl" e "Rosebud", e por "Sunbeam" até algum tempo após o primeiro acidente. Partiu sem dizer "boa noite", queixando-se de estar cansada, e saiu da consciência. Disse-me que sabia fazer crochet e que poderia aprender a fazer o trabalho fino feito por "Sunbeam", tivesse ela material à mão e oportunidade de praticar. Pareceu bastante interessada quanto ao que eu ia escrever sobre ela.

Declarou que, durante a ausência do Sr. Sargent, a Mollie tinha caído da cama outra vez, mas como a enfermeira não dissera nada sobre o assunto, o Sr. Sargent não considerou prudente falar disso. Queixou-se de ter recebido um choque e, muito provavelmente, a queda fora produzida enquanto estava neste estado de semiconsciência, lutando para despertar. Vindo, como habitualmente fazem, a meio da noite ou para a manhã, a acompanhante adormecera e a Miss Fancher recebera outro choque, do qual estava a sofrer consideravelmente.

Não se deve esquecer que nenhuma destas personagens tem qualquer recordação do que transcorreu durante aqueles nove anos mencionados, nem das amizades travadas; e surge o pensamento se, no desenvolvimento deste estranho caso, não poderá ainda vir a aparecer uma sexta Mollie Fancher que recordará o que transcorreu durante esse tempo. O testemunho relativo a elas poderia ser grandemente aumentado se cada acompanhante compreendesse estas fases peculiares do caso da Miss Fancher e vigiasse a sua vinda e partida. O Sr. Sargent explicou que, por vezes, uma parecia ser empurrada para fora; e notar-se-á que não fazem um aparecimento ordenado, quer começando com "Ruby" e recuando até "Rosebud", quer começando com "Rosebud" e indo em sucessão regular até "Ruby".

Após o desaparecimento de "Ruby", "Sunbeam" voltou à consciência, queixando-se de estar muito cansada e de sofrer muito, e temendo a longa noite que tinha pela frente. Pareceu surpreendida quando lhe disseram que todas as Mollies tinham estado lá e que eu tinha conversado com elas. Vieram a uma hora muito mais precoce do que o habitual, o que muito provavelmente foi produzido pelo choque adicional que a Miss Fancher recebera pela queda mencionada por "Ruby", mas da qual "Sunbeam" parecia não ter consciência, e o Sr. Sargent não a informou então do que "Ruby" dissera a esse respeito.

A Sra. Julia A. Macauley, que acompanhou a Miss Fancher durante bastante tempo durante o dia e até cerca das dez horas da noite, quando questionada por mim disse que nunca vira estas outras personagens, que soubesse, exceto por uma exceção: que em certa ocasião, quando a Mollie saíra do seu transe e espasmos, viera com os olhos muito abertos, olhando, agindo e falando de forma muito estranha. Mas esta fase do caso da Miss Fancher não tinha sido então explicada à Sra. Macauley.

A Miss Crosby e as outras acompanhantes noturnas da Miss Fancher, que tinham tido oportunidades para notar estas aparentes mudanças de personalidade da Miss Fancher, como eu escolho designá-las, tinham considerado melhor comunicar estas fases do seu caso apenas a alguns dos seus amigos mais íntimos, esperando assim evitar o incómodo de notoriedade adicional que poderia ser causada ao declarar o que tinham observado. Por isso, parece que sempre que estas mudanças na

condição da Miss Fancher ocorreram, e as personagens que nomeei apareceram na presença de estranhos, a natureza das mudanças não foi notada como poderia ter sido de outra forma.

Sentindo que os fenómenos dos muitos "eus" da Miss Fancher deveriam ser tão plenamente descritos quanto é consistente com o âmbito desta obra, e as minhas afirmações verificadas tão completamente quanto seja essencial, o capítulo seguinte, dedicado ao relato escrito pelo Sr. George F. Sargent, já mencionado, será lido com interesse.

CAPÍTULO XIII
Relato do Sr. George F. Sargent

Brooklyn, 5 de julho de 1893.
Juiz A. H. Dailey,

Meu caro senhor: — Recebi o seu pedido para que certifique a correção do seu relato das características peculiares do caso da Miss Mary J. Fancher, habitualmente conhecida como Mollie Fancher, no que se refere ao aparecimento das várias Mollies Fanchers — chamadas "Sunbeam", "Idol", "Rosebud", "Pearl" e "Ruby".

Faço-o com prazer; e declaro aqui que ouvi atentamente o mesmo conforme lido pelo senhor e verifico que a sua descrição do que ocorreu na altura em que esteve presente está de acordo com as minhas recordações.

Pede-me também que declare quaisquer características adicionais de interesse em relação a essas fases do caso dela e que forneça outras informações que eu pense que possam revelar-se interessantes para publicação, das quais eu tenha conhecimento pessoal.

Há, de facto, muitos assuntos e incidentes interessantes ligados a elas, e o meu principal lamento é que, ao tentar satisfazer o seu pedido, não tenha o poder de retratar, através do meio de qualquer linguagem ao meu dispor, o seu pleno significado, ou de tornar tão marcantemente evidentes para os seus leitores as ocorrências tal como me apareceram. Se me permitir, portanto, tentarei contar à minha maneira tais cenas e incidentes, conforme pareça ser de interesse, conforme os consigo recordar.

O meu primeiro conhecimento de "Idol" começou a 8 de abril de 1886. Três dias antes dessa data, a Miss Fancher tinha caído acidentalmente da cama, batendo com a cabeça no chão, o que somou ferimento a ferimento, causando um sofrimento invulgar.

Na noite mencionada, a tia dela, Susie (Miss Crosby), e eu estávamos sentados à beira da cama quando a Miss Fancher entrou num transe. Enquanto nesta condição, a tia saiu do quarto. Quando ela saiu do transe, eu estava sozinho com ela e fiquei sobressaltado ao ver os seus olhos bem abertos, como nunca a vira antes exceto com os olhos fechados. Ela olhou estranhamente para mim e perguntou: "Quem é você?", como se fosse uma impertinência um estranho estar sentado à beira da sua cama, e ao mesmo tempo perguntou onde estava ——, nomeando uma pessoa que me era totalmente desconhecida, e depois perguntou sobre um assunto do qual eu era inteiramente ignorante, o que indicava que ela supunha que o assunto em questão era algo que estava no presente imediato, e que esperava encontrar a pessoa referida à beira da sua cama em vez de um estranho.

Fiquei perplexo com a situação e cada momento aumentava a minha confusão. Tentei, contudo, explicar a minha identidade e estava assim ocupado quando a tia voltou ao quarto. Ela ficou quase tão surpreendida como eu, pois disse que já passavam três ou quatro anos desde que aquela Mollie fizera um aparecimento. Estava também angustiada pela razão, como me disse depois, de que isso significava sofrimento acrescido para a pobre Mollie. Disse que o aparecimento da segunda Mollie preludiava um sofrimento extraordinário para a primeira.

O regresso da tia Susie aliviou o embaraço e fui formalmente apresentado, e durante o resto da sua breve estadia o tempo foi dedicado ao cultivo do nosso melhor conhecimento, o qual, devido à intervenção amigável da tia, que me representou como um amigo da outra Mollie, foi inteiramente bem-sucedido.

Ela fez todo o tipo de perguntas sobre a outra Mollie; queria saber se eu gostaria tanto desta Mollie quanto gostava da outra. Disse que ninguém se importava com ela e citou um dos amigos da outra Mollie como tendo-lhe dito, da última vez que ela esteve aqui — quando ela fez algumas perguntas intrigantes sobre si mesma — que era melhor ela ir dormir e que, quando acordasse, entenderia tudo. Ela parecia muito sensível a esse tipo de tratamento, dizendo que todos usavam meios como esse para se livrarem dela.

Felizmente para o nosso melhor entendimento mútuo, eu tinha-a instado a ficar e a contar-me tudo sobre si, e disse-lhe que teria sempre prazer em saudá-la. Após uma permanência de cerca de três quartos de hora, ela disse: "Estou muito cansada", e com a expressão mais triste e doce no rosto, e com os braços suplicantes estendidos em direção à sua tia Susie, disse, com uma voz de tal patetismo que nunca esquecerei: "Segura-me bem, beija-me os olhos para os fechar", e num abrir e fechar de olhos as suas feições tornaram-se tão rígidas como mármore esculpido.

Após um intervalo de cerca de dez ou quinze minutos, ela voltou à consciência e a Mollie original apareceu novamente em cena, parecendo totalmente ignorante do que tinha acontecido. Ela pareceu encarar a ocasião, quando lha relatei, como uma calamidade, e atribuiu o reaparecimento da outra Mollie ao sofrimento extremo que estava a passar como resultado da sua queda recente. Se esta foi a causa do reaparecimento da segunda Mollie ou não, deixo o problema para outros resolverem. É certo, porém, que a vinda dela foi acompanhada por um sofrimento intenso e, quanto mais fraca a Mollie Número 1 ficava, mais vigorosa a Mollie Número 2 crescia.

A partir dessa data, por talvez um ano, a segunda Mollie vinha em intervalos frequentes, embora irregulares, e a duração das suas visitas aumentou. Ela parecia não ter noção do tempo; não havia ontem nem amanhã no seu calendário. Quando vinha, era sempre através de uma condição de transe e, usualmente, acompanhada por espasmos severos, e a sua saída era de modo semelhante. Se estivesse a falar no momento da sua partida sobre qualquer assunto, no seu regresso — quer acontecesse uma hora, um dia ou uma semana depois — ela retomava o fio da conversa onde o tinha deixado, se as mesmas pessoas estivessem presentes. Se outra pessoa estivesse presente quando ela aparecesse novamente, pareceria surpresa e perguntaria pela pessoa que tinha deixado, exatamente como se não tivesse havido intervalo entretanto. Ela tinha tanta individualidade quanto a Mollie Número 1; tanto assim que se tornou, de certa forma, uma questão saber qual deveria manter a supremacia.

Cada uma falava das outras como se fossem personalidades diferentes, e enviavam mensagens e cartas uma à outra para serem transmitidas pela Miss Crosby; e, em certas ocasiões, eu fui o meio de comunicação. Para ilustrar a individualidade distinta das duas Mollies, direi que, pouco depois do tempo a que aludi como tendo travado conhecimento com a Mollie Número 2, tive ocasião de fazer uma viagem ao Oeste e, durante a minha ausência, recebi uma carta que me chegou a 1 de maio de 1886, endereçada com a caligrafia da Mollie Número 1. Ao abrir o envelope, fiquei surpreendido

ao descobrir que continha duas cartas, uma de cada uma das Mollies. Não havia semelhança na quirografia; a da Mollie Número 1 estava escrita como ela sempre escreve, com inclinação para a esquerda, e a da Mollie Número 2 com as letras inclinadas para o outro lado. Não creio que um perito em caligrafia decidisse que ambas as cartas foram escritas pela mesma mão. O conteúdo das duas cartas era também inteiramente diferente, cada uma tratando da sua própria vida peculiar. Estas duas cartas tendem também a demonstrar que as duas individualidades representam períodos diferentes da mesma existência.

A caligrafia da Mollie Número 2 indica o estilo adquirido enquanto rapariga na escola, ao passo que a da Mollie Número 1 é, inquestionavelmente, aquela que foi adquirida por força das circunstâncias durante aquele período de enfermidade física, quando se tornou necessário segurar a caneta de uma certa forma, quer para conseguir escrever de todo, quer para escrever com maior facilidade. Aquele período da sua vida que abrange os primeiros nove anos da sua doença, eu desconheço exceto por ouvir dizer, mas tenho exemplares da sua escrita durante esse tempo, que são ainda diferentes de qualquer uma das outras.

Notará que até agora falei da Miss Fancher, ou das circunstâncias mencionadas, apenas no tempo passado, e também que mencionei as duas individualidades apenas como Mollie Números 1 e 2. Fi-lo não porque não sejam individualidades do presente também, mas pela razão de que, cobrindo o tempo que foi contemporâneo dos incidentes aludidos, elas não tinham outra identidade de distinção senão a indicada por números; subsequentemente apareceram ainda outras Mollies, altura em que se tornou aconselhável identificar cada uma por algum nome pelo qual fossem reconhecíveis pelos seus amigos, bem como entre si. Doravante, falarei pois, da Mollie Número 1 como "Sunbeam" e da Mollie Número 2 como "Idol", e conforme as outras aparecerem, apresentá-las-ei de acordo com os nomes que lhes foram dados, começando por "Rosebud".

O advento de "Idol" levou-me a inquirir sobre os antecedentes da vida da Miss Fancher, o que trouxe a informação — obtida em grande parte através da sua tia Susie e corroborada por outros — de que houvera, em intervalos cobrindo um período de cerca de quatro ou cinco anos subsequentes a 1875, o aparecimento de outra personalidade que vinha como uma criança. Não estava, portanto, totalmente desprevenido, pouco depois, para o aparecimento de uma terceira Mollie, embora na altura do meu primeiro conhecimento com ela, não se soubesse que tivesse aparecido há oito anos por nenhum dos seus amigos.

A sua vinda foi muito semelhante à de "Idol", através de um transe sucedido por um espasmo, com a única diferença de que, até aqui, após a saída de "Idol", "Sunbeam" tinha reaparecido, mas nesta instância, em vez disso, esta menina conhecida como "Rosebud" sorriu para mim com o rosto, a voz e as ações de uma criança. Ela pareceu encarar o evento como algo natural e, com exceção de me encontrar ao seu lado, pareceu-lhe evidentemente o acordar de uma criança de uma sesta. Após explicações satisfatórias sobre quem eu era, ela referiu-se a eventos que correspondiam à data do seu último aparecimento, que fora oito anos antes, como se não tivesse havido lapso de tempo no intervalo. Chilreou como uma criança e perguntou por um jovem amigo que estivera presente na sua última vinda, altura em que ele era um rapaz, mas no intervalo tinha atingido a idade adulta. Perguntou pela

sua mamã e disse que ela estava em Nova Iorque doente, o que de facto era o caso uns trinta anos ou mais antes.

Perguntei-lhe que idade tinha e ela disse sete anos em agosto passado (altura em que creio que a sua idade real era trinta e sete). Induzi-a a contar-me tudo sobre si; falou da sua professora da escola; dos seus amigos e amigas; da sua professora da escola dominical e colegas de classe; cantou várias canções que aprendeu na escola primária e na escola dominical, as quais me trouxeram vividamente à memória as canções correntes da minha infância, algumas das quais seriam totalmente desconhecidas para as crianças de hoje. Imitou o cacarejar das galinhas, o miar dos gatinhos, o balir das ovelhas, o grunhir dos porcos e o relinchar dos cavalos.

Falou de ruas na vizinhança que não me eram familiares, as quais, ao inquirir, descobri terem mudado de nome anos antes. Perguntou como era possível ter crescido tanto em tamanho e, passado um bocado, disse: "Bem, acho que me vou levantar", e fez um esforço fútil para o fazer, mas o pobre corpo, acorrentado à cama por anos de dor, recusou-se a responder à atividade transbordante da mente infantil, que não conseguia compreender o seu ambiente corporal. Finalmente, ela ficou cansada e, enquanto uma sombra de dor cobria o rosto da criança, deu-me um rápido adeus.

E como se agarrada por uma mão invisível e implacável, foi violentamente sacudida com espasmos; lutando ali, desamparada e muda, parecia uma vítima inocente, presa do desporto vicioso de um demónio invisível, até que pude imaginar que um anjo da guarda tinha subitamente aparecido e golpeado o seu inimigo, momento em que o seu corpo assumiu instantaneamente a rigidez de uma estátua. Toda a nuvem de sofrimento desapareceu e, através de um transe que se seguiu, ela voltou à sua vida normal (se é que se pode chamar assim).

Desde o evento que descrevi, tive muitas experiências semelhantes e, embora tenham decorrido vários anos, de acordo com o seu próprio calendário, ela ainda tem "sete anos em agosto passado". Numa ocasião, enquanto ausente da cidade, recebi uma carta incluída no mesmo envelope com uma carta da Miss Fancher, assinada "Rosebud". A composição era exatamente de tal caráter como se poderia esperar de uma criança de sete anos. As letras estavam impressas em tamanhos irregulares, com maiúsculas e minúsculas misturadas. O pronome pessoal "I" [em inglês] era minúsculo e com ponto. Eu já tinha visto anteriormente uma carta escrita por ela dirigida à sua mamã, que a sua tia Susie tinha preservado como uma curiosidade, escrita cerca de oito anos antes. As duas produções eram tão parecidas quanto pareceria possível no que respeita à composição e execução.

Não muito depois do advento de "Rosebud", apareceu uma quarta Mollie e, subsequentemente à quarta Mollie, eu diria um ano depois, uma quinta Mollie. Estas são conhecidas como "Pearl" e "Ruby", respetivamente. A vinda delas foi semelhante ao aparecimento de "Idol" e "Rosebud", geralmente precedida por um transe ou um espasmo, e frequentemente por ambos, e a sua partida é sempre sucedida por um transe ou um espasmo, e frequentemente por ambos. As diferentes Mollies seguem-se usualmente umas às outras na seguinte ordem: após o primeiro transe "Idol", depois "Rosebud", depois "Pearl" e, por último, "Ruby"; depois volta à condição normal, a da primeira Mollie ou "Sunbeam". As duas últimas Mollies são mais maduras que "Rosebud" e menos que "Idol".

Nunca fui capaz de determinar totalmente qual pronunciar como a mais velha; as principais características distintivas são que "Pearl" é mais contida, enquanto "Ruby" é vivaz quando não está absolutamente dominada pela intensidade do sofrimento. "Ruby" está sempre pronta para brincar e brilha com espirituosidade, enquanto "Pearl" é calma e parece sentir os fardos da vida mais agudamente, mas nunca se queixa nem mostra sinais de petulância. Para fazer uma comparação, eu diria que eram tão parecidas como duas irmãs de quase a mesma idade e disposição, exceto que uma tinha um temperamento mais exuberante do que a outra.

As visitas de "Pearl" ou "Ruby" são, regra geral, muito mais curtas do que as de "Idol" ou "Rosebud", e os aparecimentos de "Rosebud" são de menor duração do que os de "Idol". "Idol" por vezes manifestou ciúmes por não ser capaz de fazer um trabalho tão fino como "Sunbeam", e a tia da Miss Fancher, a Miss Crosby, disse-me que "Idol" por vezes agarrava no trabalho feito por "Sunbeam" e o desmanchava ou danificava de outra forma. A minha crença é, contudo, que isto não é feito tanto por ciúmes, mas sim pelo desejo de fazer saber a "Sunbeam" que ela esteve aqui, ou possivelmente para pregar uma partida, pois cada uma das vidas fala invariavelmente de forma muito gentil da outra.

A disposição e o temperamento de cada Mollie, parece-me, é bastante distinto de todos os outros e, para mim, seria bastante difícil acreditar que possam ser o mesmo ser, não fosse o facto de todas parecerem mais ou menos identificadas com algumas partes da vida de Mollie Fancher. Cada uma parece estar totalmente inconsciente da existência da outra, e acredito que assim seja.

Pede-me para declarar quaisquer factos de interesse relativos aos poderes clarividentes da Miss Fancher. Estou plenamente satisfeito, por ver as experiências tentadas, de que ela consegue ver, quando vendada, o que está a transcorrer dentro e ao redor do quarto. Usualmente os seus olhos estão fechados, e ela faz costura fina e bordados quando estão fechados. Consegue distinguir cores pelo tacto e, por vezes, trabalha à noite sem o auxílio de luz artificial. Ela contou-me muitas vezes que viu a

sua mãe, e também mencionou os nomes de outros amigos como vendo-os, os quais já faleceram há muito tempo.

Nesses momentos, ela está numa condição inconsciente quanto ao ambiente presente, e parece não haver obstáculo para impedir uma comunhão direta com o invisível. Observei a sua expressão facial nesses momentos e, embora o seu corpo estivesse rígido, o rosto retrataria alegria ou dor, indicando que uma entrevista estava a ser mantida com alguma pessoa invisível, durante a qual o rosto se iluminaria com uma alegria e uma paz que ultrapassavam a compreensão humana, como se uma alma presa à terra com grilhões soltos estivesse a gozar umas breves férias nas regiões de luz e repouso.

Depois, o seu rosto mudaria gradualmente para expressões de tristeza, cada vez mais profundas até serem suplantadas pela dor e, à medida que o corpo relaxava, pareceria como se um espírito que pairava, que estivera a brincar nos campos do paraíso, estivesse a dizer adeus aos entes queridos e estivesse a refazer os seus passos para baixo, para o ambiente menos congénito da terra, para acordar novamente no seu leito de sofrimento sempre presente.

Ela descreveu corretamente onde eu estava e o que estava a fazer em várias ocasiões; uma vez a uma certa hora na cidade de Muskegon, Michigan, no mês de outubro de 1889. Ela, claro, estava em Brooklyn, quando, pelo meu conhecimento seguro, não poderia ter meios de o saber por nenhum dos canais de comunicação conhecidos e reconhecidos. Eu não lhe tinha comunicado o facto de que ia cantar num espetáculo ali; eu próprio não esperava fazê-lo senão pouco tempo antes de acontecer. Enviei-lhe depois um relato disso, que foi publicado no jornal local dali, mas descobri que num dos seus transes ela tinha, de algum modo inexplicável para mim, visto-me ou tomado conhecimento do que eu estava a fazer, descrevendo corretamente o meu ambiente com tal particularidade que coloca a descrição além de qualquer dúvida quanto à exatidão. Ao sair do transe, ela contou ao Sr. Herbert Blossom, um amigo íntimo que vigiava então à sua cama, o que tinha visto.

Conheço também o Sr. Blossom intimamente e posso confiar plenamente na sua palavra, que foi que, ao sair do transe, ela descrevera aquilo em que me vira ocupado a fazer e o meu ambiente. Ele não deu crédito à afirmação na altura como sendo de todo correta e insistiu, disse ele, que ela devia, por uma vez, ter cometido um erro.

Talvez seja bem registar a sua própria versão deste evento, que é a seguinte: ao sair do transe, o Sr. Blossom comentou que ela estivera fora muito tempo e ele começou a ter medo de que ela nunca mais voltasse. Ela respondeu que estivera longe e vira o Sr. Sargent. Ele estava de pé, rodeado por muita gente, e estava a

cantar. O Sr. Blossom sorriu então incrédulo e disse: "Acho que isso não pode ser verdade, pois eu era um quase estranho lá fora." A Miss Fancher respondeu: "Espera e verás; verás que tenho razão." A ocasião era a abertura ao público dos armazéns de pianos da Chase Bros., que foi celebrada com um concerto. O meu aparecimento ali foi totalmente inesperado algumas horas antes. Por acaso estava naquela cidade em negócios e aceitei um convite improvisado para cantar, não constando sequer o meu nome no programa impresso.

Uma noite visitei a casa da Miss Fancher e descobri que o Juiz Dailey tinha acabado de entrar com outros dois cavalheiros. Ao apresentá-los, o Juiz Dailey disse: "Mollie, alguma vez viu algum destes cavalheiros antes?". Apontando para um, ela disse: "Nunca vi esse cavalheiro antes", e olhando para o outro hesitou um momento e disse: "Ora, Juiz Dailey, este é o cavalheiro que eu vi consigo naquela noite de que o Sr. Sargent tomou nota às onze horas da noite, há um ano ou pouco mais."

Num domingo à noite, no mês de março de 1887, visitei a Miss Fancher por volta das nove horas. Ela estava num transe à hora da minha chegada e a sua tia, a Miss Crosby, informou-me que ela estivera nessa condição há já um bom bocado. Pouco depois da minha entrada ela recuperou a consciência e, após me saudar, disse: "Vi-o uma vez antes esta noite." Fiquei, claro, espantado com esta declaração, sabendo que não estivera perto da casa dela, e também que teria sido impossível para ela ter deixado a cama. Pedi-lhe que dissesse onde me tinha visto. Ela disse: "Na igreja; o senhor estava de pé num vão de porta; a porta estava parcialmente aberta e o senhor estava a apertar a mão a uma senhora." Os factos sobre o meu paradeiro são os seguintes: nessa altura eu estava encarregado da música na Igreja Presbiteriana da Avenida Classon. Terminados os serviços, fui à sala da biblioteca guardar alguma música e, ao regressar ao auditório da igreja, uma das senhoras do coro estava à minha espera para saber a hora marcada para um ensaio, que se realizaria durante a semana seguinte. Enquanto falávamos, ela estava do lado da soleira da porta dentro da igreja e eu do lado da biblioteca. Após uma breve conversa, apertámos as mãos, demos o boa-noite, indo ela pelo seu caminho e eu direto para a beira da cama da Miss Fancher.

Os casos que mencionei indicam todos que a Miss Fancher estava num estado de transe no momento da ocorrência. Estou convencido, contudo, de que não é em todos os momentos necessário que ela esteja nessa condição para exercer o fenómeno da chamada segunda vista. Vi-o manifestado em várias ocasiões, sendo duas delas nítidas na minha memória. Vou relatá-las. Na noite de Domingo de Páscoa de 1887, eu tinha passado pela casa dela por uns momentos, após o serviço noturno na igreja. Estavam também presentes alguns outros dos seus amigos. Estávamos todos envolvidos em conversa geral quando a Miss Fancher exclamou:

"Há flores à porta." Um momento depois a campainha da porta tocou e um grande cesto de flores foi-lhe trazido, tendo sido enviado da Igreja Baptista Emanuel, da qual ela é membro. As flores enviadas faziam parte das usadas na decoração da igreja naquele dia.

O outro incidente a que aludo pode parecer um pouco cómico, mas por uma questão de exatidão narrá-lo-ei tal como ocorreu. Foi há cerca de três ou quatro anos. Aconteceu que uma noite eu estava no seu quarto quando o gás estava regulado bastante baixo, como é usual, sendo o brilho da luz doloroso para ela. Eu segurava na mão uma pequena bugiganga de joalharia, que caiu acidentalmente ao chão e rolou para longe.

Devido à penumbra, eu não conseguiria tê-la visto de qualquer maneira. Ela riu-se da minha inabilidade e disse: "Eu vejo-a." Essa afirmação deixou-me intrigado, pois ela estava deitada com o rosto virado para o lado oposto àquele para onde eu supunha que o objeto tivesse rolado; e, em qualquer caso, eu não conseguia entender como é que ela poderia tê-lo visto melhor do que eu, devido à escuridão. Questionei, portanto, a sua capacidade de o ver. "Bem", disse ela, "faça como eu lhe digo e veja se não tenho razão." "Está bem", disse eu. "Não aumente o gás", disse ela, "mas ponha-se de mãos e joelhos no chão", e como crianças, acordámos adotar o plano da escondida, devendo ela indicar-me, à maneira do velho jogo do quente ou frio, isto é, se eu estivesse longe estava "frio"; se me aproximasse estava "a ficar mais quente". Então pus-me de gatas, exatamente onde estava, e ela disse que eu estava frio. Movi-me noutra direção e ela disse que eu estava a gelar. Virei-me novamente e fiquei mais quente, e a cada mudança de direção ela indicava o meu sucesso pela temperatura; finalmente fiquei "quente" e o meu olho pousou no objeto, mas para testar mais o seu poder, afastei-me.

Ela estava em grande alegria e entrou no desporto com todo o entusiasmo da infância, e disse que eu estava a ficar frio mais uma vez. Então movi-me em direção ao objeto e perguntei onde estava a minha mão então; ela disse: "Muito quente"; então pus a mão em cima e perguntei de novo, ao que ela disse: "Já o tem." Durante todo este tempo, ela não tinha mudado de posição nem olhado naquela direção. Além disso, se o tivesse feito, teria sido inútil no que toca à visão comum, pois a posição da bugiganga no chão era a cerca de seis polegadas do fundo da cama, e o topo da cabeceira dos pés estava pelo menos doze polegadas acima da sua cabeça, na posição em que ela estava deitada.

GEORGE F. SARGENT

O que se segue foi encontrado com a caligrafia de "Pearl" há alguns anos, na cama da Miss Fancher, e expressa os seus sentimentos ao acordar para a consciência numa linguagem muito comovente. Intitulei-o:

Luz Por Entre a Escuridão.

"Não vou escrever um livro ou uma história; apenas a história do coração e as experiências de uma vida que saiu verdadeiramente da escuridão. O meu primeiro despertar para esta vida terrena — deixem-me ver se me consigo lembrar — Oh! sim. Foi numa noite fria, muito fria, nos meses de inverno — qual o mês, não sou capaz de dizer, não importa — apenas como vim para aqui e de onde vim exatamente, continuo até hoje em dúvida, e um mistério envolve a abertura da minha vida.

Como disse, numa noite fria de inverno, o gás ardia baixo, as janelas abertas como se alguém estivesse a precisar de ar. O luar brilhava sobre mim quando abri os olhos pela primeira vez para quê? Seria a vida? Estaria eu viva? Será impossível para mim alguma vez descrever as sensações que tive quando me encontrei aqui pela primeira vez. De onde tinha eu caído? Onde estava eu? E para onde ia eu e o que era a minha vida? O que significava tudo aquilo? Questionei em silêncio.

E, no entanto, por vezes, ao olhar agora para trás e tentar recordar ou resolver o mistério da minha nova vida, apenas consigo pensar, e poderia imaginar, como uma alma perdida se sentiria ao cruzar as mãos em sono e acordar nos braços de Jesus e no Céu. Eu estava assim perturbada e, por momentos, pensei que estava no Céu. Tê-lo-ia pensado por mais tempo, mas dores agudas, agonia intensa e a luta pela respiração disseram-me que ainda estava na terra. Pois lá no Céu não há dor nem tristeza, e eu sofria tudo isso. Foi então que percebi que não era o Céu com a minha mamã. Oh, mamã, tu sabes quantas vezes te implorei para me levares contigo e para casa.

Isto é um longo prelúdio para um assunto pequeno. Por que estou a escrever estas linhas? Nenhuns outros olhos senão os meus as lerão. Não são para críticos olharem e passarem o seu julgamento sobre elas. Oh! não. Dir-vos-ei por que estou a escrever; é para aliviar um coração solitário — pois estou sozinha. Mas devo prosseguir com a minha história. Retomar o fio novamente e, contudo, pauso por falta de palavras para explicar os meus sentimentos. Nesta noite fria, quando os meus olhos se abriram após alguns momentos de silêncio, uma voz disse: 'E quem é esta, "Sunbeam", "Idol" ou "Rosebud"?'"

CAPÍTULO XIV
Relativo ao Depoimento da Sra. Sarah E. Towsend e Clarividência

O depoimento seguinte, gentilmente fornecido para esta publicação pela Sra. Thomas S. Townsend, da cidade de Nova Iorque, é de grande importância. Merece uma leitura atenta.

A evidência dos extraordinários poderes clarividentes da Miss Fancher é tão volumosa que nenhum testemunho adicional poderia acrescentar muito à sua conclusividade. Neste depoimento da Sra. Townsend encontram-se dois casos em que a Miss Fancher exerceu os seus poderes clarividentes num grau quase inigualável. O caso em que ela viu e ouviu corretamente o que se passava em Cornwall mostra inequivocamente que, enquanto os seus amigos estavam a cinquenta milhas de distância da sua casa, ela mantinha com eles relações tais que lhe permitiam tanto ver o que estavam a fazer como ouvir distintamente o que diziam.

A pergunta que ela fez enquanto estava em transe naquele momento mostra claramente que os seus órgãos vocais estavam a responder à sua pergunta mental: "Como é que gostam deles?". Ela diz: "Eu tentei tanto fazer com que me vissem e ouvissem." O esforço fez com que os seus lábios proferissem a pergunta enquanto jazia na sua cama. Embora tenha falhado em tornar os seus amigos em Cornwall conscientes da sua presença, ela não falha em mostrar que estava presente com eles nessa altura. Uma das lições que estamos a aprender com a vida da Miss Fancher é que uma consciência pode, por vezes, ter perceção de transações em locais distantes do corpo ao qual essa consciência está relacionada pelos laços desta vida e, por conseguinte, "estar presente" pode significar muito mais do que essa linguagem habitualmente importa.

Se, enquanto ainda relacionada com o seu corpo na cama em Brooklyn, os seus poderes espirituais a levaram instantaneamente a Cornwall, onde tanto viu como ouviu os seus amigos como se estivessem presentes com o seu corpo no seu próprio quarto, segue-se a conclusão natural e razoável de que o homem tem uma alma e pode exercer as suas faculdades sem a presença imediata do corpo, sob condições peculiares, e que a distância e os objetos materiais não são obstáculos para o espírito, como o são para o corpo.

A Miss Fancher viveu muito tempo em sofrimento extremo devido à dor e à tortura física, e milhares de vezes o fio de prata da vida esteve tão perto de ser cortado que ela esteve aparentemente morta. Milhares de pessoas olharam para as

suas feições pálidas e rígidas, quando o seu corpo poderia ter sido perfurado com agulhas e queimado com fogo sem sensações de dor para ela, de tal modo estava a parte consciente do seu ser, a alma, libertada. Estes testes foram frequentemente aplicados ao seu corpo pelos seus médicos, enquanto ela estava nas suas condições de transe, sem qualquer resposta.

Aprendemos aqui o que há muito tem sido afirmado e acreditado por milhões de pessoas de todos os credos e fés: que a alma não pode ser torturada por sofrimentos físicos quando uma vez cortadas as suas relações com o corpo. Também nos ensina que, enquanto ainda mantém relações com o corpo suficientemente fortes para despertar novamente as suas faculdades adormecidas, ela pode entrar em reinos invisíveis para nós, ou locais remotos, e testemunhar o que ali se passa, e ouvir o que outros não conseguem ouvir, mesmo estando junto ao corpo.

O incidente ocorrido à porta da rua é importante, pois mostra que os poderes de clariaudiência da Miss Fancher não se limitam às suas condições de transe. As pessoas leem as suas Bíblias e acreditam que os videntes e profetas possuíam os poderes que ali estão registados como tendo exercido. Não há em parte alguma, nem no Antigo nem no Novo Testamento, qualquer autoridade para a crença tão comummente entretida de que os poderes exercidos pelos videntes estão limitados a qualquer classe de pessoas ou a qualquer época. Pelo contrário, a tendência das Escrituras aponta no sentido oposto. Quando Pedro se levantou em defesa das manifestações que acompanhavam as obras dos discípulos, apontou para a multidão incrédula as profecias que estavam então a ser cumpridas (Atos, capítulo 2).

Os maravilhosos poderes de clarividência de Emanuel Swedenborg permitiram-lhe testemunhar o incêndio de Estocolmo enquanto ele estava em Inglaterra, mas a posse quase contínua desse dom pela Miss Fancher durante tantos anos torna o seu caso único e maravilhoso.

A Sra. Townsend diz:

"Quando conheci a Mollie pela primeira vez, ela estava na cama há seis anos, e o Sr. Townsend travou conhecimento com ela cerca de seis semanas mais tarde. Ambos ficámos muito afeiçoados a ela. Eu costumava passar um dia e uma noite com ela todas as semanas; o Sr. Townsend vinha e passava a noite comigo. A certa altura, no sétimo ou oitavo ano da sua doença, o irmão da Mollie, agora falecido, adoeceu, e a Miss Crosby foi para a casa dele em Cornwall, no Hudson, por isso estive muito tempo com a Mollie, a cuidar dela.

Em frente de onde ela mora residiam o Sr. e a Sra. Parkhurst. Essa senhora e eu estávamos sentadas com ela no dia em que a Miss Crosby partira, quando

subitamente a Mollie entrou num transe perfeitamente rígido. Dissemos, como sempre fazíamos em tais ocasiões: 'A Mollie foi-se embora!'. Passado um pouco, ela exclamou: 'Como é que gostam deles?'. Em meia hora, deu um suspiro profundo e saiu do transe.

Perguntámos: 'Onde estiveste?'.

'Estive com a Tia Susie (Miss Crosby), e tentei tanto fazer com que me vissem e ouvissem.'

'O que é que eles estavam a fazer?'

'Ora, estavam a olhar para os presentes que lhes enviámos, e eu perguntei-lhe (referindo-se à esposa do irmão da Mollie) como é que ela gostava deles.'

A Mollie descreveu então como tinha visto cada pessoa na casa em Cornwall, o que estavam a fazer e o que disseram. Quando lhe perguntámos como tinha ido e voltado, disse: 'Em parte pelo caminho-de-ferro e em parte pelo telégrafo!' (Certamente uma piada da Mollie.) Quando a Miss Crosby regressou a casa, pedimos-lhe para descrever como tinham estado as coisas, e o que tinha sido feito e dito na noite da sua chegada a Cornwall. Ela deu um relato completo, e este correspondia a tudo o que a Mollie tinha dito, ao que ela exclamou: 'Não vos disse?'

A coisa mais estranha sobre ela são as muitas mudanças por que passa. Claro que é bem sabido que, nos primeiros nove anos, ela não conseguia manter nada sólido no estômago. Tenho a certeza de que não mantinha nada no estômago e, de facto, não conseguia engolir durante os primeiros anos em que a conheci. Ela costumava chamar-me a mim e ao Sr. Townsend de 'Papá e Mamã Tom'.

A luz perturbava-lhe tanto os nervos que ela tinha o quarto quase às escuras, tanto que eu achava difícil enfiar a linha na agulha. Mas ela dizia: 'Oh, dê-me cá, Mamã Tom', e num instante a teria enfiada. Sempre que eu perdia alguma coisa, ela dizia-me exatamente onde estava, e se algo faltava na casa da Miss Crosby, a Mollie entrava num transe cataléptico momentâneo, e sentava-se direita, o que eu sempre adorava ver, estendendo os braços e dizendo: 'Ali está! Eu vejo-o', caindo depois desamparada imediatamente se não a amparássemos. Não vejo a Mollie há alguns meses. Nunca a vi sentar-se direita exceto no transe; ela tem sempre de ser amparada com almofadas. Não vejo como ela poderia sentar-se com a coluna como está.

Ela fazia as mais belas flores de cera, e eu mostrei-lhe como fazer as folhas. Aprendeu com uma rapidez espantosa, pois é extraordinariamente inteligente. Disse

que algumas vezes via através da testa, noutras o topo da cabeça parecia estar cheio de luz, e ocasionalmente era difícil para ela ver o que quer que fosse.

Ela costumava pôr cartas seladas debaixo da almofada e lia-as; por vezes lia passando a mão sobre elas, e vi-a ler livros da mesma maneira.

Muito poucas pessoas têm ideia de quanto a Mollie sofreu e, no entanto, ela tem sido uma ajuda tão grande para os outros. Conheço um ministro proeminente que ia frequentemente ter com ela, e a mim disse-me com muita franqueza: 'Não venho para ajudar a Mollie, mas para colher força e consolação dela.'

Houve alturas em que a Mollie não conseguia ouvir a menos que dirigíssemos a nossa voz pelas suas narinas, conforme ela nos instruía; e quando o seu coração batia com uma violência assustadora, dizia-nos para soprarmos sobre ele, pois isso aliviava-a.

Foi enquanto eu cuidava da Mollie que veio um agente do Barnum, que tinha lido artigos de jornal sobre ela. Ele queria exibir a Mollie. Falei com o agente à porta da rua e senti-me muito indignada e zangada. A Mollie não podia ouvir-nos de onde estava, mas depois repetiu-me toda a conversa. Quando fechei a porta ao agente e subi as escadas novamente, encontrei a Mollie não zangada, mas a rir. Disse: 'Pense só nisso, Madam Tom; imagine-me a exibir-me por vinte e cinco cêntimos? Fico feliz por ter sido tão firme com ele. Se não estivesse aqui, ele teria certamente entrado de uma maneira ou de outra.'

Eu estava com a Mollie quando a mudança ocorreu nela após aqueles nove anos, e foi tudo muito doloroso. A mudança ocorreu gradualmente em cerca de duas semanas, durante as quais a Mollie chorava frequentemente e dizia que algo terrível lhe ia acontecer. Uma noite o clímax chegou, e então vi os olhos da Mollie pela primeira vez. Eles abriram-se subitamente de par em par, e nunca vi nada mais belo, pois, embora sem visão, ela parecia perfeitamente angelical. Essa noite foi algo para nunca ser esquecido.

Ela estava maravilhosa; e parecia estar num palco a gesticular com uma mão pequena, e depois cantou belissimamente. Durante vários dias a Mollie esteve num estado de inconsciência e supusemos que estava a morrer. Quando saiu desse estado, tudo e todos lhe eram estranhos. Nem sequer conhecia a sua tia. Todo o ambiente a perturbava e levou muito tempo a reconciliar-se com ele. Éramos inteiramente desconhecidos para ela. Quando o Sr. Townsend se aproximou dela com a sua habitual solicitude amigável, ela afastou-se como se o considerasse muito impertinente. Tivemos de começar o conhecimento todo de novo, e ela nunca mais

nos tratou como 'Papá e Mamã Tom'. Mas, nesse segundo estado, costumava chamar-me 'Lady Townsend'.

Vi tanto da Mollie e dos seus estranhos poderes que nada de extraordinário parece destacar-se salientemente do resto. Amo a Mollie com muita ternura e faria qualquer coisa para a servir. Penso que, antes de morrer, a Mollie voltará ao seu eu original, tal como a conheci primeiro.

SARAH E. TOWNSEND.
Nova Iorque, 16 de julho de 1893."

O esforço mal sucedido da Miss Fancher em fazer a sua presença conhecida aos seus amigos em Cornwall sugere à mente do autor os casos frequentemente registados onde se afirma que pessoas foram vistas em dois locais remotos um do outro no mesmo momento. Estas alegadas ocorrências deram origem à teoria do "duplo", que é a de que o homem é um ser duplex, e o facto de ser visto em dois locais ao mesmo tempo não pode ser explicado por nenhuma outra teoria. Sociedades psíquicas na Europa e neste país têm andado, há vários anos, a recolher e a colacionar todo o testemunho possível sobre este e outros assuntos semelhantes.

Estudantes de Ciência Psíquica farão bem em obter do Prof. Richard Hodgson, de Boston, as atas da referida sociedade. A Psicologia é agora inequivocamente reconhecida como um estudo científico e, como incide mais diretamente do que qualquer outro sobre as relações das partes mentais e espirituais do homem com as partes físicas, está a tornar-se rapidamente um assunto importante e interessante para estudo e investigação.

Os casos registados do exercício dos poderes notáveis da Miss Fancher, que o leitor encontrará nestas páginas, fornecerão material abundante para consideração cuidadosa. Que nenhum leitor rejeite apressadamente o testemunho aqui colocado perante ele. É um adágio que "o que o homem fez, o homem pode fazer". Foi verificado demasiadas vezes para ser contestado agora. Não há nada que o homem tenha feito no passado que não possa fazer agora. É um homem tolo aquele que acredita que a natureza não é fiel a si mesma. As suas leis não mudam. Quando lemos ou ouvimos falar de algo que aparentemente anula as leis da natureza, podemos assumir com segurança que o mistério aparente pode e será ultimamente explicado, e que o processo pelo qual resultados estranhos foram produzidos será descoberto.

Fenómenos que não foram explicados podem eventualmente sê-lo, e é muito melhor procurar e tornar conhecidos os processos da natureza do que atribuí-los ao ato direto de seres invisíveis e instáveis. Ao dizer isto, o autor não deseja ser

entendido como alguém que defende a ideia de que o homem pode compreender ou explicar tudo o que lhe é apresentado nos fenómenos da natureza que ocorrem constantemente. Ele está agora, e esperemos que sempre esteja, rodeado por um mistério insondável. Como nunca se compreenderá a si próprio, quanto menos compreenderá o grande universo do qual faz parte e no meio do qual é um fogo ardente e brilhante de luz intelectual, perscrutando e olhando para o que o rodeia com espanto e admiração.

A obra da Divindade torna-se mais grandiosa, e o Seu trato com os Seus filhos pode ser melhor reconciliado com as conceções de justiça do homem, ao olhar para todas as coisas como sujeitas igualmente a leis imutáveis. Pode Aquele, que é Tudo e está em tudo, fazer violência a Si mesmo? Pode Ele anular-Se? Deus está na natureza e é para a natureza todas as suas leis. Aprendemos a conhecê-l'O mais, e crescemos para O amar melhor, à medida que entramos mais plena e perfeitamente no conhecimento das Suas obras. E onde seremos travados? Quem estabeleceu limites para além dos quais não podemos ir?

Haverá mistérios demasiado sagrados para serem investigados? O fanatismo e a ignorância são parentes. O conhecimento é para o homem como o sol para o mundo em que habita. Um homem verdadeiramente iluminado não pode ser nem um tirano nem um escravo. A alma do homem corresponde à sua iluminação. O homem que faz o mal mostra, com isso, uma falta nalguma parte de uma mente bem educada e de uma natureza equilibrada. O homem está a elevar-se de condições mais brutas para um ser mais perfeitamente desenvolvido.

A religião deveria libertá-lo de todas as limitações na busca do conhecimento. Padrões arbitrários nunca podem ser justificados, exceto para a segurança e o bem-estar da sociedade. A natureza espiritual do homem, e as suas relações com a humanidade e o mundo em que vive, bem como com a Divindade, deveriam ser estudadas e compreendidas, se tal coisa for possível. Por muito imperfeito que o início possa ser, nada e tudo o que possa iluminá-lo deve ser, não temido, mas ansiosamente desejado. As lições que podemos aprender com o conhecimento das experiências, atos e poderes manifestados na vida da Miss Fancher são essenciais e valiosas para uma melhor compreensão da natureza e dos poderes do homem.

Nas observações precedentes, não foi desejo do escritor fazer mais do que procurar obter do leitor uma consideração cuidadosa das fases notáveis do caso da Miss Fancher. Ele não se ilude pensando que os seus esforços serão inteiramente bem sucedidos. Antecipa a crítica adversa de pessoas exatamente como o eminente Dr. Beard, de Nova Iorque, que, na sua presunção, declarou a Miss Fancher uma fraude e que o poder clarividente não era possuído por ninguém. Mas mais tarde, na

sua maior sabedoria, aprendeu que se tinha estultificado e, humildemente, para seu crédito seja dito, pediu-lhe que o perdoasse.

CAPÍTULO XV
Depoimento do Sr. Thomas S. Townsend

O Sr. Thomas S. Townsend, de Nova Iorque, diz:

"Antes da primeira mudança ocorrer na condição da Mollie, e enquanto a Sra. Townsend cuidava dela, durante a ausência da sua tia em Cornwall, eu ia à casa todos os dias por volta das três e meia da tarde e permanecia até à manhã seguinte. Numa ocasião, uma senhora, agindo como minha secretária, encontrou-se comigo na balsa de Wall Street com alguns papéis que era importante eu ter imediatamente. Sendo uma bela tarde no mês de junho, convidei-a a fazer a travessia do rio. Ela fê-lo e subiu a rua Montague comigo até à rua Fulton, onde apanhou um carro para a balsa de Fulton, enquanto eu apanhei outro na direção oposta — para casa da Mollie — chegando lá pouco depois das quatro horas.

Por volta das sete horas dessa noite, a Mollie disse-me: 'Quem é que atravessou a balsa consigo esta tarde?'.

A Sra. Townsend disse então que, por volta das três e meia, a Mollie estivera num transe e, enquanto nessa condição, notara uma expressão de divertimento no seu rosto, e quando ela voltou a si, a Sra. Townsend perguntou o que tinha visto que fosse tão engraçado. A Mollie não lhe deu satisfação. Mas depois de me ter perguntado: 'Quem é que atravessou a balsa?', admitiu ter visto a senhora e deu o nome da pessoa referida.

THOMAS S. TOWNSEND.
Nova Iorque, julho de 1893."
Depoimento da Sra. Emily Blossom, Residente em Brooklyn.

Juiz A. H. Dailey:

"Caro Senhor. — Em resposta ao seu pedido para um depoimento tocante ao meu conhecimento da Miss Fancher, e ao que testemunhei que possa ser de interesse público em relação ao seu caso, tomo a liberdade de declarar o seguinte:

O meu marido e eu somos, há muito tempo, dos seus amigos mais íntimos. Ela costumava tratar-nos pelos termos carinhosos de 'Tio Joe' e 'Tia Em'."

"O Sr. Blossom, que faleceu há seis anos, teve experiências muito interessantes com a Mollie. Numa ocasião, enquanto ele estava sentado à sua cabeceira, foi-lhe trazida uma carta. Ela colocou-a debaixo da almofada sem a abrir e leu-a na íntegra. O Sr. Blossom disse então: 'Agora, Mollie, deixa-me abrir essa carta e lê-la para mim mesmo, de modo a que não a possas ver, enquanto tu ma repetes palavra por palavra, se fores capaz.' A Mollie concordou e leu-a sem cometer um único erro. Uma vez, enquanto a visitávamos, o seu esquilo de estimação desapareceu e não conseguíamos encontrá-lo em lado nenhum, mas a Mollie disse que estava no quarto ao lado, debaixo da cama.

Esse quarto estava bastante escuro, mas entrámos e, sob as instruções da Mollie, perseguimos o esquilo de canto em canto até o capturarmos. Sim, vi a Mollie em todas as suas condições, cinco, creio eu, e como ela não conhece os seus vários 'eus', sugeri que escrevesse notas para as outras Mollies. Isto foi numa ocasião em que ela acordou de um transe e me disse: 'A Mollie número um está com muito medo porque está sozinha.' Perguntei por que estava sozinha, e disse que ela deveria escrever notas às outras Mollies e perguntar-lhes.

A 1 de julho de 1893, visitei a Mollie e ela sentou-se na cama, como tem feito ultimamente mais do que uma vez. Almoçou comigo, muito delicadamente, mas comeu algo; ao passo que, em tempos, durante nove anos, nada entrou no seu estômago. Ela não conseguia engolir, os músculos da sua garganta estavam completamente contraídos. Por vezes tomava uma colherada de gelado — algo que agora não lhe cai bem — ou qualquer outra pequena coisa que derretesse facilmente, e a totalidade era absorvida pelas membranas da sua boca.

Atenciosamente,
EMILY BLOSSOM.
Brooklyn, 11 de julho de 1893."
Depoimento do Sr. Herbert Blossom.

"Conheço a Mollie Fancher desde 1872, quando eu era muito jovem, e vi-a com frequência desde essa altura até ao ano de 1881; depois disso, apenas uma ou duas vezes até 1888, e desde então tenho-a visto ocasionalmente. Quando travei conhecimento com a Mollie, ela estava muito relutante em mostrar qualquer um dos seus estranhos poderes, mas costumava contar-me coisas que aconteciam no meu próprio quarto. Lembro-me de que, quando era rapaz, tinha o hábito de ficar acordado a ler à noite, e ela fez-me prometer que me iria deitar às dez horas. Uma

noite esqueci-me e, quando fechei o livro e olhei para o relógio, faltavam quinze minutos para as onze. Da próxima vez que vi a Mollie, ela perguntou-me a que horas me tinha ido deitar naquela noite. Eu disse que por volta das dez. Mas ela disse: 'Não; eu estava lá, e eram quinze para as onze.'

Costumava levar-lhe jornais e ela apenas punha a mão sobre eles e contava-me todas as notícias que continham; depois eu desdobrava-os, lia-os e verificava que ela estava totalmente correta.

Nove anos da sua vida são um vazio para ela; quando saiu desse estado, não me conhecia; tive de travar conhecimento com ela de novo. Quando não havia mais ninguém para cuidar dela, eu passava a noite a vigiá-la e, como as suas muitas condições geralmente lhe surgem à noite, ela agora conhece-me em todas elas, exceto numa. Quando ela acordou nessa quinta condição, uma noite, disse-me: 'Bem, e quem é o senhor?'

Durante o último ano, vi-a em todos os seus diferentes estados, da Mollie Número 1 à Mollie Número 5. Na verdade, durante uma noite, vi-a passar por todos eles sem qualquer convulsão, apenas com um suspiro profundo entre cada um, enquanto geralmente as convulsões são violentas. Ela exibe características diferentes em cada uma, e tenho sempre de esperar para ouvir o que ela diz, para que possa saber qual Mollie está a falar comigo. Numa das suas condições, ela é muito alegre e espirituosa. Em cada uma, recorda o que ocorreu na mesma condição, mas nada das várias outras. Numa delas, fala, pensa e age como uma criança de seis anos; durante vários meses entrou nesse estado por um curto período em cada vinte e quatro horas. Pode não ser realmente o caso, mas pareceu-me que, quando eu estava sentado ao seu lado a falar com ela toda a noite, ela não entrava tanto nessas condições como quando era deixada sozinha.

Quando eu estava a dormir no sofá, os seus espasmos eram por vezes tão violentos que o tremor do chão me acordava. Entre cada espasmo ela seria uma Mollie diferente e, de manhã, a sua vitalidade era muito baixa. Quando saía dos seus estados catalépticos, eu costumava perguntar-lhe o que tinha visto, mas ela raramente dizia uma palavra sobre o assunto. Quando lhe perguntei como era possível que ela visse tudo, disse que parecia ver através da testa, acima dos olhos.

A Mollie tem sido uma grande sofredora. Há muitos anos, disse-me que nunca tivera um momento livre de dor. O seu coração batia muitas vezes tão forte que se podia ver a roupa da cama latejar. Ela sempre foi boa e paciente. Por vezes, quando eu estava lá, vinham pessoas contar-lhe os seus próprios pequenos problemas, e parecia-me que eram tão insignificantes comparados com os dela; no entanto, ela

esforçava-se sempre por confortar aqueles que vinham ter com ela em busca de consolação.

A Mollie é realmente uma pessoa maravilhosa, muito inteligente e, na sua paciência e amável consideração pelos outros, é certamente um caráter belíssimo. Ao longo de todos os seus longos anos de doença, nunca esteve emaciada na garganta e no pescoço; tem estado e está muito rechonchuda. Isto costumava ser uma fonte de surpresa para mim.

Repetidas vezes observei a Mollie em espasmos, em que ela rolava continuamente a cabeça na almofada de um lado para o outro durante um quarto de hora de cada vez; também batia violentamente no peito, de tal modo que, pela manhã, este estava pisado.

Pedem-me para declarar o que recordo referente a ela ter visto o Sr. Sargent enquanto estava num dos seus transes. Lembro-me de que estava a vigiá-la uma noite enquanto o Sr. Sargent estava fora, em Muskegon, Michigan, onde tinha ido organizar uma empresa para o fabrico de mobiliário para inválidos, no qual a Mollie estava interessada. A Mollie entrou num transe profundo durante algum tempo; toda a evidência de animação estava ausente, como era habitual nos seus transes.

Quando recuperou a consciência e lhe perguntei onde tinha estado, informou-me de que, no seu transe, fora ver o Sr. Sargent, e disse que ele estava numa sala grande com várias pessoas ao seu redor, e numa plataforma ou palco, e estava a cantar. Tive a certeza de que ela estava enganada e disse-lho; mas ela disse: 'Vamos esperar e ver.' Quando o Sr. Sargent regressou, soube por ele que, na noite em que ela estivera no transe, ele estivera ocupado a cantar, e que a descrição dela sobre o que vira estava inteiramente correta.

HERBERT BLOSSOM.
Brooklyn, 11 de julho de 1893."
Carta da Sra. Alice D. LePlongeon.

"Rua Sidney, 18,
Brooklyn, L. I.,
6 de julho de 1893.

Juiz Abram H. Dailey:

Caro Senhor. — Fui apresentada à Miss Fancher há alguns anos pelo eminente académico Dr. C. E. West, em cujo seminário a Mollie estava prestes a graduar-se, pouco antes do terrível acidente que a prostrou. Tenho-a visitado frequentemente

com o meu marido, o Dr. LePlongeon, que, como médico, estava muito interessado no seu caso. Ele considerou-o extraordinário e disse à paciente que não o surpreenderia se chegasse o tempo em que ela voltasse a pôr-se de pé.

Estamos convencidos de que a Mollie vê com bastante clareza, embora os seus olhos não tenham visão. Numa ocasião, levámos fotografias para lhe mostrar. Com as pálpebras fechadas e o quarto quase às escuras, ela teceu comentários sobre as imagens, apontando inclusivamente um retrato meu num grupo muito pequeno, onde o meu rosto mal era maior do que a cabeça de um alfinete comum; não lhe tínhamos dito que a minha figura estava lá.

Ela tinha uma gata de estimação chamada Sarah Bernhardt. Quando esta entrava no quarto, silenciosa como essas criaturas são, ela exclamava: 'Lá vem a Sarah Bernhardt!'

Num domingo à tarde, enquanto eu falava com ela, começou uma forte tempestade. A Mollie disse imediatamente: 'Que pena! Esse seu vestido vai ficar arruinado.'

'Ora, Mollie,' disse eu, 'tu não sabes como é o meu vestido.'

'Sei, sim; é de cetim cinzento-prateado.'

A sua descrição estava correta e fiquei muito surpreendida. Nunca nos cansámos de admirar as maravilhosas flores de cera feitas pela Miss Fancher e, numa tarde, a sua dedicada tia, a Miss Crosby, mostrou-nos umas requintadas cortinas (portières) trabalhadas pela Mollie. Eram de pelúcia grená, bordadas com seda, ouro velho, verde-esmeralda, cinzento-pérola, branco puro e um castanho rico. O desenho era elaborado, executado com perícia e gosto admiráveis, sendo o trabalho perfeito e a mistura de cores extremamente artística. O veludo grená era forrado com seda ouro velho.

Estas cortinas podem ser vistas na Rua St. James, nº 30, Brooklyn, a casa do Sr. L. Ali encontra-se também um belíssimo sanefo (lambrequin), feito pelas mesmas mãos ágeis e realmente adoráveis. A Flor-da-Paixão é o desenho no sanefo, tendo essa flor sido muito admirada e cultivada pelo cavalheiro mencionado. Ele interessou-se em encontrar compradores para alguns dos trabalhos finos da Mollie, e foi ele quem nos falou de uma senhora que viu a Mollie esboçar com grande rapidez um belo ramo de rosas, selecionar depois agulhas e sedas, enfiá-las sem qualquer hesitação e completar rapidamente o trabalho da maneira mais perfeita, com os olhos bem fechados. A senhora disse: 'Oh, Mollie, os teus olhos estão nas pontas dos teus dedos.'

A Mollie apenas se riu e, quando a peça de trabalho foi concluída, deu-a à senhora para a inserir numa colcha de retalhos (crazy quilt) que a própria senhora estava a fazer e que ainda tem em seu poder. Quando o Sr. L. gentilmente nos permitiu examinar as cortinas que agora estão na sua casa, disse: 'Conheço a Mollie há catorze anos e vi muitas coisas intrigantes para as quais não consigo encontrar nenhuma explicação lógica. Ela certamente vê com precisão, embora os seus médicos digam que os seus nervos óticos estão destruídos. Mas ela sempre hesitou em mostrar os seus poderes.'

Surpreende-me que a Mollie tenha conseguido, enquanto deitada de costas, trabalhar numa peça de tecido tão grande como as cortinas, e ter produzido um efeito geral tão fino, sem ter a coisa toda estendida diante de si. Ela deve ter tido o trabalho, na sua forma concluída, perante a sua visão mental.

Tendo estado frequentemente ausentes de Brooklyn, não visitámos a Mollie tanto quanto poderíamos ter feito de outra forma, mas estamos convencidos da sua genuinidade, dos seus grandes sofrimentos, e admiramos muitas vezes a sua pronta simpatia pelos outros menos afligidos do que ela. Sendo inteiramente altruísta, prefere falar de qualquer pessoa ou de qualquer coisa antes de falar de si própria. Para além do interesse ligado à sua condição fenomenal, ela é uma mulher dotada e adorável, digna da estima e do afeto dos seus semelhantes, e é ternamente estimada por aqueles que a conhecem intimamente.

Com os melhores cumprimentos,
ALICE D. LePLONGEON.
Brooklyn, 11 de julho de 1893."
Depoimento de Joseph S. Harley relativo às suas experiências com Miss Mollie Fancher:

"Avenida Bedford, 978,
Brooklyn, 15 de julho de 1893.

Conheço a Miss Mollie Fancher há 15 ou 16 anos. Sou gravador. Tenho-a visitado em média cerca de uma vez por semana durante todos estes anos.

A nossa conversa é muitas vezes muito geral, e ela parece saber o que se passa tão bem como as pessoas que têm o uso dos seus sentidos e que andam ou viajam pela cidade. Por exemplo, numa ocasião perguntou-me: 'O que é aquele edifício grande ali em Bedford, perto da Avenida Lafayette — são lojas?'. Eu disse: 'Sinagoga. O que sabe sobre isso?'. Ela riu-se e disse: 'Por que me faz tal pergunta? Não sei tanto sobre isso como o senhor?'.

Vi os vários 'eus' da Mollie Fancher, ou aquelas que vêm e que se diz serem parte da sua vida. A sua tia disse-me para vir e ficar até tarde o suficiente para ver as outras Mollies. Vim e vi uma vir. A Mollie que eu vira primeiro entrou num transe e depois pareceu acordar, e os seus olhos estavam abertos. Tive de lhe ser apresentado. Tinham-lhe falado da minha vinda e ela estava à minha espera. Perguntou-me se eu conhecia a velha Mollie. Eu disse que sim. Ela pareceu bastante ciumenta da velha Mollie.

Perguntou-me há quanto tempo a conhecia e disse que queria ficar e vê-la algum dia. Noutra altura veio aquela que parece ser uma criança pequena. Falava e agia como uma criança pequena. Perguntou à tia: 'Um estranho?'; e a tia disse-lhe que eu era aquele de quem ela falara que viria, e ela disse: 'Oh, sim.' Perguntou se eu era casado e sobre os meus filhos, se os tinha. Disse: 'Quem me dera que a mamã viesse; ela fica fora até tão tarde hoje.' Depois disse: 'Vou ter de ir', e entrou num transe.

Sei que ela distingue as cores colocando as mãos sobre elas. A Mollie que costumo ver queixou-se de que as outras Mollies apanhavam, abriam e liam as suas cartas, e disse que ia esperar e vê-las algum dia.

JOSEPH S. HARLEY."
Depoimento do Sr. Howard S. Jones:

"O Sr. Howard S. Jones, de Brooklyn, diz:

'Vi a Mollie nos seus transes catalépticos com bastante frequência. Enquanto eu falava com ela, ela ficava subitamente rígida, fosse qual fosse a postura que tivesse assumido. Vi-a em quatro das suas condições e ela apresenta uma personalidade distinta em cada uma. Não tenho nenhuma teoria ou ideia sobre como isto poderia ser explicado, mas a Mollie é certamente um ser maravilhoso. Sim, vi-a como a pequena "Rosebud", a criança de seis anos. A Mollie está a tornar-se muito mais natural do que costumava ser.

Agora move toda a parte superior do corpo com bastante liberdade e os seus membros inferiores, embora não direitos, já não estão entrelaçados como estavam quando a Sra. Jones a conheceu. A minha esposa tinha então apenas doze anos. Se ela estivesse aqui, dir-vos-ia que, antigamente, vira os membros inferiores da Mollie juntos em três voltas (three twists); o seu braço também estava na altura erguido, de modo que a mão ficava na nuca, e as suas pálpebras estavam fechadas com muita firmeza. No entanto, ela via sempre distintamente, como me provou vezes sem conta.

Quando eu estava no quarto a cerca de dez pés dela e estava bastante escuro onde ela jazia, ela descrevia o que eu estava a usar, até anéis nos dedos. Uma tarde, quando a Sra. Jones estava com ela, havia um girino num aquário de vidro que continha peixes. O quarto estava quase às escuras e as criaturas eram muito pequenas, mas a Mollie, de olhos fechados, seguia os seus movimentos exclamando: "Lá vai ele! Agora está a nadar para o topo!", etc.

Tenho uma elevada consideração pelo caráter da Mollie e ela é muito inteligente.'

HOWARD S. JONES.
Brooklyn, 21 de julho de 1893."
Depoimento do Rev. Dr. Edward Braislin:

"O Rev. Dr. Edward Braislin, de Brooklyn, diz:

'Conheço a Miss Mollie Fancher há muito tempo e sempre estive muito interessado nela, mas não fiz nenhum estudo detalhado ou científico do seu caso. Vi-a num dos seus estados noturnos, ou no que ela chama outras Mollies. Os seus olhos estavam então bem abertos e ela afirmava não saber nada do que tinha acontecido durante o dia. Ela não me reconheceu e tive de lhe ser apresentado novamente; aparentemente, não tinha qualquer conhecimento do nosso conhecimento anterior. Nessa ocasião, estando os olhos bem abertos, disse-me que não tinha poder de visão, mas que era absolutamente cega.

Testei os seus olhos então — e é a única vez que o fiz — segurando um candeeiro aceso perto deles. Tanto quanto sei, diria que estavam perfeitamente bem formados, mas a pupila, em vez de se contrair, apenas se contraía e dilatava alternadamente na sua capacidade máxima, permanecendo as pálpebras fixamente abertas enquanto a luz total incidia continuamente sobre os globos oculares; de modo que, se o brilho atuava sobre eles, atuava de forma muito errática; mas fiquei com a impressão de que a Mollie estava de facto cega, pois, caso contrário, a luz que segurei junto a eles deveria ter-lhe causado uma dor aguda. Conheço bem a Mollie no seu estado normal, se é que o termo normal se pode aplicar a ela em algum momento, e considero a sua sinceridade inquestionável. Se ela estiver enganada em qualquer assunto relativo a si própria, não engana ninguém conscientemente. Estimo-a muito.

EDWARD BRAISLIN.
Brooklyn, julho de 1893.'"
Declaração de H. D. Sisson e E. T. Blodgett:

"Mill River, Condado de Berkshire, Mass.,
8 de julho de 1893.

Tendo sido solicitado pelo Juiz A. H. Dailey para certificar, sob a minha própria assinatura, certos incidentes na ocasião da minha visita à Miss Mollie Fancher, faço-o de boa vontade declarando o seguinte:

Há cerca de três anos, visitei o Juiz Dailey na sua casa. Éramos velhos conhecidos. Vim de Massachusetts e passei a noite com ele. Por volta das 11 horas da noite retirei-me para o meu quarto, acompanhado pelo Juiz Dailey, onde passámos um bom bocado em conversa.

Eu nunca tinha visto a Mollie Fancher, mas ouvira falar dela. Fui posteriormente informado pelo Juiz Dailey de que a Miss Fancher afirmava ter-nos visto juntos naquele quarto naquela noite e ter descrito corretamente a minha aparência pessoal. Durante o último inverno, com o meu cunhado, o Sr. Edward T. Blodgett, visitei novamente o Juiz Dailey. Durante a noite, expressei o desejo de ver a Miss Fancher; ao que o Juiz Dailey se voluntariou para nos levar à casa dela nessa mesma noite, visto que ficava a apenas alguns quarteirões.

Quando entrámos no quarto da Miss Fancher, o Juiz perguntou-lhe se reconhecia algum de nós, o Blodgett ou eu próprio. Ela disse que nunca tínhamos estado lá antes. Após pensar alguns segundos, disse que nunca vira o Sr. Blodgett antes, mas que eu era o homem que ela vira no seu transe alguns anos antes na casa do Juiz Dailey; que eu tinha uma barba completa e outras coisas descritivas que estavam inteiramente corretas.

Acrescentarei ainda que o Juiz Dailey não estava ciente da nossa intenção de o visitar até chegarmos à sua porta, e estou bastante seguro de que a Miss Fancher não poderia saber da nossa vinda até entrarmos na sua casa. A visita foi sugerida e feita por impulso do momento, e tão inesperadamente para todos nós como qualquer coisa poderia possivelmente ser.

H. D. SISSON.

Li a declaração acima de uma visita à Miss Mollie Fancher e sei que está correta.

E. T. BLODGETT.

Estado de Massachusetts,

Condado de Berkshire.
Subscrito e jurado neste 8º dia de julho de 1893, perante mim,
EDWIN ADAMS,
Juiz de Paz."

Em ligação com os depoimentos anteriores do Sr. Sisson e do Sr. Blodgett, cabe-me acrescentar que, em algum momento do início do ano de 1890, ou final de 1889, visitei certa noite a Miss Mollie Fancher e encontrei o Sr. George F. Sargent e alguns outros amigos com ela. Pouco depois de eu entrar, a Miss Fancher pediu-me que me localizasse numa determinada noite às 11 horas. Após considerável reflexão, disse-lhe que o tinha feito. "Agora", disse ela, "vou dizer-lhe onde o senhor estava; estava num quarto nas traseiras da sua casa, com um homem alto, de tez morena e com barba completa.

Ele era um tanto esguio, e havia uma cama no quarto." Ela estava correta; naquela noite, um amigo meu de New Marlboro, Mass., passou a noite comigo e, à hora das 11 horas, eu estava com ele no seu quarto, pois ele estava prestes a recolher. A Miss Fancher relatou-me então que, naquela noite, entrou num transe às 11 horas, foi à minha casa e viu-me com o cavalheiro que ela descrevera no quarto onde ele iria dormir. Ao sair do seu transe, ela relatara ao Sr. Sargent que me tinha visto como declarado. O cavalheiro que a Miss Fancher viu comigo era o Hon. H. D. Sisson.

Durante o último inverno, o Sr. Sisson e o seu cunhado, o Sr. Blodgett, ambos estranhos para a Miss Fancher, visitaram-me e eu acompanhei-os à casa dela. Ao entrar, perguntei-lhe se já os tinha visto antes. Ela respondeu: "Eles nunca estiveram aqui antes", e apontando para o Sr. Blodgett, disse: "Nunca o vi antes, mas", apontando para o Sr. Sisson, disse: "aquele é o homem que vi em sua casa naquela noite." O Sr. Sisson e o Sr. Blodgett declararam mais plenamente o que transcorreu. A. H. D.

O seguinte exemplo dos poderes notáveis da Miss Fancher será de extremo interesse, visto ser de ocorrência muito recente, e eu ter em minha posse a correspondência original sobre o mesmo. Nem a Miss Fancher nem o Sr. Bishop, o seu correspondente, estariam provavelmente dispostos a que eu publicasse na íntegra as cartas tal como foram escritas, devido a muitas expressões alegres contidas em cada carta escrita de um para o outro. A carta da Miss Fancher diz o seguinte, na parte que inserirei:

"17 de maio de 1893. Quarta-feira, manhã.
Meu Caro Amigo:

Não duvido que tenha enviado uma 'busca', e agora eu estou a enviar uma também. O que aconteceu consigo? Escreveu por último que faria um aparecimento, e eu aguardei e esperei por si. Depois, claro, não escrevi, pois pensei que viria. Tenho estado muito doente, antes de receber a sua carta e depois, e essa é a razão pela qual não respondi. O pedido de desculpas é aceite?

Parece estar com azar quando vem a Brooklyn. Aleijou o seu dedo quando esteve em Nova Iorque e depois esmagou o seu pulso."

Ela descreveu corretamente onde eu estava e o que estava a fazer em várias ocasiões; uma vez, a uma certa hora na cidade de Muskegon, Michigan, no mês de outubro de 1889. Ela, claro, estava em Brooklyn, quando, pelo meu conhecimento seguro, não poderia ter meios de saber o mesmo por nenhum dos canais de comunicação conhecidos e reconhecidos. Eu não lhe tinha comunicado o facto de que iria cantar num espetáculo ali; não esperava fazê-lo senão pouco tempo antes de ocorrer. Enviei-lhe depois um relato disso, que foi publicado no jornal local de lá, mas descobri que num dos seus transes ela tinha, de algum modo inexplicável para mim, visto-me, ou tomado conhecimento do que eu estava a fazer, descrevendo corretamente o meu ambiente, com tal particularidade que coloca a descrição fora de questão quanto à exatidão. Ao sair do transe, ela contou ao Sr. Herbert Blossom, um amigo íntimo que vigiava então à sua cabeceira, o que tinha visto. Conheço o Sr. Blossom também, intimamente, e posso confiar plenamente na sua palavra, que foi que, ao sair do transe, ela descrevera o que me vira ocupado a fazer e o meu ambiente. Ele não deu crédito à afirmação na altura como sendo de todo correta e insistiu, disse ele, que ela devia, por uma vez, ter cometido um erro.

Talvez seja bem registar a sua própria versão deste evento, que é a seguinte: ao sair do transe, o Sr. Blossom comentou que ela estivera fora muito tempo e ele começou a ter medo de que ela nunca mais voltasse. Ela respondeu que estivera longe e vira o Sr. Sargent. Ele estava de pé, rodeado por muita gente, e estava a cantar. O Sr. Blossom sorriu então incrédulo e disse: "Acho que isso não pode ser verdade, pois eu era um quase estranho lá fora." A Miss Fancher respondeu: "Espera e verás; verás que tenho razão." A ocasião era a abertura ao público dos armazéns de pianos da Chase Bros., que foi celebrada com um concerto. O meu aparecimento ali foi totalmente inesperado algumas horas antes. Por acaso estava naquela cidade em negócios e aceitei um convite improvisado para cantar, não constando sequer o meu nome no programa impresso.

Uma noite visitei a casa da Miss Fancher e descobri que o Juiz Dailey tinha acabado de entrar com outros dois cavalheiros. Ao apresentá-los, o Juiz Dailey disse: "Mollie, alguma vez viu algum destes cavalheiros antes?". Apontando para um, ela disse: "Nunca vi esse cavalheiro antes", e olhando para o outro hesitou um

momento e disse: "Ora, Juiz Dailey, este é o cavalheiro que eu vi consigo naquela noite de que o Sr. Sargent tomou nota às onze horas da noite, há um ano ou pouco mais."

Num domingo à noite, no mês de março de 1887, visitei a Miss Fancher por volta das nove horas. Ela estava num transe à hora da minha chegada e a sua tia, a Miss Crosby, informou-me que ela estivera nessa condição há já um bom bocado. Pouco depois da minha entrada ela recuperou a consciência e, após me saudar, disse: "Vi-o uma vez antes esta noite." Fiquei, claro, espantado com esta declaração, sabendo que não estivera perto da casa dela, e também que teria sido impossível para ela ter deixado a cama. Pedi-lhe que dissesse onde me tinha visto. Ela disse: "Na igreja; o senhor estava de pé num vão de porta; a porta estava parcialmente aberta e o senhor estava a apertar a mão a uma senhora."

Os factos sobre o meu paradeiro são os seguintes: nessa altura eu estava encarregado da música na Igreja Presbiteriana da Avenida Classon. Terminados os serviços, fui à sala da biblioteca guardar alguma música e, ao regressar ao auditório da igreja, uma das senhoras do coro estava à minha espera para saber a hora marcada para um ensaio, que se realizaria durante a semana seguinte. Enquanto falávamos, ela estava do lado da soleira da porta dentro da igreja e eu do lado da biblioteca. Após uma breve conversa, apertámos as mãos, demos o boa-noite, indo ela pelo seu caminho e eu direto para a beira da cama da Miss Fancher.

Os casos que mencionei indicam todos que a Miss Fancher estava num estado de transe no momento da ocorrência. Estou convencido, contudo, de que não é em todos os momentos necessário que ela esteja nessa condição para exercer o fenómeno da chamada segunda vista. Vi-o manifestado em várias ocasiões, sendo duas delas nítidas na minha memória. Vou relatá-las. Na noite de Domingo de Páscoa de 1887, eu tinha passado pela casa dela por uns momentos, após o serviço noturno na igreja.

Estavam também presentes alguns outros dos seus amigos. Estávamos todos envolvidos em conversa geral quando a Miss Fancher exclamou: "Há flores à porta." Um momento depois a campainha da porta tocou e um grande cesto de flores foi-lhe trazido, tendo sido enviado da Igreja Baptista Emanuel, da qual ela é membro. As flores enviadas faziam parte das usadas na decoração da igreja naquele dia.

O outro incidente a que aludo pode parecer um pouco cómico, mas por uma questão de exatidão narrá-lo-ei tal como ocorreu. Foi há cerca de três ou quatro anos. Aconteceu que uma noite eu estava no seu quarto quando o gás estava regulado bastante baixo, como é usual, sendo o brilho da luz doloroso para ela. Eu segurava na mão uma pequena bugiganga de joalharia, que caiu acidentalmente ao

chão e rolou para longe. Devido à penumbra, eu não conseguiria tê-la visto de qualquer maneira. Ela riu-se da minha inabilidade e disse: "Eu vejo-a." Essa afirmação deixou-me intrigado, pois ela estava deitada com o rosto virado para o lado oposto àquele para onde eu supunha que o objeto tivesse rolado; e, em qualquer caso, eu não conseguia entender como é que ela poderia tê-lo visto melhor do que eu, devido à escuridão.

Questionei, portanto, a sua capacidade de o ver. "Bem", disse ela, "faça como eu lhe digo e veja se não tenho razão." "Está bem", disse eu. "Não aumente o gás", disse ela, "mas ponha-se de mãos e joelhos no chão", e como crianças, acordámos adotar o plano da escondida, devendo ela indicar-me, à maneira do velho jogo do quente ou frio, isto é, se eu estivesse longe estava "frio"; se me aproximasse estava "a ficar mais quente". Então pus-me de gatas, exatamente onde estava, e ela disse que eu estava frio. Movi-me noutra direção e ela disse que eu estava a gelar.

Virei-me novamente e fiquei mais quente, e a cada mudança de direção ela indicava o meu sucesso pela temperatura; finalmente fiquei "quente" e o meu olho pousou no objeto, mas para testar mais o seu poder, afastei-me. Ela estava em grande alegria e entrou no desporto com todo o entusiasmo da infância, e disse que eu estava a ficar frio mais uma vez. Então movi-me em direção ao objeto e perguntei onde estava a minha mão então; ela disse: "Muito quente"; então pus a mão em cima e perguntei de novo, ao que ela disse: "Já o tem."

Durante todo este tempo, ela não tinha mudado de posição nem olhado naquela direção. Além disso, se o tivesse feito, teria sido inútil no que toca à visão comum, pois a posição da bugiganga no chão era a cerca de seis polegadas do fundo da cama, e o topo da cabeceira dos pés estava pelo menos doze polegadas acima da sua cabeça, na posição em que ela estava deitada.

GEORGE F. SARGENT.

O que se segue foi encontrado com a caligrafia de "Pearl" há alguns anos, na cama da Miss Fancher, e expressa os seus sentimentos ao acordar para a consciência numa linguagem muito comovente. Intitulei-o:

Luz Por Entre a Escuridão.

"Não vou escrever um livro ou uma história; apenas a história do coração e as experiências de uma vida que saiu verdadeiramente da escuridão. O meu primeiro despertar para esta vida terrena — deixem-me ver se me consigo lembrar — Oh! sim. Foi numa noite fria, muito fria, nos meses de inverno — qual o mês, não sou capaz de dizer, não importa — apenas como vim para aqui e de onde vim

exatamente, continuo até hoje em dúvida, e um mistério envolve a abertura da minha vida.

Como disse, numa noite fria de inverno, o gás ardia baixo, as janelas abertas como se alguém estivesse a precisar de ar. O luar brilhava sobre mim quando abri os olhos pela primeira vez para quê? Seria a vida? Estaria eu viva? Será impossível para mim alguma vez descrever as sensações que tive quando me encontrei aqui pela primeira vez. De onde tinha eu caído? Onde estava eu? E para onde ia eu e o que era a minha vida? O que significava tudo aquilo? Questionei em silêncio.

E, no entanto, por vezes, ao olhar agora para trás e tentar recordar ou resolver o mistério da minha nova vida, apenas consigo pensar, e poderia imaginar, como uma alma perdida se sentiria ao cruzar as mãos em sono e acordar nos braços de Jesus e no Céu. Eu estava assim perturbada e, por momentos, pensei que estava no Céu. Tê-lo-ia pensado por mais tempo, mas dores agudas, agonia intensa e a luta pela respiração disseram-me que ainda estava na terra. Pois lá no Céu não há dor nem tristeza, e eu sofria tudo isso. Foi então que percebi que não era o Céu com a minha mamã. Oh, mamã, tu sabes quantas vezes te implorei para me levares contigo e para casa.

Isto é um longo prelúdio para um assunto pequeno. Por que estou a escrever estas linhas? Nenhuns outros olhos senão os meus as lerão. Não são para críticos olharem e passarem o seu julgamento sobre elas. Oh! não. Dir-vos-ei por que estou a escrever; é para aliviar um coração solitário — pois estou sozinha. Mas devo prosseguir com a minha história. Retomar o fio novamente e, contudo, pauso por falta de palavras para explicar os meus sentimentos. Nesta noite fria, quando os meus olhos se abriram após alguns momentos de silêncio, uma voz disse: 'E quem é esta, "Sunbeam", "Idol" ou "Rosebud"?'"

CAPÍTULO XIV
Relativo ao Depoimento da Sra. Sarah E. TOWNSEND e CLARIVIDÊNCIA

O depoimento seguinte, gentilmente fornecido para esta publicação pela Sra. Thomas S. Townsend, da cidade de Nova Iorque, é de grande importância. Merece uma leitura atenta.

A evidência dos extraordinários poderes clarividentes da Miss Fancher é tão volumosa que nenhum testemunho adicional poderia acrescentar muito à sua conclusividade. Neste depoimento da Sra. Townsend encontram-se dois casos em que a Miss Fancher exerceu os seus poderes clarividentes num grau quase inigualável. O caso em que ela viu e ouviu corretamente o que se passava em Cornwall mostra inequivocamente que, enquanto os seus amigos estavam a

cinquenta milhas de distância da sua casa, ela mantinha com eles relações tais que lhe permitiam tanto ver o que estavam a fazer como ouvir distintamente o que diziam.

A pergunta que ela fez enquanto estava em transe naquele momento mostra claramente que os seus órgãos vocais estavam a responder à sua pergunta mental: "Como é que gostam deles?". Ela diz: "Eu tentei tanto fazer com que me vissem e ouvissem." O esforço fez com que os seus lábios proferissem a pergunta enquanto jazia na sua cama. Embora tenha falhado em tornar os seus amigos em Cornwall conscientes da sua presença, ela não falha em mostrar que estava presente com eles nessa altura. Uma das lições que estamos a aprender com a vida da Miss Fancher é que uma consciência pode, por vezes, ter perceção de transações em locais distantes do corpo ao qual essa consciência está relacionada pelos laços desta vida e, por conseguinte, "estar presente" pode significar muito mais do que essa linguagem habitualmente importa.

Se, enquanto ainda relacionada com o seu corpo na cama em Brooklyn, os seus poderes espirituais a levaram instantaneamente a Cornwall, onde tanto viu como ouviu os seus amigos como se estivessem presentes com o seu corpo no seu próprio quarto, segue-se a conclusão natural e razoável de que o homem tem uma alma e pode exercer as suas faculdades sem a presença imediata do corpo, sob condições peculiares, e que a distância e os objetos materiais não são obstáculos para o espírito, como o são para o corpo.

A Miss Fancher viveu muito tempo em sofrimento extremo devido à dor e à tortura física, e milhares de vezes o fio de prata da vida esteve tão perto de ser cortado que ela esteve aparentemente morta. Milhares de pessoas olharam para as suas feições pálidas e rígidas, quando o seu corpo poderia ter sido perfurado com agulhas e queimado com fogo sem sensações de dor para ela, de tal modo estava a parte consciente do seu ser, a alma, libertada. Estes testes foram frequentemente aplicados ao seu corpo pelos seus médicos, enquanto ela estava nas suas condições de transe, sem qualquer resposta.

Aprendemos aqui o que há muito tem sido afirmado e acreditado por milhões de pessoas de todos os credos e fés: que a alma não pode ser torturada por sofrimentos físicos quando uma vez cortadas as suas relações com o corpo. Também nos ensina que, enquanto ainda mantém relações com o corpo suficientemente fortes para despertar novamente as suas faculdades adormecidas, ela pode entrar em reinos invisíveis para nós, ou locais remotos, e testemunhar o que ali se passa, e ouvir o que outros não conseguem ouvir, mesmo estando junto ao corpo.

O incidente ocorrido à porta da rua é importante, pois mostra que os poderes de clariaudiência da Miss Fancher não se limitam às suas condições de transe. As pessoas leem as suas Bíblias e acreditam que os videntes e profetas possuíam os poderes que ali estão registados como tendo exercido. Não há em parte alguma, nem no Antigo nem no Novo Testamento, qualquer autoridade para a crença tão comummente entretida de que os poderes exercidos pelos videntes estão limitados a qualquer classe de pessoas ou a qualquer época. Pelo contrário, a tendência das Escrituras aponta no sentido oposto. Quando Pedro se levantou em defesa das manifestações que acompanhavam as obras dos discípulos, apontou para a multidão incrédula as profecias que estavam então a ser cumpridas (Atos, capítulo 2).

Os maravilhosos poderes de clarividência de Emanuel Swedenborg permitiriam-lhe testemunhar o incêndio de Estocolmo enquanto ele estava em Inglaterra, mas a posse quase contínua desse dom pela Miss Fancher durante tantos anos torna o seu caso único e maravilhoso.

A Sra. Townsend diz:

Quando conheci a Mollie pela primeira vez, ela estava na cama há seis anos, e o Sr. Townsend travou conhecimento com ela cerca de seis semanas mais tarde. Ambos ficámos muito afeiçoados a ela. Eu costumava passar um dia e uma noite com ela todas as semanas; o Sr. Townsend vinha e passava a noite comigo. A certa altura, no sétimo ou oitavo ano da sua doença, o irmão da Mollie, agora falecido, adoeceu, e a Miss Crosby foi para a casa dele em Cornwall, no Hudson, por isso estive muito tempo com a Mollie, a cuidar dela.

Em frente de onde ela mora residiam o Sr. e a Sra. Parkhurst. Essa senhora e eu estávamos sentadas com ela no dia em que a Miss Crosby partira, quando subitamente a Mollie entrou num transe perfeitamente rígido. Dissemos, como sempre fazíamos em tais ocasiões: "A Mollie foi-se embora!". Passado um pouco, ela exclamou: "Como é que gostam deles?". Em meia hora, deu um suspiro profundo e saiu do transe.

Perguntámos: "Onde estiveste?".

"Estive com a Tia Susie (Miss Crosby), e tentei tanto fazer com que me vissem e ouvissem."

"O que é que eles estavam a fazer?"

"Ora, estavam a olhar para os presentes que lhes enviámos, e eu perguntei-lhe (referindo-se à esposa do irmão da Mollie) como é que ela gostava deles."

A Mollie descreveu então como tinha visto cada pessoa na casa em Cornwall, o que estavam a fazer e o que disseram. Quando lhe perguntámos como tinha ido e voltado, disse: "Em parte pelo caminho-de-ferro e em parte pelo telégrafo!" (Certamente uma piada da Mollie.) Quando a Miss Crosby regressou a casa, pedimos-lhe para descrever como tinham estado as coisas, e o que tinha sido feito e dito na noite da sua chegada a Cornwall. Ela deu um relato completo, e este correspondia a tudo o que a Mollie tinha dito, ao que ela exclamou: "Não vos disse?"

A coisa mais estranha sobre ela são as muitas mudanças por que passa. Claro que é bem sabido que, nos primeiros nove anos, ela não conseguia manter nada sólido no estômago. Tenho a certeza de que não mantinha nada no estômago e, de facto, não conseguia engolir durante os primeiros anos em que a conheci. Ela costumava chamar-me a mim e ao Sr. Townsend de "Papá e Mamã Tom".

A luz perturbava-lhe tanto os nervos que ela tinha o quarto quase às escuras, tanto que eu achava difícil enfiar a linha na agulha. Mas ela dizia: "Oh, dê-me cá, Mamã Tom", e num instante a teria enfiada. Sempre que eu perdia alguma coisa, ela dizia-me exatamente onde estava, e se algo faltava na casa da Miss Crosby, a Mollie entrava num transe cataléptico momentâneo, e sentava-se direita, o que eu sempre adorava ver, estendendo os braços e dizendo: "Ali está! Eu vejo-o", caindo depois desamparada imediatamente se não a amparássemos. Não vejo a Mollie há alguns meses. Nunca a vi sentar-se direita exceto no transe; ela tem sempre de ser amparada com almofadas. Não vejo como ela poderia sentar-se com a coluna como está.

Ela fazia as mais belas flores de cera, e eu mostrei-lhe como fazer as folhas. Aprendeu com uma rapidez espantosa, pois é extraordinariamente inteligente. Disse que algumas vezes via através da testa, noutras o topo da cabeça parecia estar cheio de luz, e ocasionalmente era difícil para ela ver o que quer que fosse.

Ela costumava colocar cartas seladas debaixo da sua almofada e lia-as; por vezes lia passando a mão sobre elas, e eu vi-a ler livros da mesma maneira. Muito poucas pessoas têm ideia do quanto a Mollie sofreu e, no entanto, ela tem sido uma grande ajuda para os outros. Conheço um proeminente ministro que frequentemente a visitava e, a mim, ele disse muito francamente: "Não venho para ajudar a Mollie, mas para colher força e consolação dela."

Houve momentos em que a Mollie não conseguia ouvir a menos que direcionássemos a nossa voz para as suas narinas, conforme ela nos instruía; e quando o seu coração batia com uma violência assustadora, ela dizia-nos para respirarmos sobre ele, pois isso a aliviava.

Foi enquanto eu cuidava da Mollie que veio um agente de Barnum, que tinha lido artigos de jornal sobre ela. Ele queria exibir a Mollie. Falei com o agente à porta da rua e senti-me muito indignada e zangada. A Mollie não nos conseguia ouvir de onde estava, mas depois repetiu-me toda a conversa. Quando fechei a porta ao agente e subi as escadas novamente, encontrei a Mollie não zangada, mas a rir. Ela disse: "Pensa só nisso, Madam Tom; imagina-me a exibir-me por vinte e cinco cêntimos? Estou contente por teres sido tão firme com ele. Se não tivesses estado aqui, ele teria certamente entrado de uma forma ou de outra."

Eu estava com a Mollie quando a mudança ocorreu nela após esses nove anos, e foi tudo muito doloroso. A mudança ocorreu gradualmente em cerca de duas semanas, período durante o qual a Mollie frequentemente chorava e dizia que algo terrível lhe ia acontecer. Uma noite deu-se o clímax, e então vi os olhos da Mollie pela primeira vez. Eles subitamente abriram-se de par em par, e nunca vi nada mais belo, pois, embora sem visão, ela parecia perfeitamente angelical. Aquela noite foi algo para nunca mais esquecer. Ela estava maravilhosa; e parecia estar num palco gesticulando com uma mão pequena, e depois cantou belissimamente. Durante vários dias a Mollie esteve num estado de inconsciência e supusemos que estava a morrer. Quando saiu desse estado, todos e tudo lhe eram estranhos. Ela nem sequer conhecia a sua tia. Tudo o que a rodeava a angustiava, e levou muito tempo a reconciliar-se com isso.

Éramos inteiramente desconhecidos para ela. Quando o Sr. Townsend se aproximou dela com a sua habitual solicitude amigável, ela afastou-se como se o considerasse muito impertinente. Tivemos de recomeçar o conhecimento todo de novo, e ela nunca mais nos tratou por "Papá e Mamã Tom". Mas nesse segundo estado, costumava chamar-me "Lady Townsend".

Tenho visto tanto da Mollie e dos seus estranhos poderes, que nada de extraordinário parece destacar-se salientemente do resto. Amo a Mollie muito ternamente e faria qualquer coisa para a servir. Penso que antes de morrer, a Mollie voltará ao seu eu original, tal como a conheci primeiro.

SARAH E. TOWNSEND.
Nova Iorque, 16 de julho de 1893.

O esforço mal sucedido de Miss Fancher para tornar a sua presença conhecida aos seus amigos em Cornwall, sugere à mente do autor as instâncias frequentemente registadas onde se afirma que pessoas foram vistas em dois locais remotos um do outro no mesmo momento. Estas alegadas ocorrências deram origem à teoria do "duplo", que é a de que o homem é um ser duplex, e o facto de ser visto em dois

locais ao mesmo momento não pode ser explicado por nenhuma outra teoria. Sociedades psíquicas na Europa e neste país, durante vários anos, têm recolhido e coligido todo o testemunho possível sobre este e outros assuntos semelhantes. Estudantes de Ciência Psíquica farão bem em obter do Prof. Richard Hodgson, do n.º 5 Boylston Place, Boston, Mass., Secretário do ramo americano da Sociedade de Investigação Psíquica da Grã-Bretanha, as atas dessa sociedade. A Psicologia é agora inequivocamente reconhecida como um estudo científico e, como incide mais diretamente do que qualquer outro sobre as relações das partes mentais e espirituais do homem com as partes físicas, está a tornar-se rapidamente um assunto importante e interessante para estudo e investigação.

As instâncias registadas do exercício dos notáveis poderes de Miss Fancher, que o leitor encontrará nestas páginas, fornecerão material abundante para uma consideração cuidadosa. Que nenhum leitor rejeite apressadamente o testemunho aqui colocado diante dele. É um adágio que "Tudo o que o homem fez, o homem pode fazer". Foi verificado demasiadas vezes para ser agora contestado. Não há nada que o homem tenha feito no passado que não possa fazer agora. É um homem tolo aquele que acredita que a natureza não é fiel a si mesma. As suas leis não mudam.

Quando lemos ou ouvimos falar de algo que aparentemente anula as leis da natureza, podemos assumir com segurança que o mistério aparente pode e será ultimamente explicado, e que o processo pelo qual resultados estranhos foram produzidos será descoberto. Fenómenos que não foram explicados podem eventualmente ser explicados, e é muito melhor procurar e tornar conhecidos os processos da natureza do que atribuí-los ao ato direto de seres invisíveis e instáveis. Ao dizer isto, o autor não tem desejo de ser entendido como defendendo a ideia de que o homem pode compreender ou explicar tudo o que lhe é apresentado nos fenómenos da natureza que ocorrem constantemente. Ele está agora, e esperemos que sempre esteja, rodeado por um mistério insondável.

Como ele nunca se compreenderá a si próprio, quanto menos compreenderá o grande universo do qual faz parte, e no meio do qual é um fogo ardente e brilhante de luz intelectual, espreitando e olhando para o que o rodeia com maravilha e espanto. A obra da Divindade torna-se mais grandiosa, e os Seus tratos com os Seus filhos podem ser melhor reconciliados com as conceções de justiça do homem, ao olhar para todas as coisas como sujeitas igualmente a leis imutáveis. Pode Ele, que é Tudo e em tudo, fazer violência a Si mesmo? Pode Ele anular-se a Si próprio? Deus está na natureza, e é para a natureza todas as suas leis. Aprendemos a conhecê-Lo melhor e passamos a amá-Lo mais, à medida que entramos mais plena e perfeitamente num conhecimento das Suas obras. E onde seremos detidos? Quem estabeleceu limites além dos quais não podemos ir? Existem mistérios demasiado sagrados para serem investigados? O fanatismo e a ignorância são parentes. O

conhecimento é para o homem como o sol para o mundo em que habita. Um homem verdadeiramente esclarecido não pode ser nem um tirano nem um escravo. A alma do homem corresponde ao seu esclarecimento.

O homem que faz o mal demonstra assim uma falta nalguma parte de uma mente bem educada e de uma natureza bem equilibrada. O homem está a elevar-se de condições mais grosseiras para um ser mais perfeitamente desenvolvido. A religião deve libertá-lo de todas as limitações na busca do conhecimento. Padrões arbitrários nunca podem ser justificados exceto para a segurança e o bem-estar da sociedade. A natureza espiritual do homem, e as suas relações com a humanidade e o mundo em que vive, bem como com a Divindade, devem ser estudadas e compreendidas, se tal coisa for possível. Por muito imperfeito que o início possa ser, tudo o que o possa esclarecer não deve ser temido, mas ansiosamente desejado.

As lições que podemos aprender com o conhecimento das experiências, atos e poderes manifestados na vida de Miss Fancher são essenciais e valiosas para uma melhor compreensão da natureza e dos poderes do homem. Nas observações precedentes, não foi desejo do escritor fazer mais do que procurar obter do leitor uma consideração cuidadosa das fases notáveis do caso de Miss Fancher. Ele não se lisonjeia de que os seus esforços sejam inteiramente bem-sucedidos. Ele antecipa a crítica adversa de pessoas exatamente como o eminente Dr. Beard, da cidade de Nova Iorque, que, na sua presunção, declarou Miss Fancher uma fraude, e que o poder clarividente não era possuído por ninguém.

Mas mais tarde, na sua maior sabedoria, aprendeu que se tinha estultificado e, humildemente — diga-se em seu crédito — pediu-lhe que o perdoasse.

CAPÍTULO XV

Declaração do Sr. Thomas S. Townsend

O Sr. Thomas S. Townsend, do The Newport, Broadway e Rua Cinquenta e Dois, N.Y., diz:

Antes de a primeira mudança ocorrer na condição da Mollie, e enquanto a Sra. Townsend cuidava dela, durante a ausência da sua tia em Cornwall, eu ia a casa todos os dias por volta das três e meia e permanecia até à manhã seguinte. Numa ocasião, uma senhora, que atuava como minha secretária, encontrou-se comigo no Wall Street Ferry com alguns papéis que eram importantes para eu ter imediatamente. Sendo uma bela tarde no mês de junho, convidei-a a fazer uma travessia pelo rio. Ela assim fez e subiu a rua Montague comigo até à rua Fulton,

onde apanhou um carro para o Fulton Ferry, enquanto eu apanhei outro na outra direção — para casa da Mollie — chegando lá pouco depois das quatro horas.

Por volta das sete horas dessa noite, a Mollie disse-me: "Quem atravessou o ferry contigo esta tarde?" A Sra. Townsend disse então que, por volta das três e meia, a Mollie tinha estado num transe e, enquanto nessa condição, ela notou uma expressão de diversão no seu semblante e, quando ela voltou a si, a Sra. Townsend perguntou o que ela tinha visto de tão engraçado. A Mollie não lhe deu qualquer satisfação. Mas depois de me ter perguntado "Quem atravessou o ferry?", ela admitiu ter visto a senhora e deu o nome da pessoa referida.

THOMAS S. TOWNSEND.
Nova Iorque, julho de 1893.

Declaração da Sra. Emily Blossom, residente na esquina das ruas Atlantic e Clinton, Brooklyn.

Juiz A. H. Dailey:

Caro Senhor. — Em resposta ao seu pedido para uma declaração sobre o meu conhecimento de Miss Fancher, e o que presenciei que possa ser de interesse público em relação ao caso dela, permito-me declarar o seguinte:

O meu marido e eu temos sido, desde há muito, alguns dos seus amigos mais íntimos. Ela costumava tratar-nos pelos termos afetuosos de "Tio Joe" e "Tia Em". O Sr. Blossom, que morreu há seis anos, teve experiências muito interessantes com a Mollie. Numa ocasião, enquanto ele estava sentado junto à cama dela, foi-lhe entregue uma carta. Ela colocou-a debaixo da almofada sem a abrir e leu-a. O Sr. Blossom disse então: "Agora, Mollie, deixa-me abrir essa carta e lê-la para mim mesmo de modo a que não a possas ver, enquanto tu ma repetes palavra por palavra, se puderes."

A Mollie concordou e leu-a sem cometer um único erro. Uma vez, enquanto a visitávamos, o seu esquilo de estimação desapareceu e não conseguíamos encontrá-lo em lado nenhum, mas a Mollie disse que estava no quarto ao lado, debaixo da cama. Aquele quarto estava bastante escuro, mas entrámos e, sob as instruções da Mollie, perseguimos o esquilo de canto em canto até o capturarmos. Sim, tenho visto a Mollie em todas as suas condições, cinco, creio eu, e como ela não conhece os seus vários eus, sugeri que ela escrevesse notas para as outras Mollies. Isto foi numa ocasião em que ela acordou de um transe e me disse:

"A Mollie número um tem muito medo porque está sozinha." Eu perguntei por que razão ela estava sozinha e disse que ela deveria escrever notas para as outras Mollies e perguntar-lhes. Em 1 de julho de 1893, visitei a Mollie e ela sentou-se na cama, como tem feito ultimamente mais do que uma vez. Almoçou comigo, muito delicadamente, mas comeu algo; enquanto que a certa altura, durante nove anos, nada entrou no seu estômago. Ela não conseguia engolir, os músculos da sua garganta estavam completamente contraídos. Ela às vezes tomava uma colherada de gelado; algo que agora não lhe cai bem, ou qualquer outra pequena coisa que derretesse facilmente, e a totalidade seria absorvida pelas membranas da sua boca.

Atenciosamente,
EMILY BLOSSOM.
Brooklyn, 11 de julho de 1893.

Declaração do Sr. Herbert Blossom.

Conheço a Mollie Fancher desde 1872, quando eu era muito jovem, e vi muito dela desde essa altura até ao ano de 1881, mas depois disso apenas uma ou duas vezes até 1888, desde cujo tempo a tenho visto ocasionalmente. Quando conheci a Mollie pela primeira vez, ela estava muito relutante em mostrar qualquer um dos seus estranhos poderes, mas costumava falar-me de coisas que aconteciam no meu próprio quarto. Lembro-me de que, quando era rapaz, tinha o hábito de ficar acordado a ler à noite, e ela fez-me prometer que iria para a cama às dez horas.

Uma noite esqueci-me e, quando fechei o livro e olhei para o relógio, eram quinze para as onze. Na vez seguinte que vi a Mollie, ela perguntou-me a que horas me tinha deitado naquela mesma noite. Eu disse que por volta das dez horas. Mas ela disse: "Não; eu estava lá, e eram quinze para as onze." Eu costumava levar-lhe jornais, e ela apenas punha a mão sobre eles e dizia-me todas as notícias que continham; depois eu desdobrava-os, lia e descobria que ela estava perfeitamente correta.

Nove anos da sua vida são um vazio para ela; quando saiu desse estado, não me conhecia; tive de travar conhecimento com ela de novo. Quando não havia mais ninguém para cuidar dela, eu passava a noite a vigiá-la e, como as suas muitas condições geralmente lhe surgem durante a noite, ela agora conhece-me em todas elas, exceto numa. Quando acordou nessa quinta condição, uma noite, disse-me: "Bem, e quem és tu?"

Durante o último ano, vi-a em todos os seus diferentes estados, da Mollie Número 1 à Mollie Número 5. De facto, durante uma noite, vi-a passar por todos eles sem qualquer convulsão, apenas um suspiro profundo entre cada um, enquanto

geralmente as convulsões são violentas. Ela exibe características diferentes em cada um, e eu tenho sempre de esperar para ouvir o que ela diz para saber qual é a Mollie que está a falar comigo. Numa das suas condições, ela é muito alegre e espirituosa. Em cada uma, ela recorda o que ocorreu na mesma condição, mas nada das várias outras.

Numa, ela fala, pensa e age como uma criança de seis anos; durante vários meses, entrava nesse estado por um curto período em cada vinte e quatro horas. Pode não ser realmente o caso, mas pareceu-me que, quando eu estive sentado ao seu lado e a falar com ela toda a noite, ela não entrava tanto nessas condições como quando era deixada sozinha. Quando eu estava a dormir no sofá, os seus espasmos foram por vezes tão violentos que o estremecer do chão me acordou. Entre cada espasmo ela seria uma Mollie diferente, e de manhã a sua vitalidade era muito baixa.

Quando saía dos seus estados catalépticos, eu costumava perguntar-lhe o que tinha visto, mas ela raramente dizia uma palavra sobre isso. Quando perguntei como era possível que visse tudo, ela disse que parecia ver através da testa, acima dos olhos.

A Mollie tem sofrido muito. Há muitos anos, ela disse-me que nunca teve um momento livre de dor. O seu coração batia muitas vezes tão forte que se podia ver a roupa da cama pulsar. Ela sempre foi boa e paciente. Às vezes, quando eu estava lá, pessoas vinham contar-lhe os seus pequenos problemas e parecia-me que eram tão insignificantes comparados com os dela, contudo ela sempre se esforçava por confortar aqueles que vinham ter com ela em busca de consolação.

A Mollie é realmente uma pessoa maravilhosa, muito inteligente e, na sua paciência resistente e pensamento amável para com os outros, é certamente um caráter belo. Ao longo de todos os seus longos anos de doença, nunca esteve emaciada na garganta e no pescoço; tem estado e está muito rechonchuda. Isto costumava ser uma fonte de surpresa para mim. Vezes sem conta observei a Mollie em espasmos, e ela rolava continuamente a cabeça na almofada de um lado para o outro durante um quarto de hora de cada vez; também batia violentamente no peito de modo que, de manhã, este estaria pisado.

Pediram-me para declarar o que recordo em referência ao facto de ela ter visto o Sr. Sargent enquanto num dos seus transes. Lembro-me de que estava a vigiá-la uma noite enquanto o Sr. Sargent estava ausente em Muskegon, Michigan, para onde tinha ido organizar uma empresa para o fabrico de mobiliário para inválidos, na qual a Mollie estava interessada. A Mollie entrou num transe profundo durante algum tempo; toda a evidência de animação estava ausente, como era habitual nos seus transes.

Quando voltou à consciência e eu perguntei onde tinha estado, ela informou-me de que, no seu transe, tinha estado a ver o Sr. Sargent, e disse que ele estava numa sala grande com uma série de pessoas à volta dele, e numa plataforma ou palco, e estava a cantar. Senti a certeza de que ela estava enganada e disse-lho; mas ela disse: "Vamos esperar e ver." Quando o Sr. Sargent regressou, soube por ele que, na noite em que ela esteve no transe, ele estivera a cantar, e que a descrição dela do que tinha visto estava inteiramente correta.

HERBERT BLOSSOM.
Brooklyn, 11 de julho de 1893.

18 Sidney Place,
Brooklyn, L. I.,
6 de julho de 1893.

Juiz Abram H. Dailey:

Caro Senhor. — Fui apresentada a Miss Fancher há alguns anos pelo eminente académico Dr. C. E. West, em cujo seminário a Mollie estava prestes a graduar-se, pouco antes do terrível acidente que a prostrou. Tenho-a visitado frequentemente com o meu marido, o Dr. Le Plongeon, que, como médico, estava muito interessado no seu caso. Ele considerou-o um caso extraordinário e disse à paciente que não o surpreenderia se chegasse um tempo em que ela voltaria a pôr-se de pé.

Estamos convencidos de que a Mollie vê muito claramente, embora os seus olhos não tenham visão. Numa ocasião, levámos fotografias para lhe mostrar. Com as pálpebras fechadas e o quarto quase escuro, ela fez comentários sobre as imagens, apontando inclusive um retrato meu num grupo muito pequeno, onde o meu rosto mal era maior do que a cabeça de um alfinete comum; não lhe tínhamos dito que a minha figura estava lá.

Ela tinha uma gata de estimação chamada Sarah Bernhardt. Quando esta entrava no quarto, silenciosa, como essas criaturas são, ela exclamava: "Aqui vem a Sarah Bernhardt!" Numa tarde de domingo, enquanto eu falava com ela, desabou uma forte tempestade. A Mollie disse imediatamente: "Que pena! esse teu vestido vai ficar estragado." "Ora, Mollie," disse eu, "tu não sabes como é o meu vestido." "Sei, sim; é um cetim cinzento-prateado." A sua descrição estava correta e fiquei muito surpreendida.

Nunca nos cansámos de admirar as maravilhosas flores de cera feitas por Miss Fancher e, numa tarde, a sua dedicada tia, Miss Crosby, mostrou-nos umas

requintadas portières trabalhadas pela Mollie. Eram de pelúcia granada, bordadas com seda, ouro velho, verde esmeralda, cinzento pérola, branco puro e um castanho rico. O desenho era elaborado, executado com perícia e gosto admiráveis, sendo o trabalho perfeito e a mistura de cores muito artística. O veludo granada era forrado com seda ouro velho. Estas portières podem ser vistas no n.º 30 St. James' Place, Brooklyn, L. I., a casa do Sr. L . Ali também está um belíssimo lambrequim, feito pelas mesmas mãos destras e realmente adoráveis. A Flor do Maracujá é o desenho no lambrequim, tendo essa flor sido muito admirada e cultivada pelo cavalheiro mencionado. Ele interessou-se em encontrar compradores para alguns dos finos trabalhos da Mollie, e foi ele quem nos contou de uma senhora que viu a Mollie esboçar com grande rapidez um belo ramo de rosas, depois selecionar agulhas e sedas, enfiá-las sem qualquer hesitação e completar rapidamente o trabalho da maneira mais perfeita, com os olhos bem fechados. A senhora disse: "Oh, Mollie, os teus olhos estão nas pontas dos teus dedos."

A Mollie limitou-se a rir e, quando a peça de trabalho foi concluída, entregou-a à senhora para que esta a inserisse numa crazy quilt que a própria senhora estava a fazer e que ainda tem em seu poder.

Quando o Sr. L. gentilmente nos permitiu examinar as portières agora na sua casa, disse: "Conheço a Mollie há catorze anos e tenho visto muitas coisas intrigantes para as quais não consigo encontrar qualquer explicação lógica. Ela certamente vê com precisão, embora os seus médicos digam que os seus nervos óticos estão destruídos. Mas ela sempre hesitou em 'mostrar os seus poderes'."

Surpreende-me que a Mollie tenha podido, enquanto deitada de costas, trabalhar numa peça de fazenda tão grande como as portières e ter produzido um efeito geral tão fino, sem ter tido a coisa toda estendida diante dela. Ela deve ter tido o trabalho, na sua forma concluída, perante a sua visão mental.

Tendo estado frequentemente ausentes de Brooklyn, não visitámos a Mollie tanto quanto poderíamos ter feito de outra forma, mas estamos convencidos da sua autenticidade, dos seus grandes sofrimentos, e temos frequentemente admirado a sua pronta simpatia por outros menos afligidos do que ela própria. Sendo inteiramente altruísta, prefere falar de qualquer pessoa ou de qualquer coisa em vez de si mesma. Para além do interesse ligado à sua condição fenomenal, é uma mulher dotada e amável, digna da estima e do afeto dos seus semelhantes, e é ternamente considerada por aqueles que a conhecem intimamente.

Muito verdadeiramente sua,
ALICE D. LePLONGEON.
Brooklyn, 11 de julho de 1893.

Declaração de Joseph S. Harley relativa às suas experiências com Miss Mollie Fancher:

978 Bedford Avenue,
Brooklyn, 15 de julho de 1893.

Conheço Miss Mollie Fancher há 15 ou 16 anos. Sou gravador. Tenho-a visitado, em média, cerca de uma vez por semana durante todos estes anos.

A nossa conversa é muitas vezes muito geral, e ela parece saber o que se passa tão bem como as pessoas que têm o uso dos seus sentidos e que andam ou viajam pela cidade. Por exemplo, numa ocasião ela perguntou-me: "O que é aquele edifício grande ali em Bedford, perto da avenida Lafayette — são lojas?" Eu disse: "Sinagoga. O que sabes tu sobre isso?" Ela riu-se e disse: "Porque me fazes tal pergunta? Não sei eu tanto sobre isso como tu?" Tenho visto os vários eus de Mollie Fancher, ou aqueles que vêm e de quem se diz serem uma parte da sua vida. A tia dela disse-me para vir e ficar até tarde o suficiente para ver as outras Mollies. Eu vim e vi uma chegar. A Mollie que eu vira primeiro entrou num transe e depois pareceu acordar, e os seus olhos estavam abertos. Tive de lhe ser apresentado.

Ela tinha sido informada da minha vinda e estava à minha espera. Perguntou-me se eu conhecia a velha Mollie. Eu disse que sim. Ela parecia bastante ciumenta da velha Mollie. Perguntou-me há quanto tempo a conhecia e disse que queria ficar e vê-la algum dia. Numa altura veio aquela que parece ser uma criança pequena. Falava e agia como uma criança pequena. Perguntou à tia: "Um estranho?", e a tia disse-lhe que eu era aquele de quem ela tinha falado que viria, e ela disse: "Oh, sim." Perguntou se eu era casado e sobre os meus filhos, se os tinha. Disse: "Gostaria que a mamã viesse; ela fica até tão tarde hoje." Depois disse: "Vou ter de ir", e entrou num transe.

Sei que ela distingue as cores colocando as mãos sobre elas. A Mollie que costumo ver queixou-se de que as outras Mollies apanhavam, abriam e liam as suas cartas, e disse que ia esperar para as ver algum dia.

JOSEPH S. HARLEY.

O Sr. Howard S. Jones, do The Alameda, 385 Franklin Avenue, Brooklyn, diz:

"Tenho visto a Mollie nos seus transe catalépticos, com bastante frequência. Enquanto eu falava com ela, ela tornava-se subitamente rígida, em qualquer postura que tivesse assumido. Vi-a em quatro das suas condições, e ela apresenta uma

personalidade distinta em cada uma. Não tenho nenhuma teoria ou ideia sobre como isto poderia ser explicado, mas a Mollie é certamente um ser maravilhoso. Sim, vi-a como a pequena 'Rosebud', a criança de seis anos. A Mollie está a tornar-se muito mais natural do que costumava ser.

Agora move toda a parte superior do seu corpo com bastante liberdade, e os seus membros inferiores, embora não direitos, já não estão entrelaçados como estavam quando a Sra. Jones a conheceu. A minha esposa tinha então apenas doze anos. Se ela estivesse aqui, dir-vos-ia pessoalmente que, anteriormente, vira os membros inferiores da Mollie juntos em três voltas; o seu braço também estava, nessa altura, levantado, de modo que a mão estava na nuca e as suas pálpebras estavam fechadas com muita firmeza. No entanto, ela via sempre distintamente, como me provou vezes sem conta.

Quando eu estava na sala a cerca de dez pés dela e estava bastante escuro onde ela jazia, ela descrevia o que eu estava a vestir, até anéis de dedo. Uma tarde, quando a Sra. Jones estava com ela, havia um girino num aquário de vidro que continha peixes. O quarto estava quase escuro e as criaturas eram muito pequenas, mas a Mollie, de olhos fechados, seguia os seus movimentos exclamando: 'Lá vai ele! Agora está a nadar para o topo!', etc.

Tenho uma consideração muito elevada pelo caráter da Mollie e ela é muito inteligente."

HOWARD S. JONES.
Brooklyn, 21 de julho de 1893.

O Rev. Dr. Edward Braislin, n.º 15 Lefferts Place, Brooklyn, diz:

Conheço Miss Mollie Fancher há muito tempo e sempre estive muito interessado nela, mas não fiz qualquer estudo atento ou científico do seu caso. Vi-a num dos seus estados noturnos, ou no que ela chama outras Mollies. Os seus olhos estavam então bem abertos, e ela afirmava não saber nada do que tinha acontecido durante o dia. Não me reconheceu e tive de lhe ser apresentado de novo; aparentemente, não tinha qualquer conhecimento do nosso conhecimento anterior. Nessa ocasião, estando os olhos bem abertos, disse-me que não tinha poder de visão, mas que estava absolutamente cega.

Testei os seus olhos então, e é a única vez que o fiz, segurando um candeeiro aceso perto deles. Tanto quanto o meu conhecimento alcança, diria que estavam perfeitamente bem formados, mas a pupila, em vez de se contrair, apenas se contraía e dilatava alternadamente na sua capacidade máxima, permanecendo as pálpebras

fixamente abertas, enquanto a luz total incidia firmemente sobre os globos oculares, de modo que, se o clarão atuava de todo sobre eles, atuava de uma forma muito errática; mas fiquei com a impressão de que a Mollie estava completamente cega, pois, caso contrário, a luz que segurei junto a eles teria de lhe ter causado uma dor aguda.

Conheço bem a Mollie no seu estado normal, se o termo normal puder em algum momento ser-lhe aplicado, e considero a sua sinceridade inquestionável. Se ela está enganada em qualquer assunto relativo a si própria, não engana ninguém conscientemente. Estimo-a muito.

EDWARD BRAISLIN.
Brooklyn, julho de 1893.

Mill River, Berkshire Co., Mass.,
8 de julho de 1893.

Tendo sido solicitado pelo Juiz A. H. Dailey a certificar sob a minha própria assinatura certos incidentes por ocasião da minha visita a Miss Mollie Fancher, faço-o de boa vontade, declarando o seguinte:

Há cerca de três anos visitei o Juiz Dailey na sua casa, 451 Washington Avenue, Cidade de Brooklyn. Éramos velhos conhecidos. Vim de Massachusetts e passei a noite com ele. Por volta das 11 horas da noite retirei-me para o meu quarto, acompanhado pelo Juiz Dailey, onde passámos bastante tempo em conversa.

Nunca tinha visto a Mollie Fancher, mas tinha ouvido falar dela. Fui posteriormente informado pelo Juiz Dailey de que Miss Fancher afirmava ter-nos visto juntos naquele quarto naquela noite, e ter descrito corretamente a minha aparência pessoal. Durante o último inverno, com o meu cunhado, o Sr. Edward T. Blodgett, visitei novamente o Juiz Dailey para uma visita social. Durante a noite expressei o desejo de ver Miss Fancher algum dia; ao que o Juiz Dailey se voluntariou para nos levar à casa dela naquela noite, pois ficava a apenas alguns quarteirões de distância.

Quando entrámos no quarto de Miss Fancher, o Juiz perguntou-lhe se reconhecia algum de nós, Blodgett ou eu próprio. Ela disse que nunca tínhamos estado lá antes. Após alguns segundos de reflexão, disse que nunca vira o Sr. Blodgett antes, mas que eu era o homem que ela vira no seu transe alguns anos antes na casa do Juiz Dailey; que eu tinha uma barba completa e outras coisas descritivas que estavam bastante corretas.

Acrescentarei ainda que o Juiz Dailey não estava ciente da nossa intenção de o visitar até chegarmos à sua porta, e estou perfeitamente seguro de que Miss Fancher não poderia saber da nossa vinda até entrarmos na sua casa. A visita foi sugerida e feita por impulso do momento, e tão inesperadamente para todos nós como qualquer coisa possivelmente poderia ser.

H. D. SISSON.

Li a declaração acima de uma visita a Miss Mollie Fancher e sei que está correta.

E. T. BLODGETT.

Estado de Massachusetts,
Condado de Berkshire.
Subscrito e jurado neste dia 8 de julho de 1893, perante mim,
EDWIN ADAMS,
Juiz de Paz.

Em ligação com as declarações precedentes do Sr. Sisson e do Sr. Blodgett, é apropriado que eu acrescente que, algures na primeira parte do ano de 1890, ou na última parte de 1889, visitei uma noite Miss Mollie Fancher e encontrei o Sr. George F. Sargent e alguns outros amigos com ela. Pouco depois de eu entrar, Miss Fancher pediu-me para me localizar numa certa noite às 11 horas. Após considerável reflexão, disse-lhe que o tinha feito. "Agora", disse ela, "vou dizer-te onde estavas; estavas num quarto das traseiras na tua casa, com um homem alto, de tez escura e com uma barba completa. Ele era bastante esguio, e havia uma cama no quarto."

Ela estava correta; nessa noite um amigo meu de New Marlboro, Mass., passou a noite comigo e, à hora das 11 horas, eu estava com ele no seu quarto, pois ele estava prestes a deitar-se. Miss Fancher relatou-me então que, nessa noite, entrara num transe às 11 horas, e fora à minha casa e me vira com o cavalheiro que descrevera na câmara onde ele iria dormir. Ao sair do seu transe, ela relatara ao Sr. Sargent que me vira conforme declarado. O cavalheiro que Miss Fancher viu comigo era o Hon. H. D. Sisson. Durante o último inverno, o Sr. Sisson e o seu cunhado, o Sr. Blodgett, ambos estranhos para Miss Fancher, visitaram-me e eu acompanhei-os à casa dela. Ao entrar, perguntei-lhe se já os tinha visto antes. Ela respondeu: "Eles nunca estiveram aqui antes", e apontando para o Sr. Blodgett, disse: "Nunca o vi antes, mas", apontando para o Sr. Sisson, disse, "aquele é o homem que eu vi na sua casa naquela noite." O Sr. Sisson e o Sr. Blodgett declararam mais plenamente o que transpirou. A. H. D.

O seguinte exemplo dos notáveis poderes de Miss Fancher será considerado de excessivo interesse, na medida em que é de ocorrência muito recente, e tenho em meu poder a correspondência original relativa ao mesmo. Nem Miss Fancher nem o Sr. Bishop, o seu correspondente, estariam provavelmente dispostos a que eu publicasse na íntegra as cartas tal como foram escritas, devido a muitas expressões alegres contidas em cada carta escrita de um para o outro. A carta de Miss Fancher reza o seguinte, na parte em que a inserirei:

"17 de maio de 1893. Quarta-feira, A. M.

Meu Caro Amigo:

Não duvido que tenhas enviado uma 'busca', e agora eu também estou a enviar uma. O que te aconteceu? Escreveste da última vez que farias uma aparição, e eu aguardei e esperei por ti. Depois, claro, não escrevi, pois pensei que virias. Tenho estado muito doente, antes de receber a tua carta e desde então, e essa é a razão pela qual não respondi. A desculpa é aceite?

Pareces estar com azar quando vens a Brooklyn. Aleijaste o teu dedo quando estiveste em Nova Iorque, e depois esmagaste o teu pulso.

Tivemos uma Primavera atrasada, muito fria, e agora mais uma vez está um tempo agradável. Suponho que a Ilha esteja com um aspeto adorável. As macieiras e as cerejeiras devem estar em flor; as árvores estão a brotar depressa desde que caiu tanta chuva, e a semana passada foi tão quente. Como estás tu e toda a família, e o sobrinho que te visitou, e a família dele?"

Ela encerra a sua carta dizendo:

"Confio que estejas bem, feliz e alegre como sempre. Consigo ver-te de pé ou a posar, não era isso, para um retrato.

Com cordiais cumprimentos de

MOLLIE FANCHER."

O envelope desta carta tenho-o em meu poder, endereçado ao Sr. J. S. Bishop, Riverhead, L. I., Post Office box 561, e tem o carimbo do correio de 17 de maio, 2 P. M., 1893.

A resposta a essa carta data de Riverhead, 18 de maio de 1893, e começa:

"Miss Mollie Fancher,

Cara Amiga:

A tua carta do corrente dia 17 foi lida com apreço."

Após referir-se a alguns assuntos pessoais, o escritor utiliza esta linguagem: "Mencionas na tua carta que me consegues ver de pé para um retrato; bem, vou

contar-te sobre isso. Na segunda-feira, às 6 P. M., um fotógrafo assentou o hotel para um retrato. Ele solicitou que eu fosse incluído; consenti no seu pedido e fiquei em frente de, e encostado a um dos pilares que seguravam e sustentavam a varanda, e assim tirei o meu retrato. Se não for muito incompatível com os teus melhores desejos e anseios, e se não pensares que sou demasiado 'inquiridor', ficarei altamente satisfeito se me informares como soubeste que eu estava a ter a minha semelhança copiada. * * * *

Enquanto jantava hoje, contei a um amigo íntimo que tinha recebido uma carta tua. Um jovem cavalheiro então sentado à minha direita olhou para cima e agiu como se estivesse grandemente espantado. Perguntou-me se eu te conhecia. Eu disse-lhe que tinha o prazer de dizer que sim. Ele disse que tinha a honra de te conhecer também. Disse que a sua esposa era tua prima. Entregou-me o seu cartão. O nome do fotógrafo que tirou a fotografia referida é Dana Dawens."

O Sr. George F. Sargent escreveu ao Sr. Bishop pedindo a devolução da carta de Miss Fancher para que pudesse ser usada nesta ligação. Ao incluí-la, o Sr. Bishop escreve o seguinte:

"Mencionei o incidente a um grande número de pessoas conceituadas, e todas disseram exatamente como eu disse ao receber a sua carta — é algo maravilhoso e muito para além da compreensão humana. O fotógrafo esteve na Griffin House poucos minutos depois das 6 P. M., na segunda-feira, 15 de maio, e eu recebi a sua carta no correio da noite de 17 de maio. Sei com uma certeza 'absoluta' que ninguém deste lado da linha o informou de que eu estava de pé para um retrato na altura em que me escreveu sobre isso. Agora, Miss Mollie, quero que a senhora — 'ou qualquer outro homem', entenda que quero que as (suas) cartas me sejam devolvidas. Com cordiais cumprimentos, subscrevo-me,

Seu apressadamente,

J. S. BISHOP."

Declaração de William Kingman, Esq., de Brooklyn, N. Y.:

"Sou solicitado pelo Juiz A. H. Dailey a declarar um incidente que ocorreu, do meu próprio conhecimento, com Miss Mollie Fancher.

Há cerca de três ou mais anos, eu residia na família do Juiz Dailey e, certa noite, ele tinha um compromisso para visitar Miss Fancher na sua casa. Aconteceu que, por compromissos de negócios, ele não pôde cumprir o seu compromisso, e escreveu uma nota a Miss Fancher explicando a causa da sua quebra de compromisso, e encarregou-me de lha entregar pessoalmente, o que eu estava disposto a fazer. Eu nunca tinha visto Miss Fancher, e o Juiz Dailey comentou

comigo: 'Sr. Kingman, muitas pessoas considerariam um grande privilégio ter a oportunidade de ver Miss Fancher, que o senhor agora tem.'

Levei a carta para a casa dela, segurando-a selada na minha mão, e quando entrei no seu quarto e me dirigia para um assento, Miss Fancher exclamou: 'Oh, Sr. Sargent, o Juiz Dailey não pode vir esta noite, ele está tão ocupado agora, mas aparecerá daqui a uns dias.' Entreguei-lhe então a carta e ela leu-a em linguagem quase idêntica à que tinha utilizado, como já afirmei.

WILLIAM KINGMAN,
N.º 131 Gates Avenue,
Brooklyn, N. Y.
Brooklyn, 26 de julho de 1893."

Declaração do Sr. Jeffrey Simmons.

"Tendo desfrutado do conhecimento pessoal de Miss Mollie Fancher durante os últimos cinco anos, pode não estar fora de lugar eu narrar alguns dos incidentes para os quais a minha atenção foi atraída de tempos a tempos enquanto na sua presença.

Sentimentos de amizade estabeleceram-se ou descobriu-se que existiam entre esta senhora e eu durante a minha primeira breve visita à sua casa, pelo que, ao despedir-me, ela gentilmente convidou-me a voltar.

Estando intensamente interessado, tornei-me logo um visitante semanal, e por vezes mais amiúde, tendo-me sido assegurado que estava à vontade para vir sempre que conviesse à minha conveniência. Com esse entendimento, fui tratado mais como um amigo do que como um visitante, ou seja, o seu trabalho não era posto de lado para me entreter, nem ela hesitava em utilizar os meus serviços quando se apresentavam oportunidades favoráveis. Acabou por acontecer que ela tinha uma quantidade de lã para enrolar, pelo que me coube a mim segurar as meadas enquanto ela fazia o enrolamento.

Não foi de modo algum a minha primeira experiência nesse sentido, embora logo percebesse que a Mollie era uma perita a desembaraçar nós que pareciam amarrar-se sozinhos, sem a mínima dificuldade. Com uma destreza surpreendente, os seus dedos ágeis agarravam o fio certo e manipulavam-no de tal modo que o novelo logo estaria a girar novamente.

A ausência de qualquer hesitação da parte dela, tida em conta com as condições existentes, foi para mim prova conclusiva de que a visão normal não era

empregada na operação. Nem a visão normal poderia tê-la ajudado a enfiar uma agulha fina, sob circunstâncias e condições em que a vi frequentemente fazê-lo, sem qualquer esforço aparente. Posso também corroborar o que foi dito por outros, relativo à sua capacidade de ver e reconhecer pessoas à distância ou além do alcance da visão normal.

Isto foi demonstrado em repetidas ocasiões, quando, ao ir a casa dela, no momento em que entrava no átrio, ela me saudava de onde estava deitada no seu quarto no segundo andar, para chegar ao qual eu devia subir as escadas, passar por uma sala e depois virar-me para entrar no seu aposento.

Numa altura, após ser assim saudado, ao entrar na sua presença, disse: 'Mollie, viste-me quando eu estava lá em baixo no chão do átrio?' Ela disse: 'Sim, se eu não soubesse que eras tu, não teria dito o que disse.' Uma pessoa que a conheça pode prontamente entender que ela não se permitiria tal familiaridade sem saber com quem estava a falar.

Na altura em que travei conhecimento com esta pessoa interessante, a sua loja no andar por baixo dos seus aposentos era ocupada por uma mulher cuja morte ocorreu um ou dois anos mais tarde."

Alguns parentes, ao serem informados do falecimento, vieram do Connecticut, creio eu, para assistir ao sepultamento e tomar conta dos seus bens. Nada soube disto até ter transpirado, quando num dia seguinte, ao entrar no quarto da Mollie, encontrei três pessoas a sair dele. Ela informou-me de que eram parentes ou herdeiros da sua antiga inquilina, e que estavam desejosos de encerrar o negócio de imediato. Para realizar o seu propósito, tinham trazido os livros e papéis pertencentes à loja e tinham-nos colocado sobre a cama ao alcance da Mollie, que se encarregara de executar essa tarefa laboriosa e desagradável, e procedia com tanta ponderação como se estivesse familiarizada com todos os detalhes e soubesse o significado de cada item.

Noutra ocasião, ao entrar na sua presença, uma mesa leve com pernas de comprimento adequado, de modo que, quando colocada sobre a cama, o seu topo ficava elevado para não descansar sobre a sua pessoa, estava nessa posição. Estendida sobre a sua superfície estava uma grande folha de papel de desenho na qual se exibiam numerosas linhas e curvas feitas com diferentes lápis de cor, que, juntamente com outros utensílios usados no desenho, jaziam por perto. Agindo sob o meu primeiro impulso, disse: o que estás a fazer?

Ao que ela respondeu que o Sr. Sargent estava ansioso por ter este desenho concluído o mais cedo possível, e tinha trabalhado nele até muito tarde na noite

passada, quando desistiu e lhe pediu para o terminar por ele hoje. Isto foi dito como se fosse um trabalho comum que qualquer pessoa pudesse fazer se assim estivesse disposta. Esse génio surpreendente, manifestado de tantas formas, está em consonância com uma ordem elevada de mentalidade, que, auxiliada por uma perceção aguçada, lhe permite apreender ideias e princípios, e também revelá-los e apresentá-los num estilo de raciocínio claro e lógico.

Acrescente-se a isto uma disposição amável que a inspira a suportar dores intensas com a fortitude heroica de um mártir, que consegue sorrir quando sofre as angústias da morte, e tem-se um pálido quadro de Mollie Fancher entretendo os seus amigos, esquecida de si mesma, enquanto se esforça por tornar as visitas deles agradáveis.

825 Lafayette avenue, JEFFREY SIMMONS.
Brooklyn, N. Y., 17 de novembro de 1893.

Declaração de Louis Sherk, 451 Fulton Street, Brooklyn, N. Y., 1 de novembro de 1893.

Juiz A. H. Dailey,
Caro Senhor: — O meu primeiro conhecimento com Miss Mollie Fancher data de 1878, quando a visitei inesperadamente após um convite que me foi feito pela sua tia, Miss Crosby, que nunca me vira, mas sabia de mim através do meu irmão, que tinha tratado Miss Fancher magneticamente a pedido do Dr. Speir. O meu irmão está agora morto.

Quando fiz a visita, foi num dia escuro e de tempestade. Eu vinha envolto num manto, usando um chapéu de abas largas. Ao entrar no átrio, no andar de baixo, ouvi chamarem o meu nome para subir. Assim fiz, e esta foi a primeira vez que vi tanto Miss Crosby como Miss Fancher. Perguntei a Miss Crosby como sabia quem eu era, e ela disse que a Mollie lho tinha dito enquanto eu estava lá em baixo à porta.

O quarto em que Miss Mollie estava deitada era muito escuro. Naquela altura, ela mal podia suportar qualquer luz no quarto, pois a luz lhe causava dor, não obstante ser cega. Não havia fogo no quarto e estava frio e gélido. Ela comentou de imediato que eu usava uma "imperial" (barba debaixo do lábio inferior), o que o meu irmão não usava. Por causa da escuridão, eu não conseguia distinguir as feições de Miss Fancher na altura. Ela pegou na minha mão e passou para um estado de transe e, quando saiu dele, estava coberta de suor frio. Noutra ocasião, ela fez um pequeno bouquet de flores de cera para a lapela, selecionando as cores de uma caixa de folhas de cera que lhe entreguei. Estava tão escuro no seu quarto que eu não conseguia encontrar a caixa a princípio, mas ela apontou-ma.

Numa outra ocasião, perguntei-lhe a definição de uma certa palavra. Ela entregou-me um pequeno dicionário. Já era depois do pôr do sol e a letra era muito pequena. Os meus olhos são fracos e, para discernir a letra, eu necessitaria de uma lente de aumento, mas ela pegou no livro, folheou algumas páginas e apontou para a palavra e para a definição. Mais tarde, peguei no livro e examinei a palavra com uma lente sob a luz do gás, e vi que ela me tinha orientado corretamente.

Noutra altura, encontrei-a quando ela não parecia ser a mesma personalidade, no que toca a ações e conversação, como noutras ocasiões. Chamava-se a si própria, contudo, Mollie Fancher, e estava bastante ansiosa para que eu tivesse tanto interesse nela como tinha na "outra Mollie", para usar a sua expressão.

Noutra vez, enviei um homem a casa dela para pendurar o seu quadro na sala da frente, mas não o informei de quem ocupava a casa. Dei-lhe instruções sobre onde o pendurar caso não estivesse ninguém na sala. Aconteceu que ninguém estava na sala da frente e, conforme ele me relatou, as portas de correr entre a sala da frente e a de trás estavam fechadas. No meio do seu trabalho, ouviu alguém criticá-lo severamente quanto à maneira como estava a pendurar o quadro. Olhou em volta, não viu ninguém e prosseguiu com o seu trabalho, quando foi novamente interrompido.

Ficou alarmado, olhou debaixo do piano e atrás das cadeiras, não viu ninguém na sala, voltou ao seu trabalho, quando foi mais criticado. Terminou o seu trabalho apressadamente e saiu da casa. Disse-me que não voltaria àquela casa por dinheiro nenhum, pois não queria entrar em contacto com o diabo. Informei-o então de que esse diabo era Miss Fancher, e que muitas pessoas ricas pagariam de bom grado uma grande quantia para ter tido a experiência que ele teve. A explicação para tudo isto era que Miss Fancher, da sua cama no quarto de trás, via o que ele estava a fazer e tinha algo a dizer quanto à maneira como o trabalho estava a ser feito; mas, para o ver, ela tinha de ver através da divisória interveniente. Tive inúmeras outras experiências com Miss Fancher, mas mencionei as suficientes para indicar o que sei a respeito dela. LOUIS SHERK.

CAPÍTULO XVI

Testemunho da Imprensa

A história do caso de Miss Fancher nunca será comparativamente completa a menos que seja autenticada por publicações de jornais contemporâneos fiáveis.

A 7 de junho de 1866, o Brooklyn Eagle publicou o primeiro artigo que alguma vez chegou ao público a respeito dela. A minha atenção foi chamada para ela pela primeira vez pelo seu médico, Doutor S. Fleet Speir; e, pesquisando os arquivos do Brooklyn Eagle, na Biblioteca de Brooklyn, este artigo foi encontrado; e tendo verificado que é, no essencial, bastante correto, é aqui inserido. Será uma leitura muito interessante, por mostrar a condição de Miss Fancher naquela altura e o início do interesse público no seu caso. Os factos foram obtidos principalmente do seu próprio médico. O artigo é da autoria do Col. William Hempstreet, um escritor talentoso e autor de uma publicação recente intitulada "The Substance of the Soul".

UM CASO NOTÁVEL.

Condição Terrível de uma Paciente — Os Nervos em Rebelião — Um Transe Contínuo — Rigidez Muscular Persistente — O Dom da Segunda Vista — A Medicina Confundida — A Sofredora Vive Sete Semanas sem Alimento.

Tem sido sustentado por muitos médicos que o vigor notável que caracteriza o presente século é um resultado da preponderância da energia nervosa nas raças que povoam a terra. Isto pareceria aplicar-se desde a raça mais lenta à mais ativa. Onde a energia nervosa está obstruída e incrustada na carne e no osso, é menos conspícua nos resultados; dificilmente se pode dizer que um africano de África possua o talento para se consumir de preocupação até à morte; uma mãe ansiosa da raça Saxónica-Yankee pode fazê-lo perante a mais pequena provocação. Onde se encontra o dinamismo empreendedor da energia e poupança Yankee, encontra-se um elemento atómico conhecido como nervos. Sobre estes, todas as pessoas de alta pressão constroem e trabalham, e neste país eles são "operados" a várias velocidades, até que "Nervinos", "Xarope Calmante", "Trociscos de Láudano", etc., se tornam indispensáveis para cerca de metade da população.

Há muito que parece ser a província especial dos americanos abusar dos seus nervos desde o berço até à sepultura. O primeiro problema a ser encontrado é a época do paregórico, da qual uma criança mal escapa a tempo de começar a embebição de chá e café. Estes são finalmente reforçados por charutos ou tabaco, e finalmente as bebidas de malte e fermentadas são postas em requisição. Estes, para não mencionar outros agentes igualmente inimigos, com certeza enfraquecem a

maravilhosa rede de sensações e, assim prejudicado, o sistema nervoso é transmitido de pai para filho.

Sobrecarregados e superestimulados, os nervos estão cheios de um vigor de curta duração, ideal para uma incursão curta como artilharia ligeira, mas falhando totalmente quando o trabalho pesado do bombardeamento é exigido. Como ilustração da condição de prostração nervosa a que uma pessoa jovem, anteriormente saudável, pode ser levada, o seguinte

Caso Muito Extraordinário

encontra lugar nestas colunas. Será lido com melancólico interesse por todos, e deve ser bem acautelado por aqueles a quem é confiada a educação da nossa juventude de ambos os sexos, bem como pelos pais que permitem que as faculdades intelectuais nos seus filhos sejam estimuladas para uma ação doentia, tornando-os assim passíveis de todo o sofrimento agora experienciado por uma jovem cuja situação é aqui parcialmente descrita.

No Décimo Segundo Bairro nesta cidade, não muito longe do que pode ser termo a secção da cidade da Clinton Avenue, reside uma família constituída por pai, mãe e vários filhos, entre eles uma filha de dezanove anos. Os pais têm posses moderadas, são respeitáveis e inteligentes, e bem relacionados. Esta filha, cujo nome deve permanecer aqui não mencionado em deferência aos desejos manifestos dos seus parentes, é uma jovem de boa aparência, capaz e de boas promessas aparentes. É o que se chamaria spirituelle, com cabelo e tez claros, uma figura frágil, semblante pálido, olhos grandes e brilhantes, com uma testa e feições indicativas de pensamento em vez de execução.

Até ao momento em que o seu sistema nervoso cedeu, era considerada uma estudante brilhante e ocupava uma posição merecidamente elevada numa das escolas da rua Montague. Os seus livros eram o seu deleite; como tantos outros, negligenciava tudo por eles, e levantava-se tarde de manhã em consequência da fraqueza, apressava-se para a escola sem pequeno-almoço, receosa de chegar tarde, e depois à noite, na sua ansiedade de aprender as lições, negligenciava novamente uma refeição para a qual sentia pouca inclinação. Desta maneira

A Sua Vitalidade Reflui Gradualmente

até parecer demasiado frágil para carregar o sortido de livros de texto com que os alunos da cidade se carregam ao ir e vir da escola. Desta forma, negligenciando a sua fraqueza física e sendo autorizada pelos seus pais a fazê-lo, continuou como uma estudante assídua até há cerca de três meses, quando sofreu um acidente. Ao montar

um cavalo que era algo fogoso, foi atirada com considerável violência ao chão, e o choque tornou necessário que fosse submetida a tratamento médico.

Passado algum tempo, recuperou lentamente e, impelida por um entusiasmo equivocado resultante do espírito de emulação de classe, recomeçou os seus estudos, parecendo mais pergaminho do que carne e osso. Desastre seguiu-se a desastre no seu caso. Um dia, ao sair de um carro na Fulton Avenue, a sua crinolina prendeu-se, e a jovem debilitada foi arrastada uns trinta ou quarenta pés antes de poder ser libertada da sua posição perigosa. Ocorrer neste exato momento crítico foi o mais infeliz e, quase imediatamente, foi reduzida à sua presente condição deplorável. Está noiva de um jovem rico e a cerimónia deveria ter sido solenizada este outono; este facto, em ligação com o seu declínio gradual, teve efeito na sua mente, pois sentia que não podia conscientemente assumir os deveres de uma esposa. Um dia ou dois após o segundo acidente, foi

Subitamente Acometida de Espasmos,

dos quais tem sido diariamente vítima até ao presente momento. Durante as últimas nove semanas, tem alternado entre um espasmo e um transe, e a rigidez extrema dos músculos sucedeu ao seu completo relaxamento. A princípio, os espasmos não eram gerais, mas após um dia ou dois todo o corpo parecia afetado. Enquanto nestes espasmos, as contorções da infeliz paciente tornam-se vitais; parece, por vezes, quase impossível segurá-la. Cada um é sucedido por um transe de cerca de três horas de duração.

Quando cerca de meia dúzia destes ataques tinham passado, descobriu-se que a visão, a audição e o poder de deglutição tinham partido. Esta última privação — ou capacidade de engolir — era a mais grave, pois impedia a administração de medicamentos ou alimentos da maneira comum. Embora as duas vias dos sentidos — ver e ouvir — estivessem cortadas, descobriu-se que a interessante paciente conseguia ver e ouvir por segunda vista, ou apreciação clarividente. Uma vaga perceção de vistas e sons é levada ao cérebro ao longo dos nervos enfraquecidos, através da qual ela é capaz de apreciar a incansável bondade dos seus amigos. Ela está, sempre que capaz de comunicar, num estado perfeitamente consciente, e todas as operações mentais parecem progredir como de costume.

Ocasionalmente, os músculos que controlam a garganta relaxam, altura em que, por um tempo, ela é capaz de articular indiferentemente através dos seus dentes cerrados. Na maior parte do tempo, é compelida a comunicar por escrito, uma operação tornada adicionalmente difícil pelo facto da ação tetânica dos músculos das mãos, que estão fechadas à força e nas quais uma pena só pode ser segurada forçando-a entre o indicador fechado e o polegar rígido. Desta forma, escreve

lindamente e, numa carta ao seu médico — acima do qual nenhum membro da profissão nesta cidade goza de maior prestígio — ela explica em bela e regular quirografia a sua condição exata. Numa ocasião, a mão direita ficou paralisada e ela escreveu então com a esquerda. Esta paralisia parece nunca abandonar o corpo; aparece sucessivamente nos braços e membros inferiores.

A Sua Condição Clarividente

Quando na condição quieta de rigidez, a paciente está num transe. Os seus olhos fechados, os ouvidos estão mortos para o som, os músculos cessam de agir, a respiração é mal percetível e, uma ou duas vezes, resultou um estado de êxtase indicativo de instabilidade mental. Estes períodos duram quatro dias, ou duas horas cada. Quando nesta condição, ela é poderosamente clarividente nas suas faculdades.

Consegue dizer as horas por vários relógios ajustados de formas variadas para a enganar, ler cartas fechadas, decifrar o conteúdo de uma ardósia e repetir o que a "Sra. Grundy diz", servindo a bisbilhotice da vizinhança. Parece possuir a faculdade da segunda vista num grau notável. Nesta condição, ela estende-se direita, cruza os braços, se capaz, e encara com um olhar sem sentido, de olhos calmos e fixos, o teto. Assim, com toda a aparência de morte, permanece até ser misteriosamente aliviada para ser mergulhada no

Estado Espasmódico

que inclui trismo e tétano igualmente. Os espasmos causam paroxismos dos músculos de movimento voluntário e produzem uma incurvação da coluna num grau alarmante; num caso, ela enrolou-se como um arco, com a cabeça e os pés a tocarem-se. Depois ficou curvada para o outro lado durante algumas horas. Nos espasmos, tal como nos transes, a ação do órgão de excreção é natural e normal, enquanto a respiração difere materialmente; na última condição a paciente está quieta, imóvel, rígida e respira quase impercetivelmente, enquanto na primeira está continuamente em movimento, sendo as suas contorções absolutamente pavorosas de testemunhar e quase inteiramente fora de controlo. E contudo, no meio de toda esta ação idiossincrática, a sua mente está tão clara como sempre, permitindo-lhe sorrir com uma boa piada e cumprimentar quem a faz.

Claro que a infeliz tem sido tratada para a sua maleita, sem qualquer encorajamento particular; o tratamento é tão peculiar como a doença. A prática da medicina, em todos os casos experimental até certo ponto, é-o inteiramente neste. Durante a semana passada, a paciente caiu num transe profundo enquanto sentada numa cadeira, a sua cabeça tombou para trás, os membros esticaram-se, as mãos cerraram-se num aperto que nenhuma força conseguia quebrar e uma condição fria

do corpo prevaleceu. Assim ela permaneceu — um cadáver vivo — a encarnação da morte vitalizada — até sábado de manhã passado, quando a rigidez muscular cessou, exceto no seu braço direito e membros inferiores.

Durante todo este tempo, ela não conseguia ouvir, ver, sentir, saborear nem cheirar; todas as vias da vida e da comunicação estavam cortadas. Para testar isto, a carne foi perfurada com alfinetes, facas foram usadas e as mais poderosas bolhas aplicadas na cutícula, mas sem o menor efeito visível. Os nervos estavam profundamente paralisados, nenhuma sensação podia ser comunicada através deles, e a rapariga prostrada, vivendo na rigidez da morte, permanece inconsciente das operações dolorosas habituais nela realizadas. O mais forte emplastro de mostarda não terá mais efeito na aparência da sua pele, sequer, do que teria uma aplicação de água. Cada função aparece como se estivesse suspensa, cada via de comunicação obstruída.

O que foi Tentado

A princípio, um médico homeopata foi contratado para a sofredora; mas pequenas pílulas e colheres de chá de A e B eram inúteis, pois a deglutição era importante em consequência do fecho quase hermético da garganta. A homeopatia foi então sucedida pela hidropatia e a jovem sem nervos foi banhada com água fria para produzir um choque e assim restaurar a ação dos seus nervos. A sua coluna foi congelada com gelo e, finalmente, por este "tratamento", há muito abandonado até em manicómios, ela foi muito quase levada para a cova. A sua condição anormal tornou-se agravada em vez de ceder, e uma mudança de médicos foi efetuada. Um representante da alopatia veio a seguir e encontrou a sua paciente num transe.

Começou por administrar alimento e nutrição por enemas e, no sábado, pela primeira vez em sete semanas, os músculos traqueais da paciente relaxaram ligeiramente e o seu médico, forçando a extensão flexível de uma seringa de garganta para além do ponto obstruído, foi capaz de injetar um pouco de sopa e ponche de leite no estômago. No domingo passado teve um espasmo mas nenhum transe se seguiu. Isto é considerado como um bom sinal pelo médico, que agora ousa esperar que a infeliz jovem possa ultimamente ser restaurada a um grau moderado de saúde.

Pessoas que acreditam no Espiritismo, conforme exposto por Andrew Jackson Davis, mesas girantes, batidas de Rochester, etc., afirmam que este é simplesmente um caso de mediunidade espiritual em que um bando de maus espíritos captura um corpo humano vi et armis e o detém como o Conselho de Saúde se propõe deter a ponta ocidental de Coney Island. Os médicos sustentam que se trata simplesmente

de uma prostração total do poder nervoso, suscetível de cura sob tratamento cuidadoso. Os não profissionais ficarão, naturalmente, do lado daqueles cujas hipóteses pareçam mais racionais.

CAPÍTULO XVII

Defesa de Miss Fancher
por Epes Sargent e Correspondência

Como seria de esperar, a publicação no Brooklyn Eagle despertou a curiosidade pública, e uma caça começou de imediato para verificar o paradeiro e o nome da notável inválida. A sua identidade não pôde ser ocultada por muito tempo. Então, a sua casa foi imediatamente invadida por repórteres e centenas de outras pessoas, ansiosas por aprender mais sobre as partes fenomenais do seu caso, ou por satisfazer a sua curiosidade e poder dizer que tinham visto Mollie Fancher. Desde essa altura até ao presente, em curtos intervalos, a imprensa tem inflamado com declarações a seu respeito.

Algumas foram fundadas em relatos anteriormente publicados, com entrevistas imaginativas acrescentadas pelo repórter empreendedor. Os esforços determinados de Miss Fancher para não estar constantemente perante o público, e a sua recusa em permitir que médicos, que não os seus próprios, visitassem o seu leito, tenderam a criar críticas adversas, das quais ela estava destinada a sofrer em qualquer caso. Ela negava o direito do público de ser informado da sua condição, e chegou a proibir os seus médicos e amigos íntimos de divulgarem para publicação qualquer coisa que lhe dissesse respeito. Mas mesmo estas precauções foram insuficientes para garantir a privacidade que desejava. Algumas das publicações a seu respeito foram cruéis ao extremo.

Por algumas pessoas, ela foi declarada uma fraude e uma impostora, e o facto de estar a viver há tanto tempo sem alimento foi negado. Foi publicamente acusada de deceção, e médicos como os Doutores William A. Hammond e Geo. M. Beard, da cidade de Nova Iorque, falaram e escreveram sobre ela de forma muito depreciativa, sem nunca a terem visto!

A 25 de novembro de 1878, foi publicado no jornal New York Sun o relato de uma entrevista de um repórter com o Dr. William A. Hammond, na qual o repórter informou o Dr. Hammond de que Miss Fancher tinha o testemunho de homens como o Rev. Dr. Duryea, o Rev. Dr. Van Dyck, o Prof. West, Henry Parkhurst, o astrónomo, e médicos como os Drs. Speir e Ormiston, quanto à autenticidade do seu caso.

Em resposta, o Dr. Hammond terá dito: "Sei que estão todos enganados — enganados pelas mentiras desta rapariga histérica."

"Mas," disse o repórter, "veja a que testes ela foi submetida. Como pode haver qualquer deceção?" Ao que o doutor respondeu: "Bem, há deceção em tudo. É tudo uma farsa. Ora, meu caro, ela não é a primeira rapariga a enganar homens doutos e bons. Há imensos casos de histeria simulada, e o de Miss Fancher é um deles. Não a vi, nunca tinha ouvido falar dela antes; mas já ouvi falar de tantos outros casos semelhantes que não hesito em falar com firmeza sobre o assunto."

"Mas," disse o repórter, "como explica a sua segunda vista; ela ler um papel que não vê; ela dizer o conteúdo de um envelope selado?"

"Ela não consegue fazê-lo," disse o doutor, veementemente. "Ela não consegue fazer nada desse género. Aposto 3.000 dólares em como ela não o consegue fazer à minha frente. Escreverei um cheque de mais de 1.000 dólares e, se ela me disser o montante exato, o banco sobre o qual foi sacado e descrever o cheque genericamente, eu dar-lho-ei. Ora, eu posso ler-lhe caso após caso em que estas raparigas histéricas enganaram milhares. Veja-se a questão das visões. Esta rapariga em Brooklyn é protestante, por isso limita as suas visões a ver o céu e os seus amigos mortos. Fosse ela católica e veria a Virgem Maria ou o Salvador, como aquela rapariga em Lourdes, que vê a Virgem e que foi na realidade o meio para se construir uma igreja no local onde a visão aparece. Já viu relatos da agitação que ela criou. Ora, ela é

Simplesmente uma Cataléptica

Eu próprio tive sob o meu cargo direto cinquenta raparigas e mulheres que, em estado de êxtase, tiveram visões de todos os tipos, desde o próprio Deus até à professora que as tinha fechado em armários escuros. Digo-lhe que aquelas pessoas

em Brooklyn pertencem a duas classes — as que mentem e as que são enganadas. Note bem, não digo que Miss Fancher seja culpada, que faça tudo isto intencionalmente. A histeria incita à deceção. É uma característica da doença. Ela provavelmente não tem vontade suficiente para superar o desejo de enganar. Mas ela deve ser ajudada de todas as formas a superar o desejo, não auxiliada nas suas deceções. Pois tudo isto é simplesmente a deceção de uma rapariga histérica."

"Mas ela enganou clérigos e médicos."

"Oh, isso não é nada. Os clérigos são os homens mais crédulos do mundo, e os médicos que não fizeram um estudo das doenças nervosas estão propensos a serem enganados por estas raparigas."

Num artigo publicado no New York Sun, a 23 de dezembro de 1878, encontra-se um extrato de um folheto intitulado "As Lições Científicas do Caso Mollie Fancher", pelo Dr. Geo. M. Beard, de Nova Iorque, no qual ele diz: "Chegaram-me de vários quadrantes provas não solicitadas — de médicos e de clérigos tão honrados e capazes como quaisquer cujos nomes apareceram ligados a este caso — de que Mollie Fancher engana intencionalmente; que vive do bom e do melhor; que os artigos de fantasia que ela professa fazer são feitos para ela; que a sua leitura sem olhos é feita por artimanha; mas tudo isto, tal como as provas do lado oposto, é de caráter não especializado e, na ciência, não pode receber consideração."

A estes ataques foram dadas inúmeras respostas através da imprensa e, entre outros que assumiram a causa em defesa de Miss Fancher, estava o Sr. Epes Sargent, um homem de grandes dotes literários, um cuidadoso estudante de psicologia e um escritor bem conhecido. Ele escreveu um artigo extremamente capaz, publicado no Sun em dezembro de 1878, em resposta a estas críticas indignas e assaltos a Miss Fancher. A publicação da sua carta motivou uma nota de Miss Fancher para ele, expressando o seu agradecimento pela bondade em defendê-la. Segue-se a resposta do Sr. Sargent aos ataques a Miss Fancher, e também uma carta pessoal para ela, em resposta a uma carta de agradecimento que lhe foi enviada.

CAPÍTULO XVIII

Mr. Epes Sargent para o New York Sun

Ao Editor do Sun:

Senhor. — Num folheto intitulado "As Lições Científicas do Caso Mollie Fancher", pelo Dr. George M. Beard, de Nova Iorque, o escritor diz: "Chegaram-me de vários quadrantes provas não solicitadas — de médicos e de clérigos tão

honrados e capazes como quaisquer cujos nomes apareceram ligados a este caso — de que Mollie Fancher engana intencionalmente; que vive do bom e do melhor; que os artigos de fantasia que ela professa fazer são feitos para ela; que a sua leitura sem olhos é feita por artimanha; mas tudo isto, tal como as provas do lado oposto, é de caráter não especializado e, na ciência, não pode receber consideração."

Portanto, seria necessário um especialista, pois claro, para decidir se Miss Fancher "vive do bom e do melhor"; um especialista como o Dr. Beard? Nenhum talhante, cozinheiro, maître d'hôtel ou apreciador de boa comida seria competente para decidir a questão!

Não conheço de todo Miss Fancher nem qualquer uma das pessoas que testemunharam no seu caso, por isso deixarei para os seus amigos responderem (se ainda não o fizeram) ao que me parece ser um ataque muito grosseiro e descabido a uma senhora prostrada pela doença. É quase como se alguém publicasse um parágrafo como este: "Chegaram-me de vários quadrantes provas não solicitadas, por pessoas das mais honradas e fidedignas, de que o Dr. Fulano é um falsário, um ladrão e um assassino; mas como o testemunho é de caráter inteiramente não especializado, não pode, na ciência, receber consideração."

Poderia a própria Sra. Candor ter feito melhor do que o Dr. Beard nesta tentativa de assassinar uma reputação? A senhora de Sheridan limitava os seus comentários escandalosos à sala de visitas; o doutor envia os seus por toda a terra num folheto publicado.

Não é de surpreender que o Dr. Beard esteja muito perturbado pelo testemunho forte e respeitável, recentemente publicado no Sun, em relação a certos fenómenos notáveis semelhantes àqueles que ele tem denunciado energicamente durante vários anos como imposturas ou delírios. Ele está comprometido com uma teoria que descartaria todos os factos extrassensoriais como impossibilidades. Tendo afirmado que apenas um "especialista" está qualificado para observar um facto de clarividência, para compreender se Miss Fancher, ou qualquer outra pessoa, realmente alguma vez leu através das dobras de uma carta selada, ou proferiu certas palavras indicando previsão, ou executou uma peça de trabalho de fantasia no escuro; e tendo afirmado ainda que em todo o mundo neste momento existem apenas sete ou oito especialistas do tipo necessário, ele dá-nos claramente a entender que o Dr. Beard é uma dessas sete ou oito pessoas altamente dotadas, aliás, o próprio Corifeu do bando.

Mas quando passamos a inquirir sobre as suas pretensões de ser reconhecido como um especialista, descobrimos que são principalmente de natureza negativa; baseadas, não no seu conhecimento de factos indutivos, mas na sua estimativa da

sua própria inteligência notável no "raciocínio dedutivo". Grande como médico, parece que é maior como metafísico; e é nesta última capacidade que ele aparece ao assumir decidir que coisas são temas para investigação científica e quais não o são, e se Miss Fancher é ou não uma impostora.

Porque é que a clarividência é falsa, segundo o Dr. Beard? E ele dá-nos a entender que é falsa porque é "absolutamente refutada pelo raciocínio dedutivo" e porque as "ciências especiais", às quais as suas pretensões devem ser submetidas, sabem que elas são "falsas, sem qualquer exame!"

Assim, parece que a sua "especialização" deriva principalmente de não conhecer certos factos que certas pessoas de espírito fraco, como Sir Wm. Hamilton, o Dr. Wm. Gregory, Professor de Química na Universidade de Edimburgo; os nove membros da Comissão Especial de cinco anos sobre Mesmerismo da Academia Real Francesa de Medicina, juntamente com o Arcebispo Whately, o Dr. Elliotson, o Dr. Ashburner, o Dr. Esdale e outros, após longa e paciente investigação, afirmaram conhecer.

Se isto não for uma extensão um pouco arbitrária para o domínio da ciência positiva, do processo etimológico pelo qual se dizia que lucus derivava de non lucendo, o que é? Na verdade, poupa muito trabalho, mas como é que isso se torna disponível na educação de um especialista? Aí confesso-me perplexo.

O raciocínio dedutivo pode errar, tal como o julgamento intuitivo. Foi o raciocínio dedutivo que levou Bacon, Melâncton, Lutero e outros homens doutos a rejeitarem o sistema copernicano. O raciocínio dedutivo opôs-se à introdução do gás, ao sistema de franquia postal barata e à navegação oceânica por navios a vapor. Recusou-se a olhar através do telescópio de Galileu. Foi também muito incrédulo quanto à possibilidade da máquina de falar de Edison, e interpôs-se no caminho de muitas grandes invenções e reformas sensatas.

O Dr. Beard divide o universo no conhecido, no desconhecido e no sobrenatural; e diz-nos que "no reino do sobrenatural todas as coisas são possíveis e todas as coisas são indemonstráveis". Ora, não seria um pouco menos anticientífico dizer que não sabemos realmente se existe algo sobrenatural; que o que nos parece tal pode ser meramente o natural não reconhecido ou mal compreendido? Que razão possível tem um homem que se diz homem de ciência para dizer que "no reino do sobrenatural todas as coisas são possíveis", quando nem sequer sabe da existência do sobrenatural?

Excluindo o sobrenatural como sendo meramente o imaginário, que direito tem então o Dr. Beard de dizer que certos factos bem atestados são temas legítimos de

investigação científica e outros não? Como, exceto sob as suas suposições metafísicas arbitrárias, é que ele vai sequer esboçar uma defesa? Ele sujeitaria a prova de um facto às mesmas limitações a priori que a prova de uma proposição hipotética. A rotundidade da terra não teria sido provada até hoje se os homens de ciência tivessem sido "especialistas" do tipo do Dr. Beard e sustentassem que os factos não podem ser demonstrados tão bem como as proposições, ou que podem ser aniquilados pelo seu raciocínio dedutivo.

O problema com ele é que confunde provas dedutivas com intuitivas, e vice-versa. Ora, apenas a prova demonstrativa é que é científica no verdadeiro sentido; e como é que, a partir das suas noções puramente negativas, ele nos vai dar qualquer prova demonstrável das suas negações? Na sua pretensão de julgar as possibilidades científicas pelo seu "raciocínio dedutivo", ele é simplesmente um idealista ou um intuicionista; e na sua presunção de que pode testar verdadeiramente os delicados fenómenos psíquicos no caso de Miss Fancher pelo seu processo rude, material e ditatorial, independentemente da influência subtil que a sua própria presença, no seu estado de espírito agressivo, positivo e antipático, introduziria, ele é um realista grosseiro e não está mais qualificado como um "especialista" para descobrir os factos reais de tal caso do que um ferreiro ou um calceteiro.

Para mostrar até que ponto o Dr. Beard é meramente um idealista despótico ao tentar invalidar pelo seu "raciocínio dedutivo" certos factos perfeitamente bem estabelecidos, permitam-me chamar a atenção do leitor para o seguinte:

No ano de 1826, a Academia Real de Medicina de Paris nomeou uma comissão de onze membros, que inquiriu sobre todo o tema do mesmerismo durante cinco anos e, em 1831, relatou na íntegra, e a favor da realidade de quase todos os alegados fenómenos, incluindo a clarividência. Dos onze membros, nove assistiram à reunião e às experiências, e todos os nove assinaram o relatório, que foi, portanto, unânime. Eles dizem: "Vimos dois sonâmbulos distinguirem, com os olhos fechados, objetos colocados diante deles; nomearem cartas, lerem livros, escrita, etc. Este fenómeno ocorreu mesmo quando a abertura das pálpebras estava acuradamente fechada por meio dos dedos."

Aqui estava um corpo de nove médicos treinados e céticos, especialistas indubitáveis (embora, talvez, não segundo a definição do Dr. Beard), que examinaram o assunto experimentalmente durante cinco anos e depois relataram unanimemente que a clarividência é um facto. Será que o Dr. Beard se ilude pensando que pode aniquilar tal testemunho pelo seu "raciocínio dedutivo"? Ou que a sua pretensão de ser um especialista neste único assunto pode ser admitida por aqueles que o estudaram na prática não apenas por cinco, mas por quarenta e cinco anos?

O Dr. Georget, de Paris, no seu tempo um especialista em patologia nervosa e cerebral, foi o autor (1821) de uma obra muito estimada sobre a "Fisiologia do Sistema Nervoso", na qual professava ousadamente o materialismo. Mas no seu último testamento ele escreve: "Mal a minha 'Fisiologia' tinha aparecido, quando meditações renovadas sobre um fenómeno muito extraordinário, o sonambulismo, já não me permitiram alimentar dúvidas sobre a existência dentro de nós, e externa a nós, de um princípio inteligente, totalmente diferente das existências materiais; numa palavra, da alma e de Deus. Relativamente a isto tenho uma profunda convicção, fundada em factos que creio serem incontestáveis. Esta declaração não verá a luz senão num período em que a sua sinceridade não será duvidada, nem as minhas intenções suspeitas." Não foi publicada senão após a sua morte.

E este especialista em doenças nervosas, o Dr. Georget, foi convertido do materialismo por factos muito semelhantes aos atestados pelo Dr. Duryea e outros no caso de Miss Fancher. Mas Georget não foi o único especialista eminente convertido do materialismo. O Dr. Beard já ouviu, com certeza, falar de Cabanis, autor de "Rapports du Physique et du Moral de l'homme". Os seus escritos foram um vasto armazém de factos para os materialistas. No entanto, numa carta póstuma, publicada pelo Dr. Beard, Cabanis abandona enfaticamente as suas conclusões materialistas e reconhece formalmente a necessidade de um princípio imaterial ou espiritual. Poucos dos escritores que estão agora a usar os argumentos de Cabanis contra a existência de poder psíquico no homem mencionam alguma vez o facto interessante de que ele viveu para retratar o seu erro.

Um rapaz clarividente em Plymouth, Inglaterra, cujo caso se encontra relatado no "Zoist" (vol. IV, pp. 84-88), foi submetido ao exame de um comité cético cujos nomes são indicados, e que parecem ter feito o seu trabalho de forma muito minuciosa. Primeiro os seus olhos foram examinados e descobriu-se que os globos estavam de tal modo virados para cima que, mesmo que as pálpebras estivessem um pouco afastadas, a visão comum seria impossível. Depois foi observado de perto e, enquanto se via que as pálpebras estavam perfeitamente fechadas, ele lia facilmente.

Depois foi aplicado adesivo, cuidadosamente aquecido, em três camadas, e observou-se para ver se a adesão era perfeita em toda a volta das bordas. Novamente o rapaz leu o que lhe foi apresentado — por vezes facilmente, outras com dificuldade. No final das experiências, o adesivo foi retirado tira a tira pelo comité, e descobriu-se que estava perfeitamente seguro e as pálpebras tão completamente coladas que foi um trabalho de alguma dificuldade conseguir abri-las novamente.

Será um caso como este um daqueles em que o "raciocínio dedutivo" deve ter permissão para nos tornar insensíveis à força de factos, perfeitamente bem atestados,

continuamente repetidos e mais comuns agora do que têm sido nos últimos cinquenta anos? Se os factos devem ser assim deixados à mercê do raciocínio dedutivo de um indivíduo, porque não dispensar o júri nos nossos tribunais de justiça e contratar algum especialista de um juiz para proferir vereditos?

O Dr. Schmitz, Reitor da Escola Secundária de Edimburgo, cujos livros escolares, publicados pelos Srs. Harper, são usados em muitas escolas americanas, teve um clarividente em sua casa, que descreveu com precisão a casa do Prof. Gregory e as pessoas que se encontravam na altura na sala de jantar (o que se verificou posteriormente estar correto). Como teste adicional, pediu-se ao Dr. Schmitz para ir para outra sala com o seu filho e fazer o que quisesse. O rapaz descreveu então os seus movimentos, saltando, o filho a sair e a entrar novamente, e o doutor a bater no filho com um rolo de papel. Quando o Dr. Schmitz regressou, o Prof. Gregory repetiu tudo o que o rapaz tinha dito, o que o doutor, muito espantado, declarou estar correto em todos os pormenores.

Um grupo de especialistas, dos quais o Serjeant Cox, um conhecido advogado de Londres e Presidente da Sociedade Psicológica, fazia parte, foi planeado para testar Alexis, o famoso clarividente francês. Uma palavra foi escrita por um amigo numa cidade distante e encerrada num envelope sem que ninguém do grupo soubesse qual era a palavra. Este envelope foi encerrado noutros seis de papel pardo grosso, cada um selado. O pacote foi entregue a Alexis, que o colocou na testa e, em três minutos e meio, escreveu corretamente o conteúdo, imitando a própria caligrafia. (Ver "What am I?" pelo Serjeant Cox; vol. 2, página 167. Pode ser encontrado na Biblioteca Pública de Boston.)

Robert Houdin, de Paris, o maior dos prestidigitadores modernos, cujas proezas eram bem conhecidas, pegou nas suas próprias cartas e deu-as ele próprio, mas Alexis nomeou-as tal como jaziam sobre a mesa e nomeou até o triunfo antes de este ser virado. Isto foi repetido várias vezes e Houdin declarou que nem a sorte nem a habilidade poderiam produzir resultados tão maravilhosos. Pegou então num livro do seu bolso e pediu a Alexis para ler algo oito páginas além de onde estava aberto, num nível especificado. Alexis picou o lugar com um alfinete e leu quatro palavras, que foram encontradas no lugar picado, nove páginas adiante.

Contou depois a Houdin inúmeros pormenores quanto ao seu filho, nalguns dos quais Houdin tentou enganá-lo, mas em vão; e quando terminou, Houdin declarou que os factos relatados estavam corretos, acrescentando: "Quanto mais reflito sobre eles, mais impossível considero classificá-los entre os truques que são os objetos da minha arte." As suas duas cartas foram publicadas na altura no La Siècle, em maio de 1847.

Irá o Dr. Beard sustentar que Houdin, o mais experiente dos prestidigitadores e cujo ofício era descobrir todos os truques que pudesse utilizar para causar espanto, não era, afinal, tanto um especialista como ele próprio; que ele não sabia como investigar pelo "raciocínio dedutivo", e que aquilo que ele pensava ter visto não aconteceu? Se o doutor conseguir encontrar pessoas suficientemente simples para acreditarem em tal pretensão, é muito bem-vindo a tais convertidos.

O Capitão R. F. Burton, o famoso viajante e explorador inglês, numa carta ao Times de Londres (nov. de 1876), escreve: "A experiência de vinte anos convenceu-me de que a perceção é possível sem os canais comuns dos sentidos;" e comenta sobre o tema da clarividência, que esta deve ser "provada ou refutada, não por palavras duras, nem por mera lógica, mas por experiências e factos."

Uma opinião muito diferente, ao que parece, da do Dr. Beard, que deseja que aceitemos como garantido que o seu "raciocínio dedutivo" deve resolver a questão e, se os factos contrariarem isso, pois então tanto pior para os factos!

O Dr. F. Lefebre, Professor de Patologia na Universidade de Louvain, um médico muito douto, não teria desacreditado o testemunho do Dr. Speir nem mesmo perante uma instância de previsão por parte de Miss Fancher, pois escreve: "É possível que o poder de previsão dos sonâmbulos possa ser elevado a um grau muito acima do nível comum, e que eles possam por vezes penetrar no futuro de tal modo que suscitem o nosso maior espanto."

Inúmeros incidentes, semelhantes aos que relatei, poderiam ser citados. Testemunhei muitos eu próprio durante os últimos quarenta anos, e vi o que os mais astutos ilusionistas conseguem fazer em imitação da clarividência e da leitura de pensamento; mas aceito a palavra do melhor deles de que o processo pelo qual o verdadeiro clarividente obtém o seu conhecimento é incomunicável. O Sr. Bidder, o mui estimado matemático inglês, que despertava admiração quando rapaz pelas suas respostas instantâneas a questões complexas de aritmética, ao ser questionado sobre como o fazia, respondeu: "Eu não o faço — eu vejo-o." E o clarividente não pode dar melhor explicação do que esta.

Os únicos verdadeiros especialistas num fenómeno como a clarividência são aqueles que o estudaram experimentalmente durante uma longa série de anos, coordenaram os factos, excluíram tudo o que era duvidoso e, através de testes repetidos, se satisfizeram, sob uma grande variedade de condições e através de muitos indivíduos clarividentes, jovens e velhos, os sãos de corpo e os doentes, os ignorantes e os instruídos, de que a existência de tal faculdade está provada acima de qualquer dúvida. O próprio elemento de desconfiança positiva e agressiva, que o Dr.

Beard traria para a investigação de um fenómeno tão subtil, seria fatal para qualquer resultado satisfatório.

Um nome ou um facto que tentamos forçar-nos a recordar pode escapar ao nosso esforço mais ansioso. Mas se desistirmos e pensarmos noutra coisa, ele pode em breve surgir, automaticamente, por assim dizer, e convocar a consciência para o apreender. Todo o investigador experiente sabe que as provas mais maravilhosas de clarividência são aquelas que são inesperadas e espontâneas. Tente extorqui-las pela sua maneira imperiosa ou desconfiança manifesta (e não se pode senti-la bem sem a manifestar a simpatias clarividentes) e estragará as condições, e talvez se vá embora declarando ignorantemente que é tudo um delírio.

"O medo de especialistas", diz o Dr. Beard, referindo-se ao caso de Miss Fancher, "é um dos sintomas, quase patognomónico." Não um medo de especialistas genuínos, mas um sentido da insensatez de perder tempo com aquelas pessoas que estão fortemente comprometidas contra o facto, e que trazem a predeterminação de não serem convencidas, é o real motivo que torna o sujeito sensível esquivo a tais experimentadores.

O Dr. Beard diz-nos que "o testemunho humano é o produto do cérebro humano". Foi ainda há pouco que o Dr. Hammond, que também denuncia a narrativa de Fancher como "tudo farsa" e que afirma que "nunca houve um caso de clarividência", nos disse que "a medula espinal e os gânglios simpáticos não são desprovidos de poder mental". Como sabemos, então, que o testemunho humano não provém dos gânglios? Outrora pensava-se que as manifestações mentais vinham do que os simples ainda chamam a mente; e que o cérebro era meramente um instrumento para o pensamento, tal como os olhos são para ver e os ouvidos para ouvir. Mas "nous avons changé tout cela".

O pensamento é agora meramente um produto do movimento de certas moléculas caleidoscópicas no cérebro; e se eu penso de forma diferente do Dr. Beard, ele não me deve culpar, visto que é meramente porque as moléculas no meu cérebro ficam dispostas, ou agitadas, de forma diferente das do seu próprio. Assim, o pensamento carece do caráter de necessidade lógica, e as verdades universais são impossíveis, exceto todas aquelas que provêm do seu próprio "raciocínio dedutivo" individual. Aqui estão as suas palavras: "O testemunho humano é o produto do cérebro humano, e o seu estudo científico pertence àqueles que, como os médicos, se dedicam ao estudo do cérebro na saúde e na doença."

Então, parece agora que todos estes livros que foram escritos sobre filosofia mental, o entendimento humano, a lógica e as leis da evidência pelos Aristóteles, Lockes, Berkeleys, Humes, Kants, Hegels, Hamiltons, Mills, Von Hartmanns,

Blackstones, Kents e Storys devem ser deslocados como lixo para dar lugar aos escritos dos Drs. Beard e Hammond! E se o Dr. Beard é um especialista a julgar o testemunho humano, porque não a julgar outros "produtos do cérebro humano", e pela mesma razão? Porque não pode ele estabelecer para nós leis de gosto na poesia, pintura, música e literatura geral? Não serão todos eles, igualmente com o testemunho humano, produtos do cérebro humano, e não pertence o seu "estudo científico" a alguém que se dedica "ao estudo do cérebro humano na saúde e na doença?"

O Dr. Beard diz: "Não temos na nossa profissão um corpo de homens mais honrado ou capaz do que alguns dos médicos de Brooklyn que estiveram, direta ou indiretamente, ligados ao caso de Miss Fancher; e contudo os instintos da maioria, tanto de clínicos gerais como de especialistas em doenças nervosas, rejeitam todo o seu testemunho relativo às alegações de clarividência, leitura de pensamento e profecia."

Desta vez são os instintos que devem ser admitidos no banco das testemunhas sob a decisão do Dr. Beard. Quando se trata de citar os "instintos" de certos médicos como qualquer autoridade numa questão de clarividência, não estará na ordem do dia para o Dr. Beard explicar como é que os instintos, aliados às longas e multiplicadas observações de homens como o Rev. Dr. Duryea, o Prof. Chas. E. West, Henry M. Parkhurst e o Dr. Speir, todos a favor de Miss Fancher, não deveriam ser tão autoritários como os instintos de pessoas profissionais experimentalmente não familiarizadas com os factos, que provavelmente não conhecem Miss Fancher e que agora, em fundamentos puramente a priori, meros instintos, impugnariam a sua honestidade? "Instintos e raciocínio dedutivo!" Supõe o Dr. Beard realmente que homens seriamente em busca de factos devem ser abalados por argumentos como estes?

Mas o Dr. Beard não está sem um precedente. Há outra autoridade eminente, alguém que num certo departamento era ele próprio um especialista, que pensava tão altamente quanto ele do instinto e disse: "Cuidado com o instinto! O leão não tocará no verdadeiro príncipe. O instinto é uma grande questão. Eu fui um cobarde por instinto. Pensarei melhor de mim e de ti durante a minha vida; eu por um valente leão, e tu por um verdadeiro príncipe."

"Estudando o assunto através da razão", diz o Dr. Beard, "sabemos dedutivamente pela lei da biologia que nenhum membro da espécie humana pode ter qualquer qualidade diferente em género daquelas que pertencem à raça."

Se algo fosse necessário para mostrar a superficialidade das pretensões do Dr. Beard em ser um especialista em relação à clarividência e fenómenos congéneres,

esta única frase bastaria. Que verdadeiro especialista nega que a clarividência é uma faculdade provavelmente latente em todos os seres humanos, mas desenvolvida apenas sob certas condições, anormais ou infrequentes? Porque um homem adulto pode não ser capaz de distinguir uma melodia na música de outra, e o pequeno Mozart aos cinco anos de idade mostra poderes maravilhosos tanto na execução como na composição musical, inferimos que Mozart tinha "uma qualidade diferente em género daquelas que pertencem à raça?"

O Dr. Beard pega em certos factos colhidos da sua experiência como conselheiro médico em doenças nervosas e rejeita, simplesmente porque não harmonizam com a sua teoria prévia, uma grande classe de outros factos colhidos por pessoas competentes que dão especial atenção aos fenómenos mentais manifestados. Como, então, podemos depositar qualquer confiança nas deduções feitas por ele a partir de leis ou regras derivadas não de todos os factos, mas de apenas alguns, e esses, talvez, puramente físicos na sua natureza? De que maneira possível se qualificou ele para se pronunciar contra factos que não presenciou, mas que são amplamente atestados por outras pessoas, incluindo médicos?

"Ora, pela minha razão dedutiva!", responderá ele, enquanto a verdade é que não há razão na sua dedução, visto que aceitou apenas uma porção dos factos e excluiu arbitrariamente outros que afirma saber, "sem exame", que são falsos. Segue-se, então, que o que ele chama o seu raciocínio dedutivo não tem mais valor científico do que os "instintos" com que se felicita, por terem levado alguns dos seus irmãos de profissão a acusar Miss Fancher de fraude.

A menos que o caso Fancher seja derrubado por algo muito diferente do antagonismo impotente e anticientífico do Dr. Beard, os seus factos bem atestados devem ser uma contribuição valiosa para essa ciência alargada da psicologia, cujos materiais se têm acumulado rapidamente durante os últimos cem anos, e nunca tão rapidamente como durante os últimos dez.

EPES SARGENT
Boston, 17 de dezembro de 1878.

P. S. — Acabo de saber que o Dr. Hammond propôs testar Miss Fancher colocando num envelope um cheque de uma soma de dinheiro superior a 1.000 dólares, e fazendo-a dizer, na presença de três examinadores científicos, dois deles sendo neurologistas competentes, o montante, número, data, sobre quem foi sacado, assinatura, etc., ficando ela com o dinheiro no caso de sucesso.

Desde as experiências de Puységur em 1784, ofertas como esta têm sido repetidamente feitas, como o Dr. Hammond deve estar ciente, e declinadas

geralmente em casos onde alguma pessoa experiente tinha o encargo do sujeito sensível. E porquê declinadas? Porque se poderia esperar tão bem que a agulha aponte o norte verdadeiro enquanto se agita a bússola como esperar suscitar clarividência sob o stress e excitação de um motivo ansioso, ou sob a perturbação produzida pela simples presença de uma pessoa incompatível, agressivamente disposta.

Suponha que algum "especialista" fosse ter com o Dr. Hammond e dissesse: "Aqui está um cheque visado de dez mil dólares, e agora será seu se mencionar de imediato, em trinta segundos, os nomes de seis colegas de turma com quem andou na escola quando era rapaz." Não seria provável que o doutor (se estivesse a precisar dos 10.000 dólares, o que espero que não esteja) sentisse um pequeno tremor e dúvida, que paralisariam o esforço da memória? E no entanto, numa conversa familiar, onde nada fosse exigido e nada estivesse em jogo, e ele não estivesse limitado quanto ao tempo, com que prontidão poderia mencionar os seis nomes nos trinta segundos!

A clarividência é um fenómeno tão delicado e incerto como o manifestado nos caprichos — os clarões súbitos e eclipses súbitos — da memória. A lucidez de um sujeito é sempre prejudicada ou estragada por qualquer coisa que excite ansiedade ou irritação, ou apele à cupidez. Mais ainda, a própria presença de uma pessoa convencida de que há impostura e ansiosamente empenhada em detetá-la seria, sem qualquer manifestação externa, sentida por uma pessoa sensível tão prontamente como ela poderia sentir, no seu estado normal, uma corrente de ar gelado.

Todo o investigador paciente sabe tudo isto; e foi a razão pela qual médicos como o Dr. Gregory e o Dr. Haddock, tendo o comando de clarividentes, sempre recusaram submetê-los ao teste do dinheiro. Tais provas negativas de indisposição para agir, sob condições que introduziriam todas estas influências adversas, não alcançam a verdade real, pois, como observa o Sr. A. R. Wallace: "Como pode qualquer número de falhas individuais afetar a questão dos sucessos comparativamente raros? Tão bem negue que qualquer atirador possa acertar no centro do alvo a mil jardas porque nenhum pode estar seguro de acertar sempre e num momento de aviso."

Claro que, pelos céticos e ignorantes, a resposta a estas razões será um encolher de ombros incrédulo. As razões são boas e verdadeiras, no entanto, e todos os eminentes estudantes do assunto do sonambulismo, seja espontâneo ou induzido pelo mesmerismo, chegaram a esta conclusão.

"Penso que podemos agora considerar como estabelecido", diz o Dr. Gregory, "que (na clarividência) o sujeito possui frequentemente um novo poder de perceção,

cuja natureza é desconhecida, mas por meio do qual ele pode ver objetos ou pessoas, próximos ou distantes, sem o uso de órgãos externos de visão;" e a minha própria experiência prolongada confirma amplamente tudo isto.

Os ataques excessivamente confiantes dos Drs. Hammond e Beard são meras repetições do que tem acontecido nos últimos cem anos; e quando o teste do dinheiro foi proposto e rejeitado, os ignorantes clamaram, como talvez clamarão agora: "Isto resolve a questão." Mas não; a questão foi muitas vezes resolvida dessa maneira e não permaneceu resolvida. Onde havia dez crentes na clarividência há trinta anos, há dez mil agora. É inútil apontarmos para as intermináveis acumulações de testemunhos sempre recorrentes a favor do grande fenómeno; pois estes auto-intitulados especialistas partem do princípio de que o testemunho de toda a raça humana de nada valeria contra o seu próprio "raciocínio dedutivo". De que serve, então, disputar com tais pessoas, visto que elas substancialmente nos dizem que os factos da natureza, abundantemente atestados e provados, devem ceder às suas próprias preconceções individuais do que é adequado para a natureza permitir? Mas, como observa bem Lord Bacon: "A voz da natureza consentirá, quer a do homem o faça ou não" — "instintos e raciocínio dedutivo", preposições e muletas metafísicas, não obstante o contrário.

Mr. Epes Sargent para Miss Fancher.

Boston, 8 de jan. de 1879.

Cara Miss Fancher:

A sua interessante carta de 4 de janeiro deu-me muito prazer. Não me deve nada em termos de agradecimentos, pois para mim a senhora era uma impessoalidade (embora agora — espero que uma amiga) e o que escrevi foi pela verdade impessoal. Eu sabia que os seus dois principais agressores, os Doutores Beard e Hammond, eram tão ignorantes quanto audaciosos sobre o assunto da clarividência. O que se pode dizer da discrição ou do bom senso de um homem que pôde publicar uma frase como esta do Dr. Beard: "É um facto, passível de prova absoluta, que nenhum fenómeno deste género" (clarividência) "jamais apareceu no mundo em qualquer criatura humana, no transe ou fora do transe."

Ou seja, é um facto "passível de prova absoluta" que Cristo nunca disse à mulher da Samaria — "todas as coisas que ela jamais fez". Que Henrique IV de França não disse, quando saía no dia do seu assassinato, "Encontrar-me-ei com a desgraça". Que Swedenborg não descreveu o grande incêndio em Estocolmo, e que Miss Fancher nunca leu uma carta clarividentemente. Um médico que afirma que é "passível de prova absoluta" que tais ocorrências nunca tiveram lugar é tão estúpido

quanto o irlandês que, estando a ser julgado por roubar um porco, queria convocar uma dúzia dos seus vizinhos para testemunharem que não o viram roubá-lo. Insinuações grosseiras provenientes de tal quadrante não a devem perturbar. As faculdades psíquicas manifestadas no seu caso são indubitavelmente propriedade de todos os homens, embora raramente desenvolvidas para a consciência nesta fase de existência. O Dr. Beard fundamenta as objeções do que ele chama o seu "raciocínio dedutivo" num equívoco estúpido, este — a saber, que o seu caso contradizia o princípio de que "nenhum ser humano jamais tem qualquer faculdade diferente em género daquela conferida à raça humana em geral".

Ora, não há tal contradição. O que o seu caso ajuda a provar é — que existem faculdades psíquicas, extrassensoriais ou espirituais no ser humano em geral. Que estas faculdades, sendo independentes dos órgãos físicos apropriados e transcendendo todas as limitações materiais, devem inerir numa entidade, da qual o corpo físico é meramente o instrumento temporário, devem pertencer, em suma, ao que S. Paulo chama "o corpo espiritual".

E assim as suas experiências ajudam a corroborar a pneumatologia das Escrituras Hebraicas e Cristãs, e a dar-nos um fundamento racional e estritamente científico para considerar o termo imortalidade, ou não morte, como etimologicamente correto, e como diretamente aplicável ao homem individual, uma vez que tudo o que dele morre é a casca externa — cujos átomos estiveram sempre num estado de fluxo e partida, e que a morte desintegra, deixando o organismo espiritual emancipado e incólume.

Ora, esta visão, escritural, aborígene e comum mesmo a tribos não civilizadas — uma visão também em estrita harmonia com a ciência absoluta — é aquela contra a qual os físicos do nosso dia estão dispostos em hostilidade mortal. Eles aperfeiçoaram as suas opiniões, e um fenómeno como a clarividência seria um elemento perturbador, forçá-los-ia a ir para a escola de novo e a aprender algo de casos como o seu. Isto eles não se podem dar ao luxo de fazer. Que algo substancial, embora invisível, abandone o corpo na morte — que existam faculdades extrassensoriais — eles não acreditarão. Físicos como Tyndall e Youmans dizem-nos que o reino psíquico é ultra-científico e não pertence ao reino da natureza; que os teólogos e filósofos especulativos podem divertir-se nessa região fantasiosa, mas que os graves homens de ciência não podem reconhecer a sua existência. Ora, isto é tudo falso e pernicioso; falso porque diretamente contradito por tais fenómenos como o seu caso desenvolveu; e pernicioso porque tais pressupostos levam a uma filosofia saduceia, que rejeita a imortalidade como um mito e a religião como uma quimera adequada apenas para crianças e mulheres idosas. Sustentamos que os fenómenos do seu caso pertencem estritamente ao reino da natureza, e que a faculdade psíquica pode ser provada igualmente com a matemática ou a musical.

E assim, cara Miss Fancher, espero que seja uma alegria e um conforto para si perceber que a sua vida não tem sido infrutífera. Que foi altamente privilegiada pela Providência ao ajudar-nos a desferir um golpe contundente no miserável saduceísmo da nossa era, para o qual as ciências físicas parecem estar a conduzir aqueles que ignoram factos como os que o seu caso exibe, embora toda a ciência positiva e genuína ajude, à medida que avança, a confirmar e ilustrar estes factos extrassensoriais, e deva estar sempre em plena harmonia com eles. Receio ter-vos cansado com a minha longa carta; se assim for, que o motivo me exculpe, e creia-me.

Muito sinceramente seu amigo,
EPES SARGENT.
P. O. Box 2985.
Miss Mollie Fancher, Brooklyn, N. Y.
CAPÍTULO XIX.

O Testemunho do Prof. Charles E. West e Henry M. Parkhurst.

Nenhum cavalheiro em Brooklyn goza de mais respeito na comunidade do que o Prof. Charles E. West, diretor do Brooklyn Heights Seminary, com quem Miss Fancher estudou tantos anos antes do seu acidente.

Este cavalheiro está bem e robusto, apesar de ter mais de oitenta anos de idade. Conserva todas as suas faculdades intelectuais aparentemente intactas. Visitou Miss Fancher logo após as características do seu caso começarem a desenvolver-se na produção dos fenómenos que atraíram tanta atenção.

Tomou notas cuidadosas do que observou nas ocasiões das suas visitas à casa dela e, durante o período de cerca de vinte e seis anos, é raro passarem duas semanas sem que ele esteja à cabeceira dela, como um amigo, para conversar com ela e dar-lhe alento no meio dos seus sofrimentos. Colocou num álbum de recortes numerosos recortes de jornais, de publicações relativas a ela. Aqueles que lhe dizem respeito, entendo da parte dele que são substancialmente autênticos. A sua carta publicada a 10 de novembro de 1878, no Buffalo Courier, será de grande interesse. Embora repetindo algumas coisas que já foram escritas, considera-se importante publicá-la na íntegra. É a seguinte:

MOLLIE FANCHER.

Buffalo Courier.
Domingo de Manhã, 10 de novembro de 1878.

Relato do Dr. West sobre um Caso dos Mais Notáveis — Doze Anos Sem Alimento — Condições Físicas e Mentais Extraordinárias — Clarividência e Outras Faculdades Preternaturais — "Nada a Morrer."

O interesse que foi despertado recentemente nesta cidade pelo caso notável de Miss Mollie Fancher garantirá uma leitura ávida da seguinte carta do Dr. West, diretor do Brooklyn Heights Seminary, que nos foi gentilmente permitido publicar. Foi escrita a uma senhora desta cidade em resposta a pedidos de informação sobre os factos da condição de Miss Fancher:

A Carta

Brooklyn, 8 de outubro de 1878.

Prezada Senhora: — Solicita-me que escreva um breve esboço de Miss Mollie Fancher em resposta às muitas perguntas que sem dúvida foram feitas por aqueles que examinaram os belos exemplares do seu trabalho de agulha, enviados para a sua exposição, os quais foram elaborados durante uma enfermidade extraordinária de mais de doze anos de duração. Dar um relato minimamente adequado desta rapariga notável exigiria um tratado. Tal não posso tentar.

Miss Mary J. Fancher nasceu em Attleborough, Mass., a 16 de agosto de 1848, e foi educada no Brooklyn Heights Seminary sob os meus cuidados. Era uma rapariga doce, de organização delicada e temperamento nervoso, e era muito estimada pelas suas maneiras agradáveis e disposição gentil. Era uma excelente aluna, destacando-se nos estudos de belles-lettres; mas a sua saúde delicada levou à sua retirada da escola pouco antes da graduação da sua turma em 1864. Durante três anos perdi-a de vista, até que soube por um jornal de Brooklyn da sua condição singular, resultante de um acidente notável.

Pouco depois, a sua tia visitou-me e convidou-me a visitar "Mollie", como é familiarmente chamada. Fi-lo a 4 de março de 1867; e desde esse momento até ao presente tenho sido um visitante íntimo da família. Tenho mantido um diário das minhas visitas e anotado tudo o que de importante surgia sob a minha observação.

Tenho usado toda a sagacidade que possuo para detetar qualquer fraude ou conluio; mas nunca vi nada que excitasse a minha suspeição ou abalasse a minha confiança na sua integridade. Ela é uma adorável rapariga cristã e foge de qualquer

exibição pública de si mesma. Espiritistas e curiosos têm procurado ter acesso a ela, mas falharam. O seu poder de distinguir o caráter é tão grande que raramente é enganada.

Os Factos

aos quais se chama a atenção podem ser plenamente verificados. São os seguintes:

10 de maio de 1864 — Foi atirada de um cavalo e gravemente ferida.

8 de junho de 1865 — Ao tentar sair de um carro elétrico, a sua saia ficou presa e ela foi arrastada por um quarteirão sobre o pavimento.

2 de fevereiro de 1866 — Adoeceu seriamente. O seu sistema nervoso ficou completamente desarranjado. Com a cabeça e os pés a juntarem-se, enrolava-se como um arco; também se punha nas pontas dos pés e girava como um pião. Várias pessoas eram necessárias para evitar que ela se auto-infligisse danos físicos.

8 de fevereiro de 1866 — Entrou num transe e estava, sob todas as aparências, morta.

17 de fevereiro — Perdeu a visão.
18 de fevereiro — Perdeu a fala.
19 de fevereiro — Perdeu a audição.
22 de fevereiro — Viu, falou e ouviu durante meia hora, e depois voltou a perder estas faculdades.
23 de fevereiro — Perdeu o sentido do som.
24 de fevereiro — Os dedos fecharam-se.
25 de fevereiro — As mandíbulas trancaram-se.
26 de fevereiro — As pernas deram uma volta tripla.
7 de março — Os espasmos eram violentos.

20 de maio de 1866 — Pediu comida, comeu um pequeno pedaço de bolacha e tomou uma colher de chá de ponche; sendo este o primeiro alimento que tomou em sete semanas e que foi capaz de reter no estômago.

27 de maio de 1866 — Ficou chocada pelo trovão e voltou a perder a fala.

28 de maio de 1866 — Entrou num transe rígido às 14h30, que durou até às 11h30 do dia seguinte. Passou então para um transe relaxado até 1 de junho.

2 de junho de 1866 — O alimento foi forçado por uma bomba para o seu estômago, o que lhe causou convulsões. Esteve inconsciente e mortalmente doente com náuseas, e sofreu intensamente até domingo à noite, 3 de junho, quando a sua garganta fechou e ela ficou impossibilitada de tomar qualquer alimento ou proferir um som.

Estes itens foram retirados do diário da tia de Mollie, que fazia um registo diário da sua condição. Copiei apenas alguns deles para mostrar o início da sua enfermidade notável.

A minha primeira visita, como disse, foi a 4 de março de 1867. Encontrei-a deitada sobre o lado direito com o braço direito dobrado debaixo da cabeça. Os dedos estavam cerrados na palma da mão, com o polegar paralelo a eles. O polegar e os dedos da sua mão esquerda estavam em posição semelhante. A mão e o braço direitos estavam paralisados, assim como o seu corpo em geral, exceto o seu braço esquerdo. Estava em transe, suspirava e parecia estar em sofrimento. Permaneceu neste transe até ao dia 8, um tempo mais curto do que o habitual neste período da sua doença. Os seus transes duravam frequentemente de dez a doze dias.

Sinto que a minha carta está a crescer tanto que devo condensar as observações do meu diário e negligenciar qualquer ordem cronológica.

Falarei da sua

Condição Mental e Física

Primeiro, a física. Durante doze anos ou mais, ela jazeu numa posição sobre o lado direito. Durante nove anos esteve paralisada, com os seus músculos apenas a relaxarem sob a influência de clorofórmio. Nos últimos três anos tem estado numa nova condição — o estado flácido em vez do rígido. Os seus músculos estão tão relaxados que os seus membros podem ser movidos sem a ajuda de clorofórmio. Ao passar para este estado, os seus sofrimentos foram intensos. Durante dias não parecia possível que pudesse sobreviver. Os seus olhos estavam abertos e fixos. Durante nove anos tinham estado fechados.

Agora estavam abertos e nunca se fechavam, nem de dia nem de noite. Estavam sem visão. Conseguia engolir, mas não tomar alimento; até o odor deste lhe era ofensivo. Durante esta doença de doze anos houve alturas em que não teve o uso

de nenhum dos seus sentidos. Durante muitos dias seguidos esteve, sob todas as aparências, morta. O mais ligeiro pulso não podia ser detetado; não havia evidência de respiração. Os seus membros estavam frios como gelo, e se não houvesse algum calor em redor do seu coração teria sido sepultada.

Durante todos estes anos ela virtualmente

Viveu Sem Alimento

Água, sumos de frutas e outros líquidos foram introduzidos na sua boca, mas quase nenhum deles chegava alguma vez ao seu estômago. Este órgão tornou-se tão sensível que não retém nada no seu interior. Na parte inicial da sua doença colapsou, de modo que, ao colocar a mão na cavidade, a sua coluna espinal podia ser sentida. Não havia espaço para comida. A sua garganta era rígida como um pau. Engolir estava fora de questão.

O seu coração estava grandemente aumentado, dores severas passavam dele através do seu lado esquerdo e ombro. Com ligeiras exceções, tem estado cega. Quando a vi pela primeira vez, tinha apenas um sentido; o do tato. Com esse conseguia ler com muito mais rapidez do que alguém por meio da visão. Fazia-o correndo os dedos sobre as páginas impressas com igual facilidade na luz ou na escuridão. Com o dedo, conseguia distinguir fotografias de pessoas, os rostos de visitantes, etc. Nunca dorme, sendo o seu descanso tomado em transes. O trabalho mais delicado é feito durante a noite. Não realiza nenhuma das funções comuns da vida, exceto a de respirar. A circulação é lenta e, como consequência, há muito pouco calor animal. Anseia por morrer, mas diz que não pode, pois não há nada a morrer. Tal é um breve relato da sua condição corporal.

Segundo — Para mim

O Seu Estado Mental

é mais extraordinário. O seu poder de clarividência, ou segunda vista, está maravilhosamente desenvolvido. Todos os lugares nos quais ela tem algum interesse estão abertos à sua visão mental. A distância não interpõe barreiras. Nenhum retiro, por mais isolado, deixa de ceder ao seu olhar penetrante. Ela dita o conteúdo de cartas seladas, que nunca estiveram nas suas mãos, sem o mais ligeiro erro. Visita os círculos familiares dos seus parentes e conhecidos em lugares remotos e descreve o seu vestuário e as suas ocupações.

Aponta qualquer desordem na roupa, por mais pequena que seja, como o fio de alinhavo na manga de um casaco que, à visão comum, estava oculto pelo braço.

Qualquer artigo que tenha sido extraviado ela vê e diz onde pode ser encontrado. Distingue na escuridão as mais delicadas tonalidades de cor com uma precisão que nunca falha. Trabalha em bordados e cera sem moldes. Concebe as mais belas formas e combinações de formas. Nunca estudou botânica nem teve uma lição de trabalhos em cera, e no entanto ela

nas formas da folha ou da flor. Folhas com as suas nervuras ou veios, a sua filotaxia; flores, com cálice, corola, estames com as suas anteras, são dadas com o mais fiel respeito pela natureza. Segurando a caneta ou o lápis na mão esquerda, escreve com extraordinária rapidez. A sua caligrafia é bela e legível. Certa vez escreveu um poema de dez estrofes em dez minutos — os seus pensamentos fluindo com a rapidez de um relâmpago. Ao cortar folhas de veludo para almofadinhas de alfinetes, como a amostra que lhe enviei, segurava a tesoura pelas articulações do polegar e do indicador da mão esquerda e, trazendo o veludo com o polegar e o dedo da sua mão direita, cortava as folhas de forma tão nítida e sem desfiar como se tivessem sido cortadas com um molde.

Estas folhas não diferem em tamanho ou forma mais do que as folhas que crescem numa árvore ou arbusto. Na parte inicial da sua enfermidade, cortou mais de duas mil dessas folhas. Em abril de 1875, trabalhou duzentas e cinquenta onças de lã; até dezembro de 1875, tinha escrito seis mil e quinhentas notas e cartas. Manteve uma conta de todas as despesas da família durante a sua doença. Mantém um diário no seu dia-a-dia, exceto quando em transes de duração superior a vinte e quatro horas. Ao passar para a nova condição, há três anos, da qual falei, esqueceu tudo o que tinha ocorrido nos nove anos anteriores. Quando foi capaz de falar, perguntou sobre assuntos que ocorreram no início da sua doença — os nove anos intervenientes foram um perfeito vazio para ela.

Mas devo despedir-me deste assunto. Os incrédulos não o aceitarão — e não é de surpreender. Miss Fancher não deve ser julgada por leis comuns. O seu estado é anormal — uma espécie de catalepsia modificada, que desarranjou a ação comum da mente e do corpo. É uma mina rica de investigação para o fisiologista e para o psicólogo; e com eles deixo o caso.

Muito respeitosamente,

CHARLES E. WEST.

O Prof. Henry M. Parkhurst, um astrónomo de nota e um cientista consumado, que reside quase em frente à residência de Miss Fancher na Gates Avenue, Brooklyn, e cuja família mantinha relações íntimas com a família de Miss Fancher, realizou uma investigação cuidadosa do seu caso, a qual, como se verá, causou muito comentário, resultando na seguinte publicação. O Prof. Parkhurst, a meu pedido, reafirmou por escrito as suas conclusões feitas em 1869. O seu artigo apareceu no New York Herald, a 30 de novembro de 1878, precedido pelo seguinte:

(Editorial)

EXPERIÊNCIAS EM CLARIVIDÊNCIA

A interessante carta do Professor Parkhurst detalhando uma tentativa de testar os poderes clarividentes de Miss Fancher, a senhora de Brooklyn cujo estranho caso despertou uma forma de curiosidade que parece latente em cada homem e mulher, é o documento mais importante até agora suscitado pela discussão deste caso. Parece pouco provável que um homem de inclinação científica e hábitos comerciais metódicos, como se sabe ser o autor da carta, pudesse ter sido enganado em qualquer fase da experiência, cujos detalhes apresenta tão minuciosamente ao público, e é igualmente improvável que qualquer um dos seus assistentes pudesse ser íntimo da senhora e, assim, inconscientemente a ter auxiliado naquela segunda vista que, sob certas condições, parece possível através dos olhos de outrem.

A suposta leitura clarividente de Miss Fancher foi imperfeita, o que é uma peculiaridade de todas as tentativas de segunda vista; mas este facto é mais da natureza de prova do que de refutação, se houver qualquer ligação real entre a força física exaurida e a visão mental invulgar, como por vezes tem sido argumentado por materialistas, que negam que haja algo mais na clarividência do que o que é explicável por fundamentos físicos. Embora o público inteligente deseje que a senhora se livre das nuvens de inquiridores que a cercam sem respeito pela sua saúde frágil, também espera que se permita a alguma pessoa ou pessoas competentes a oportunidade de investigar um caso que, a ser tudo o que se diz dele, é de excecional importância nas suas relações com a ciência física e mental.

(New York Herald)

SERÁ LEITURA DE MENTE?

O Talento de Miss Mollie Fancher — Como Ela Disse o Conteúdo de Papéis em Envelopes Selados — Declarações do Professor Henry M. Parkhurst.

Ao Editor do Herald:

Em vista das recentes publicações a respeito do caso notável de Miss Mollie Fancher, creio ser tempo de fazer uma declaração detalhada do teste de clarividência que realizei por meio de um envelope selado em junho de 1867. Estas publicações foram até agora feitas sem o seu consentimento e contra os desejos de Miss Fancher e dos seus amigos; e, como um dos seus amigos, continuarei a manter silêncio relativamente aos aspetos físicos do caso. Mas obtive dela permissão para apresentar aos vossos leitores uma declaração exata desta experiência em particular, porque ela demonstra, a meu ver, tanto quanto é possível para uma única experiência demonstrar um princípio geral, que pode haver uma clarividência independente da leitura de mente.

Tenho diante de mim o conteúdo do envelope original e duas declarações, uma das quais foi escrita na altura e a outra, contendo mais detalhes, preparada dois anos depois a pedido dos seus médicos. Estas foram-me devolvidas para este fim por Miss Fancher, que tinha a posse das mesmas; e como serão muito melhor evidência do que a minha recordação atual, darei as duas declarações na íntegra. São as seguintes:

Testes de Leitura do Pensamento

O envelope que acompanha e o seu conteúdo foram preparados para testar o modo como Miss Fancher lê cartas fechadas ou vê, para saber se é através da mente de outra pessoa ou por visão direta. O envelope mais pequeno foi primeiro preparado, mas não sendo inteiramente satisfatório não foi inserido como teste. O recorte impresso foi selecionado de tal modo que nenhuma pessoa viva poderia ter qualquer conceção do seu conteúdo. É provável que nenhum ser humano tivesse alguma vez lido uma palavra dele. Eu sabia que fora retirado dos projetos de lei da Convenção Constitucional de Maryland e sabia que temas eram tratados naquela constituição. Verifiquei desde então que foi cortado do projeto de lei original do Judiciário, sendo agora a secção 7 do artigo 4.

Após fazer várias declarações relativamente ao conteúdo de factos conhecidos por mim, ela afirmou que o recorte impresso era sobre "court" (tribunal) e "jurisdiction" (jurisdição) (estando lá as palavras) e continha os algarismos "6, 2, 3, 4". Posteriormente, foi-me relatado que ela dissera que continha as palavras: "No judges can see it" (Nenhum juiz o pode ver). A carta foi-me devolvida com o selo

intacto e foi aberta na minha presença. Ainda os possuo. Considero a prova como completa de que ela leu o recorte impresso tanto quanto foi afirmado acima, de modo absolutamente independente de todo o conhecimento humano do seu conteúdo.

HENRY M. PARKHURST.
Nova Iorque, 3 de junho de 1867.

P. S. — As palavras "No judge shall sit" (Nenhum juiz se sentará) passaram por dois mensageiros antes de chegarem a mim e foram alteradas pelo caminho. Tenho boas razões para acreditar que foram lidas com precisão ao princípio.

Clarividência Independente

A fim de testar o modo pelo qual Miss Mollie Fancher conseguia ler cartas fechadas ou ver, quer através da mente de outra pessoa ou por visão direta, encerrei num envelope um recorte impresso, selecionado de tal modo que nenhuma pessoa viva poderia ter qualquer conceção do seu conteúdo. É provável que nenhum ser humano tivesse alguma vez lido uma palavra dele. Ela começou por declarar corretamente vários factos relativos à escrita dentro do envelope e conhecidos por mim, sendo a escrita demasiado pequena para ser lida facilmente sem uma lente, enquanto ela parecia relutante em ler os carateres grandes que não eram conhecidos por mim.

Não sei como ela leu esta escrita, exceto que deve ter sido ou diretamente ou a partir da minha mente. Ela afirmou então que o recorte impresso era sobre "Court". Eu não fiquei satisfeito; pois embora não soubesse que a palavra lá estava, poderia tê-la adivinhado e, por uma coincidência não muito notável, a palavra poderia estar lá. Ela leu em seguida a palavra "jurisdiction", afirmando positivamente que a palavra lá estava. Eu continuava a não estar completamente satisfeito, pela mesma razão de antes. Ela afirmou então que o recorte continha os algarismos "6, 2, 3, 4".

Isto considerei como decisivo, pois eu não fazia ideia de que houvesse quaisquer algarismos no recorte e teria adivinhado que não os havia. A carta foi-me devolvida com o selo intacto e foi aberta na minha presença. A palavra "court" ocorre quatro vezes, "jurisdiction" uma vez, e os algarismos "6, 2, 3, 4, 5", e nenhuns outros algarismos.

Dois pontos, talvez, mereçam mais explicação:

Primeiro — A seleção do recorte impresso. Como relator oficial da Convenção Constitucional de Maryland em 1864, recebi várias cópias de cada projeto de lei, das quais eu cortara porções e utilizara. Peguei numa pilha destes projetos e cortei-os de modo a formar um grande número de recortes do tamanho de um envelope, dos quais vi apenas o de cima. A porção exterior foi destruída. Um amigo, na minha presença, colocou o maço atrás das costas, selecionou um do interior e colocou-o no envelope, destruindo os recortes restantes. Selámos então o envelope, tendo sido colocados outros papéis lá dentro para que nenhuma luz solar pudesse penetrar.

Segundo — O envelope foi primeiro selado como de costume, com goma, e depois com lacre. O selo foi feito intencionalmente com alguma irregularidade, de modo a deixar uma borda irregular. Para que eu e os meus amigos pudéssemos saber que o selo não tinha sido violado, cada um de nós escrutinou cuidadosamente a configuração acidental da borda do lacre e selecionou certas minúsculas peculiaridades como teste. Essas peculiaridades teriam sido destruídas pela abertura do selo.

Ficámos todos satisfeitos, cada um pelos seus próprios testes selecionados, de que o selo estava precisamente como o deixámos, independentemente de quaisquer opiniões que pudéssemos ter quanto à probabilidade moral de qualquer deceção. Embora, por conseguinte, eu esteja algo reforçado na crença de que aquela clarividência que deriva o seu conhecimento de outras mentes é a mais comum e a mais fácil, sei para além da possibilidade de dúvida que a clarividência independente também é possível. Passaram quase dois anos desde a experiência e ninguém sugeriu qualquer ponto no qual ela falhe como um experimentum crucis *(experiência da cruz).*

HENRY M. PARKHURST.
N.º 172 Gates Avenue, Brooklyn,
24 de abril de 1869.

Será Leitura de Mente?

Passaram quase dez anos desde que esta segunda declaração foi escrita e ainda não fui capaz de conceber qualquer aspeto em que qualquer teste pudesse ter sido feito de forma mais satisfatória. As minhas declarações anteriores são tão definitas que pouco preciso de acrescentar. Naquela altura ela não conseguia falar, de modo que tudo o que se esperava ou desejava dela era uma indicação do conteúdo do recorte impresso que estivesse absolutamente além de adivinhação ou do acaso. Foi por esta razão que ela me deu os números de preferência às palavras, porque podiam ser facilmente indicados por pancadas. Quando ela me afirmou pela primeira vez

que o papel continha aqueles algarismos naquela ordem — e não tenho a certeza de que ela não tenha sido interrompida e, assim, impedida de acrescentar o número 5 — eu não conseguia compreender como os algarismos podiam estar lá de todo. Depois ocorreu-me que provavelmente seriam alguns algarismos pequenos colocados pelo impressor no fundo do projeto de lei. Não foi senão até o envelope ser aberto, e verificar-se que continha a secção 6, com as linhas numeradas 2, 3, 4, 5, que me ocorreu a ideia de que os números das linhas pudessem possivelmente estar no recorte.

O único outro ponto que parece ter sido omitido nas minhas declarações anteriores é que registei na altura, no meu livro de notas de bolso, na casa dela, o conteúdo do envelope conforme ela mo declarou. Depois levei o envelope fechado para o meu escritório em Nova Iorque, que o "amigo" mencionado na segunda declaração ocupava comigo, e o envelope foi cuidadosamente escrutinado por cada um de nós, e por outro cavalheiro que convidámos a estar presente.

Comuniquei-lhes então o conteúdo conforme me fora declarado e, imediatamente depois, abri o envelope na presença deles com o resultado já indicado. Este foi, portanto, um teste tão independente para o meu amigo como para mim, pois ele sabia ser impossível ter havido qualquer conluio da minha parte. Este amigo era o Dr. Edwin Leigh, bem conhecido dos educadores como o inventor da ortografia pronunciada, que é agora usada no ensino da leitura às crianças em todas as escolas públicas de St. Louis, Boston, Washington e outras cidades.

Declaração do Dr. Leigh.

Do Dr. Leigh obtive o seguinte:

Li as declarações acima e elas concordam exatamente com a minha recordação. Creio que William Henry Burr (atualmente em Washington; possivelmente foi William Blair Lord) estava presente na altura do selar do envelope, mas estava fora da cidade na altura em que o abrimos. John H. Bazin, então impressor do Christian Leader, e um dos seus compositores estavam presentes na altura em que o envelope foi aberto. Ficámos todos satisfeitos de que não poderia ter sido violado.

Posso acrescentar que, pela maneira como o papel foi selecionado e inserido no envelope, creio ter sido absolutamente impossível para qualquer pessoa saber ou descobrir pelo uso comum dos seus sentidos que papel estava no envelope sem o abrir. Os papéis opacos colocados em cada lado do conteúdo eram de molde a tornar impossível lê-los por luz transmitida. Pareceu-me prova conclusiva de que, se existe tal coisa como leitura de mente, este não poderia ser um caso disso.

EDWIN LEIGH,
N.º 1.035 Fulton Avenue,
Brooklyn.

Quanto a mim, com o meu outro conhecimento do caso, não teria considerado a selagem do envelope importante; mas desejei que o teste fosse tal que não envolvesse a possibilidade de deceção, e que fosse tão corroborado por observadores independentes que, pela boca de duas ou três testemunhas, cada palavra pudesse ser estabelecida. Continuo a acreditar que nisto fui bem-sucedido. Posso acrescentar que uma razão pela qual Miss Fancher e os seus amigos se opuseram à publicação de quaisquer factos do seu caso é que o resultado foi sempre o de ela ser imediatamente cercada por aquela classe de pessoas que são tão carentes de delicadeza e senso comum que, embora estranhas, se intrometem na casa de uma mulher doente para satisfazer os seus próprios fins egoístas.

É verdade que muitos deles professam acreditar que lhe podem fazer bem; mas se fossem honestos nisso, dirigir-se-iam aos seus amigos ou aos seus médicos, e não fariam dessa profissão a desculpa para a incomodarem. Até o seu círculo de amigos se tornou agora tão grande que, a menos que exerçam muita consideração, ela não terá tempo para descansar.

HENRY M. PARKHURST.
Nova Iorque, 26 de nov. de 1878.

Revisei cuidadosamente a publicação acima da minha correspondência em relação a Miss Mollie Fancher, e posso acrescentar que nunca tive ocasião de alterar as minhas opiniões nela expressas.

HENRY M. PARKHURST.
Brooklyn, 20 de julho de 1893.
CAPÍTULO XX.

24 de nov. de 1878.
(New York Sun).

MORTA E CONTUDO VIVA!
O Caso Extraordinário de Miss Fancher de Brooklyn.
FACTOS VERIFICADOS POR ABUNDANTE TESTEMUNHO.
Uma Visão Mental que não é a Charlatanice da Clarividência.

Jazendo há Treze Anos Quase Imóvel, e por Vezes Fria com o Gelo da Morte e Sem Pulso; Cega, contudo Lendo com Perfeita Facilidade; Vendo e Descrevendo Atos e Pessoas Distantes da sua Cabeceira — Fenómenos Mentais que Poderiam Parecer Incríveis exceto pelo Testemunho de Médicos, Clérigos, Professores e Amigos Fidedignos — Sem Alimento por Meses a Fio — Parecendo Nunca Dormir.

Na rua Downing, em Brooklyn, jaz há treze anos Miss Mary J. Fancher, grande parte do tempo numa condição semelhante a um transe, com pulsações cardíacas fracas, respiração lenta e quase impercetível, e o frio da morte sobre a sua carne. Por vezes transformou-se numa jovem alegre, vivaz, inteligente e divertida, e depois recaiu na mudez, cegueira, surdez e paralisia total dos sentidos. Desenvolveu os poderes mais surpreendentes, assemelhando-se à segunda vista ou clarividência, lendo com facilidade o conteúdo de cartas seladas, descrevendo artigos em pacotes ocultos, perlustrando livros estando absolutamente cega. Por vezes os seus poderes são voluntários, noutras vezes são exercidos inconscientemente. Tão pouco alimento tem tomado que se pode dizer que vive sem comida. Está rodeada por pessoas de posição social e requinte, e foi sempre extremamente sensível a qualquer menção pública ou conhecimento da sua condição. Sempre repeliu qualquer esforço para associar as suas manifestações às de clarividentes; implorou para lhe permitirem viver e morrer no retiro do seu lar, sem ser molestada por estranhos, e acessível apenas aos seus amigos.

Clérigos, médicos, homens de letras e de inteligência visitaram-na. Entre muitos que demonstraram um interesse especial por ela estão o Rev. Dr. Joseph T. Duryea, Pastor da Igreja Presbiteriana da Classon Avenue; o Rev. Dr. Henry J. Van Dyck, pastor da Igreja Presbiteriana da Clinton Street; o Prof. Charles E. West, diretor do Brooklyn Heights Seminary; George W. Benson, Henry M. Parkhurst, o astrónomo; James B. Smith, o conhecido arquiteto; o Rev. Sr. Moore, antigo pastor da Igreja Batista da Washington Avenue (Brooklyn), mas agora de Geneva, N.Y.; o Rev. Dr. Prime, editor do New York Observer; o Dr. S. Fleet Speir da rua Montague, 162; o Dr. Robert Ormiston da Hanson Place, 74; o Dr. Mitchell da rua Montague, 129; o Dr. Kissam da rua Joralemon, 100; e o Dr. Crane da rua Clinton, 163.

Destes cavalheiros, os Srs. Speir, West e Parkhurst fizeram volumosos memorandos das mudanças e condições físicas e mentais de Miss Fancher. A própria Miss Fancher escreveu longamente descrições dos seus sentimentos e sensações.

FENÓMENOS FÍSICOS

O Sistema Nervoso Desarranjado — Visão, Audição, Fala e Consciência Perdidas e Restauradas — Vida Sem Nutrição.

Aos 12 anos de idade, Mary J. Fancher foi enviada para o Brooklyn Heights Seminary, na rua Montague, e ali permaneceu por quatro anos. Não tinha uma saúde vigorosa, contudo era fiel em cada estudo e era uma aluna aplicada. Um dos seus instrutores diz que raramente viu uma jovem mais brilhante ou interessante. O seu pai tinha meios para satisfazer as suas inclinações juvenis. Obteve uma excelente educação e, aos 17 anos de idade, estava pronta para se graduar. Por essa altura, num passeio a cavalo, caiu e várias das suas costelas foram partidas.

Da lesão recuperou rapidamente, apenas para sofrer outro e mais grave acidente. Quando estava a descer de um carro elétrico, o condutor, pensando que ela já tinha pisado o chão, tocou o sinal para partir e, virando-se dela, caminhou para a frente do carro. O vestido de Miss Fancher prendeu-se no degrau, e o arranque do veículo atirou-a com violência para o pavimento. Foi arrastada uma longa distância antes de a sua situação ser percebida. A sua coluna foi gravemente ferida e o seu corpo e cabeça ficaram assustadoramente pisados. Em pouco tempo entrou em convulsões. Foi levada para a residência da sua tia, Sra. Crosby, na rua Downing, e colocada na cama de onde nunca mais foi removida, salvo por alguns minutos de cada vez.

Isto foi no início de 1865. Muito pouco depois do acidente, ela passou pelas mais surpreendentes mudanças físicas. O seu sistema nervoso era incontrolável sempre que estava de algum modo excitada, enquanto ficava absolutamente paralisada noutras alturas. Sucessivamente, foi privada da visão, fala e audição. De espasmos violentos derivou para um estado semelhante ao transe, do qual foram necessários os esforços incessantes de médicos e amigos para a despertar.

No termo de vinte dias, as suas faculdades foram todas restauradas. Durante meia hora viu, articulou e ouviu. Depois estes três sentidos abandonaram-na novamente e, em menos de dez dias, os seus dedos ficaram cerrados, as mandíbulas trancadas, os membros retorcidos. Os espasmos tornaram-se daí em diante mais frequentes e violentos.

Vida Sem Alimento

Os dias converteram-se em semanas antes de ela ser capaz de reter qualquer comida no estômago, e faltou pouco para dois meses em que esteve sem nutrição. Depois, alimentos muito leves foram-lhe dados um dia com resultados aparentemente benéficos. Comeu ao todo desde esse dia — há quase treze anos — não tanta comida no total como uma rapariga comummente saudável da sua idade

comeria em quarenta e oito horas. Três meses e meio após o acidente entrou num transe rígido por vinte e uma horas, e depois passou para um transe relaxado que durou três dias. A sua garganta ficou paralisada, e ela não conseguia engolir nem proferir um som.

O seu braço direito dobrou-se para trás da cabeça e ficou ali fixo com a rigidez da morte. Um ano mais tarde, esta condição foi seguida por rigidez absoluta do corpo, com exceção do braço e mão esquerdos, que ela conseguia usar. Esta última condição durou nove anos, em todo o tempo dos quais ela estava continuamente a entrar e a sair de transes. Continuou cega, as pupilas dos seus olhos reviradas para cima, sendo apenas visível o branco quando as pálpebras eram afastadas para exame. Muito firmemente seladas estavam as pálpebras, e com dificuldade eram abertas. Tinha o poder da fala, contudo, quase todo o tempo, embora a abandonasse a intervalos.

Há três anos, a rigidez do seu corpo relaxou e a visão e audição foram restauradas. A memória de tudo o que acontecera nos nove anos desapareceu. Não conseguia reconhecer amigos cujo conhecimento fora feito nesse período. Os seus pensamentos voltaram a eventos que estavam a acontecer quando mergulhou no estupor de nove anos, e começou a falar deles como se tivessem ocorrido uma hora antes. Em todos os nove anos estivera numa condição semiconsciente, possuída, contudo, por vezes de vigor mental e engenho mecânico surpreendentes.

Recusava comida quando lhe era oferecida, dizendo que a fazia sentir-se doente. O Dr. Speir e o Dr. Ormiston forçaram comida para o seu estômago com a bomba e, após surgir a paralisia da garganta, tentaram alimentá-la através de um tubo de prata inserido no pescoço. A comida enjoava-a, contudo, e, eventualmente, todos os esforços para a induzir a tomar nutrição foram abandonados. Em longos intervalos expressava o desejo pelo sumo de alguma fruta, por um pedaço de doce, mas rejeitava matéria sólida e, durante semanas e meses, segundo a sua própria afirmação e a dos seus assistentes, não engoliu nada. A sua condição física estava em constante mudança. Um dia estava sem sentidos exceto o tato; no seguinte conseguia ouvir, e saborear, e falar. Mas os seus olhos não se abriram senão ao fim dos nove anos.

Fria, Como Se Na Morte

A intervalos durante estes nove anos, o corpo frequentemente tornava-se tão frio como se estivesse na morte, não sendo detetado calor exceto na região do coração. Esse órgão mantinha uma pulsação lenta e compassada, exceto quando ela entrava em transes; então o seu batimento era muitas vezes impercetível. A sua cabeça e ombros mantinham a condição normal, mas logo após cada um destes

ataques as suas pernas ficavam encolhidas e contorcidas, os pés contraídos. Ao mesmo tempo, para citar a linguagem dos seus médicos, "os seus intestinos definharam e murcharam, deixando pouco mais do que uma camada de pele sobre a coluna vertebral na cavidade que ocupavam.

Tornaram-se quase inteiramente inoperantes e, por anos, estiveram completamente assim." Era tão sensível ao calor no período de nove anos de rigidez que não se acendia fogo no seu quarto, nem a temperatura era aumentada de qualquer forma. No pino do inverno, a sua única cobertura era um lençol simples, e a janela era mantida parcialmente aberta. Em todos estes anos, o seu braço direito permaneceu dobrado atrás da cabeça e, quando o relaxamento regressou ao fim desse período, o membro não foi libertado da sua tensão, como aconteceu com o resto do corpo. O braço permanece ainda na mesma posição apertada.

Nos últimos três anos, as suas mudanças físicas têm sido frequentes e dolorosas, e ela sucessivamente perdeu e recuperou vários dos sentidos. Desde o início que não dorme, exceto enquanto em transe. Várias vezes nos anos anteriores pensou-se que estava morta, de tal modo o seu corpo ficara frio, os seus membros e carne tão rígidos, os seus pulmões e coração tão imóveis. Mas fricções vigorosas com licores estimulantes e atenção persistente trouxeram-na de novo à consciência. Enquanto nos nove anos de rigidez, sofreu intensamente de dores nevrálgicas. Estas, os médicos convenceram-se de que eram aumentadas pela má condição dos seus dentes, que subitamente tinham começado a apodrecer. Um dentista foi convocado para os extrair, mas as mandíbulas estavam tão trancadas que só quando o clorofórmio foi administrado é que a sua boca pôde ser aberta. Então, quase todos os dentes foram removidos. Ao recuperar da influência do clorofórmio, ela entrou no mais violento de todos os espasmos que teve.

PODERES DE SEGUNDA VISÃO

Cartas Seladas Decifradas — Amigos Distantes Vistos e os seus Arredores Descritos — Obras de Arte Criadas por uma Rapariga Cega.

Mal Miss Fancher emergiu do seu primeiro transe, logo após o acidente, surpreendeu os seus parentes com uma descrição extraordinária do que vira enquanto naquela condição. Era inconfundível segunda vista. À medida que os transes continuavam, as manifestações aumentavam. Observava e relatava em detalhe os movimentos dos amigos da família em diferentes partes da cidade e, ultimamente, narrava o que estava a acontecer àqueles que estavam a muitos quilómetros de distância. Lia cartas que estavam encerradas em envelopes e guardadas nos bolsos daqueles que a rodeavam.

Reconhecia pessoas que tocavam a campainha da porta enquanto ainda estavam fora da casa e, claro, não visíveis para ela. Lia livros cujas capas estavam fechadas e jornais que estavam dobrados. Cada dia trazia algum desenvolvimento novo e surpreendente deste poder. Contudo, a par de tudo isto estava a repugnância mais sensível em deixar a sua condição tornar-se conhecida do público em geral através dos jornais, ou em ser objeto de conversa ou bisbilhotice de estranhos.

Os seus amigos eram sempre bem-vindos à sua cabeceira, mas passou muito tempo até que um estranho fosse admitido, e ainda mais até que ela pudesse ser persuadida a mostrar os seus poderes a alguém que não os amigos mais íntimos. Esta sensibilidade continua mesmo até ao encerramento do décimo terceiro ano da sua doença. Ela não consente que os seus amigos deem qualquer informação a seu respeito que se destine a publicidade. E eles acederam aos seus desejos de tal modo que, embora repetidamente procurados, não foi senão muito recentemente que quaisquer detalhes da sua curiosa existência foram obtidos.

Conta entre os seus visitantes frequentes clérigos, médicos, estudiosos e homens de ciência, muitos de cujos nomes são mencionados neste artigo, e todos os quais são instantaneamente atraídos pela sua condição maravilhosa. Jaz numa casa modesta, mas confortável, rodeada pelas avenidas elegantes daquela parte de Brooklyn conhecida como a Colina. O seu porte inteligente e distinto, a posição inquestionável daqueles que a rodeiam, a sua veracidade inconfundível, a abominação com que encara a publicidade e a ausência de qualquer motivo para enriquecer a si própria ou aos seus amigos pelo uso dos seus dons, parecem, àqueles que estudaram o seu caso, excluir a possibilidade de deceção ou imposição intencional.

O Aspeto que tinha em Transe

É na condição de transe que Miss Fancher faz as suas revelações mais surpreendentes. Nestas alturas, ela sobressalta-se subitamente como se carregada por uma bateria elétrica, e torna-se instantaneamente rígida em cada articulação e músculo. O seu rosto assume por vezes uma expressão das mais dolorosas, noutras uma de prazer positivo; contudo, mais frequentemente, é como o rosto de alguém que está morto. Para os não habituados a vê-la, a convicção de que ela está de facto morta é irresistível.

Uma palidez cadavérica rasteja sobre o rosto já pálido. Nem o mais ligeiro movimento é percetível em qualquer um dos seus músculos. Cessa de respirar. O seu corpo torna-se frio. O seu coração não emite pulsações que sejam facilmente detetadas, embora os seus médicos não se tenham convencido de que ele não bate. O sobressalto iniciador eleva-a muitas vezes numa posição de semirreclinada, na qual

permanece tão imóvel como se fosse de mármore. Todos os que a viram nesta condição falam da beleza e pathos da cena — a tez cinzenta; o cabelo castanho, fino e ondulado fluindo em direção aos ombros, mas sem os atingir; as feições perfeitas, nem enrugadas, nem puxadas, nem definhadas, e contudo não arredondadas e coradas como nos seus dias de escola; uma mão e braço gracioso transfixados na sua posição no instante do ataque, talvez apontando para cima, talvez estendidos para receber a saudação de um visitante, talvez cruzados sobre o peito; o outro braço dobrado atrás da cabeça como se estivesse a descansar sobre ele; os olhos fechados.

Permanece assim por vezes durante meia hora, por vezes durante meio minuto. Já permaneceu assim por vinte e quatro horas. Após recuperar, a respiração por alguns segundos é muito trabalhosa e ela fica exausta, os músculos relaxam para a condição anterior e ela volta a acomodar-se na almofada com uma expressão muito marcada de mágoa aguda ou de grande prazer no rosto, pois as suas experiências no transe dão-lhe uma ou outra destas sensações.

Os transes são o único descanso que obtém. Nunca dorme. O dia e a noite são iguais para ela. Consegue distinguir pessoas, formas e cores com tanta precisão à meia-noite como ao meio-dia, embora esteja estabelecido além de qualquer dúvida que ela não tem a visão dos seus olhos naturais, nem teve tal visão normal salvo no intervalo mencionado desde o início do ataque.

O Efeito da Excitação

Qualquer excitação indevida lança-a num transe — um trovão, o disparo de um canhão, a intrusão inesperada de um estranho no seu quarto, a preocupação com um membro ausente da casa; e os transes repetem-se com rapidez até que a sua mente esteja novamente em repouso. Muitas vezes, quando preocupada com a ausência de algum ente querido, disse: "Tenho de procurar por ela", e entrou no transe. Ao emergir do mesmo, se questionada se a sua busca foi bem-sucedida, responde prontamente se afirmativa: "Sim, vi-a na rua —; ela estará em breve em casa", e muito em breve entra a caminhante. Por vezes não é bem-sucedida em várias tentativas, mas não cessa até estar satisfeita. Noutras alturas a sua visão vagueia. Já foi a um retiro de verão no Hudson, onde estavam vários dos seus amigos, e ela foi capaz de descrever minuciosamente as casas, os celeiros, os prados e vedações, a água em frente e o bosque na parte de trás da habitação, e com uma fidelidade que é instantaneamente reconhecida por aqueles familiarizados com a região.

Quando homens de ciência e médicos produziram alguns testes extraordinariamente difíceis, ela foi obrigada a esperar até que a condição de transe se apoderasse dela; pois nem sempre parece ser voluntária. Mas se é uma questão simples de ler uma carta selada comum, ou anunciar a chegada de uma pessoa à

porta da rua, ela resolve facilmente a dificuldade sem recorrer ao transe. Como descansa continuamente sobre o seu lado direito, o seu rosto está desviado da entrada do quarto. No entanto, muitas vezes sabe quem entra, embora incapaz de virar a cabeça, e é rápida a discernir qualquer peculiaridade ou mudança de roupa. Se um amigo cavalheiro coloca uma gravata branca no início da primavera, após ter usado uma preta, é muito provável que ela exclame, com o rosto desviado: "Boa tarde, Sr. —! Onde arranjou a sua gravata?"

Considerou-se necessário escurecer o seu quarto, e as persianas estão bem fechadas; contudo, a escuridão não afeta a sua visão. Está sempre ocupada na escuridão, a ler ou em trabalhos de agulha ou cera, ou a fazer as contas da família, pois mantém um registo de cada despesa. Escreve cartas com extraordinária rapidez, numa letra limpa e legível; embora seja certo que não consegue ver com visão normal e, ciente do interesse que a sua condição pode despertar entre os homens de ciência, manteve um registo completo dos seus sentimentos, das suas sensações enquanto em transe e fora dele, das suas crenças religiosas conforme fortalecidas ou abaladas pelas revelações do seu estado peculiar, e de tudo o que pensa que interessará aos seus amigos.

Este registo guarda-o com cuidado. Está disposta a que possa ser dado ao público após a sua morte, mas não antes.

O seu carinho por cães e gatos, pássaros e esquilos chegou a ser quase uma paixão, contudo, estranhamente, os seus animais de estimação não vivem muito tempo. Se ela retira a vida deles tem sido um estudo interessante para alguns dos homens de inteligência que a visitaram.

Pessoas que entraram no quarto encontraram-na aparentemente sem fazer nada e perguntaram-lhe por que estava ociosa. "Oh, estou a ler este e aquele livro." "Bem, onde está ele?" "Debaixo dos lençóis, aqui", e ela produz o livro e fala sobre o seu conteúdo.

Cega, Contudo Distinguindo Cores

Embora os olhos de Miss Fancher estivessem absolutamente sem visão, as pálpebras fechadas e os globos oculares fixos como se estivessem na morte, ela era capaz de, com facilidade e sem esforço aparente, criar prodígios de trabalhos de fantasia. Para os seus amigos cavalheiros, ela bordava suspensórios e trabalhava chinelos e bolsas de relógio, e para as companheiras de juventude fazia trabalhos de agulha de todos os tipos, almofadinhas de alfinetes e flores de cera. Cada ponto estava no lugar próprio, cada tonalidade de linha colorida e de lã era corretamente escolhida.

O seu trabalho manual roçava a perfeição. Parte dele foi enviado para feiras onde, sendo a autora desconhecida, foi pronunciado superior a todos os outros do seu género em exposição. Por vezes trabalhava a partir de moldes de papel comprados numa loja de especialidade, outras vezes a partir de outros trabalhos de fantasia, mas mais frequentemente idealizava os seus próprios desenhos. Era impossível enganá-la na qualidade ou na tonalidade dos materiais com que trabalhava, permitindo-lhe o seu raro poder da chamada segunda vista detetar qualquer falha com maior precisão do que a visão natural dos seus amigos.

Certa vez, quando um efeito particularmente delicado numa peça de lã exigia uma tonalidade especial, foi necessário pedir a um amigo cavalheiro que a adquirisse para ela na cidade de Nova Iorque. Miss Fancher demonstrou uma ansiedade considerável para que não fosse cometido um erro na seleção, e deu direções mais minuciosas sobre a compra do que era sua prática. A seu tempo, o amigo regressou com o pacote. "Comprou a tonalidade errada, lamento dizer", foi a saudação que ela lhe deu antes mesmo de ele lhe ter falado, e enquanto a lã ainda estava no bolso dele.

"Está exatamente conforme a amostra, Miss Mollie. O vendedor foi muito cuidadoso ao compará-las."

"Sim, ele pode ter pensado que sim, mas é uma tonalidade demasiado clara, e não serve."

A lã foi produzida e o padrão a partir do qual o trabalho seria feito foi colocado ao seu lado. Os presentes no quarto não conseguiram detetar uma diferença. A rapariga doente insistia que era demasiado clara. "Leve-a de volta, por favor, quando passar por lá, e o especialista convencê-lo-á de que tenho razão", disse ela. O cavalheiro voltou com a lã.

"Deu-me a tonalidade errada", disse ele ao funcionário. O jovem examinou e negou. "Chame o seu especialista", disse o embaixador, e o especialista veio. "É uma tonalidade mais clara que a amostra", foi a decisão do especialista, que rapidamente produziu a correta. "Esta está perfeita", foi a saudação de Miss Fancher, assim que o segundo pacote lhe foi entregue sem ser aberto.

Prodígios em Trabalhos de Cera

Ainda mais surpreendentes são os seus efeitos em trabalhos de cera. Ela molda em cera belos desenhos — janelas cheias de flores, trepadeiras e borboletas, ramos, cruzes e âncoras. Quando questionada uma vez sobre como era capaz de fazer tudo isto, respondeu: "Oh, eu vejo as folhas e depois faço outras iguais a elas."

Todo este fabrico de flores de cera, bordados e trabalhos de agulha em tela é feito enquanto uma mão é mantida rigidamente atrás da sua cabeça. Com esta mão ela segura o trabalho e maneja a agulha com a outra. Mesmo que tivesse a visão dos seus olhos, seria impossível para ela ver o trabalho na posição em que é compelida a segurá-lo. Ela trabalha monogramas da sua própria imaginação nos lenços de seda dos seus amigos cavalheiros, e coloca neles borboletas, folhas e pássaros com raro gosto e perícia. Uma das mais belas das suas produções em cera — um requintado e delicado caramanchão de rosas e trepadeiras, adorna a sala do Brooklyn Heights Seminary do Prof. West, na rua Montague, 126. Ela não negligenciou nenhum dos seus amigos; todos possuem alguma pequena joia de sua própria autoria.

Vigiando os Seus Amigos Distantes

A faculdade que os amigos da jovem mais frequentemente notaram nela é a de seguir alguns dos seus conhecidos — aqueles que lhe são mais queridos, por regra — de lugar para lugar. Centenas de vezes ela fez isto com escassos erros quanto ao local ou ocorrência. Por exemplo, uma tarde ela disse subitamente: "Vejo o (mencionando o nome do cavalheiro) no seu escritório. (O escritório era em Nova Iorque.) Ele está a fechar a secretária. (Após cinco minutos de pausa.) Está a descer a rua Fulton. (Outra pausa). Agora vai entrar no barco do ferry; agora está a entrar num carro da avenida Fulton.

Com ele está um cavalheiro alto com olhos pretos, cabelo preto e bigode; estão a conversar e o carro partiu. Agora estão a passar pela Câmara Municipal. Ali, o cavalheiro alto saiu do carro na rua St. Felix e ele continua sozinho. Ele também já saiu do carro e vem para cá; calculo que venha aqui. Sim, vem; aqui vem ele ao virar da esquina; olhem para fora e vê-lo-ão", e olhando pela janela, o cavalheiro referido estava de facto a aproximar-se a passo rápido e em breve estava no quarto.

"Com quem subiu no carro?", perguntou uma das pessoas a quem Miss Fancher estivera a descrever o trajeto.

"O Sr. —."

"Descreva-o."

"Alto, cabelo preto, bigode e olhos escuros; deixou-me na rua St. Felix — porquê?"

"A Mollie esteve a vigiá-lo durante três quartos de hora, mais ou menos, e esteve a falar-nos deste homem alto. É melhor ter cuidado com o modo como se porta", foi a resposta.

A Sua Visão Não é Omnipresente

Poderá ser de interesse para aqueles que procuram uma investigação minuciosa sobre os poderes de visão da rapariga saber que ela não consegue seguir duas pessoas que tomam direções diferentes. Isto foi provado não intencionalmente por um acidente escassos meses após o notável poder se ter desenvolvido pela primeira vez, e um que foi na altura considerado a mais surpreendente das suas proezas. Uma amiga íntima estava convencida de que os poderes de Miss Fancher eram idênticos aos possuídos por clarividentes, e desejava consultar um clarividente para poder comparar os dois.

Miss Fancher, desde o início, negara qualquer ligação com os chamados clarividentes. Ser classificada com eles ou ser suspeita de empregar os seus métodos, tanto quanto ela sabia quais eram os métodos deles, causava-lhe dor mental. A sua sensibilidade sobre o assunto tornava-a infeliz. Parecendo adivinhar que os seus poderes seriam certamente chamados por alguns de clarividência, aproveitou a ocasião especial para rogar que nenhum clarividente, ou espiritista, ou vidente de segunda vista fosse autorizado a vê-la.

Desejava não ter nada a ver com eles. Este sentimento, por conseguinte, levou esta amiga íntima a não fazer menção do seu desejo de consultar um clarividente, sabendo que causaria dor a Miss Fancher saber da visita.

Antes de partir, a senhora visitou a rapariga e, após meia hora de permanência, preparou-se para sair. Ao mesmo tempo, um amigo cavalheiro presente levantou-se para sair. "Veja se consegue seguir-me para onde eu for", disse ele, ao deixar o quarto com a senhora. O cavalheiro foi para Nova Iorque e a senhora para a casa de um clarividente, onde, tendo testado os poderes do clarividente a seu contento, derivou para uma conversa geral na qual o caso de Miss Fancher foi mencionado e, por fim, partiu. Profundamente interessada, a senhora decidiu ir vê-la novamente. Encontrou a rapariga a soluçar como se tivesse o coração partido.

"O que se passa, querida?", perguntou a visitante calmamente.

"Foste ver um clarividente por minha causa, e isso faz-me sentir, oh, tão mal", foi a resposta, e Miss Fancher procedeu a narrar com detalhe exato por que ruas a senhora caminhara, e em que número tocara à campainha e fora admitida. Os detalhes estavam absolutamente corretos. Foi um incidente que interessara a rapariga mais do que qualquer outro que até então chegara ao seu conhecimento desde a sua mudança de condição, e é considerado por muitos como prova de que as coisas que mais diretamente lhe dizem respeito são as que os seus poderes de visão mais claramente definem.

Da vez seguinte que o amigo cavalheiro a visitou, ele perguntou: "Seguiu-me no outro dia, como lhe pedi?", ao que ela respondeu: "Sim, até o seu carro chegar à rua Cumberland; então vi que a Sra. (mencionando o nome da amiga) estava a fazer algo que me interessava e me magoava muito, e não pude acompanhá-lo mais, tive de ir com ela." Ela parece ter sido capaz de seguir ambos nos seus caminhos separados por uma curta distância, embora tivessem tomado rotas diferentes após escassos passos juntos; mas depois de a sua mente se fixar nos movimentos da senhora, nos quais aparentemente foi usado um maior esforço mental, fosse ou não necessário, o seu amigo cavalheiro foi perdido de vista.

Dois Casos Curiosos

As duas histórias sobre os poderes de visão de Miss Fancher de que os seus amigos falam com o maior interesse são a do regresso do seu tio Isaac da Califórnia e o regresso a casa, algum tempo depois, do seu cão de estimação perdido. O seu tio, o Sr. Isaac Crosby, foi para a Califórnia antes do acidente de Miss Fancher, e enquanto ela era uma rapariga relativamente pequena. Ele era forte, saudável e robusto, com um rosto cheio e um peito largo. Enquanto na Califórnia contraiu tuberculose e, nove anos após a sua chegada lá, regressou a Brooklyn, e procurou antes de mais a Sra. Crosby, com quem Miss Fancher vive. O Prof. West, o seu antigo instrutor, e a Sra. Crosby estavam sentados no seu quarto quando a campainha da porta tocou. A Sra. Crosby preparou-se para atender o chamado e, ao sair do quarto, Miss Fancher exclamou em tons de espanto: "Ora, é o Tio Ike!"

"Quem é o Tio Ike?", perguntou o Prof. West.

"O Tio Ike! Ora, ele foi para a Califórnia antes de eu andar na sua escola. Como ele mudou — como parece doente." E Miss Fancher entreteve o Professor com uma descrição da partida do tio para a terra do ouro, como ele parecia então, e a sua fisionomia contrastante no seu regresso. Entretanto a Sra. Crosby abrira a porta e, não reconhecendo o seu irmão, perguntou ao visitante o que desejava. O Sr. Crosby tinha de facto mudado tanto que foi necessária alguma conversa para convencer a irmã da sua identidade. Após meia hora ela regressou ao andar de cima e saudou Miss Fancher com "Quem pensas que está lá em baixo na sala?", e Miss Fancher respondeu prontamente: "O Tio Ike, claro, e ele está muito doente." A rapariga reconhecera-o instantaneamente, enquanto, naturalmente, era impossível para ela vê-lo.

O cão de estimação de Miss Fancher conseguira encontrar um lugar mais quente no seu coração do que os seus outros animais. Raramente a deixava, e era um grande companheiro nas suas longas horas de vigília. Mas um dia o cão desapareceu de casa e não foi visto mais durante algum tempo. Miss Fancher chorou por ele, mas

insistia que ele regressaria em breve, e parecia estar constantemente à sua espera. Foi por volta das 2 horas de uma manhã chuvosa e tempestuosa que ela acordou a Sra. Crosby. "Levanta-te, levanta-te", gritou ela, "o cão está a chegar a casa, vejo-o lá longe na avenida. Vem para cá e em breve estará aqui." A Sra. Crosby não se apressou e Miss Fancher exclamou mais uma vez: "Aqui vem ele mais perto.

Desce e deixa-o entrar; ele estará aqui na altura em que chegares à porta; ali está ele do outro lado da rua — agora está no degrau." A Sra. Crosby desceu e ali estava o cão perdido, esguio, faminto, mas feliz por chegar a casa. Foi levado para Miss Fancher e, nas horas silenciosas que precederam o romper do dia, ela alimentou-o com o melhor que a casa dispunha.

Um cavalheiro que fora um visitante frequente entrou no seu quarto uma tarde e, rindo, atirou uma carteira ao ar, dizendo: "Diz-me quanto troco está aí dentro e dar-to-ei."

"Sessenta e sete cêntimos", foi a resposta da rapariga.

O cavalheiro não sabia ele próprio quanto dinheiro a carteira continha, e contou o seu conteúdo. A declaração de Miss Fancher estava correta.

Os seus poderes de visão parecem não ter limite. Ela não só viu e descreveu a aparência e ações de amigos noutras cidades, como foi capaz de retratar os afazeres de conhecidos muito próximos que, por algum tempo, viveram nas ilhas Bermudas.

O DR. DURYEA SUGERIU UMA TEORIA

A Mente Liberta do Cativeiro do Corpo — Possivelmente Governada por Novas Leis — em todo o Caso Aguçada e Alargada.

"Conheço a Mollie Fancher há vários anos", disse o Rev. Joseph T. Duryea, pastor da Igreja Presbiteriana da Classon Avenue. "Vi-a, e dediquei-lhe algum estudo e considerável reflexão. Depois de me ter convencido de que ela realmente fazia as coisas estranhas que se contavam dela, mencionei-a nalguns dos meus discursos. O Sr. George W. Benson, que é bem conhecido aqui em Brooklyn como o Presidente do nosso Comité dos

Cem que se encarregou de purificar a política da cidade, e que está esta semana fora da cidade, viu-a dia após dia durante anos, e estava absolutamente maravilhado com os seus poderes. Eu conhecia-a algum tempo antes de a ir ver e, ao passar pela casa, tinha parado uma ou duas vezes para falar com a sua tia quando ela por acaso estava à porta. Na tarde em que visitei Miss Fancher, estava com o Sr. Benson. Ele entrou no quarto à minha frente e fez-me sinal para ficar em silêncio. Depois de ter conversado com ela algumas frases, disse: 'Mollie, quem é este?'"

Ela respondeu: "Não vejo ninguém, exceto tu."

"Olha bem", foi a resposta, e então a rapariga fez um movimento como que num esforço mental, e após um momento respondeu: "Vejo-o agora; é o Dr. Duryea."

"Alguma vez o viste antes?"

"Sim, lá em baixo no portão, a falar com a tia."

"Há quanto tempo?"

"Há cerca de três semanas — o dia em que a tia desceu para chamar o cão."

"Agora, como podes provar ao Dr. Duryea que o viste lá?"

"Ele usava um casaco de borracha."

"Então", acrescentou o Dr. Duryea, "lembrei-me de que choveu e, como tinha de ir à igreja e depois a um funeral naquela tarde, tinha vestido o meu casaco de borracha. Lembro-me dele mais particularmente pela razão de que foi a última vez que usei o casaco. Dei-o ao motorista, ao entrar no carro após o funeral, e ele pendurou-o a secar junto a um fogão na cavalariça no seu regresso e ele ardeu. Foi no meu caminho da igreja para o funeral que parei apenas por um momento para falar com a tia de Mollie. O cão Spitz de Mollie estava no degrau a ladrar para rapazes que o estavam a provocar, e a tia saíra para o recolher. A rapariga descreveu-nos perfeitamente."

"Estando convencido então de que Miss Fancher não pratica qualquer deceção, como explicar os seus poderes?"

"É impossível justificá-los satisfatoriamente. Que ela tem poderes surpreendentes de ver amigos em diferentes partes do país e da cidade, e de fazer outras coisas quase incompreensíveis, não tenho dúvida. A criança não consegue

enganar; está além disso; não deseja praticar imposição. Mas as suas mudanças físicas de algum modo libertaram a sua mente da prisão do corpo, e ela faz com ela o que outros mortais não conseguem fazer com as suas. Aqui está ela privada primeiro da audição, depois da visão, depois da fala, a sua garganta paralisada — selada de modo que nada podia passar por ela — num estado tal que se poderia esperar que ela engolisse tanto uma baqueta como um pedaço de pão; os seus órgãos abdominais na mesma condição.

A mente ou espírito estava absolutamente confinado. Não poderá ele, com um esforço poderoso, ter-se libertado e, uma vez parcialmente livre dos confins do corpo físico, ter sido governado por outras e mais altas leis do que as que o controlam enquanto sob o cativeiro do corpo? Que as mentes dos homens estão largamente sujeitas à sua condição física é bem entendido. Ocasionalmente, como neste caso, sob condições peculiares, encontramos este poder, que chamamos de segunda vista ou clarividência. O que ele é, ainda não apurámos, pela razão, possivelmente, de que tão poucos casos foram cientificamente investigados; nenhumas comparações críticas de um caso com outro foram feitas para descobrir as analogias. Penso que tais instâncias deveriam ter a mais ampla publicidade de descrições dos seus fenómenos mentais e físicos. Quanto mais soubermos deles, mais cedo resolveremos os seus mistérios."

"Miss Fancher vê as imagens daqueles que partiram antes dela para o mundo espiritual?"

"Miss Fancher inquestionavelmente pensa que os vê e comunica com eles. Contudo, isto não é tão incompreensível como alguns dos seus outros atos. Ela conheceu os seus rostos na terra. Com poderes mentais aumentados vem naturalmente uma imaginação aumentada. Consigo perceber prontamente quão pouco aumento de imaginação seria necessário para si ou para mim pensarmos nos nossos sonhos, ou fora deles, por sinal, que estamos a falar com aqueles que estão mortos. Os homens imaginam que estão doentes enquanto estão bem, e imaginam que estão bem enquanto estão doentes, imaginam quase todas as coisas concebíveis; no entanto, tiveram sempre algo a partir do qual trabalhar.

Miss Fancher pode pensar que está no céu, contudo leu o suficiente na sua Bíblia para lhe dar uma base para criar uma imagem do céu na sua mente. Embora não diga que ela não viu as chamadas vistas espirituais, consigo ver uma explicação de por que pensa que as viu. É o seu poder de visão de coisas na terra que estão ocultas da visão de outros que me intriga. São feitos testes do poder nos quais ela não tem absolutamente nenhuma base a partir da qual trabalhar. Como arranja e decifra ela o conteúdo de uma carta que foi cortada em pedaços e selada dentro de

um envelope — uma carta cujo conteúdo aqueles que lha entregaram não tinham a mínima noção?

Vamos resolver isso antes de entrarmos nos méritos do que é possível que seja produzido por uma imaginação aguçada; é o desempenho mais surpreendente."

"O caso de Miss Fancher é conhecido por muitos na vizinhança, não é?"

"É; menciono-o muito frequentemente e ensino a sua lição. Gosto de ver tais manifestações peculiares da mente e do corpo tornadas públicas. Elas ensinam a diferença de existência entre o espírito e a carne, e a superioridade de um sobre o outro. Tenho-a acompanhado de perto, e sempre com não mais profundo espanto perante as suas manifestações peculiares do que admiração pela doce e contente alegria da sua disposição, a pureza e simplicidade da sua vida, e a sua esperança inabalável."

REVELAÇÕES DO PROF. WEST

Um Bem Conhecido Homem de Brooklyn que Passou Horas à Sua Cabeceira — Uma Série de Anedotas — Pregadores de Nova Iorque Interessados.

O Prof. Charles E. West é diretor e proprietário do Brooklyn Heights Seminary, na rua Montague, 138, e é amplamente conhecido por toda a cidade como um estudioso, um homem de ciência e um cavalheiro cristão. Foi na sua instituição que Miss Fancher obteve a sua educação. Imediatamente ao ouvir sobre o acidente dela, uma aluna favorita, ele foi vê-la, e mal passou uma semana desde essa altura em que não a tenha visitado.

Ela sempre se encantou em saudá-lo e confidenciou-lhe, tanto quanto a qualquer outro, as suas sensações, as suas alegrias, as suas tristezas, as suas crenças religiosas, os seus segredos. "Estive lá de dia e de noite; fiz visitas inesperadas; permaneci lá por horas a fio", disse ele ontem, "e mantive memorandos completos do que vi e ouvi. Nunca conheci rapariga mais verdadeira, sincera e inteligente do que aquela que ela provou ser desde o primeiríssimo momento do nosso conhecimento. Passei a minha vida a estudar, e dediquei grande parte dela nos últimos doze anos ao caso de Mollie Fancher. Ela tem sido uma revelação para mim. Creio ter registado cada mudança na sua condição mental e física. Tenho todos os resultados. Levaria metade de um dia para ler o que escrevi sobre ela, e mesmo assim as coisas maravilhosas que ela fez mal são afloradas. Tenho estado muito ansioso para que uma comissão de homens como Tyndall, Huxley e Agassiz fosse constituída para prosseguir uma investigação mais minuciosa da sua condição.

De facto, eu tinha combinado com o Prof. Wyman, da Universidade de Harvard, vir a Nova Iorque e, com mais alguém — tínhamos Agassiz em mente — passar semanas com ela. Quando ele estava prestes a partir, a Mollie piorou. Estava então na condição mais cadavérica em que a tínhamos visto, e todos pensámos que ela deveria falecer em breve. Considerou-se melhor adiar a visita do Prof. Wyman até que ela estivesse em melhores condições para que uma investigação fosse feita. Mas em poucas semanas o professor morreu, e Agassiz também partiu pouco depois. Ela sobreviveu a ambos.

"Levei clérigos e médicos para a verem. Ela mistifica toda a gente. Ficam encantados com a sua alegria, a sua vivacidade, a sua fé cristã. É impossível não a admirar; contudo, quando veem as belas obras de arte que ela molda sem o auxílio do olho natural, e quando vislumbram o seu maravilhoso poder da chamada segunda vista, ficam mudos. Vi pessoas que tinham medo dela como poderiam ter de um verdadeiro fantasma ou de uma aparição sobrenatural. De entre todas as centenas que vi à sua cabeceira, a ninguém ouvi expressar a suspeita de que ela fosse uma impostora. Vê-la parece trazer convicção.

Não há mais dúvida de que ela faz estas coisas maravilhosas do que de que estamos aqui sentados. Eu vi-a fazê-las. Sentei-me no crepúsculo de uma noite de verão e observei-a fazer artigos de trabalhos de fantasia em cores, o seu braço direito dobrado para trás da cabeça e descansando sobre uma almofada, a mão capaz de ser ligeiramente dobrada no pulso, os dedos cerrados e quase imóveis. Para esta mão ela levava o trabalho na sua mão esquerda, da qual tinha o uso total, e então a agulha dançava para dentro e para fora da tela, puxando cada fio para o seu lugar e tensão devidos, cada cor para o ponto exato. Eu sabia que ela estava absolutamente cega; mas mesmo que tivesse visão, não poderia ter visto o seu trabalho enquanto este era segurado naquela posição.

A Diferença Entre Preto e Castanho

"Ela distinguia cores com uma precisão que nos fazia, aos restantes, ter vergonha de nós próprios. Uma noite estava lá um médico, e ele disse ousadamente que acreditava que ela não conseguia detetar as diferentes tonalidades. A Mollie tinha um novelo de fio de lã, no qual havia provavelmente dez ou doze cores. Ela pediu ao médico para selecionar uma, e ele puxou um pedaço. O rosto da Mollie estava desviado dele, mas mal ele o tinha separado dos outros, ela exclamou: 'castanho'. Estava escuro no quarto, e ele foi à janela, afastou a persiana e examinou a lã.

'Está enganada', disse ele, 'é preto.'

'É castanho, com toda a certeza', reiterou ela.

"O médico supunha que estava certo; por isso disse com a máxima confiança: 'Por uma vez está enganada; é certamente preto.' Miss Mollie alcançou calmamente o novelo de lãs multicores e, puxando dali um fio, disse: 'Aqui está um pedaço de preto, esse que tem é castanho escuro.' O médico comparou os dois e viu então que estava em erro e que ela estava correta.

"Sentei-me no quarto noutra noite", continuou o Prof. West, aquecendo-se com entusiasmo, "depois de ter escurecido. A Mollie tinha perdido um pássaro de estimação — de algum modo todos os seus animais morrem muito cedo; ela parece retirar a vida deles — e um amigo tinha enviado a pele para ser montada por um taxidermista. O pássaro empalhado estava sobre a lareira. Abrimos a porta da gaiola onde estava um pássaro vivo e, quando a Mollie o chamou, ele voou para ela. Ela acariciou-o por uns minutos e depois ele voou para longe dela. Não lhe prestámos atenção, mas muito em breve a rapariga exclamou-nos que o pássaro vivo estava sobre a lareira, inspecionando curiosamente o morto. Estava tão escuro que não conseguíamos vê-lo de todo, e o rosto da Mollie estava desviado da lareira.

Fizemos luz e, com efeito, o canário estava em profunda reflexão sobre o dom-fafe. A rapariga estava absolutamente cega, deve lembrar-se. A luz foi apagada — pois a luz parece deixar a Mollie inquieta — e a nossa conversa continuou. Após meia hora perguntei-lhe o que tinha acontecido ao pássaro, e ela respondeu: 'Ora, não o vê ali sobre a lareira, profundamente adormecido?' Acendemos de novo, e lá estava o pássaro, com a cabeça sob a asa.

Fotografias Reconhecidas

"Ela faz todo o tipo de pequenas coisas que nos enchem de espanto. Por vezes levei-lhe uma fotografia de alguém que ela conhecia antes do acidente. Ela via-a e reconhecia-a sempre antes de ser tirada do meu bolso. Sei de muitos casos em que ela leu cartas enquanto estavam num envelope nos bolsos de cavalheiros. Quanto a livros e jornais, lê-os prontamente, não importa em que parte do quarto estejam. Quando foi acometida pela primeira vez, parecia ler pelo sentido do tato, que, a propósito, foi durante muitos meses o único sentido que possuiu. Passando o polegar sobre as linhas impressas com grande rapidez, era capaz de dizer por muito tempo depois qual era exatamente o texto.

A sua memória de coisas que aconteceram enquanto estava naquela condição rígida era surpreendentemente acurada. Levei-lhe um livro um dia, e ela passou o polegar rapidamente sobre a página de título e começou a rir. Claro que perguntei a causa da sua alegria, e ela respondeu que —, mencionando o nome de um amigo

muito querido, lhe tinha dado o mesmo livro dois anos antes; e com isto deu-me um esboço corrido do seu conteúdo de uma maneira altamente inteligente e surpreendentemente precisa.

"Ela logo percebeu, contudo, que não era necessário tocar nas palavras para compreender o seu significado, mas absorvia o conteúdo do material impresso ou escrito. Sabe sempre que os jornais imprimem algo sobre ela antes de lhe ser lido. As duas coisas que ela parece mais recear são, antes de mais, qualquer notoriedade através da imprensa pública ou através da bisbilhotice dos seus amigos; e segundo, ser classificada de qualquer modo com clarividentes ou videntes de segunda vista ou espiritistas, e estas aversões sozinhas deveriam contribuir muito para fazer o público acreditar que ela não tenta impor-se.

A sua excessiva sensibilidade a toda a notoriedade e o seu sincero desejo de manter todo o conhecimento de si própria longe do público removem qualquer motivo para deceção. Que eu saiba, ela nunca ganhou um cêntimo com os seus dons, embora tendo tido muitas oportunidades para o fazer. Muitas pessoas, pensando que ela é uma clarividente, chamaram para a consultar, e muitos jovens e jovens mulheres desejaram que ela lhes contasse a sorte, mas ela não permitiu que fossem admitidos no quarto. Sabe quem são os seus visitantes muito antes de serem introduzidos no átrio abaixo, e permite que a vejam, ou recusa, conforme o capricho a tome.

Levei lá a irmã de Kossuth pouco antes da sua partida para o Velho Mundo. Miss Mollie recusou vê-la. Depois perguntei à Mollie uma explicação. 'Ora, não gostei do aspeto dela quando entrou pela porta', foi a resposta. A porta fica no andar de baixo. Outra vez levei um cavalheiro de reputação como estudioso. Ela ordenou que ele fosse mantido longe do seu quarto, pela mesma razão; não gostou do aspeto dele. Enquanto estava cega, levei-lhe um homem grande com uma grande barba preta e disse: 'O que pensa deste homenzinho com um queixo liso e aguçado?' e sem virar o rosto, que estava desviado de nós, ela respondeu: 'Ele é muito grande e tem barbas completas.

Consigo vê-lo.' Ela sabe o que se passa por todo o país, mas se é devido à sua maravilhosa visão ou porque o lê, sou incapaz de dizer. Não está disposta a falar com visitantes sobre os seus dons. O tópico é-lhe doloroso. Para os seus amigos, contudo, é mais aberta, e está bastante disposta por vezes a explicar as suas sensações. Diz-lhes onde vai e o que faz.

"Revelou-me coisas de que eu não tinha conceção — principalmente enquanto falávamos sobre tópicos religiosos. É uma cristã tão fervorosa como alguma vez conheci. O que ela vê apenas torna a sua fé mais forte; e acredito que a sua razão

para ansiar morrer é poder ir para o céu. Penso que ela tem vislumbres do outro mundo, se não esteve de facto lá. Não lhe posso contar essa parte estranhamente interessante da sua experiência. Depois de ela estar morta será conhecida; mas é mais uma revelação do que aquela vista por João da Ilha de Patmos."

"Ela vê amigos que partiram antes dela?"

"Sim" (falando com grande relutância). "Vê muitos deles. Vê a sua mãe. Anseia estar com a sua mãe. Diz que a sua mãe vem ter com ela."

E o Professor limpou os olhos, nem falou mais dali em diante durante muitos minutos.

Um Comité de Clérigos

"Conte-me mais das coisas estranhas que ela faz."

"Ora! Valha-me Deus! elas encheriam um livro. O problema de as imprimirem é que ninguém as acreditará. Contei a história desta rapariga a centenas; riem-se de mim. Contei-a ao Dr. Irenaeus Prime. Ele riu-se de mim. Mas trouxe-o a Brooklyn para ver Miss Mollie, e ele foi para casa convencido, embora mistificado.

Na reunião seguinte da Chi Alpha, a sociedade secreta de clérigos de Nova Iorque, Prime, depois de as coisas começarem a abrandar, disse: 'Querem ouvir uma história improvável?' e todos gritaram: 'Queremos.' Bem, Prime começou a contar-lhes os factos sobre Mollie Fancher, e não tinha passado muito do início quando eles gritaram 'Pare — chega — isso é demais.' 'Parem! vocês próprios', gritou Prime, 'não disse eu que ia contar-vos uma história improvável?', e fez com que o ouvissem até ao fim. Depois discutiram-no longamente e nomearam um comité para investigar.

A Brooklyn veio o comité, e direto a mim, e li-lhes dos meus memorandos durante uma hora e meia, e depois subiram e viram Miss Mollie. Relataram à Chi Alpha que todas as coisas maravilhosas que Prime lhes contara eram verdadeiras, mas que era um caso além da compreensão deles.

"Não culpo as pessoas por não acreditarem; é inacreditável. Ora, o Dr. — estava sempre a gozar com o Dr. Speir e comigo por acreditarmos no que a rapariga faz, por isso um dia levei-o lá para a ver. 'Garanto que ela não realizará nenhum dos seus milagres enquanto eu estiver aqui', disse ele, enquanto estávamos a caminho. Mal estávamos sentados ouviu-se a batida do carteiro, e desceu a tia da Mollie, Sra. Crosby, para buscar a carta. 'É do meu amigo fulano de tal', disse a Mollie, quando a sua tia estava a meio das escadas.

Voltou a Sra. Crosby com a carta, e a Mollie começou a dizer o que estava nela. 'Pegue na ardósia', disse eu ao médico incrédulo, 'e a Mollie ditará o conteúdo da carta.' A Sra. Crosby segurou a epístola, e o doutor pegou na ardósia, e a Mollie começou a repetir a carta. Ela não a pegou na mão, e não estava a menos de oito pés dela. Depois de o Doutor ter enchido os dois lados da ardósia, a Mollie pediu à Sra. Crosby para abrir e ler a carta em voz alta. Assim ela fez, enquanto o Doutor examinava o que estava na ardósia. A carta era exatamente igual ao que a Mollie tinha ditado. O Doutor foi para casa convencido dos maravilhosos poderes da rapariga.

"Sim", disse o Prof. West, ao concluir, "quero ver uma comissão dos homens científicos do país investigar este estranho caso. A rapariga é simplesmente um milagre. Ela diz que é um milagre, e eu sei que ela é um. Todo o mundo científico deveria saber tudo sobre ela, e espero que chegue o tempo em que saberá."

CAPÍTULO XXI

DECLARAÇÃO DO DR. S. FLEET SPEIR

Relativa ao Caso de Miss Mollie Fancher, Tomada a 26 de julho de 1893, na Sua Residência, 160 Gates Avenue, Brooklyn.

Tratei Miss Mollie Fancher profissionalmente desde o dia 6 de abril de 1866, e conheci então a história do seu caso até àquela data. Naquela altura tomei o cargo do mesmo, e tive em consulta comigo o Doutor Robert Ormiston desta cidade, e em ligação com ele continuei de tempos a tempos em assistência até ao dia de hoje.

Li e considerei cuidadosamente uma carta escrita pelo Prof. Charles E. West, datada de 8 de outubro de 1878, na qual ele descreve a condição de Miss Fancher até àquela data. Concordo plenamente com as declarações feitas pelo Prof. West na sua carta sobre o caso de Miss Fancher, com algumas exceções.

Quanto ao facto de ela ter estado paralisada até à altura da declaração do Dr. West, na realidade Miss Fancher nunca esteve paralisada no sentido em que a palavra é habitualmente entendida. Ela perdeu o uso dos seus membros e, por vezes, perdeu o poder da sensação. Tanto quanto me consigo recordar, por um período de cerca de nove anos, os seus membros inferiores estiveram numa volta tripla.

O resultado para os membros foi que, em vez de ser a articulação natural de dobradiça no joelho, aproxima-se da condição de uma articulação de bola e soquete; os seus membros estão puxados para cima e para trás, os tornozelos dobrados para o

lado, e a planta do pé dobrada para dentro, e permanecem nessa condição. Isto acontece em ambos os pés. Os membros não podem ser endireitados; estão contraídos por baixo.

Por um período de cerca de nove anos, dia e noite, ela esteve sujeita a transes, espasmos e catalepsia. Durante esse tempo, o cuidado e a atenção mais constantes foram necessários para evitar danos pessoais. Nestas condições espasmódicas, ela estava sujeita de tempos a tempos a ser atirada para o chão, e a maior atenção era necessária, sendo colocadas barricadas em redor da sua cama para evitar que o fizesse. As suas condições espasmódicas eram tão violentas que ela era atirada para trás e para a frente com grande força e rapidez. Havia um movimento de retorno que é difícil de explicar, pelo qual ela parecia ser atirada para o ar, elevando-se da sua cama. Por vezes o seu corpo tornava-se rígido e, numa ocasião, uma porção do seu corpo foi virada para a direita e a outra para a esquerda de uma maneira angustiante, e permaneceu assim por bastante tempo, estando ela numa condição rígida.

Para ter a certeza de que Miss Fancher estava a viver sem comida sólida pelo longo período de tempo que foi declarado, recorri a dar-lhe eméticos, e o resultado foi que nada foi expelido do estômago, mostrando conclusivamente que o seu estômago estava vazio. Durante o período de nove anos, a quantidade de comida que ela tomou no seu estômago foi tão pouca que era motivo de grande espanto como a vida podia ser sustentada.

Relativamente à condição dos olhos de Miss Fancher: — Quando assisti Miss Fancher pela primeira vez, pareceu-me que os seus olhos estavam numa condição tal que ela não conseguia ver pelo uso deles. Quando a vi pela primeira vez, os seus olhos estavam escancarados e não se fechavam; não se fechavam nem de dia nem de noite, e não havia lágrimas ou secreção neles. Fiz o teste habitual para anestesia, chegando ao ponto de tocar o globo ocular com o meu dedo, sem receber qualquer resposta.

Durante a primeira parte dos seus problemas, estavam consideravelmente dilatados e não alteráveis por impressão de luz. As pupilas dos seus olhos continuam consideravelmente dilatadas, embora não tanto como antigamente, e não respondem à luz. A pupila do olho não se altera à aproximação da luz. Fizemos realizar um exame cuidadoso e crítico por um perito competente — um oculista — em cuja perícia temos grande confiança, e concordamos com ele que ela não consegue ver pelo uso dos seus olhos — pelo menos como uma pessoa ordinariamente consegue ver. Ela tem o poder de ver com muita nitidez, mas como o faz sou incapaz de declarar. Esta condição quanto aos seus olhos tem sido substancialmente assim desde que comecei a assisti-la pela primeira vez. Esta caraterística da condição de Miss Fancher relativa ao seu poder de visão atraiu muito comentário. A certa altura

ela fazia todo o seu trabalho, croché, etc., por trás da cabeça. Quando selecionava lã ou cor, colocava-a atrás da cabeça para a ver. Durante nove anos o seu braço direito esteve atrás da cabeça, onde ela fazia o seu trabalho trazendo a mão esquerda até à mão direita, que estava atrás da cabeça.

Recordo um caso em que, estando presentes o Dr. Ormiston e eu próprio, Miss Crosby recebeu uma carta de um carteiro. Peguei na carta na minha mão; estava selada e Miss Fancher, sendo na altura incapaz de falar, pegou numa ardósia e num lápis e escreveu o conteúdo da carta, que, ao ser aberta e lida, verificou-se corresponder exatamente à carta. Durante esse tempo ela mantinha conversação com os seus médicos e amigos pelo uso da ardósia, sendo incapaz de falar. Noutra ocasião ela avisou-me de que eu provavelmente seria roubado, e disse-me para estar de guarda. O resultado foi que imediatamente depois fui roubado de um valioso estojo de instrumentos.

Noutra ocasião tinha convidado uma série de doutores a visitarem a casa de Miss Fancher, e estávamos à espera que um chegasse, quando Miss Fancher disse: "Ele está a vir; vejo-o a vir agora", e disse onde ele estava, o que estava correto. Noutra ocasião preparei um documento que li perante um clube médico relativo ao caso de Miss Fancher, e que excitou o ridículo dos cavalheiros presentes, quando os convidei a visitarem-na e verem por si próprios. Aconteceu nessa noite que um dos cavalheiros presentes estivera a ler um recorte de jornal que era uma coisa muito adequada para ser lida perante, e considerada por, um clube médico, mas não propriamente a coisa para ser lida por uma jovem senhora. Ele guardou-o na sua carteira.

No dia seguinte acompanhou-nos à casa de Miss Fancher e, sendo muito cético, avançou para a cabeceira de Miss Fancher, dizendo: "O que tenho eu na minha carteira?" Ela respondeu instantaneamente: "Algo que não deveria ter aí." Ele recuou e disse: "Bem, creio que é verdade", e deu lugar a outro cavalheiro para ver por si próprio.

Durante o meu conhecimento com Miss Fancher e a sua tia, Miss Crosby, durante a vida desta, as ações e conduta de ambas dão-lhes direito ao que sempre tiveram — o nosso mais alto respeito e estima. Uma caraterística notável durante todos estes anos em que esteve confinada à cama é que nunca foi afligida com escaras, embora a sua anca direita, devido à pressão constante, esteja achatada e a carne tenha desaparecido, de modo que o osso está apenas coberto pelo tegumento. Ela sempre explicou, quando questionada sobre como via sem o uso dos olhos, que via pelo topo da cabeça.

A condição de Miss Fancher está materialmente alterada do que era anteriormente. De estar excessivamente magra e emaciada, está agora bastante corpulenta. Ela experiencia o sentido do tato em todos os seus membros e partes do corpo, embora a certa altura, há cerca de seis anos, tenha havido indicações de paralisia do braço esquerdo que continuou por quase dois anos, mas que desde então desapareceram. Há um pouco de dormência nos seus dedos por vezes, mesmo agora.

Miss Fancher experiencia condições bastante notáveis provenientes da ação do seu coração. Por vezes, o peito sobre o coração parece consideravelmente aumentado; apresenta algo da aparência de um edema, mas responde à pressão de uma maneira diferente. Parece mais elástico e, todos os dias, ela expele cerca de meia onça de sangue, que provém da membrana mucosa da garganta e dos tubos brônquicos. As porções superiores do corpo são bastante corpulentas. A sua alimentação, na atualidade, é muito leve, consistindo em geleias, fruta, e ela bebe grandes quantidades de água. Quando perdeu o uso das mãos, escrevia com os dedos dos pés, segurando a pena entre eles.

Numa ocasião, quando ela tinha perdido o poder da fala, eu estava presente quando alguém fez um comentário do qual ela discordou. Ela pegou num lápis com a mão esquerda e escreveu rapidamente uma resposta que, ao início, ninguém conseguia ler. Tinha escrito ao contrário, começando no fim de uma linha e no fim de uma palavra, e assim até ao princípio. Ao segurarmos um espelho, conseguimos decifrá-la prontamente. Era uma resposta mordaz e cáustica.

S. FLEET SPEIR, M. D.

Declaração do Dr. Robert Ormiston.

Estive presente na elaboração da declaração precedente do Dr. S. Fleet Speir. Estou familiarizado com quase todos os factos a que ele se referiu e, tanto quanto os recordo, são por ele corretamente declarados. Também concordo com o Dr. West, no essencial, no que ele afirmou na sua carta referida pelo Dr. Speir. Tenho visto Miss Fancher com bastante frequência desde que fui chamado pela primeira vez para o seu caso e considero-a uma senhora de integridade.

ROBERT ORMISTON, M. D.
O Olho.

De tempos a tempos, têm sido feitos exames aos olhos de Miss Fancher, e tem sido meu propósito inserir, num dos capítulos, uma declaração mais completa da sua aparência e condição em diferentes períodos durante os últimos vinte e oito anos do seu confinamento à cama. A morte de Miss Crosby removeu aquela que poderia ter

dado o relato mais consecutivo desta caraterística importante do seu caso. Aqueles que apenas a viram ocasionalmente podem informar-nos do que observaram quando presentes. Portanto, irei aqui expor o que, para mim, constitui a informação mais fiável sobre a aparência dos seus olhos e sobre o uso que ela tem feito deles. Mas primeiro, falemos do olho em si como um órgão de visão.

Este órgão maravilhoso é provavelmente o mais sensível de todos os que possuímos. Um estudo da sua estrutura e dos métodos pelos quais a sua função é desempenhada impressiona o estudante com a astúcia maravilhosa da inteligência Criativa, que denominamos Divindade. A maioria dos grandes instrumentos óticos foi moldada a partir do estudo da estrutura do olho.

A córnea é a parte mais proeminente e está mais exposta a lesões. Qualquer lesão na córnea resultará provavelmente na deterioração da visão, pois através desta parte do órgão a luz deve ser transmitida para a parte interna, que liga ao cérebro. É transparente, de forma côncavo-convexa, e compõe o quinto anterior do globo ocular, estando acuradamente encaixada na esclerótica ou túnica fibrosa, que forma as porções posteriores do órgão. O grau de convexidade varia, sendo geralmente maior em crianças e pessoas míopes.

A natureza providenciou cuidadosamente humidade para o olho a partir das partes circundantes, para que a superfície externa possa ser constantemente lavada ou humedecida pela ação da delicada superfície interna da pálpebra. As sobrancelhas e pestanas servem como protetores do próprio órgão, que é sensível a partículas de pó muito minúsculas. Atrás da córnea encontra-se uma cortina membranosa vertical circular, designada íris, perfurada no meio pela pupila. Esta cortina pende no humor aquoso, separando-o nas câmaras anterior e posterior do olho. A íris é colorida de forma variada em diferentes indivíduos. Está provida de fibras delicadas para dilatar e contrair a superfície da abertura que constitui a pupila.

A córnea está preenchida com humor aquoso. O cristalino está atrás da íris e, atrás deste, o humor vítreo; e atrás deste está a retina, que está ligada a, e parece ser parte de, o nervo ótico, que liga ao cérebro, com o qual todos os nervos estão ultimamente relacionados. Muitos supuseram que em alguma parte do cérebro existe um ponto denominado sensório, onde a sensação se manifesta: a chamada "sede da alma". Que tal ponto possa existir parece bastante razoável; que o local exato alguma vez tenha sido determinado é muito incerto.

Os músculos do globo ocular, até um grau limitado, controlam a sua ação e fazem com que ele se mova em qualquer direção. Existem artérias e veias minúsculas que percorrem várias partes do olho, que o alimentam e sustentam.

Durante pelo menos nove anos a partir do meu primeiro conhecimento com Miss Fancher, com exceção da ocasião em que uma das suas estranhas personalidades estava consciente, eu nunca tinha visto os olhos de Miss Fancher de modo a distinguir a sua aparência. Se não estivessem inteiramente fechados, estavam-no tão perto que apenas uma linha esbranquiçada podia ser observada na parte inferior do globo ocular entre as pálpebras. Ao dirigir-se a pessoas em diferentes partes do quarto, os globos oculares não pareciam rodar sob as pálpebras, como acontece com outras pessoas.

Quando fui capaz de ver os seus olhos claramente, para mim eles não apresentavam a aparência dos olhos de qualquer outra pessoa que eu tivesse alguma vez visto. Havia e há uma aparência peculiar neles, que não indicava estarem numa condição normal. Existe outra peculiaridade nela que é digna de cuidadosa consideração. Se uma pessoa apresentasse diante dela uma faca afiada e fizesse um movimento como que para a enterrar nos seus olhos, ela não recuaria nem exibiria a mínima consciência de medo ou apreensão de perigo. Age precisamente como agiria uma pessoa totalmente cega em circunstâncias semelhantes.

Será difícil encontrar qualquer pessoa que não seja cega que não se sobressalte quando o intento de enterrar um instrumento afiado no olho se torna aparente. Pessoas competentes, de tempos a tempos, fizeram exames cuidadosos à condição dos seus olhos e ficaram satisfeitas com o resultado: de que os seus olhos estão sem visão. As artérias e veias são escassamente percetíveis e indicam que é fornecido um suprimento insuficiente de nutrição aos órgãos de visão para lhes dar força para o uso comum.

Diz-se que o nervo ótico tem uma aparência acinzentada, indicando atrofia cinzenta, o que o tornaria incapaz de transmitir o sentido da visão ao próprio cérebro. Ela consegue virar os olhos para cima apenas um pouco, e mesmo assim com grande esforço. Mas é comum, quando entra no transe rígido, que os globos dos seus olhos se voltem muito para cima, de modo que apenas pequenas partes da córnea ficam visíveis. Nessas alturas, o campo de visão dos dois órgãos não é o mesmo, mas divergente. Ela evidentemente tem melhor ação dos músculos que controlam os olhos do que tinha há uns anos.

Recentemente questionei-a sobre o que produzira a mudança na condição das suas pálpebras, estando elas abertas uma porção considerável do tempo. Ela respondeu que estava inclinada a atribuí-lo à vinda das várias Outras Mollie Fanchers que foram anteriormente descritas, e que também vêm com os olhos abertos. Isto tem acontecido há já um bom número de anos, e é muito evidente que, com o aparecimento de cada um destes indivíduos peculiares, algumas das forças

nervosas dormentes são despertadas e postas em ação, causando a abertura das pálpebras.

Esta ação frequente tendeu a trazê-las mais para uma condição normal, de modo que a individualidade que ordinariamente vemos, chamada "Sunshine", ou Mollie N.º 1, está a recuperar, num grau considerável, o uso das pálpebras e dos músculos ligados ao olho. Se isto resultará eventualmente numa restauração da visão de Miss Fancher para uma condição normal, é extremamente problemático.

Não reivindicando mais do que um conhecimento superficial da estrutura e doenças do olho, não seria apropriado da minha parte conjeturar sobre o assunto. Noto que foram feitas algumas afirmações, aqui contidas, indicando que, por períodos muito longos de tempo, os olhos de Miss Fancher estiveram continuamente abertos. Inquéritos cuidadosos permitem-me dizer que, quando a palavra "continuamente" é usada nessa ligação, não deve ser entendido que nas mudanças produzidas pelos seus transes e espasmos os olhos nunca estivessem fechados em momento algum; mas que permaneciam abertos por um período de tempo muito longo; e que um dedo podia ser inserido, e de facto foi inserido sob a pálpebra, e esfregado contra o globo do olho, o que teria produzido dor e inflamação instantâneas se os seus olhos estivessem numa condição normal e sensíveis ao toque. Mesmo agora ela consegue fazer coisas estranhas com os seus olhos, que indicam, em grande grau, ausência de sensação.

O facto de uma luz forte no seu quarto lhe ser dolorosa, e ser raramente permitida, indica que o nervo ótico não é totalmente desprovido de sensação; mas o outro facto, de que uma luz forte pode ser focalizada sobre este nervo sem produzir qualquer evidência de dor, refuta em algum grau a presunção de que este conserve qualquer vida de todo. Conheci um surdo-mudo de nascença que entrava em espasmos de agonia com o disparo de um canhão perto da sua cabeça. Assim também, não será possível Miss Fancher ser angustiada por uma luz forte lançada sobre a sua cabeça e rosto durante muito tempo, e não ser afetada por raios concentrados direcionados para um dos seus olhos por um curto período?

Descobre-se que a luz, a cor e o som estão maravilhosamente relacionados. Nas suas condições mais sensíveis, verificou-se que Miss Fancher era capaz de distinguir cores, até às tonalidades mais delicadas, quando absolutamente ocultas, não apenas da sua visão normal, mas enquanto no bolso de outrem, e quando o experimentador não sabia a cor do artigo a ser descrito. Depois, por vezes, pelo simples toque dos seus dedos num vestuário ou noutro artigo, com o seu rosto desviado, conseguia descrever corretamente a cor. Noutras ocasiões falhou em ser absolutamente correta, dependendo tudo da sua condição física e mental na altura.

Aqueles que fizeram da psicologia um estudo experimentando com pessoas sensíveis e clarividentes entenderão por que razão boas manifestações de poderes anormais nem sempre podem ser mostradas. Tais sensíveis, quando instados a dar alguma manifestação de poderes anormais, tornam-se nervosos e, por regra, falharão. Confunda-se uma criança nervosa e ela não conseguirá recitar uma lição que aprendeu. Pessoas que buscam o conhecimento de tais matérias devem ter estas considerações em mente e ser gentis, e não estarem elas próprias demasiado ansiosas.

Como ilustração desta importante consideração, faz-se referência à visita inesperada de uma série de médicos com o Dr. S. Fleet Speir aos aposentos de Miss Fancher, quando lhe foi exigido que exibisse perante eles alguns dos seus maravilhosos poderes. Ao início, diz ela, tudo parecia escuro, e os doutores estavam mais incrédulos do que nunca; mas a sua visão clarividente logo voltou, suficientemente forte para lhe permitir derrotar o principal dos seus duvidadores ao informá-lo de que ele tinha algo na sua carteira impróprio para carregar.

CAPÍTULO XXII

Uma caraterística interessante do caso de Miss Fancher, que necessita de menção mais especial, é o seu poder de discernir cores pelo sentido do tato. Naturalmente, quando estabelecemos o facto de ela possuir visão clarividente, ficamos em grande parte dependentes da veracidade das suas próprias afirmações quanto à posse dos poderes de distinguir cores pelo sentido do tato, pela razão de que, quando se demonstra que ela consegue ver de modo a descrever o que está além do alcance da visão comum, segue-se que ela poderá ser capaz de ver cores e descrevê-las da mesma maneira.

Mas aqueles que melhor a conhecem não questionam o seu poder de sentir cores pela passagem dos seus dedos sobre elas. Ela descreve-as como transmitindo sensações diferentes para si. Algumas são muito mais agradáveis do que outras. Ela tem as suas favoritas e mistura diferentes cores no seu trabalho de forma requintada.

Quando o dia está sombrio, ela fica deprimida e a sua visão clarividente é imperfeita. Nessas alturas é largamente guiada pelo sentido do tato na seleção das cores para o seu trabalho. É muito industriosa e, não fosse o facto de conseguir concentrar os seus pensamentos nalgum objeto à parte de si mesma, enlouqueceria claramente com a contemplação das suas próprias desventuras e miséria. Miss Fancher exerce alguns dos dons da natureza de forma mais aguçada do que as pessoas comuns. Tem um cérebro grande e bem equilibrado. Tem excelentes capacidades de negócio; e é naturalmente muito engenhosa.

Durante os nove anos de que tão frequentemente falámos, com o seu braço direito levado para cima e para trás debaixo da cabeça, e as suas mãos, com exceção dos polegares e dedos indicadores, estando firmemente fechadas, ela realizou uma vasta quantidade de trabalho muito delicado. Naturalmente, para fazer o seu bordado e trabalho em cores, era necessário que fizesse uso de ambas as mãos, pelo que esse tipo de trabalho era executado acima da sua cabeça e além do alcance da sua visão natural.

E no entanto, era feito com tanta precisão e esmero como se ela tivesse o uso comum dos seus olhos e estivesse a observar, por meio deles, cada ponto à medida que o trabalho progredia. Que ela via, podia e consegue ver pelo topo da cabeça e pela testa não permite uma dúvida razoável. Ela lê cartas colocadas sobre a sua testa, e fê-lo centenas de vezes.

Ao realizar o seu trabalho em cera, foi provida por um professor do Harvard College de uma faca peculiar, com uma lâmina arredondada para cortar as folhas para as flores. O cabo estava construído de modo a poder ser deslizado para a sua mão esquerda fechada, e ali mantido enquanto ela o guiava sobre as folhas de cera, cortando-as nas formas desejadas, sobre uma tábua colocada na sua cama. Estas flores eram delicadamente matizadas pela sua própria mão, com cores apropriadas, e muitos exemplares do trabalho que ela fez durante esse longo período estão agora na posse de, e são muito prezados por, inúmeros amigos.

Nos últimos anos, ela interessou-se pelo trabalho da George F. Sargent Company, de Nova Iorque, que se dedica ao fabrico e venda de inúmeros artigos para o conforto e conveniência de inválidos. É difícil conceber algo que um inválido possa necessitar, desde carrinhos, cadeiras de rodas e cadeiras reclináveis até mesas ajustáveis, camas e inúmeros dispositivos para tornar a existência dos inválidos o mais confortável possível, que esta companhia não fabrique. Como bem se poderia supor, Miss Fancher tem tido um grande interesse no sucesso da companhia. Detém algumas ações da mesma e tem sido Secretária por muito tempo e, pela sua própria mão, endereça anualmente milhares de circulares, publicitando os produtos da companhia por todo o mundo. Vende os artigos que borda ou faz em croché àqueles que a visitam e desejam alguma lembrança das suas visitas. É naturalmente de espírito orgulhoso e deseja dar algo em troca de valor substancial àqueles que a possam patrocinar.

No seguinte capítulo daremos expressão a alguns pensamentos tocando o alcance dos seus poderes clarividentes.

Não se deve inferir do que foi dito a respeito dos poderes clarividentes de Miss Fancher que se pretenda que este dom seja excessivamente incomum. Em todas as

eras de que temos qualquer história autêntica, faz-se menção a pessoas que possuem ou afirmam possuir este poder.

Paulo possuía-o, e no primeiro capítulo de João, do versículo quarenta e três até ao encerramento do capítulo, encontra-se um relato interessante da conversão de Natanael, que estava a ser trazido por Filipe a Cristo, como sendo o Messias. "Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo. Natanael disse-lhe: De onde me conheces? Jesus respondeu e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, estando tu debaixo da figueira, eu te vi. Natanael respondeu e disse-lhe: Rabi, Tu és o Filho de Deus; Tu és o Rei de Israel."

Miss Fancher leu muitas vezes o conteúdo de cartas seladas e, quando se estabelece o facto de que ela não consegue ver pelo uso dos seus olhos, se ela consegue sequer ler e discernir as coisas de modo a descrevê-las corretamente ao seu redor, segue-se necessariamente que deve ser pelo poder clarividente, ou algum outro dom igualmente misterioso. Numa ocasião visitei-a em companhia da minha esposa. Entrámos na sala da frente e as portas que conduziam aos seus aposentos estavam fechadas.

A sala estava fria e a Sra. Dailey estremeceu ao entrar. Alguns momentos depois as portas abriram-se e entrámos no quarto de Miss Fancher. Ela comentou imediatamente: "Sra. Dailey, tem frio? Vi que estremeceu quando entrou." Não há forma de ela o ter visto sem ser capaz de penetrar, ou ver além das paredes da sala. Ela já me enviou a buscar algo que estava fora do seu alcance, no seu quarto, e que estava inteiramente oculto da sua linha de visão por objetos intervenientes e, quando eu não o encontrava prontamente, descrevia minuciosamente a sua posição para que eu o pudesse encontrar.

CAPÍTULO XXIII

"Sem a Charlatanice da Clarividência."

Para pessoas que há anos se interessam pelo estudo dos fenómenos psíquicos e compreendem que o termo "segunda vista", conforme usado no caso de Miss Fancher, é sinónimo de "clarividência", expressões como as que se encontram nos cabeçalhos de alguns dos artigos de jornal, que são aqui reproduzidos no todo ou em parte como matérias históricas, são divertidas. O termo "segunda vista" tem sido frequentemente usado ao referir-se ao facto de que pessoas idosas, cuja visão se tornou debilitada, por vezes recuperam em idades muito avançadas a sua visão, de modo a serem capazes de dispensar o uso de óculos que estavam habituadas a usar, e assim verem novamente de forma tão distinta como na juventude.

Tais casos não são de todo incomuns, e o poder recuperado é vulgarmente chamado de "segunda vista". Mas estas pessoas apenas veem como os outros, na sua condição normal, os objetos materiais e substanciais pelos quais estão rodeadas. Não percebem aquelas coisas que são intangíveis aos sentidos dos mortais comuns; não veem como viu o profeta Eliseu, quando cercado por cavalos e carros e um grande exército que viera para o capturar, os montes cheios de cavalos e carros de fogo que estavam ao seu redor para o proteger (II Reis, cap. VI, versículos 14-17).

O poder ou dom da visão que o profeta exercia não era possuído pelo seu servo, até que os olhos deste fossem também abertos para a entrada da visão espiritual; e então ele contemplou por si mesmo e viu o que era para outros invisível — forças capazes de ferir e derrubar os inimigos do profeta. Esta é a verdadeira segunda vista, que casos como este de Miss Fancher tendem a provar que será algum dia possuída por todos, como resultado natural da mudança produzida pela morte da qual seremos ressuscitados, conforme descrito por Paulo, com um corpo espiritual, e contemplaremos com a nossa visão espiritual as glórias e maravilhas do mundo espiritual, do qual o próprio Paulo obtivera conhecimento através do exercício deste poder clarividente (1.ª Coríntios, capítulo 15).

No capítulo 12 da 1.ª Coríntios, Paulo diz: "Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, a operação de milagres; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer."

Tendo em conta o poder da segunda vista, tão inequivocamente possuído por Miss Fancher, as suas afirmações de que discerne espíritos não deveriam ser consideradas de todo como absurdas por aquelas pessoas que depositam em Paulo a sua confiança. Ele foi o apóstolo principal e o escritor mais conspícuo daquela era, quando as fundações da igreja cristã estavam a ser lançadas, e em lugar algum afirma que falou apenas para aquela era.

Ele certamente estava a falar à igreja de Corinto como um corpo, e a instar os membros dessa igreja a procurarem mais fervorosamente os mais altos dons espirituais, e não num espírito de jactância disse: "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que todos vós" (1.ª Coríntios, cap. XIV, v. 18).

Assim, aquilo que os escritores apelidaram levianamente de "Charlatice da Clarividência" tem, juntamente com outros dons que Miss Fancher por vezes possuiu e exerceu, a mais alta autoridade da Igreja Cristã, e não deveria ser mais desprezado ou condenado do que o exercício de qualquer outro dom de Deus para o homem. As pessoas possuem aquilo que chamamos dons naturais em graus desiguais. As almas de algumas pessoas são estranhamente afetadas pelos sons da música. Algumas são maravilhosamente dotadas nas belas artes, e as suas obras têm sido a admiração dos amantes da arte em todos os tempos seguintes.

É uma ocorrência muito comum as pessoas apresentarem como argumento contra a posse de poderes clarividentes ou clariaudientes por outros o facto de não possuírem tal dom elas próprias, e parecerem considerar isso como prova conclusiva de que ele não existe em ninguém. Poderia muito bem ser apresentado por uma pessoa que não existe tal coisa como afinação na música, porque ela não tem ouvido e não consegue distinguir uma melodia de outra.

Pobre "Blind Tom"! Cego, sem instrução, um filho negro de ascendência etíope — quem poderia ter suspeitado que ele se tornaria um prodígio no mundo musical? As vibrações do som deixaram impressões profundas na sua própria alma. Ele captava as composições mais intrincadas conforme eram expressas sob o toque de executantes consumados e repetia-as, para espanto de milhares. O dom que possuía estava anormalmente desenvolvido. A natureza, sempre bondosa e esforçando-se por reparar uma desventura, poderá ter-se esforçado por compensar este pobre rapaz pela sua perda de visão, afinando a sua alma para responder às harmonias divinas do som até que esta estivesse cheia de êxtase e transbordasse, para espanto e prazer dos outros.

Pessoas que perderam a visão tornam-se excessivamente sensíveis ao tato, bem como ao som. Um clérigo inglês esteve doente com febre amarela nas Índias Ocidentais. Ele relatou-me que, quando estava muito perto da morte, jazia no seu catre numa enfermaria de hospital quando as paredes da sala pareceram derreter-se, e ele viu além delas e discerniu o que estava a ser feito noutras enfermarias das quais estava separado por divisórias de madeira, tijolo e argamassa. Viu a sua esposa e filha, que estavam a milhas de distância, numa carruagem, a caminho para o visitarem.

Estas páginas poderiam ser preenchidas com milhares de experiências semelhantes para sustentar as afirmações aqui feitas quanto aos poderes possuídos por Miss Fancher. Na noite de 15 de junho de 1893, visitei-a; e encontrando-a sozinha, colhi o seguinte em resposta às minhas perguntas, que apresento tão fielmente na sua linguagem quanto consigo recordar:

Pergunta. Poderia explicar mais plenamente todas as suas sensações de visão?

Resposta. Bem, como disse, a minha visão nem sempre é a mesma; muito depende de como me estou a sentir e das condições meteorológicas. Por vezes, todo o topo da minha cabeça parece estar em brasa com o influxo de luz; o meu alcance de visão é muito grande e a minha vista surpreendentemente clara. Outras vezes, parece que estou a ver através de um vidro fumado e a minha visão ou consciência das coisas é ténue e indistinta. Por vezes consigo ver por toda a casa. Quando a minha tia era viva, era a coisa mais comum ela perder o seu porta-moedas, véu ou luvas e não saber onde procurar, e vir ter comigo para eu os encontrar, e eu andava a vasculhar pela casa e finalmente dizia-lhe onde devia ir buscá-los. Tenho os mesmos poderes agora, mas nem sempre. Se alguém viesse subitamente pedir-me para fazer tal coisa, eu poderia não ser capaz no momento, mas passado um pouco, quando não estou ansiosa por ver, consigo ver muito claramente.

Pergunta. Vê, quando não está em transe, os seus amigos no outro mundo ao seu redor?

Resposta. Por vezes vejo. Parecem muito reais para mim. Deixe-me explicar, se conseguir tornar-me clara, como é. Consigo comparar o meu sentido de visão tanto a uma câmara como a qualquer outra coisa. Por vezes, um rosto parece estar colado ao meu e então ele corta a visão dos objetos circundantes, da mesma forma que os objetos fariam perto da câmara. Outras vezes, o objeto central está mais longe e o meu alcance de visão é grandemente alargado. Compreende?

Pergunta. Agora, conte-me mais particularmente sobre o que diz e faz nos seus transes?

Resposta. Bem, quando entro nos meus transes, costumo estar consciente de estar em existência, mas não são como sonhos. São como vagueios indistintos; algo parecido com os sonhos que eu costumava ter quando dormia, antes de me ferir. Quando saio dos meus transes, eles por vezes deixam recordações ou impressões bastante distintas na minha mente. Por vezes são ténues e são recordados lentamente, e depois tornam-se muito distintos. Ora, como regra geral, quando entro num transe, saio e ando por aí, e vejo muito. Por vezes entro numa casa e vejo a condição das divisões, e não vejo ninguém nas divisões. Por vezes vejo pessoas e nada mais. Muito raramente falo de onde estive e de quem vi. Na altura em que o Sr. Sargent estava a incorporar esta companhia à qual estou ligada, ele estava em Muskegon, Michigan. Entrei num transe e estive fora por horas.

O meu amigo Bert Blossom estava presente no quarto; quando saí do transe, ele estava grandemente alarmado, pensando que eu estava morta. Disse-lhe que tinha estado fora onde o Sr. Sargent estava e vi-o num palco, e ele estava a cantar para uma audiência de pessoas numa sala grande. Eu tinha-o visto e ouvido. O Sr. Blossom disse que isso era muito improvável; mas nos três dias seguintes recebi do

Sr. Sargent uma carta, informando-me do facto de que um Sr. Chase, em Muskegon, tinha aberto uma grande fábrica de pianos, e que tinham celebrado o evento com um concerto no qual ele tinha participado a cantar; e ele também me enviou um jornal com um relato do assunto, e posteriormente soube por ele que eu tinha descrito corretamente o evento e a cena.

Em duas ocasiões, bendei-lhe os olhos e em cada uma ela descreveu objetos na sala, e o que as pessoas presentes estavam a fazer, com a mesma exatidão que antes de eu lhe ter coberto os olhos. Repeti muito pouco das conversas tidas com Miss Fancher relativas às suas afirmações sobre ter visto espíritos. Numa ocasião, disse-lhe: "As pessoas falam de pensar que vê espíritos." Ela respondeu: "Bem, eu vejo espíritos se vejo alguma coisa. Sei o que vejo tão bem como as outras pessoas sabem o que veem."

Muito recentemente, Madame LePlongeon, uma amiga pessoal de Miss Fancher e minha, informou-me de que acabara de ter uma grande experiência com Miss Fancher. Tinha-a visitado e ela queixara-se de grande nervosismo, ocasionado pela presença no seu quarto do espírito de um homem bastante distinto — um editor — que passara recentemente para a vida espiritual. Ela disse que este espírito viera ter com ela no início da noite anterior e dissera o seu nome, e tentara com grande persistência dar a conhecer algo que ele desejava, evidentemente, comunicar à sua esposa. Ela não conseguia decifrar a sua mensagem e desejou que ele a deixasse, o que ele não fez de imediato, mas continuou os seus esforços até à manhã seguinte quando, tal como o fantasma de Hamlet, se afastou. A certa altura ele trouxe a esposa perante ela e mostrou a Miss Fancher algum papel, do qual ela inferiu que eram papéis que ele desejava que a sua esposa tivesse. A sua esposa ainda é viva.

Miss Fancher nunca vira este homem nem o seu retrato anteriormente. Madame LePlongeon foi então à Biblioteca de Brooklyn e encontrou, após considerável pesquisa, um retrato deste homem entre um grande número de outros, que ela trouxe numa grande publicação e cobriu o nome sob cada um, antes de o apresentar a Miss Fancher. Miss Fancher rejeitou vários até que o retrato correto foi apresentado, o qual ela reconheceu imediatamente, dizendo: "Agora, o cabelo dele é cinzento; no retrato é preto." O retrato era um tirado no início da vida do cavalheiro, quando o seu cabelo era escuro. Na altura da sua morte era cinzento. Na presença do Dr. Ormiston e do Dr. Speir, perguntei a Miss Fancher sobre esta ocorrência e ela corroborou a afirmação de Madame LePlongeon plenamente.

CAPÍTULO XXIV

UM RETRATO ESCRITO

Por Miss S. C. Clark.

Durante longos anos de invalidez pessoal, a autora tinha ouvido muito e pensado muitas vezes com a mais profunda simpatia na notável inválida de Brooklyn, de cujo leito de sofrimento fenomenal os médicos por vezes vinham para o dela própria. Quantas perguntas lhes foram feitas a respeito dela, quão tristes as histórias contadas, quão natural o desejo assim encorajado de ver esta bela e paciente rapariga. Libertada finalmente ela própria do doloroso cativeiro da carne e, anos mais tarde, visitando Nova Iorque, o antigo desejo brotou uma vez mais de ver Mollie Fancher, um desejo motivado não por motivos de curiosidade ociosa, mas por uma amizade já calorosa e verdadeira, por anseios de simpatia e compaixão nascidos daquele forte laço de parentesco — a comunhão do sofrimento, embora o seu próprio tivesse sido de um tipo a não ser mencionado em comparação com este milagre moderno.

Uma amiga, cujo privilégio tinha sido travar conhecimento com Mollie, ofereceu-se para o cargo de condutora até à sua cabeceira, recebendo em resposta à consulta enviada por correio o habitual assentimento gracioso concedido aos muitos milhares que ano após ano percorreram aquele quarto, que é ao mesmo tempo casa-prisão e santuário. Chegando à pequena casa de três andares, situada diretamente sobre o passeio na esquina de duas ruas tranquilas de Brooklyn, fez-se primeiro uma pausa na loja de artigos de fantasia, no rés-do-chão, onde estavam expostos para venda tantos e tão variados exemplares do belo trabalho manual da rapariga doente.

Pinturas em seda, veludo e outras texturas, bordados de excelência rara cujas flores ostentavam o toque da inspiração, até a fragrância exalada da alma pura da artista; havia diversos artigos de lã e lembranças de todos os desenhos escolhidos e pitorescos. Era uma exposição das mais patéticas, como se o sangue do coração da sofredora paciente tivesse sido cristalizado em joias de muitas cores, um caleidoscópio de génio nascido da dor — esse cadinho de poder.

A senhora em assistência, levantando o bocal de um tubo acústico, sinalizou ao ouvido atento acorrentado à almofada no quarto acima a chegada dos convidados esperados, e a ordem foi imediatamente dada para que lhes fosse permitido subir à sala no segundo andar, da qual amplas portas de correr conduziam ao quarto da Mollie — aquele aposento com a sua tragédia de vinte e oito anos de conflito, sob o fardo de uma vida que chegou ao seu possuidor como uma coroa de espinhos, o cenário de muitos anseios vãos pelo Anjo da Morte, tão piedosamente relutante em aproximar-se com a sua libertação tantas vezes cobiçada.

Quem poderia entrar neste lugar senão com reverência, ou deixar de caminhar de leve como se estivesse em solo sagrado? Os pálidos raios de uma tarde de sol de inverno caíam com um toque carinhoso sobre o canto mais distante do quarto, cuja luz era atenuada pelas cortinas que ocultavam parcialmente a vidraça. Contra a parede oposta erguia-se o encosto de uma cama alta e pontiaguda, sobre a qual estavam arrumadas grandes fronhas de linho, como se o leito estivesse desocupado, enquanto logo abaixo destas um travesseiro de rolo de um branco níveo atravessava a cama; e sobre este, a um dos lados, uma almofada minúscula e fina sustentava a querida cabeça de caracóis, da qual irradiava um sorriso de boas-vindas, iluminando todo o rosto, apesar das pálpebras fechadas e dos orbes sem visão.

As mãos estendiam-se com o mais caloroso aperto de amizade, e os assentos eram atribuídos ali perto, não sendo negligenciada a cortesia do pedido para pôr de lado o embrulho, o chapéu e a bengala — uma atenção que uma anfitriã menos cega poderia facilmente omitir, pois é sempre o coração caloroso que forma a mola mestra da verdadeira polidez, e não a finesse adquirida dos mandatos sociais.

E qual era a visão que então cativava o olhar? Como era esta rapariga que durante anos fora dilacerada por espasmos, convulsões e agonias inconcebíveis? Onde estava o traço desta angústia suprema? Estaria o rosto contorcido e deformado, a carne murcha e enrugada como se poderia prontamente supor? Ah, não! O rosto poderia facilmente representar o de uma donzela ainda no viço e frescura da juventude, com a textura e a cor da saúde. Redondo e cheio, rosa e branco, cada linha e contorno do rosto ou das feições expressando uma doce serenidade de disposição que facilmente ondulava em alegria. Nenhum traço havia ali de uma impaciência muito escusável, nenhum registo enrugado de sobrolho franzido ou carranca.

Uma boca pequena e bonita, habituada a sorrir, e acima dos olhos azuis fechados e da testa branca e plácida erguia-se uma coroa de cabelo acaju, cintilando com a luz do sol captada de algum outro reino que não este, cuja radiância solar ela não vê há tantos e penosos anos. O cabelo é curto e repartido do lado mais próximo da almofada onde, devido à fricção constante, está muito gasto, mas os anéis de caracóis apertados são lançados airosamente para cima, no topo da cabeça, como uma auréola adequada ao rosto gentil e soalheiro.

Um delicado casaco de quarto de um cor-de-rosa suave, bordado pela sua própria agulha, deixava exposta a garganta branca e roliça, e as mangas largas caíam para trás de um braço perfeitamente moldado e de uma mão bela, em cuja junção minúsculos círculos de ouro quase se enterravam nos pulsos com covinhas. Tal como jaz na cama, mal parece ter o comprimento de uma criança, pois dos joelhos para baixo os seus membros estão virados bruscamente para trás e, quando em veia

brincalhona com quem a assiste, por vezes fá-los rodar nas articulações como se estivesse a girar a manivela de um realejo.

Contudo, pathos suficiente lhe enche o coração ao envolver-se em conversa, discutindo livremente a sua história peculiar e piedosa, e as lágrimas correm apesar dos seus esforços de autocontrolo quando fala da querida tia que durante vinte e seis anos se deitou ao seu lado à noite, e a vigiou de hora a hora com o mais terno cuidado. Quando questionada se, com a sua visão maravilhosamente clara, não consegue ainda desfrutar da sua querida companhia e ver também outros entes queridos que lhe foram tão estranhamente retirados: "Oh, sim", disse ela, "vejo-os constantemente, mas quero-os aqui. Anseio pelo som das suas vozes e por sentir o querido toque das suas mãos."

Palavras comuns de conforto e alento caem aqui impotentes perante este fardo esmagador de sofrimento, aumentado pela solidão, pela pobreza e pela perda de quase todos os laços terrenos. A situação é tal que o coração mais forte não poderia contemplar sem se comover; é um teste de resistência sob o qual a mente mais equilibrada poderia vacilar e enfraquecer. Contudo, cada faculdade mental está clara, o intelecto está íntegro e fino, as afeições são calorosas e espontâneas na sua expressão. A estreiteza do inválido habitual, fechado à força entre as quatro paredes de um quarto, não encontra aqui lugar; os seus interesses são amplos e variados. A paciência com que suportou estes longos e impiedosos anos é sobre-humana, e tem a sua fonte profunda dentro de uma alma que deve ser conhecida para ser apreciada.

Diz-se que nenhum homem é um herói para o seu próprio criado e, no entanto, uma assistente que vigiou Mollie nas lutas noturnas, lúgubres e agonizantes, quando por muitas horas o coração parou de bater, e que a viu em cada experiência dolorosa, exclamou aos visitantes enquanto estes partiam naquele dia de inverno: "Oh, sim, ela é bela, mas vocês não começam sequer a conhecê-la numa breve visita. Têm de a ver dia após dia e mês após mês para perceberem quão doce e adorável ela é."

Estranho e terrível mistério de uma vida que não tem paralelo. Quem pode desvendar o seu segredo maravilhoso, a sua causa e propósito? Se, como se afirma, a astrologia detém a chave do destino humano, por que razão, entre os miríades de nascimentos que devem ter ocorrido no planeta à hora do advento de Mollie, não se encontrou repetição desta vida de tortura e libertação lenta? Estrelas benfazejas encontram-se em todos os outros horóscopos.

A explicação oferecida foi que nenhum bebé nascido à hora da natividade de Mollie poderia ter sobrevivido ao seu sexto ano. Ela também deveria ter partido. A sua mãe partiu em vez dela e, consequentemente, não estando já devidamente relacionada com o planeta, esta rapariga é diferente de tudo o que nele existe e,

portanto, não está sujeita às medidas habituais de alívio eficazes com outros sofredores.

Novamente surge a questão, não irreverente mas pavorosa: qual é o propósito divino nesta existência tão estranhamente murcha? Há uma divindade que molda os nossos fins. O acaso não é o governante supremo. Então, porquê este sofrimento prolongado quando a purificação parece já estar consumada? Haverá lições mais profundas em verdades espirituais ainda por aprender? Haveria um registo de vida anterior do qual esta experiência estranha e terrível é a sequela? De que outra forma, senão pela aceitação do facto de uma reencarnação, pode a reputação da Divindade ser salva de censura? Um monstro humano de injustiça e crueldade não infligiria esta tortura prolongada nem contemplaria tal resignação impassível. Terá o perigoso dom do livre-arbítrio trazido alguma vez a esta alma erros que só podem ser superados e ultrapassados por uma expiação poderosa?

Problemas todos para a mente humana que muitas vezes esquece que "embora a sabedoria e a visão sejam boas, a confiança é o melhor"; uma confiança tão inabalável que nunca vacila, mas torna-se mais brilhante sob cada teste, exclamando com o salmista: "Ainda que Ele me mate, nele esperarei."

A hora presente é difícil de suportar e difícil de compreender; mas quanto ao futuro da querida Mollie, quando liberta do corpo desta morte, não pode haver dúvida. Os seus amigos mais verdadeiros podem antecipar na sua libertação jubilosa o peso de glória que será dela quando cada dor for transformada numa radiância com a qual poucos espíritos recém-emancipados podem ser revestidos, as próprias "vestes brancas" apenas usadas após "grande tribulação", e cada lágrima que esta disciplina crucial custou apenas acrescentará joias mais brilhantes à sua coroa imarcescível.

CAPÍTULO XXV

MOLLIE FANCHER, A MULHER

Para aqueles que desfrutam do privilégio de um conhecimento íntimo com Mollie Fancher, é provável que a ideia de fenómenos ligados à sua vida raramente lhes ocorra; a menos que seja, de facto, o facto de que uma vida educada em tal

sofrimento possa exemplificar tão perfeitamente a analogia do ouro no fogo do refinador. Pedimos, portanto, permissão para baixar a cortina por um tempo sobre as cenas e incidentes mais dramáticos da sua existência fenomenal, enquanto tentamos dar alguns vislumbres de Mollie Fancher, a mulher.

Sobre o mesmo lado da mesma cama, o rosto fervoroso e paciente espreitou de debaixo da colcha de um branco níveo, e a cabeça dorida repousou no mesmo lugar de descanso, através de todos os anos penosos de sofrimento. E, no entanto, a lâmina impiedosa da dor não lavrou sulcos na sua fronte plácida; nenhuns fios de prata entre os caracóis sedosos dão prova da marcha do Rei Tempo; e as mãos minúsculas e bem moldadas, com os seus dedos rosados e afilados, não revelam o produto prodigioso do seu engenho.

A sua cama está colocada com a almofada para leste. À sua direita está uma peça de mobiliário baixa — metade banco e metade cadeira — com encosto e braço lateral; por baixo do assento (elevatório) da qual existe um compartimento amplo. Este serve como assento para os seus amigos, bem como um recetáculo para os artigos que ela deseje ter à mão. À direita da cama, encostado à parede, está um dispositivo delicado de sua própria invenção, respondendo ao duplo propósito de cómoda e armário.

Tem prateleiras com cortinas em baixo em vez de gavetas, formando o topo com dossel um nicho acima, cheio de bibelots, etc. Tudo isto está artisticamente arranjado e decorado com bom gosto. Estas peças de mobiliário, para o observador casual, pareceriam ser meros caprichos de desenho arquitetónico; mas, pela quantidade e variedade de artigos que ela é capaz de produzir a partir deles, quase se imaginaria que existia um armazém logo ali ao lado.

Há uma personalidade marcada em todos os seus pertences, tal como em tudo o que faz. A ordem faz parte da sua natureza. O que ela necessita e usa com mais frequência está sempre ao alcance da sua mão. Ela dirige a disposição de cada artigo da casa, quer nos andares de cima ou de baixo, e nunca esquece onde está esta ou aquela coisa; mesmo no interior de uma gaveta de cómoda, ou de um armário, do sótão à cave.

Os seus próprios aposentos têm aquele ar peculiar e espontâneo de repouso que faz com que o visitante se maravilhe com o efeito produzido; e, no entanto, se tentarmos individualizar qualquer artigo isolado nos quartos, nada se encontraria que pudesse ser considerado especialmente elegante ou luxuoso. O mobiliário é prático e confortável. Quadros, caros para ela mais pela associação do que pela elegância artística, embelezam as paredes. Aqui e ali encontram-se peças únicas de bibelots, um biombo, ou peças invulgares que lhe foram presenteadas. Um doce pequeno jardim de janela e um aquário preenchem a janela sul. Um ou dois pássaros dentro das suas gaiolas cantam ou saltam de poleiro em poleiro e, habitualmente,

encontram-se flores e frutos que, ao mesmo tempo, exalam aromas doces e encantam os sentidos.

Miss Fancher é decididamente diferente de qualquer outro inválido. Se o leitor tem uma ideia preconcebida dela como alguém do tipo santarrão, com uma camisa de noite de mangas compridas e engomada, com gola e punhos de folhos, deitada, de mãos cruzadas, aparentemente esperando e escutando o mergulhar do remo do barqueiro, devemos desiludi-lo ou desiludi-la dessa fantasia. Ao olhar para ela, esquece-se o inválido. Tem um rosto nobre, mas com tudo isso um que é requintadamente sensível na expressão às emoções que dominam o coração.

A sua cabeça tem uma forma harmoniosa; com o cabelo convenientemente curto, repartido airosamente sobre o lado direito e, como expressa Tennyson, "transbordando de caracóis". À volta da sua garganta bem moldada, usa, como tem feito há anos, um fio de contas de prata; e alguns anéis simples ornamentam os seus dedos. Sem vaidade, é uma amante do belo e tem olho para o artístico; por isso, a sua aparência pessoal é sempre atraente. Os casacos que habitualmente usa são de tonalidades delicadas e bordados com gosto; e são de seu próprio desenho e lavra.

O lado da cama sobre o qual ela jaz é uma secção separada, ocupando apenas metade do seu espaço, e tem uma cabeceira ou encosto ajustável, que lhe permite descansar numa posição ligeiramente reclinada. Quando em trabalho, aos seus pés, ao alcance fácil, está um cesto de verga contendo os utensílios da sua indústria, materiais de escrita, etc.; enquanto o outro lado da cama serve como mesa para o trabalho inacabado.

Mollie Fancher é mulher em cada polegada. Uma mente mais saudável nunca habitou um corpo mortal; e embora o sofrimento físico seja um companheiro sempre presente, e enquanto ela está pronta em todo e qualquer momento para seguir o dedo que acena do "anjo brilhante da Morte", tudo isso não lhe causa preocupação. A fé inabalável que a susteve através de sofrimentos equivalentes a cem mortes físicas parece ainda uma âncora para a barca fustigada pela tempestade — pronta para ser lançada para amarração permanente quando a viagem da vida terminar.

Ela é intensamente sensível às responsabilidades de viver, e sempre pronta a seguir na procissão, suportando a sua quota dos fardos da vida em comum com os seus companheiros de viagem, na crença de que, quanto mais profundamente as lições da vida forem aprendidas, maior será a medida de alegria que será distribuída na esfera de atividade útil mais nobre e extensa na existência futura.

Descrevemos os seus quartos e arredores; imagine-se, então, Mollie Fancher, a mulher, a trabalhar. Quando se tornou aparente que não havia escape para os grilhões da enfermidade que a iriam prender enquanto a vida durasse, ela pôs-se a trabalhar para ajustar aos seus ombros o jugo sobre o qual os fardos seriam colocados, sem um murmúrio. O cérebro ativo e inteligente tomou a dianteira;

concebeu coisas belas suscetíveis de execução em trabalhos de agulha, flores de cera, etc.; e os dedos dispostos obedeceram aos mandatos da mente.

Nenhum obstáculo era tão grande que o caminho para o superar não fosse encontrado. Os seus nove longos anos com um braço puxado para trás do pescoço, e a outra mão com os quatro dedos cerrados na palma, sendo apenas o polegar livre para uso ativo, foram ainda anos de indústria; e com olhos sem visão, através de todas as horas conscientes disponíveis, tanto de dia como de noite, até que as imagens mentais fossem transferidas para o tecido, surpreendentes na originalidade, vívidas na cor e reproduzindo a Natureza a um nível até então inigualável.

O mundo nunca saberá quanto de dor houve entretecido com esses pontos, nem o que aconteceu aos rendimentos desse trabalho. Tinha uma forma, diz-se, de não deixar que "a mão direita saiba o que a esquerda faz", e os nove anos referidos são um vazio na memória da Mollie Fancher de hoje; mas de várias formas transpirou que, por essa altura, houve bocas famintas alimentadas e crianças a tremer vestidas, que nunca souberam quem era a sua benfeitora.

Embora as flores de cera que foram moldadas por aquelas mãos aleijadas não exalassem odor, sentimos que, na medida em que a Mollie Fancher desse período está morta, é adequado à sua memória prestar, em nome do beneficiário esquecido, este tributo tardio; que do espírito que inspirou o fabrico destas flores de cera foi emitido um perfume tão fragrante como o incenso mais doce alguma vez em incensário, perante altar de sacrifício.

Declarações amplas e bem autenticadas são feitas noutras partes deste volume, pertencentes a esse período de nove anos, em volta do qual, como um parêntese, foram traçadas as marcas que o separam da sua vida antes e depois. Ocorrências dessa época são ainda referidas, tanto por si própria como pelos seus amigos, como contemporâneas da vida de "A Outra Mollie". Essa individualidade, de facto, morreu, tanto quanto quaisquer desenvolvimentos subsequentes até ao tempo presente indicaram. Não houve reaparecimento dessa personalidade idêntica.

A vida física, contudo, continuou, e os fardos da Vida tiveram de ser retomados no ponto em que foram deixados, nove anos antes. Com esta digressão do fio do nosso assunto, retomaremos a cadeia quebrada da sua vida, no limiar da sua (por assim dizer) renovada existência.

Se a "Outra Mollie" deixou de existir como personalidade, ela seguramente legou o espírito que animou a sua vida limitada à Mollie que lhe sucedeu. E embora fosse desconcertante para ela, a princípio, seguir a tendência do seu pensamento e ação, gradualmente a situação foi dominada. Métodos de trabalho que foram idealizados pela "Outra Mollie" foram estudados pela "Nova Mollie".

O trabalho que fora deixado inacabado pela primeira foi concluído pela segunda, de acordo com as linhas traçadas; e assim, em mais do que um sentido, foram os fios quebrados da vida emendados tão habilmente que o nó que os unia era mal percetível. Os conhecidos que foram feitos por uma foram reintroduzidos e tornaram-se os amigos da outra; e com o auxílio de papéis, memorandos e cartas deixados pela "Outra Mollie", juntamente com a informação obtida de amigos, a antiga vida fundiu-se gradualmente de tal modo na nova que esta última se reconciliou em prosseguir, inabalavelmente, o esforço da sua existência sofredora — ao mesmo tempo fazendo com todas as suas forças o que as suas mãos encontravam para fazer.

Tanto tem sido escrito a respeito da habilidade e capacidade de trabalho de Miss Fancher que os nossos leitores podem ter sido levados a questionar se o trabalho de tal caráter como o descrito preenche a medida da sua vida. Asseguramos-lhes que tal, de facto, não é o caso.

Uma mente e um temperamento como os que ela possui não poderiam contentar-se com nada menos do que o pleno desenvolvimento de cada uma das suas faculdades. A condição peculiar de Miss Fancher tem sido, em muitos aspetos, favorável, e excecionalmente assim, à aquisição de um grande fundo de informação geral, do qual ela se esforçou por tirar proveito e que utilizou com a melhor vantagem. A desventura física, portanto, no seu caso, como noutros, não é isenta de vantagens e das suas compensações.

Devido a uma memória maravilhosamente retentiva, a sua mente é um armazém de conhecimento prático; poderia ser comparada a um armário de prateleiras, cheio de manuscritos, arquivados e etiquetados, mas sempre prontos para produção e aplicação conforme a ocasião o exija. Aqueles que melhor a conhecem maravilham-se sobretudo com o seu caráter estável, mas caleidoscópico. Estável, no sentido em que a encontram sempre a mesma mulher robusta e económica, e caleidoscópico porque, por mais vezes que a encontre, há sempre algo de novo para ser visto. O seu livro de visitas exibe um registo de tantos que horrorizaria quase qualquer mulher comum pensar em entretê-los. Desde o início da sua doença, uma estimativa cuidadosa coloca o número total das suas visitas entre setenta e cinco e cem mil; e contudo, desta vasta quantidade de pessoas diferentes que compuseram o grande agregado (com exceção daquelas que a visitaram durante os nove anos que são um vazio na sua memória), não há provavelmente um rosto ou nome esquecido.

Mas é duvidoso que exista qualquer mulher viva que tenha feito tantos amigos como Miss Fancher durante o período da sua enfermidade. Contados entre eles estão muitos de ambos os sexos distinguidos nas várias artes, ciências e profissões liberais; bem como no mundo financeiro, comercial e social.

Com as vantagens de tal intercurso pessoal, a sua mente naturalmente recetiva foi desenvolvida pela absorção de informação e ideias resultantes de tal contacto,

numa extensão que cabe em sorte a muito poucos. Ela teve também, por cortesia da Biblioteca de Brooklyn, acesso aos seus muitos volumes; privilégio esse que de modo algum negligenciou. Somado a isto, tem sido uma leitora constante dos jornais diários, acompanhando assim os eventos correntes do tempo. Ver-se-á, deste modo, que muitas circunstâncias, de tipos vastamente diversos, se combinaram para compor um caráter bem equilibrado.

Miss Fancher é uma conversadora brilhante e versátil; e, embora tendo opiniões decididas próprias, não se inclina a impô-las. Mas quando a ocasião exige, é perfeitamente capaz de as impor com uma lógica que não é fácil de combater. É cintilante no humor e cáustica na resposta; rápida a ver o lado lúdico de qualquer coisa; aprecia uma boa história, e tanto o fazer como o aceitar de uma boa piada. Muitas instâncias poderiam ser relatadas ilustrando a sua prontidão de espírito; mas são os clarões relampejantes, aliados aos seus gestos e expressão facial, que mais encantam o auditor; e estes, naturalmente, não podem ser transmitidos para o papel.

Numa ocasião, um cavalheiro que a visitava estava, conforme pensava, a forçá-la a retirar-se pela força do seu argumento; mas o espírito mais pronto dela discerniu o seu ponto fraco e ela inverteu as posições com tanta destreza, derrubando todo o suporte do argumento dele, que ele próprio foi vencido. Levantando as mãos, exclamou: "Bem! Devia ter sido um homem!" Ela seguiu rapidamente a sua vantagem retorquindo: "Quem me dera ser homem apenas por uns cinco minutos!" e, por ação pantomímica, que indicava a aniquilação pessoal dele, ele foi deixado a contemplar o que de facto poderia ter sido o seu destino tivesse tal sido realmente o caso!

Noutra ocasião, um cavalheiro que se orgulhava do seu espírito superior tentou troçar dela, a propósito dos seus alegados poderes de segunda vista. Inquiriu facciosamente: "Quando está fora em qualquer um dos seus preâmbulos ocultos, alguma vez se cruza comigo?" Ela respondeu: "Oh, sim; frequentemente!" "Bem", retorquiu ele, "isso é muito interessante. Alguma vez vê alguém ao meu redor?" "Muitas vezes", foi a resposta demorada. "Ah, de facto!", continuou o cavalheiro, sabiamente. "E pode dar-me alguma ideia de como se parecem?" "Credores", foi a resposta bem-humorada mas esmagadora.

Entre as muitas fases do seu caráter, não há talvez nenhuma mais bela do que aquela que é revelada por questões que tocam o coração. O seu lábio sensível tremerá sempre perante o relato de uma história de mágoa ou sofrimento. Nessas alturas ela parece esquecer as suas próprias cruzes e provações. As suas rápidas intuições e aguçada perceção da natureza humana impelem-na a uma ação célere sempre que vê forma de ajudar aqueles em apuros. A sua aversão especial é a mesquinhez, sob qualquer forma.

Ela deleita-se em estender o manto protetor da caridade sobre qualquer fraqueza nos outros, mas o egoísmo ela abomina. É tão escrupulosamente honesta e

direta que a pessoa que tente perpetrar algo de natureza oposta, em qualquer transação com ela, não permanece por muito tempo sem ser informada sobre as vistas dela sobre o assunto, que ela tem a faculdade de tornar tão claras que, se houver um sentido latente de honra no indivíduo, um reconhecimento será oferecido, ou o perpetrador esgueirar-se-á com a consciência de que ele ou ela foi pesado na balança e achado em falta.

O antigo adágio de que "Satanás encontra ainda alguma travessura Para mãos ociosas fazerem", não pode ser aplicado a Mollie Fancher. O seu cérebro ocupado está demasiado absorto nos seus próprios assuntos para poder dar atenção não solicitada aos dos outros. Um segredo que lhe seja confiado é tão inviolável no seu peito como se estivesse enterrado na sepultura. Uma bisbilhotice ociosa, especialmente onde haja nela uma mancha de escândalo — é para ela uma coisa repugnante. Os seus gostos correm todos para o belo, bom e útil.

Foi sempre uma ambição de Miss Fancher ser útil no mundo; algo, de facto, que entrasse numa esfera de utilidade mais ampla do que o fabrico de trabalhos de fantasia ou bordados. Há uns seis ou sete anos, apresentou-se uma oportunidade de uma forma algo peculiar, embora perfeitamente natural, da qual ela tirou partido.

Uma amiga, que é amplamente conhecida como colaboradora da literatura atual, pediu o privilégio de trazer à sua cabeceira e apresentar-lhe um cavalheiro do seu conhecimento, que ela pensava que Miss Fancher gostaria de conhecer, visto que ele se interessava por todos os casos como o dela, tendo dedicado muito tempo e estudo à idealização de aparelhos para o alívio e conforto de inválidos. Ao ser-lhe apresentado, ela disse: "Ora, o senhor é o Sr. Sargent, o amigo dos Inválidos; li os seus anúncios tantas vezes que certamente me agrada conhecê-lo." (Um relato desta entrevista circulou pela imprensa, como alguns dos nossos leitores se recordarão.)

Com visitas subsequentes, o conhecimento iniciado naquela reunião cresceu; e muito naturalmente com ele, o interesse de Miss Fancher no trabalho em que o Sr. Sargent estava empenhado. É desnecessário seguir os detalhes relativos ao negócio; mas este esboço da vida de Miss Fancher seria incompleto se não se fizesse alusão ao facto de ela se ter identificado com o empreendimento do qual o Sr. Sargent foi o fundador.

Conhecido naquela altura como "*The Sargent Manufacturing Company*", mas recentemente reorganizado e incorporado sob o nome de "*The George F. Sargent Company*", este empreendimento tem como Presidente o Sr. Sargent e como Vice-Presidente Miss Fancher, com escritório e armazéns na Broadway, 814, Nova Iorque.

Não se deve inferir, da ligação de Miss Fancher com assuntos comerciais, que ela seja a "típica mulher de negócios" — planeando e esquematizando apenas pelo dólar. Embora quaisquer benefícios pecuniários que possam ser derivados do seu

trabalho ou interesses ela não pretenda desprezar, tais motivos são remotos do real propósito que a move. Tivesse a natureza do negócio sido de caráter diferente, sem dúvida não teria tido atração especial para ela.

Mas no sucesso de um empreendimento como este, cujo objetivo principal é o desenvolvimento de dispositivos para o alívio da humanidade sofredora, e o agrupamento em tal estabelecimento de todos os artigos que tendam ao conforto dos seus companheiros inválidos, ela tornou-se profundamente interessada; e tem sido, desde a sua identificação com o mesmo, um fator muito importante e útil na sua sorte.

Nos assuntos da Companhia, ela encontra muita ocupação congénita; e embora lhe seja negado o privilégio do trabalho rotineiro do escritório e da loja, ela informa-se de cada um dos seus detalhes. Cada novo artigo manuseado pela Companhia é trazido à sua cabeceira para inspeção, para que ela possa compreender o seu propósito e estar pronta a ajudar com as suas sugestões, quanto a falhas que sejam aparentes ou melhorias que possam ser feitas.

Através da extensa correspondência, um novo mundo se abre, com o qual ela é posta em contacto. As reuniões dos Diretores são realizadas no seu quarto, e ela é uma influência potente nos seus conselhos. Há uma quantidade considerável de trabalho de detalhe ao qual, à sua própria maneira peculiar, ela encontra tempo para dar atenção, o que para ela é, ao mesmo tempo, um diversivo para a mente e um prazer na execução.

Nos seus dias de escola, Miss Fancher era mais do que comummente proficiente como música. Era possuidora de uma voz de soprano doce embora não poderosa; e como pianista, a música mais exigente oferecia pouca dificuldade na sua interpretação. O estudo da música não era uma tarefa penosa; a música era alimento para a alma e entrava em cada fibra da sua natureza. Em anos posteriores, não obstante a cadeia de circunstâncias adversas que a prenderam a uma cama de sofrimento, a música não perdeu nenhum dos seus encantos; provou ser, de facto, o consolo de muitas horas penosas. E assim, em vez de através de murmúrios queixosos, os seus sofrimentos contidos encontraram muitas vezes um alívio numa explosão de canção afinada.

Com a Deusa da Música assim entronizada no coração, a alma pode cantar e os lábios podem sorrir. É uma herança na terra em que a falência não pode tocar. É a escada pela qual os peregrinos através da escuridão sobem às regiões da luz celestial. Nenhum devoto da arte da música pode ser indiferente à outra irmã gémea — a poesia. Elas são a descendência da mesma paternidade divina. Nenhuma delas pode aprumar as suas asas para o voo sem o auxílio da outra.

Se uma bate à porta de um coração humano para entrar, as suas dobradiças devem recuar para ambas. Elas são as mensageiras de Deus; enviadas para afinar as

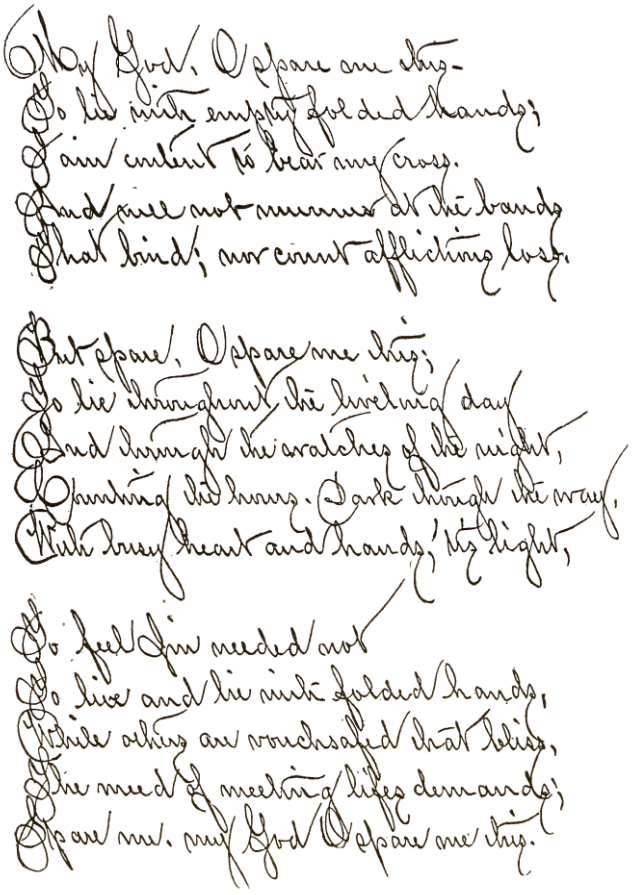
cordas do coração para a vibração rítmica com as harmonias do céu. No coração de Mollie Fancher, a batida delas foi ouvida e ambas foram convidadas a entrar — e permaneceram desde então — convidadas bem-vindas.

Caso se pergunte em que direção residem os seus gostos poéticos, dificilmente se poderia dar uma resposta definitiva — apenas dizer que faz parte do ar que ela respira. Para ela, há poesia em toda a obra de Deus. As flores exalam-na; ela brilha nos raios de sol, cintila nos flocos de neve, suspira nos zéfiros sussurrantes e chora nas gotas de chuva que caem. Embora ela se curve reverentemente perante o santuário de "— Os grandes antigos mestres, — Os bardos sublimes, Cujos passos distantes ecoam Pelos corredores do tempo;" Ela habita mais com "— Os poetas mais humildes Cujas canções brotaram do coração; Tais canções têm o poder de aquietar O pulso inquieto do cuidado, E vêm como a bênção Que se segue após a oração."

Sim, com Mollie Fancher, são as canções do coração que são os seus tesouros; algo que tem em si estrofes que respondem às cadências da sua própria vida. Ela pode colhê-las dos celeiros guardados dos maiores poetas, ou captá-las dos versos fugitivos que cobrem os céus da literatura atual; mas se houver uma baga amadurecida dentro da vagem, ela será extraída e encontrará um lugar de refúgio dentro dos cofres das suas joias poéticas.

Não haverá lições a aprender com a vida de Mollie Fancher? Vimo-la batalhando bravamente com o gigante adversário, a Dor; acompanhámo-la através da rotina prosaica da sua vida diária; e observámos o seu voo, como em asas de águia, acima dos lugares comuns da vida. Mas não ouvimos nenhum murmúrio perante o Destino hostil; nem encontramos registo de uma hora ociosa.

A sua oração respondida diariamente, que é dada nas seguintes linhas em fac-símile da sua própria caligrafia, tem sido:



Fac-simile of handwriting, and original poem by Miss Fancher.

CAPÍTULO XXVI

Como Vizinha

O seguinte, de uma carta privada, é publicado com permissão:

Caro M.: Pergunta-me se lhe posso contar algo sobre Mollie Fancher. Certamente! Em Brooklyn, não saber sobre esta famosa senhora é provar que se é desconhecedor, quer se seja desconhecido ou não. A Sra. Carleton e eu visitamo-la frequentemente.

Pareceu muito interessante saber que ela era minha vizinha; não tardei a partilhar com ela esse conhecimento, do qual não tinha tanta a certeza se a interessaria igualmente; pois ela tem o luxo das suas próprias simpatias e antipatias.

Mas uma caminhada de dez minutos aproximou-nos; e posso dizer verdadeiramente que nos tornámos grandes amigos de imediato, e assim tem sido há alguns anos.

Confesso que, como outros, a procurei primeiro pelo motivo da curiosidade. Mas tudo isso desapareceu num momento, perante as atrações da sua natureza feminina e o calor genuíno do seu coração profundo. Aqui não estava uma curiosidade — ou um mistério — ou sequer uma inválida, no que dizia respeito à mente; mas uma mulher de cérebro grande e alma pura; fisicamente prostrada — sempre prostrada, Deus a ajude! — sobre a sua cama; mas mental e espiritualmente de pé, na plenitude da dignidade do seu sexo, e desafiando cada limitação que pudesse afligir o corpo!

Não me senti com mais liberdade para lhe perguntar sobre os seus peculiares dons ocultos do que sobre os seus assuntos comerciais privados; e não sendo um cientista, um médico ou um teólogo, adiei saber qualquer coisa sobre eles por informação pessoal, até que ela calhe estar com disposição para me contar. Então, com a permissão dela, dar-lhe-ei as minhas vistas sobre o assunto.

Mas como vizinho, sinto-me à vontade para dizer que Mollie Fancher é valiosa e encantadora. Uma conversa amigável de meia hora com ela é um tónico. Ela conhece todas as notícias e muita história; consegue conversar sobre os grandes eventos do mundo — o único tipo de bisbilhotice que não é aviltante. Mostra uma honra e honestidade em cada observação que leva a que nos sintamos capazes de deitar fora a armadura da contenção e falar com ela como com um amigo, e não com um possível repórter de jornal ou mercador de itens sociais. Ela é paciente e amável, e nunca ouvi uma palavra dura dos seus lábios, exceto quando fala sobre algo mesquinho e injusto. É sagaz e cintilante na conversa; as suas observações são suficientemente divertidas para o salão mais exigente. É de juízo são em assuntos de negócio; a sua mente é dotada com a espinha dorsal do senso comum.

A sua perseverança e indústria são maravilhosas, segundo todos os relatos; mas por estas ela não reclama crédito. Ajudam-na a esquecer a dor que vem e vem, mas nunca se vai. A sua bravura e coragem estão constantemente na linha da frente, e são necessárias em todas as várias aflições que caem sobre ela; pois esta mulher, que por tantos anos rezou pela morte, chorou através das horas dos funerais distantes de todos os seus parentes.

As suas maneiras e fala são mais refinadas do que as de muitos que tiveram a oportunidade de se movimentar pelo mundo com todas as vantagens daí derivadas. A sua aparência pessoal não é a de uma inválida, mas a de uma senhora reclinada à vontade no sofá da sua sala. O seu espírito de amor e caridade para com o resto da sua raça é muito pronunciado, e encontra expressão em presentes para os seus amigos e atos de caridade para com os pobres.

Entrando nos seus quartos um dia, vi um velho cavalheiro de entre setenta e oitenta anos a despedir-se dela. Ao passar por mim, com uma palavra de saudação amável, comentou calmamente: "Tenho visitado aqui há muitos anos, e nunca me fui embora sem sentir que era um homem melhor do que quando vim." E isso descreve Mollie Fancher, numa palavra, e explica por que tantos de nós a visitamos e valorizamos como vizinha, e não como uma curiosidade.

WILL CARLETON.

CAPÍTULO XXVII

Conclusão

Com este capítulo, a tarefa que iniciei há mais de dois anos está concluída. Compreendo perfeitamente que foi feita de forma imperfeita, e que muito de interesse poderia ser acrescentado relativamente à vida de Miss Fancher. Durante estes dois anos, transpiraram eventos relacionados com ela que devem ser mencionados agora.

Pouco antes de iniciar este livro, fui solicitado por aquele eminente cientista, o Doutor Elliot Coues, Presidente do Congresso Psíquico, realizado na *Columbian Exposition World's Fair Auxiliary*, em Chicago, em agosto de 1892, a investigar cuidadosamente, redigir e relatar àquele corpo os factos do caso de Miss Fancher. Tal foi feito, e o relatório foi lido perante uma audiência numerosa e atenta. Causou muito comentário na altura, através da imprensa pública deste país e também em jornais estrangeiros.

Em resultado, muitas pessoas procuraram a oportunidade de visitar pessoalmente Miss Fancher, para formarem as suas próprias opiniões sobre a verdade de muitas das afirmações contidas naquele relatório. Outros desejaram que fosse nomeado um comité de cavalheiros cientificos para realizar um exame pessoal e crítico da senhora e dos seus poderes, com a expectativa de que um relatório assinado por tal comité resolvesse para sempre na mente do público a questão tão debatida sobre se tais poderes foram alguma vez exercidos por qualquer pessoa, e particularmente por Miss Fancher.

Para este efeito, existe um artigo intitulado "O Caso de Mollie Fancher", publicado no *Medico-Legal Journal* de Nova Iorque, em junho de 1894, editado por Clark Bell, Esq., da cidade de Nova Iorque. A Secção de Psicologia da Sociedade Médico-Legal de Nova Iorque nomeou um comité, constituído por eminentes cavalheiros médicos, para examinar o caso, com o qual se esperava que eu

cooperasse. Por razões declaradas ao Comité Executivo da Sociedade, não aconselhei Miss Fancher a submeter-se ao exame desejado. Essas razões foram publicadas naquele número do Jornal como se segue:

"Tenho visto Miss Fancher com bastante frequência nos últimos treze ou catorze anos, e vejo o que me parecem ser grandes mudanças na sua condição. Ela já não é a rapariga ou mulher magra e esguia que era quando fez tantas coisas maravilhosas que tornaram a sua vida notável. Já não é uma mulher que jejua. Embora incapaz de mastigar o alimento como outros fazem, ela partilha dos sumos e da força da comida e, creio, bebe copiosamente água.

Há muita nutrição na água, as pessoas estão a começar a aprender. Ela está corpulenta; os seus ombros são largos, o seu rosto é bastante grande e, habitualmente, tem marcas muito escuras sob os olhos, estendendo-se pelas bochechas, como se o sangue ali tivesse assentado devido a um golpe severo; isto, dizem os médicos, provém de uma ação cardíaca defeituosa.

Tem o uso, tanto quanto posso ver, de ambas as mãos. Vira-se prontamente na cama. Os seus olhos, grande parte do tempo, estão abertos e movem-se na direção do objeto que ela procura, e creio ser bastante aparente que, com o regresso de outros poderes, ela recuperou a visão num pequeno grau. Os seus membros inferiores ainda são comparativamente inúteis. Os seus pés estão torcidos e fora de forma, e os tendões sob os joelhos estão rígidos como aço; os seus membros são também excessivamente finos.

Ela presta considerável atenção a assuntos de negócio. É capaz de escrever bastante, excita-se facilmente e é tão sensível quanto uma pessoa pode ser a tudo o que diz respeito aos seus amigos e a si própria. Mantém-se bem informada, através da leitura, sobre assuntos públicos e tem opiniões próprias sobre todas as matérias, que é capaz de expressar de forma enérgica. Investigações recentes sobre a condição da sua visão mostram que há uma mudança na aparência dos seus olhos, mas quando especialistas médicos os examinaram cuidadosamente com o oftalmoscópio, descobriram que o nervo ótico apresentava uma aparência muito estranha, e que os seus olhos eram diferentes dos olhos de qualquer pessoa, noutros aspetos, que alguma vez tivessem examinado.

Ela distingue cores pelo tato; tem os seus transes como sempre teve, que lhe servem o propósito que o sono serve noutros. Passa todas as noites pelas várias mudanças de personalidade descritas no meu relatório do seu caso ao Congresso Psíquico.

Na minha opinião, uma investigação feita no momento presente quanto à sua condição não revelaria muitas das caraterísticas notáveis que se tornaram agora históricas no seu caso, e são garantidas pelo testemunho de tantas testemunhas irrepreensíveis; nem isso deve ser maravilhado. Ela viveu muito além das suas

próprias expectativas, bem como das dos seus amigos. Está sujeita a hemorragias frequentes dos pulmões e requer a temperatura no seu quarto quase ao ponto de congelamento, e a luz mais ténue possível. Certamente é capaz de ver letra miúda e fazer trabalhos finos numa luz tão ténue que seria impossível para outros fazerem o mesmo. Por vezes é muito clarividente, noutras não tanto." * * *

Que, pelo meu conhecimento da grande mudança que ocorreu na sua condição, eu não acreditava que a investigação proposta fosse de todo satisfatória para o comité médico, e aconselhei contra ela por esse motivo.

O editor prossegue então comentando como se segue: — "É lamentável que os amigos de Miss Fancher tomem esta atitude. Relativamente ao exame, o Juiz Dailey diz: 'Ela distingue a cor pelo tato; tem os seus transes como sempre teve, que lhe servem o propósito que o sono serve noutros. Passa todas as noites pelas várias mudanças de personalidade descritas no meu relatório do seu caso ao Congresso Psíquico.' Agora que a sua visão está restaurada e ela toma nutrição, uma verificação das caraterísticas principais do seu estado atual, e os fenómenos notáveis dos seus poderes clarividentes, conforme declarado pelo Juiz Dailey, por um comité de médicos cujas declarações seriam aceites pelo mundo científico, seria do mais alto valor para a aquisição da verdade científica e, sendo isto omitido agora, lançará dúvida adicional e aumentará a reserva com que a profissão médica recebe os detalhes do seu caso, notável em todos os aspetos.

O Juiz Dailey poderá ainda ser capaz de induzir os amigos e conselheiros dela a consentirem na organização de algum plano pelo qual os factos principais do seu estado e condição atuais possam tornar-se documentais, através da evidência de membros cuidadosamente selecionados da Sociedade Médico-Legal, de alguma forma menos objetável para ela, e não deixar qualquer dúvida razoável quanto aos fenómenos reais que o seu caso apresenta nas mentes dos homens profissionais."

Deveria Miss Fancher, neste período tardio da sua vida, quando algumas das caraterísticas mais notáveis do seu caso desapareceram e os eventos mais surpreendentes da sua vida se tornaram históricos, submeter-se à investigação desejada? O que poderia este comité investigar agora que tendesse a provar ou desprovar as afirmações mais importantes a seu respeito? Certamente não poderiam investigar os eventos dos nove anos e os fenómenos que então ocorreram. Naquela altura, e por aquele longo período, os seus poderes clarividentes eram inquestionavelmente contínuos.

Já foi declarado que grandes mudanças físicas ocorreram na sua condição, e os seus poderes clarividentes não são tão grandes como antigamente, e por vezes desaparecem quase por completo. Há períodos que ocorrem com grande irregularidade em que a sua visão clarividente é intensamente aguçada e, se o comité proposto a visitasse numa dessas ocasiões, ficaria inquestionavelmente satisfeito com esse facto no seu caso. Mas estas condições são de duração incerta e, se os

cavalheiros por acaso viessem num daqueles que ela chama os seus "dias escuros", quando os seus sentidos estão grandemente embotados, ela tornar-se-ia passível da crítica adversa deles, e de forma muito injusta.

Que tal seria o resultado de qualquer investigação agora, ela e os seus amigos têm razões para acreditar, devido à linguagem contida no artigo referido.

O autor desse artigo assume demasiado quando diz, em substância, que o mundo científico aceitaria as declarações do comité de médicos, mesmo quanto à sua condição atual. As declarações destes doutos cavalheiros seriam apenas testemunho adicional ao que já está perante o mundo, o qual teria algum valor, mas seria aceite como conclusivo por muito poucos. A notoriedade do seu caso, como já foi declarado, não é procurada por Miss Fancher. Todas as publicações sensacionalistas a seu respeito foram contra os seus desejos. Ela protestou firmemente que é, em todos os aspetos, um indivíduo privado, e consentiu relutantemente nesta publicação do seu caso. Os factos e testemunhos são aqui apresentados, e aqueles que os lerem podem aceitá-los ou rejeitá-los à vontade. Não duvido que, como indivíduos privados, os cavalheiros que compõem esse comité seriam recebidos por Miss Fancher e, na companhia de alguns dos seus amigos, ela poderá consentir que se sentem à sua cabeceira durante grande parte de uma noite, até que as mudanças noturnas de personalidades ocorram, caso assim o desejem.

Não deve ser esquecido que o Dr. West é publicado afirmando que Miss Fancher e os seus amigos consentiram que um comité de cavalheiros científicos fizesse um exame minucioso dela e do seu caso, numa altura em que as suas caraterísticas surpreendentes eram constantes, o que infelizmente não foi feito. O Dr. West, o Prof. Parkhurst, os Doutores Ormiston e Speir, a maioria dos quais a conheceu intimamente por muitos anos, e todos os quais investigaram os factos do seu caso, e são certamente homens instruídos e científicos, deram o seu testemunho que aparece neste volume; e se não lhes deve ser dado crédito como verdadeiros, o resultado de uma investigação casual feita agora certamente não o será.

Nos últimos vinte anos ou mais, o Dr. Robert Ormiston tem sido, na sua capacidade profissional, pelo menos um visitante semanal de Miss Fancher. A sua reputação é inigualável como homem de integridade, perícia e capacidade como médico. Não tenho autoridade para remeter outros para ele para mais informações sobre o que ele sabe relativamente aos factos do caso de Miss Fancher, mas tenho pouca dúvida de que Miss Fancher consentirá que ele torne conhecido muito do que ele retém do público, o que seria de grande interesse para os investigadores.

Como cientista, embora declinando modestamente sê-lo, aqueles que o conhecem mais intimamente declaram ser ele um cavalheiro de eminentes dotes e de modo algum um novato na investigação psicológica. A minha própria experiência e observações em fenómenos ocultos e invulgares de caráter psicológico convencem-me de que, por regra, cada pessoa deseja observar e ser satisfeita através dos seus

próprios sentidos, e não está disposta a aceitar as declarações de outros como conclusivas em tais matérias. Que Miss Fancher devesse entregar-se à incessante inquisição de investigadores é irracional ao extremo.

O editor do *Medico-Legal Journal*, quando assume que eu disse que Miss Fancher tinha recuperado a sua visão, está enganado. O meu artigo reza: "E creio ser bastante aparente que, com o regresso de outros poderes, ela recuperou a visão num pequeno grau." Não sei se ela consegue ver pelo uso dos seus olhos sequer agora. Por vezes fiquei com a impressão de que conseguia, noutras estive muito seguro de que não. As mudanças recentes que ocorreram na sua condição, particularmente no movimento dos seus olhos e pálpebras, indicam o regresso da visão; mas já vi os olhos de pessoas totalmente cegas apresentarem uma aparência semelhante.

Duvido, considerando a sua condição nervosa, que qualquer evidência notável dos seus poderes clarividentes pudesse ser obtida se ela soubesse que estava a ser submetida a testes para provar a sua clarividência. Uma vez, sabendo que eu estava a tentar testar os seus poderes, ela foi incapaz de dizer o que eu tinha na minha mão fechada; mas alguns momentos depois, quando a sua mente foi desviada pela conversa, disse-me corretamente que era algo que brilhava como um diamante. Era um diamante. Explicou que, quando soube que eu ia testá-la, tudo se tornou escuro ao seu redor, o que desapareceu após alguns momentos de conversa sobre outros assuntos.

Dentro das últimas semanas, o pai de Miss Fancher morreu, e este evento, embora não inesperado, trespassou-lhe o coração com uma nova mágoa, embora ela aprecie que ele está finalmente aliviado do grande sofrimento que acompanhou os anos finais da sua vida.

Em conclusão, aproveito esta ocasião para agradecer àqueles que gentilmente contribuíram com artigos para esta obra, e lamento que a timidez de outros os tenha induzido a reter testemunhos valiosos que surgiram sob a sua observação e experiência.

Desejo especialmente que o público compreenda que, além do custo real da sua publicação, este livro, o seu *copyright* e os rendimentos das vendas são propriedade de Mary J. Fancher.

Brooklyn, novembro de 1894.

Dados Estatísticos e Demográficos Relacionados com Fenómenos Psíquicos e a Época

Para enquadrar o interesse científico e público descrito na obra, é pertinente observar os dados estatísticos sobre o movimento do Espiritismo e da Investigação Psíquica no final do século XIX, bem como dados demográficos gerais:

1. O Movimento da Investigação Psíquica (Cerca de 1880-1895)

- **Adesão:** Estima-se que, na década de 1890, o Espiritismo contasse com cerca de 2 a 11 milhões de seguidores nos Estados Unidos (os números variam consoante a fonte, sendo os mais conservadores perto de 2 milhões).
- **Sociedades Científicas:** A *Society for Psychical Research* (Londres, fundada em 1882) tinha cerca de 700 a 900 membros em 1894. A filial americana (*American Society for Psychical Research*), mencionada no texto, contava com aproximadamente 500 membros ativos na mesma época.

2. Dados sobre Cegueira e Deficiência (Censo dos EUA de 1890)

- **População Total:** 62.947.714 habitantes.
- **Pessoas Cegas:** Registaram-se 50.568 pessoas cegas em todos os Estados Unidos, o que representava um rácio de 803 por cada milhão de habitantes.
- **Pessoas Surdas e Mudas:** Registaram-se 40.592 pessoas, uma rácio de 645 por cada milhão.
- O caso de Mollie Fancher era estatisticamente raro, não apenas pela natureza dos seus sintomas, mas pela longevidade da sua condição (28 anos à data do livro).

3. Mortalidade e Saúde (Brooklyn/Nova Iorque, 1890)

- **Causa de Morte Principal:** Doenças respiratórias e tuberculose (mencionada como causa da morte do tio de Mollie e causa das suas hemorragias). A taxa de mortalidade por tuberculose era de aproximadamente 250 a 300 mortes por 100.000 habitantes anualmente.
- **Esperança de Vida:** Em 1890, a esperança de vida média ao nascer nos EUA era de cerca de 45 anos. Mollie Fancher nasceu em 1848, tendo 46 anos à data da conclusão deste livro, o que a colocava já ligeiramente acima da média, apesar da sua condição debilitante.

4. Grupos de Género e Educação (1890)

- **Alfabetização:** Cerca de **86,7%** da população branca com mais de 10 anos era alfabetizada.
- **Educação Feminina:** Instituições como o *Brooklyn Heights Seminary* (onde Mollie estudou) eram destinadas a uma elite urbana. Em 1890, apenas cerca de 2% das mulheres entre os 18 e os 21 anos frequentavam algum tipo de ensino superior ou seminários avançados.

Nota Final: Este texto encerra a tradução integral da obra *"The Life of Mollie Fancher"* (1894), respeitando as instruções de fidelidade ao original e mantendo a numeração e formatação solicitadas.